

Bureau de Língua Portuguesa  
Casa Mãe - 1984

CH

# SANTA LUISA DE MARILLAC

Correspondência  
e escritos

**Tradução da edição francesa: SAINTELOUISE  
DE MARILLAC, Écrits spirituels (Tours) Paris,  
1983, por Irmã Lucy Cunha, FC.**

## *PREFÁCIO à edição francesa*

A Bíblia é Jesus Cristo: Jesus Cristo anunciado, Jesus Cristo revelado, Jesus Cristo comunicado... Quanto mais conhecemos a Sagrada Escritura - e sobretudo o Evangelho - tanto mais se aprofunda nosso conhecimento do Salvador. Esta leitura e esta meditação nos vão impregnando, pouco a pouco, de sua personalidade e de seu Espírito.

O mesmo ocorre com esses "amigos de Deus" que são os Santos. Suas palavras ao mesmo tempo que nos descobrem sua experiência de Cristo, revelam-nos suas riquezas humanas e sobrenaturais e nos permitem seguir sua caminhada espiritual.

É, pois, uma graça muito grande para nós, filhos e filhas de São Vicente, de quem tantas cartas e conferências chegaram até nós, o possuir também boa parte da correspondência de Santa Luísa de Marillac, assim como seus de outros escritos espirituais. Constituem eles em verdadeiro tesouro de família.

Porém, se pelo que se refere a São Vicente, este tesouro foi e continua sendo bem explorado, não ocorre o mesmo no que diz respeito a Santa Luísa: sua obra não foi verdadeiramente exumada da poeira de três séculos, senão há muito pouco tempo. Isso nos proporcionou várias biografias e alguns estudos de grande valor que são, para a maioria das Filhas da Caridade, um insistente convite a que se familiarizem com os textos originais de sua Fundadora.

Por isso, esta nova edição de sua correspondência e de páginas de suas meditações e avisos de todo gênero que nos deixou, constitui uma feliz iniciativa. Com efeito, vamos descobrindo, cada vez mais, não somente o quanto ela é inseparável de São Vicente de quem tanto recebeu, mas também quão importante foi a sua própria contribuição: a colaboração de ambos, depois dos começos bastante difíceis e um tanto incertos, torna-se um dos testemunhos mais maravilhosos e mais frutuosos entre um homem e uma mulher, entre um santo e uma santa, que puseram, a serviço do mesmo ideal, todos os recursos de suas personalidades tão diferentes entre si.

Nada é tão instrutivo a esse respeito como as duas conferências de 3 e de 24 de julho de 1660, sobre as virtudes de Luísa de Marillac. Quão enternecedor é ver o Padre Vicente, a apenas algumas semanas de sua própria morte, dando

graças ao Senhor por havê-lo conservado até esse momento e maravilhando-se enquanto as Irmãs iam apresentando, uma após outra, as suas recordações. Não carece de interesse vê-lo salientar, com insistência, alguns traços que lhe parecem, ao mesmo tempo, mui verdadeiros na personalidade de "Mademoiselle" Le Gras e particularmente importantes na vocação das Filhas da Caridade: prudência sobrenatural, espírito e vivência de pobreza, vida interior, humildade, doçura e, acima de tudo, amor a Deus e aos pobres.

"Meu Pai, disse uma Irmã, não saberia eu dizer outra coisa senão que a vida de "Mademoiselle" é como um espelho, no qual temos somente de mirar-nos". esta frase resume tudo e convida-nos a regozijar-nos tanto mais quanto esta nova edição dos escritores de Santa Luísa publica-se no 360º aniversário do nascimento da Companhia. A anterior - que era correntemente conhecida, entre nós, pelo nome de "livro cinzento" - havia assinalado em 1960, o tricentenário da morte de nossos Fundadores. Realmente, prestou imensos serviços como o desejava meu predecessor, o Padre Slattery:

"Tendes apenas que vos alegrar ao ver sair do esquecimento, no qual sua humildade a conservava escondida, a atraente figura de vossa Santa Mãe. Acredito, porém, que quereis sobretudo que aqueles que de agora em diante a conhecerão melhor e a terão em muito alta estima, a encontrem viva naquelas que se honram de ser suas filhas. Mais que nunca deveis, agora, aprender dela...

Nestas páginas, como nos escritos de São Vicente, encontrareis a expressão mais perfeita de vosso espírito".

Também eu, por minha vez, desejo de todo coração, que esta nova obra - na qual se buscou encontrar com mais fidelidade a própria expressão de Santa Luísa - guie todas as Filhas da Caridade para um serviço cada vez mais efetivo de Nosso Senhor Jesus Cristo e de nossos senhores e mestres, os pobres. Lendo-a e meditando-a com frequência, sobretudo por ocasião de vossos Retiros espirituais, compreenderéis de maneira mais concreta o que o Padre Vicente dizia, ao falar de Luísa de Marillac, nas conferências já citadas:

"Não vos fizestes a vós mesmas, minhas Irmãs, ela é quem vos fez e gerou em Nosso Senhor" (Coste X, 726).

Richard Mc CULLEN, C.M.  
Superior Geral

## **INTRODUÇÃO** *(Edição francesa)*

Os numerosos autógrafos que possuímos de Luísa de Marillac foram classificados no final do século XIX, por Irmã Goeffre, que os compilou cuidadosamente em grossos volumes encadernados.

O Tomo I agrupa 256 (1) cartas de São Vicente à Santa Luísa, cartas que o Padre Coste publicou em sua obra de 14 volumes. Este Tomo I contém ainda outros documentos como: narração da viagem a Nantes, regulamento para Le Mans, carta ao Irmão Ducourneau.

O Tomo II (Rc. 2) contém 187 (1) cartas autógrafas escritas por Luísa de Marillac ao senhor Padre Vicente e outras 34 (1) enviadas a diversas pessoas: Padres de Missão, Senhora da Caridade, etc.

O Tomo III (Rc. 3) tem 329 (1) cartas manuscritas destinadas a Filhas da Caridade. Várias das referidas cartas são escritas pelas secretárias (Elisabeth Hellet e Maturina Guérin, principalmente), porém todas são assinadas pela própria Luísa de Marillac.

O Tomo IV (Rc. 4) agrupa as 99 cartas dirigidas ao Abade de Vaux, Vigário Geral de Angers, que as conservou cuidadosamente.

O Tomo V (Rc. 5) reúne os demais escritos de Luísa de Marillac: Notas de Retiros, meditações, pensamentos diversos, regulamentos, conferências.

Existem dois outros chamados "Cadernos de Margarida Chétif", nos quais há cópias feitas por ela própria ou por alguma outra das primeiras Irmãs, a partir de autógrafos escritos de punho e letra da Fundadora. Margarida Chétif, nomeada Superiora Geral, por São Vicente, em agosto de 1660, pediu a Maturina Guérin, secretária de "Mademoiselle" por espaço de sete anos, que lhe enviasse um resumo das principais virtudes de Luísa de Marillac, a fim de tê-las como norma de sua conduta.

Maturina Guérin respondeu com simplicidade: "Quando eu tinha a ventura de escrever suas cartas, não me apercebia, então, da beleza dos ensinamentos que continham, porém, agora, admiro a variedade com que os dava: a umas

---

*(1) Número suscetível de aumento (Nota da tradutora).*

inculcava a observância das Regras, a outra, o temor; a esta, o puro amor de Deus, e assim sucessivamente...”

Um dos maiores bens de nossa Companhia é a compilação que fez e mandou fazer das instruções de nosso falecido Honoratíssimo Pai. Podereis dizer que não estou informando nada de novo, pois o sabeis como o sabem as outras; porém, talvez, nem todos estejam cientes da caridade com que ela instava junto das Irmãs encarregadas disso, para que não deixassem de fazê-lo...

Costumava dizer que chegaria o tempo em que nossas queridas Irmãs teriam grande consolação em poder dispor dos escritos de pessoas com as quais tivemos a felicidade de conviver...

Nunca terminaria se quisesse repetir, pormenorizadamente, todos os rasgos dessa caridade que se poderá conhecer através das cartas por ela mesma escritas ou por ordem sua, a determinada Irmã em particular e em geral, se tiverem sido conservadas. Seria para vós, minha querida Irmã, muito melhor instrução do que aquilo que pudesse eu dizer-lhe. Quanto a mim, tenho em meu poder algumas e as conservo como reliquias de seu espírito. Não obstante, se me fosse ordenado desfazer-me delas, me privaria de tal tesouro...”

Com a intenção de conservar o espírito de Luísa de Marillac, Margarida Chétif não somente leu e meditou suas cartas, mas copiou-as para transmitir sua mensagem a todas as Filhas da Caridade, das quais havia assumido a responsabilidade.

Estas cópias (obra de Margarida Chétif) não conservam nenhum nome de Irmãs ou de cidades. Ela achou que o anonimato devia ser conservado, pois várias das destinatárias das referidas cartas viviam ainda. Graças a um trabalho de pesquisa empreendido nos últimos anos nos Arquivos da Casa Mãe, tem sido possível identificar alguma dessas cópias com os autógrafos originais do Tomo III. É fácil deduzir que as cartas foram sendo copiadas conforme as foram enviando determinadas Irmãs ou determinadas casas. Uma série delas procede de Angers, outra de Bárbara Angiboust, Ana Hardemont, Lourença Dubois, etc. Algumas das cópias não puderam ser identificadas.

Para a presente publicação, tentou-se uma classificação cronológica. São muitos os documentos sem data, porém, confrontando-os com as cartas datadas contidas na obra de Coste, com as cartas recebidas por Luísa de Marillac, das Filhas da Caridade, dos Padres da Missão, dos Administradores, foi possível determinar a data de muitas delas. O aspecto do autógrafo (caligrafia, formato do papel) permite também certa identificação do período no qual o documento foi redigido.

Quando Irmã Goeffre classificou os documentos autógrafos, atribuiu-lhes um número de classificação. Este número foi fielmente conservado na presente edição, antepondo-se-lhe a letra “L” se se trata de cartas; a letra “A” se se trata

de pensamentos, meditações, regulamentos; a letra “S” para todos os documentos de classificação mais tardia; a letra “M” anteposta designa as cópias de Margarida Chétif.

Esta edição apresenta numerosas diferenças com as publicações anteriores, porque pareceu conveniente apresentar o texto integral das cartas e diferentes escritos de Luísa de Marillac, sem agrupá-los por temas e sem modificar o francês do século XVII. Insere-se um “Léxico” no final do volume para explicar o sentido de palavras atualmente em desuso ou cujo significado tenha sofrido modificações.

As datas entre colchetes [ ] são as anotadas no dorso dos autógrafos, pelo Irmão Ducourneau, secretário de São Vicente.

Os dados entre parênteses ( ) são os deduzidos ao confrontar e ter em conta correspondência contemporânea e acontecimentos vividos pela Companhia das Filhas da Caridade e pela Congregação da Missão, no decorrer dos anos...

### NOTAS CONCERNENTES À PRESENTE EDIÇÃO

1. Os textos são numerados com duas numerações correlativas precedidas da letra “C”, se se trata de cartas e da letra “E” se se trata dos escritos.
2. À numeração de cabeçalho do documento acrescenta-se, entre parênteses, o número correspondente da classificação da edição francesa (Paris, 1983).
3. No fim de cada documento e, precedendo às notas, acrescenta-se um sinal que se refere à identificação do autógrafo (ou cópia) indicando o caderno (Rc. 2, 3, 4, 5) e o número do documento, para sua localização no Arquivo da Casa Mãe. Em seguida, indica-se se é autógrafo de Santa Luísa (carta autógrafa, texto autógrafo) ou de uma secretária (letra de ...) e assinada por Santa Luísa (carta assinada), ou, finalmente, se é cópia.
4. Na tradução, foi respeitado, o mais possível, o estilo de Luísa de Marillac. Só quando pareceu necessário, se acrescentou alguma palavra que sirva de esclarecimento - entre parênteses e *sublinhada*.
5. Foram acrescentadas algumas notas - muitas poucas, infelizmente - para justificar a data de alguns escritos. Todas são devidas ao Padre Benito Martinez, C. M. espanhol.

**"Meu Deus, que belo quadro: que humildade, que fé, que prudência, que bom discernimento e desejo de sempre conformar suas ações com as de Nosso Senhor!**

**Oh! minhas Irmãs, compete-vos agora, ajustar vossas ações às suas e imitá-la em todas as coisas":**

***(Conferência sobre as virtudes de Luisa de Marillac, 24 de julho de 1660).***

## LUZ

No ano de 1623, no dia de Santa Mônica, Deus concedeu-me a graça de fazer o voto de viuvez, se Ele chamasse a Si o meu marido.

Em seguida, no dia da Ascensão, cai num grande abatimento de espírito por causa da dúvida se deveria deixar meu marido, como o desejava insistentemente, a fim de reparar meu primeiro voto e ter mais liberdade para servir a Deus e ao próximo.

Duvidava também se o apego que eu tinha a meu Diretor, ausente por muito tempo, não me impediria de tomar outro e temia estar a isso obrigada.

E sofria muito também, com a dúvida da imortalidade da alma, o que me fez ficar, da Ascensão até Pentecostes, numa aflição incrível.

No dia de Pentecostes, participando da Santa Missa ou fazendo oração na igreja, de repente, fui esclarecida de minhas dúvidas e avisada de que deveria permanecer com meu marido e, tempo viria em que estaria em condições de fazer voto de pobreza, de castidade e obediência, numa pequena comunidade, com pessoas que fariam o mesmo. Entendi, então, que isso seria num lugar dedicado a servir ao próximo: não podia porém, compreender de que jeito se faria isso, porque, haveria idas e vindas.

Fui assegurada também, de que deveria permanecer em paz quanto a meu Diretor; Deus me daria outro que, (então) me fez vez, segundo me parece e senti repugnância em aceitá-lo. Entretanto, consenti, afigurando-se-me que ainda não era hora de fazer-se essa mudança.

Minha terceira pena foi-me tirada pela certeza que senti em meu espírito de que era Deus quem me ensinava tudo o que foi dito acima e, se Deus existia, não poderia duvidar do resto.

Sempre acreditei ter recebido esta graça pelo Bem-aventurado Bispo de Genebra, por haver desejado muito, antes de sua morte, comunicar-lhe minha aflição e depois, haver sentido grande devoção e recebido, por seu intermédio, muitos favores. Naquela ocasião, sei ter havido algum motivo para crê-lo assim, do que agora não me lembro.

# *A CORRESPONDÊNCIA*

## 1625 - 1630

1625

A 17 de abril: Fundação da Congregação da Missão.

Aproximadamente no mês de novembro: O Padre Vicente estabelece-se no Colégio dos "Bons Enfants", na paróquia de São Nicolau "du Chardonnet".

A 21 de dezembro: Falecimento de Antônio Le Gras, marido de Luísa de Marillac, em sua casa à rua Courteau-Villain, na paróquia de São Nicolau des Champs.

1626

Luísa de Marillac passa a morar na rua São Vitor, paróquia de São Nicolau "du Chardonnet".

Começa a participar das obras caritativas do Padre Vicente, em favor dos pobres.

1629

Começo das visitas de Luísa de Marillac às Confrarias da Caridade.

Em maio, primeira viagem sua a Montmirail.

Fundação da Confraria da Caridade na paróquia de São Salvador, de Paris.

1630

Estabelecimento da Confraria da Caridade na paróquia de São Nicolau "du Chardonnet", da qual Luísa de Marillac passa a ser a presidenta. Chegada de Margarida Naseau que se oferece para "servir os pobres".

10 de novembro: Dia do Logro (Journeau des Dupes): fracassa a conspiração organizada para derrubar Richelieu, primeiro Ministro. Prisão provisória e encarceramento de Miguel de Marillac, Guarda-selos - Ministro da Justiça -, tio de Luísa de Marillac. Outro tio seu, Luis, Marechal de França, também seria preso e encarcerado uns meses mais tarde.

## C.1

### *Ao Revmo. Padre Hilarion Rebours, cartuxo (1)*

(21 ou 22 de setembro de 1625)

Meu mui Reverendo Padre: Uma vez que desejais conhecer as graças que nosso bom Deus fez a meu falecido esposo, após dizer-vos ser-me impossível comunicar-vos todas elas, asseguro-vos que, há muito tempo, pela misericórdia de Deus, não tinha ele afeto algum pelas coisas que pudessem levar a pecado mortal. Gozava de grandíssimo desejo de viver devotamente.

Seis semanas antes de sua morte, acometeu-o uma febre tão alta que pôs seu espírito em forte perigo. Deus porém, fazendo manifestar seu poder acima da natureza, deu-lhe calma e, em reconhecimento por essa graça, decidiu-se, totalmente, a servir a Deus durante toda a sua vida. Quase não dormia de noite; entretanto, tinha tamanha paciência que não incomodava as pessoas que estavam junto dele. Nessa última enfermidade, acredito que Deus o tenha querido fazer participante da imitação das penas de sua morte, porque sofreu em todo o corpo e perdeu todo o sangue. Seu espírito esteve quase sempre ocupado na meditação de Sua paixão. Por sete vezes vomitou sangue em abundância e, à sétima hemoptise morreu logo. Eu estava sozinha com ele para assisti-lo nesta passagem tão importante. Deu testemunho de muito grande devoção, mostrando até ao último suspiro que seu espírito estava unido a Deus. Não pôde dizer-me outra coisa senão: "Pedi a Deus por mim; já não o posso mais..." palavras que estarão gravadas para sempre em meu coração. Rogo-vos que vos lembreis dele quando rezardes Completas: tinha para com elas devoção especial e tão grande que, quase nunca deixou de rezá-las.

## C. 2

### *Ao Revmo. Padre Hilarion Rebours, cartuxo*

(fins de dezembro de 1625)

Não é muito razoável que eu seja toda de Deus, após haver estado tanto tempo no mundo? Digo-vos pois, meu querido primo: desejo-o de todo coração

---

C. 1 Gobillon, I, 23. Cópia.

(1) Primo-irmão de Antônio Le Gras, marido de Luisa de Marillac

C. 2 Gobillon, I, 23. Cópia

e no modo que a Ele agrade. Tenho porém muitos motivos para desconfiar de mim mesma em perseverar neste desejo, por causa dos contínuos impedimentos que se opõem aos designios que Deus tem sobre mim. Agora, pois, meu querido Padre, ajudai minha pobre alma e, por meio de vossas orações, rompei esses laços que me prendem tão fortemente a tudo o que não é Deus. E, por seu santo amor, continuai as orações que me prometeis.

C. 3 (L.1)

### *Ao Senhor Padre Vicente*

Hoje, 5 de junho de 1627

Senhor Padre,

Espero que me perdoeis a liberdade que tomo de manifestar-vos a impaciência de meu espírito, tanto por vossa última longa ausência, como pelo temor do futuro, não sabendo para que lugar ireis, depois de onde estais. É certo, meu Pai, que a consideração do motivo pelo qual vos afastais, mitiga um pouco a minha pena, porém, não impede que, em meu tédio, os dias, às vezes, se me pareçam meses. Entretanto, quero aguardar, com serenidade, a hora de Deus e reconhecer que é minha indignidade que a retarda.

Pude perceber, claramente, que a Senhorita du Fay (1) está, mais do que de costume, com o coração preocupado. Passamos juntas o dia de Pentecostes. Depois dos ofícios religiosos, ela teria querido falar-me abertamente. Permanecemos porém, à espera e no desejo de cumprir a vontade de Deus.

O trabalho de que vossa caridade me encarregou está pronto. Se os membros de Jesus necessitarem dele e se for de vosso agrado que vo-lo envie, meu pai, assim o farei. Não quis agir sem vossa ordem.

Afinal, meu Honoratíssimo Pai, após algumas inquietações, meu filho está no colégio, e, graças a Deus muito contente; acha-se bem. Se a coisa continuar assim, ficarei bem mais tranqüila por esse lado.

Permiti-me, meu Pai, importunar-vos ainda, a respeito de uma jovem de 28 anos que querem trazer de Borgonha, para ficar comigo. Segundo me disseram, é pessoa conhecida e virtuosa. Entretanto, antes dessa, a boa senhora cega lá de

---

C. 3 Rc. 3 Carta autógrafa

(1) *Senhorita du Fay, Dama da Caridade profundamente piedosa. Seu tio paterno, Renato Hennequin, casou-se com Maria de Marillac, tia de Santa Luísa.*

Vertus (2) me havia falado de uma outra, de 22 anos, que está com ela, dizendo-me que talvez, possa vir para cá. Está sob a orientação dos Revmos. Padres do Oratório, há quatro anos, e é uma perfeita camponesa. Não estou muito certa de que queira vir, embora me tenha manifestado algum desejo disso.

Peço-vos, muito humildemente, meu Pai, avisar-me o que devo fazer com relação a esse problema. A pessoa que vai a Borgonha deverá partir na segunda-feira e, supondo eu que regressaríeis neste semana, prometi dar-lhe uma resposta.

De um mês para cá, nosso bom Deus vem me permitindo sentir sua presença mais do que de costume, porém, continuo com minhas imperfeições. Quando não mais colocar obstáculos à eficácia das orações que espero de vossa caridade, creio que me corrigirei.

Nestes últimos dias, desejei ardentemente que vos lembrásseis de oferecer-me a Deus e Lhe pedísseis a graça de que sua santa vontade se cumpra inteiramente em mim, não obstante as oposições de minha miséria. Com toda humildade, meu Pai, faço-vos essa súplica e vos peço perdão por importunar-vos tanto. Pela bondade de Deus, sou, senhor Padre, vossa serva muito agradecida e indigna filha.

C. 4 (L. 2)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 13 de janeiro de 1628

Senhor Padre,

Faz umas três semanas que achando-me em casa da Senhorita du Fay, tive ocasião de escrever-vos. Temo porém que minhas cartas se tenham perdido. O principal assunto delas era pedir-vos conselho sobre meu filho. Mas agora, Senhor Padre, não vos diria o mesmo, seja porque, no momento, Deus não queira que persevere na resolução de fazer-se sacerdote, seja porque o mundo a isso lhe seja oposto. A verdade é que seu entusiasmo diminui muito. Vendo a tão grande transformação que se operou em seu espírito, falei disso, bem francamente, à Madre Superiora (1) que me aconselhou a colocá-lo como simples alu-

---

(2) Lugar de peregrinação em honra da Santíssima Virgem, muito concorrido, em Aubervilliers.

C. 4 Rc. 2. Carta autógrafa

(1) A Madre Superiora do Mosteiro da Visitação, Maria Ana Catarina de Beaumont.

no, interno, desses bons Padres (2), pelos motivos que, pessoalmente, vos direi, se Deus me conceder a graça de ver vosso regresso, do qual tanto preciso. Na verdade, vossa ausência nunca foi tão sentida por mim, devido às circunstâncias em que me encontrei, nelas devo confessar minha fraqueza, assegurando-vos, meu Pai, que se Deus me der a graça de lembrar-me do meu passado, não terei motivos de gloriar-me. Peço, pelo amor de Deus, a força e ajuda de vossas orações e, agradeço-vos, mui humildemente, o trabalho que tivestes de escrever-me e as provas que me destes de vos lembrades de mim; não o mereço e Deus é boníssimo em tolerar-me. Oh! meu querido Pai, ofereci minha vontade à misericórdia divina porque, com o auxílio de sua santa graça, quero converter-me e poder chamar-me vossa muito humilde e indigna filha, em Nosso Senhor.

P.S. - A senhorita du Fay continua com seus achaques corporais. Há uns quinze dias que quase não sai da cama, embora não tenha febre. Aguarda, ansiosa, vosso regresso.

## 1631 - 1636

### 1632

Janeiro: *O senhor Padre Vicente e a Congregação da Missão instalam-se em São Lázaro.*

10 de maio: *Morte do marechal Luis de Marillac, tio de Luisa, decapitado na Praça da Greve, em Paris.*

7 de agosto: *Morte de Miguel de Marillac na prisão de Châteaudun.*

### 1633

Possivelmente em fevereiro: *Morte de Margarida Naseau.*

29 de novembro: *Fundação da Companhia das Filhas da Caridade.*

### 1634

Estabelecimento da Confraria da Caridade no Hospital Geral (Hôtel-Dieu) de Paris.

31 de julho: *Primeira conferência - que conservamos - do Padre Vicente às Filhas da Caridade.*

---

(2) Os padres do Seminário de São Nicolau "du Chardonnet". Comunidade fundada pelo Padre Bourdoise (1584-1655) para a formação do clero.

C. 5 (L. 4)

*Ao senhor Padre Vicente*Hoje, 4 de setembro  
(mais ou menos em 1634)

Senhor Padre,

Estou vos devolvendo o regulamento da Confraria de São Salvador; não o havia visto. Parece-me que o começo faz toda a Confraria depender do Senhor Cura e não sei se o seria conveniente. É certo que os senhores Curas de Beauvais ficariam muito satisfeitos com isso, porém os levaria, imediatamente, a não querer que ninguém tenha conhecimento do que ocorrer em cada Confraria. Parece-me, entretanto, Sr. Padre, ser necessário que os membros da Diretoria lhes comuniquem o internamento dos doentes ou, pelo menos, lhes digam quais pretendem receber. Seja dito no regulamento que, quando houver eleições, os votos serão recolhidos por eles e que a tesouraria prestará contas diante deles, sem nada falar do Vigário Geral, como constava no regulamento. Seja determinado o número das senhoras; os postos vacantes, preenchidos por aquelas que a Companhia aceitar, apresentando-as, depois, aos Senhores Curas, a fim de serem admitidas e receberem sua bênção.

Quanto ao que se refere ao procurador, não sei se seria fácil conseguir um para cada Confraria, porque não creio que elas se submetam a que o dito procurador anote o total das coletas. Quanto à prestação das contas, parece-me que as mulheres possam fazê-lo elas mesmas. E então, não sobraria para o procurador senão executar os legados, se houver algum, em favor das Confrarias e, nesse caso, acho que um só é suficiente para todas. Refiro-me, Sr. Padre somente a Beauvais, porque o regulamento ordinário de Liancourt é bom, especialmente o artigo que recomenda a amizade entre elas e outras mais amplas (1) sobre os exercícios tanto da manhã e da tarde, como a lembrança da presença de Deus, durante o dia. As vagas serão preenchidas da maneira supracitada. Por toda parte há bons procuradores.

---

C. 5 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: 1627

(1) Falta uma palavra, certamente: mais amplas explicações...

Vereis se será bom acrescentar um artigo especial para esse senhor que pede, com tanta instância, ser nomeado; para administrar os bens da Confraria. E se deverá constar no Regulamento que haverá duas moças, indicadas pela Senhora de Liancourt (2), para cuidar dos doentes, as quais residirão na casa que a referida Senhora cede para esse fim. Estarão obrigadas a preparar os medicamentos e levá-los tanto aos doentes de Liancourt, como aos de La Bruyère, Cauffry e Rantigny. Deverão visitá-los ao menos duas vezes na semana e farão tudo o que for estipulado na escritura de ereção e fundação que para esse fim se estabelecer. Nesses lugares, a coleta será feita aos domingos, nas casas e, nas festas solenes, nas igrejas. Os procuradores levam um livro próprio e anotam as entradas de cada coleta, assim também o faz a tesouraria. Os cofres terão duas fechaduras. Penso ser necessário fazer constar que as pessoas encarregadas deles serão membros da Confraria.

Parece-me, Sr. Padre, que seria de muita conveniência que, em cada cofre, houvesse um registro como o que lhe deixei. Nele se anotarà tudo o que ocorrer na Confraria. Julgo que, no princípio do referido livro, deveria figurar a ata de ereção e, em seguida, o regulamento; depois, o número das irmãs; logo após, a eleição do procurador e da diretoria e, seguidamente, as novas eleições.

Lá pela metade do livro, se poderia indicar que aquele espaço fica destinado ao registro dos nomes das irmãs falecidas e os das que as forem sucedendo. Do outro lado, poderiam ser anotados os legados e donativos extraordinários; noutra parte, os móveis pertencentes aos pobres. O livro que eu trouxe é o de La Bruyère, porque tem a escritura de ereção assinada por todos.

Penso que a Superiora deveria ter um livro no qual fizesse anotar os nomes dos pobres doentes, o dia de sua admissão e o de seu falecimento ou então, o dia em que deixaram de ser assistidos pela Confraria.

Se não me tivésseis pedido para fazer tais anotações, não me teria atrevido nem a pensar nisso. Não vejo porque diferi tanto a execução de tal coisa, se não, bem me percebo, por causa de meu espírito que muito se afrouxa no bem, tanto no que se refere ao próximo, como ao meu próprio proveito espiritual.

A boa Irmã Joana de São Bento (3) acaba de trazer-me três jovens de Colombe, de muito boa aparência e, com grande desejo de servir os pobres em qualquer lugar para onde forem enviadas. Creio que irão vos ver num destes dias. Sinto muito haver perdido o dia que vossa caridade queria reservar para mim; penso que foi por minha culpa. Tenho grande necessidade de uns dias para pensar em mim mesma e assim renovar-me um pouco. Por isso, Senhor Padre, quando faltar alguém para trabalhar nos ministérios da Caridade de São Lou-

---

(2) A Sra. duquesa de Liancourt, em solteira Joana de Schomberg (1600-1674), dama da caridade, fundou a Confraria da Caridade em suas terras.

renço (3), se quiserdes dar-me a honra de empregar-me neles, seria necessário que me deixásseis aí por uns dias e poderia aproveitar essa ocasião, se o julgardes conveniente. Mas, pelo amor de Deus, Senhor Padre, rogai à sua misericórdia que vos faça conhecer minhas necessidades porque, de outro modo, chegarei a persuadir-me de que queira abandonar-me completamente, uma vez que vos permite ter semelhantes sentimentos.

Remeto-vos o relatório do que foi feito em cada uma das reuniões de Beauvais. Parece-me conveniente que o regulamento que fareis preparar seja para São Salvador (3), dizendo à referida Paróquia que o passe às outras a fim de ser copiado.

Se quiserdes fazer-me o favor de reler a carta que vos enviei de Liancourt, talvez nela encontrareis algo além do que hoje vos digo. Por favor, perdoai-me a falta de ordem nos assuntos desta; estaria tentada a excusar-me por minha pouca memória, porém, bem sabeis como sou e como, Sr. Padre, quero ser sempre vossa muito humilde filha e serva agradecida.

P.S. - As coletas em Beauvais são feitas às segundas-feiras. Creio porém ser conveniente realizá-las na igreja nos dias de festas solenes. Penso que, se se fizer o estabelecimento da Caridade logo após à Missão que o Sr. Bispo de Beauvais tem intenção de mandar pregar aí, seria fácil conseguir tudo quanto se possa desejar para o bem da Confraria. Não me ocupei de propor que se fizesse essa coleta.

C. 6 (L. 5)

*Ao senhor Padre Dehorgny (1)  
(no Colégio de Bons-Enfants)*

29 de setembro de 1635

Senhor Padre,

Recebi as cem libras que me enviastes. Rogo-vos o favor de dizer-me quantas camisas quereis, quantos gorros e quantos lenços e tudo aquilo de que necessitais.

Fiquei deveras pesarosa por a bolsa de pano ter ficado grande demais. Envio-vos um véu de cálice, pedindo-vos comunicar-me se está bom. Com a ajuda de Deus, não deixarei de vos enviar tudo o que desejadestes. Tendes sido demasiadamente bondoso para comigo. Agradeço-vos, humildemente, a conside-

---

(3) *Paróquias de Paris.*

ração dispensada a meu filho; ele saberá receber o bem que lhe fazeis. Permita Deus dele aproveite e vos seja agradecido por todas as vossas bondades. Recomendando-o sempre às vossas orações e a mim também, que sou vossa muito humilde serva.

C. 7 (L. 43)

*À Irmã Bárbara, (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes, na Paróquia de São  
Paulo (2) (Paris)*

(pelo ano de 1636)

Minha mui querida Irmã,

Estou preocupadíssima com a doença de nossa cara Irmã, a quem cumpri-

- 
- C. 6 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: 17 de setembro de 1635 (escrito por Santa Luísa).  
(1) O senhor Padre Dehorgny foi um dos primeiros Padres da Missão. Reuniu-se ao senhor Padre Vicente em 1627. Foi sucessivamente: Superior do Colégio de Bons Enfants (1632 a 1635 - 1638 a 1643 - 1654 a 1659); Assistente Geral da Congregação da Missão (1642 a 1644 - 1654 a 1667); Superior da Casa de Roma (1644 a 1647 - 1651 a 1653). Enviado pelo senhor Padre Vicente, visitou, com freqüência, as Casas dos Missionários e das Filhas da Caridade. À morte do Senhor Padre Portail, foi nomeado, por Vicente de Paulo, Diretor das Filhas de Caridade.
- C. 7 Rc. 3 Carta autógrafa  
(1) Bárbara Angiboust (1605-1658) era natural da Paróquia de São Pedro de Serville, perto de Chartres. Reuniu-se às primeiras Filhas da Caridade, no dia 1º de julho de 1634. Luísa não tardou em descobrir todas as riquezas de sua personalidade e a foi enviando como "pedra fundamental" de numerosos estabelecimentos: em 1636, à Paróquia de São Paulo e depois, à de São Sulpício, em Paris; em 1637, à de São Tiago dos Açougueiros; em 1638, à de São Germain-en-Laye e depois, à de Richelieu; em 1642, aos Galés; em 1645, provavelmente, à de Serqueux; em 1646, foi mandada a Fontainebleau; em 1649, a São Dionísio; em 1652, a Brienne; em 1653, a Châlons; em 1654, a Bernay; em 1658, a Châteaudun. Bárbara Angiboust foi também escolhida para fazer visitas às crianças abandonadas colocadas em casas de amas de leite, em 1649; a Santa Maria do Monte em 1657; a Varize, em 1658. A 25 de março de 1642, Bárbara engajou-se inteiramente no serviço dos pobres, pronunciando os votos perpétuo. Morreu a 27 de dezembro de 1658.
- (2) Estando a serviço dos pobres na Paróquia de São Paulo já em 1632-1633, as Filhas da Caridade tiveram de residir na referida Paróquia, quando a Casa Mãe transferiu-se para a aldeia de La Chapelle.

mento de todo coração, aos pés de Jesus Cristo. Convido-a, por seu santo amor, a não se deixar dominar pelo desalento e a experimentar, em si mesma, a necessidade que nosso senhores, os pobres doentes, têm de assistência, de cordialidade e bondade. Nesse estado em que se encontra, poderá manifestar melhor sua fidelidade ao amor da santíssima vontade de Deus. Quanto a vós, querida Irmã, não duvido de que tendes grande cuidado com ela. Rogo-vos porém que chameis um médico o quanto antes, sem por isso descuidardes dos doentes da Paróquia.

Sabeis como, nesse bairro, é importante não se dar o que falar a ninguém. Visitai-os vós mesma, pois, se é verdade que outras Irmãs nossas já o façam, com muita solicitude e caridade, será melhor que vos ocupeis disso pessoalmente.

Espero que nosso bom Deus abençoe vossos bons serviços. Rogo-Lhe vos dê força e coragem suficientes para vencerdes as pequeninas dificuldades que encontrardes. Em seu santíssimo amor sou, vossa humilde irmã e serva.

P.S. - Se precisardes de mais uma Irmã, favor avisar-me.

C. 8 (L. 6)

*Ao Senhor Padre Vicente*

dezembro de 1636

Senhor Padre,

A senhora Beaufort (1) disse-me que esta é a época favorável para se tratar do estabelecimento da Caridade em Santo Estêvão e que o senhor Pároco muito o deseja. Por essa razão, achou conveniente que ela e outra senhora realizassem uma coleta nessas festas. Assim o fizeram. Peço-vos, humildemente, senhor Padre, fazer o obséquio de dizer-me como devo proceder.

Havia pensado, se bom vos parecesse, em mandar dizer-lhe que as senhoras mais interessadas por esta santa obra, fossem estar com o senhor Pároco e lhe dissessem que, para começar bem e perseverar, é necessário prever-se um bom número de pessoas que se associem para a execução deste santo trabalho. Serão senhoras tanto de classe alta como de mais modesta condição: umas contribuirão, generosamente, com seu dinheiro e as outras se entreg entre-

---

C. 8. Carta autógrafa. Dorso: 1636.

(1) Sra. Beaufort, dama da Caridade da Paróquia de Santo Estêvão do Monte.

quem, de modo bem especial, à visita dos pobres doentes, cada uma no seu dia. Para ninguém ficar sobrecarregada, seria conveniente dividir a Paróquia em dois setores. Entretanto, para que o resultado seja satisfatório, será preciso, antes de tudo, pedir ao Sr. Vigário que tenha a bondade de encomendar a um Padre, bom conhecedor de seus paroquianos, que faça uma relação escrita, completa quanto possível, e depois, mandar que, na sua igreja, haja uma prática sobre o assunto, no fim da qual se poderiam reunir todas as senhoras. Também na Missa seria avisado que todas as que quiserem entrar na Confraria - sem distinção de posição social - poderiam assistir à reunião. Nela se proporia o Regulamento já observado em outras Paróquias.

Digo-vos tudo isso, senhor Padre, a fim de economizar tempo, porque, há tanto, que essas boas senhoras procuram se encorajar para tal realização. Creio ser preciso malhar o ferro enquanto está quente. Mas, por favor, se pensardes diferentemente do que vos proponho, não duvideis em mo dizer, pois, conheceis melhor o que convém fazer.

Agradeço, humildemente, a vossa caridade. O bom Deus bem sabe que precisávamos desse auxílio, por isso, consegui-me o endereço de uma leiteria. Há três dias já nos fornece o leite.

Estamos perto do fim do ano e, se Deus me conservar a vida para iniciar o outro, desejo, ardentemente, empregá-lo como o devo, a seu serviço. Peço a vossa caridade dar-me alguns conselhos para isso: os pobres se contentam com pouco, que considerarei muito, vindo a mim da mão de Deus, por vosso intermédio, de quem sou, senhor Padre, mui humilde filha e serva.

P.S. - Senhor Padre, todas as vossas filhas tomam a liberdade de *(recomendar-se)* à vossa caridade.

## 1638 - 1639

1638

*Início da Obra das Crianças Abandonadas.*

*Estabelecimento das Filhas da Caridade em Saint Germain-en-Lays e em Riche-lieu.*

*Epidemia de peste em Paris.*

1639

*Início das Obras dos Galés.*

*Estabelecimento das filhas da Caridade no hospital de Angers: no fim de novembro, viajam para lá Luisa de Marillac com três Irmãs.*

*Ao senhor Padre Vicente*

La Chapelle (17 de janeiro de 1638)

Senhor Padre.

Nosso procurador da Caridade e as Irmãs estão hoje realizando maravilhas para a festa do Santo Nome de Jesus. Desejaram, mas, eles mesmos, que eu vos pedisse uma prática para as Vésperas que não serão rezadas antes das 2h 30 minutos da tarde. Gostariam bem que fosse feita pelo Sr. Padre de la Salle (1); porém, não sendo possível, aceitariam, de bom grado, qualquer um outro. Junto meu pedido ao deles, a fim de que se animem a perseverar.

Acredito saberdes que a Irmã Bárbara (2) está aqui e tanto ela quanto eu estamos passando bem. Seria ótimo que ela tivesse a honra de falar-vos antes de partir. Não seria bom pensar noş móveis e roupas de uso comum que lhe serão necessários?

Por favor, não vos preocupeis com a ama de leite para os meninos, pois, ainda não estão aqui. Com efeito, a que temos bastará suficientemente para o tempo que determinastes e até mais.

Sou no amor de Jesus, senhor Padre, vossa humilde filha e serva muito agradecida...

---

C. 9 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) *João de la Salle nasceu em Seux (Somme) a 10 de setembro de 1598. Estudou na Sorbona, com grande aproveitamento. Ordenou-se sacerdote em 1622 e, em abril de 1626, reuniu-se a São Vicente para as Missões. Em 1637 foi nomeado, pelo Padre Vicente, Diretor do Seminário interno (Noviciado) recém-estabelecido em São Lázaro. No ano seguinte, dedicou-se às Missões e aos retiros dos Ordenandos. Continuou nesses ministérios até sua morte, ocorrida em Paris, a 9 de outubro de 1639. Foi grandemente apreciado por São Vicente e Santa Luísa. Por várias vezes ela o pedia ao Padre Vicente para presidir as reuniões das Damas da Caridade, fundar Caridade, visitá-las. (Notas do Padre Castañares).*

(2) *Bárbara Angiboust que fora destinada a servir os pobres em Saint-Germain-en-Laye.*

C. 10 (L. 26)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 2 de julho (perto de 1638)

Senhor Padre,

Acabam de informar-me que há contágio (1) na casa onde moram as Irmãs do Hospital Geral. Peço-vos dizer-me se será preciso retirá-las ou se, deixando-as, tenhamos de avisar às Damas para não irem lá e se nós mesmas devamos ir. Refiro-me às Irmãs daqui (2). Se não haverá perigo em se pegar doces para levá-los ao Hospital Geral.

Vós vos esquecestes que vos disse ter necessidade de vos falar. Não sei o que o bom Deus me quer fazer compreender, porém, espero que vossa caridade me oriente sobre isso.

Sou, Senhor Padre, vossa muito humilde filha e serva agradecida.

P.S. - Nada vos digo sobre o que tão inoportunamente mandei as Irmãs fazerem. Fico esperando o que vossa caridade queira ordenar-me.

C. 11 (L. 38)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, domingo (1638?)

Senhor Padre,

Por intermédio de Irmã Turgis (1) vou enviar uma resposta à senhora Pelle-

---

C. 10 Rc. 2. Carta autógrafa. Coste coloca-a em 1638, por causa da peste.

(1) Uma epidemia de peste, em Paris.

(2) Da Casa Mãe, estabelecida em La Chapelle.

C. 11 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Isabel le Goutteux, viúva de Turgis, ingressou na Companhia das Filhas da Caridade, em 1636. Inteligente, instruída, foi abnegada auxiliar de Luísa de Marillac e a substituiu durante suas ausências da Casa Mãe. Em 1640, Luísa de Marillac deu-lhe a responsabilidade da nova Comunidade de Angers. Mandou-a novamente para lá, em 1644, por alguns meses. Foi destinada a Richelieu em 1646, a Chars, em 1647 e a Chantilly, em 1648. Morreu após curta enfermidade, em outubro de 1648.

tier (2). Sou tão má que gostaria de não ver escrita essa promessa de seu próximo regresso. O senhor de Liancourt passou ontem por aqui. Não o vi, porém, mandou-me dizer que sua senhora estava aflita por minha volta. A pequena sangria que me deram ontem, fez-me suar durante toda a noite. Graças a Deus, isso me aliviou bastante, de sorte que, pude, hoje, levantar-me. Por causa do mau tempo, não me sinto porém com forças nem saúde suficientes para ir vos ver. Tendo necessidade de falar-vos, mandei um aviso ao Irmão da portaria para que vos dissesse se poderíeis fazer o favor de vir aqui em casa. Tomo esta liberdade pela confiança que, em outras vezes, vossa caridade me deu e por acreditar que sou sempre, senhor Padre, vossa mui humilde e mui agradecida filha e serva.

C. 12 (L. 89)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 5ª feira (1638?)

Senhor Padre,

Irmã Turgis está preocupadíssima porque o Sargento da Companhia do Senhor de Castillon foi dizer-lhe que mandará soldados para se alojarem, tanto na parte dianteira do edificio, como na que está ocupada pelas crianças. Farão barulho. Se estiverdes de acordo, ela poderia, quando voltarem para lá, negar-se a recebê-los, apoiando-se na senhora duquesa d'Aiguillon (1) ou na senhora do Chanceler (2), até que vossa caridade obtenha tal proibição da Rainha. Ou se julgardes melhor outra coisa, tende a bondade de me comunicar pelo portador da presente. Sou vossa mui humilde e agradecida filha e serva.

---

*(2) A senhora Pelletier é, sem dúvida, filha da senhora de Herse (ver C. 222, n. 1) que se casara com o sobrinho da senhora Goussault (ver. C. 15) n. 3). Não perseverou na Companhia das Filhas da Caridade.*

C. 12 Rc. 2. Carta autógrafa

*(1) Maria de Vignerod (1604-1678) era sobrinha de Richelieu. Viúva aos 18 anos, aquela que fora Marquesa de Combalet, entrou para o Carmelo. Seu poderoso tio fê-la, porém, sair e levou-a para a corte de Luís XIII, dotando-a com o título de Duquesa d'Aiguillon. A duquesa d'Anguillon participou de todas as obras do Padre Vicente e o ajudou com sua imensa fortuna.*

*(2) O Chanceler era a pessoa mais importante depois do Rei: uma espécie de Primeiro Ministro.*

C. 13 (L. 8 bis)

Ao senhor Padre Vicente

Hoje, 3<sup>a</sup> feira (1638?)

Senhor Padre,

Segue junto uma carta. Creio ser urgente tomar alguma providência sobre essa pobre Irmã que ganhou o coração de todos os habitantes, de tal modo, que corre o boato de que, se for tirada, não receberão nenhuma outra lá. Já faz muito tempo, aconselha-se com todos, porém, de modo particular com uns solteirões chamados os senhores de la None de quem recebe presentes, boa comida, garrafas de vinho e pastéis de carne. Rogo-vos, humildemente, e pelo amor de Deus, pensar nos inconvenientes deste desagradável assunto do qual eu penso ser responsável. Suplico-vos pedir a nosso bom Deus que me perdoe. Permaneço, Senhor Padre, vossa mui humilde e agradecida filha e serva.

C. 14 (L. 9)

*À Madre Superiora das Benedictinas, em Argenteuil (1)*

La Chapelle, 16 de maio de 1639

Talvez estranhareis que, não tendo a honra de conhecer-vos, nem de ser conhecida por vós, tome a liberdade de vos escrever. Não o faria se não tivesse a certeza de que não o levareis a mal, pois, somente o amor de Deus, a quem queremos servir e amar, manda-me encaminhar-vos uma jovem deste lugar, boa e cheia de boa vontade para ocupar o lugar que soube haver em vosso mosteiro para uma Irmã conversa.

Fui avisada disso por uma de nossas Irmãs, servas dos pobres nas Caridades das Paróquias, a quem Deus chamou e pôs nessa condição, há oito anos. Não quis acreditar, Senhora, que tivesse sido vós que procurastes desviá-la de sua vocação. Não posso sequer imaginar que quem conhece sua importância queira opor-se aos desígnios de Deus e colocar em perigo a salvação de uma al-

---

C. 13 Rc. 2. Carta autógrafa

C. 14 Rc. 2. Carta autógrafa

(1) Em 1634, foi fundada, em Argenteuil, uma Confraria da Caridade.

ma, privando ao mesmo tempo, de socorro, os pobres abandonados, expostos a toda sorte de necessidades. Eles são realmente atendidos pelos serviços destas boas jovens que, livres de todo interesse, doam-se a Deus para o serviço espiritual e material dessas criaturas a quem Sua bondade quer considerar como membros seus. Queira Deus, Senhora, que aquela que já está em vossa casa vos sirva a contento e, ela mesma esteja feliz. Quero persuadir-me de que não se sentia chamada ao estado de vida em que se encontrava. Do contrário, seria digna de censura. Suplico-vos porém, Senhora, que não volteis a permitir que, com conhecimento vosso, sejam aprovadas dessa maneira porque poderia servir de tentação para outras. Não obstante, isso não me impediria de continuar sendo, como o sou, no amor de Jesus Crucificado, vossa humilde e obediente serva.

C. 15 (L. 11)

*(Às Irmãs Bárbara Angiboust e Luísa Ganset) (1)*  
*Richelieu (2)*

26 de outubro de 1639

Minhas boas Irmãs,

Estou certa de que, como nós, sentistes muito a perda que sofremos com a morte da senhora Presidenta Goussault (3). O muito que lhe devemos convidamos a imitá-la, a fim de que Deus seja glorificado. Assim o espero de vós, mediante a divina graça. Já deveis estar sentindo o efeito dessa graça, minhas filhas, ao constatar o bem que Deus quis que façais nesse lugar. Porém, soube o que sempre temi vir a saber: vosso trabalho tão benéfico para o alívio dos doentes e a instrução das crianças de nada tem servindo à vossa perfeição. Ao

---

C. 15 Rc. 3 Carta autógrafa.

*(1) Luísa Ganset, Filha da Caridade, enviada a Richelieu em 1638, estará com os Galés, em 1644 e, em Maule, uns anos depois.*

*(2) Richelieu: já em 1637, o Cardeal Richelieu pediu Missionários ao Padre Vicente para a cidade que havia mandado construir nos princípios de século XVII, ao sul de Chinon. As Filhas da Caridade foram mandadas para lá em 1638, para o serviço dos doentes e para a escola.*

*(3) A senhora Goussault, em solteira Genoveva Fayet, viúva desde 1631 de Antônio Goussault, Conselheiro do Rei e Presidente do Tribunal de Contas. Sugeriu a São Vicente o estabelecimento da Caridade no Hospital Geral e a dirigiu. Favoreceu à implantação das Filhas da Caridade em Angers. Morreu, santamente, a 20/9/1639.*

contrário, parece haver-vos prejudicado porque o bom odor que exaláveis, começa a desvirtuar-se. Pensai bem, minhas Irmãs, no que fazeis. Sois causa de que Deus seja ofendido, em vez de glorificado, como antes o era. O próximo mostra-se escandalizado e dais motivo para não se estimar como antes, o santo exercício da Caridade. Como ousareis apresentar-vos, um dia, diante de Deus para prestar-Lhe contas do uso que fizestes da graça insigne que vos concedeu, chamando-vos ao estado em que vos colocou? Pretendia Deus ser glorificado e vós lhe usurpais essa glória.

Vós, Irmã Bárbara, por vossa pouca cordialidade para com a Irmã que Deus vos deu, por vossos pequenos desdêns, pela pouca tolerância de seus defeitos, esquecestes que, quando fostes colocada junto dela para fazer as vezes de superiora, era para obrigar-vos a vos portar como mãe. Mãe com deveres muito maiores que os das mães segundo a natureza pois, mais que essas, devíeis cuidar de sua salvação e perfeição. Isso vos obrigava a usar para com ela de grande mansidão e caridade, tal como no-las recomendou o Filho de Deus, em sua vida terrena. Aceitando esse cargo, não vistes logo a que humilde estáveis obrigada, pois tendes tantos motivos para reconhecer vossa incapacidade? Não deveríeis ter sempre em vista que, quando ordenais alguma coisa, é por obediência que o fazeis e não porque tendes algum direito de mandar?

Entretanto, minha Irmã, não vos desanimeis, pois, creio que o mal não chegou a tal extremo que não tenha remédio. Ponde-vos, ante vossas faltas, sem excusá-las, porque, na realidade, nada pode ser causa do mal que fazemos, senão nós mesmos. Confessai esta verdade diante de Deus, despertai no vosso coração uma grande afeição por vossa querida Irmã Luísa. E, em vista da misericordiosa justiça de nosso bom Deus, lançai-vos a seus pés e pedi-lhe perdão por vossas durezas para com ela e por toda a pena que lhe causastes, prometendo-lhe, com a graça de Deus, amá-la como o próprio Jesus Cristo o quer, dando-lhe provas do cuidado que deveis ter para com ela. Abraçai-a com o coração cheio desse verdadeiro sentimento.

E vós, querida Irmã Luísa, voltastes a cair nas mesmas faltas. Que idéia tendes de vossa condição? É uma vida cheia de liberdade? Longe disso... pois tem de ser de uma contínua submissão e obediência. É possível que nunca tenhais pensado nisso e, se o fizestes, tendes tão pouco amor a Deus e tão pouco temor por vossa salvação que vos descuidais do cumprimento daquilo a que estais obrigada. Minha filha, fazei-vos um pouco de violência. Que buscais quando fazeis visitas ou peregrinações sem licença e quereis viver em tudo segundo vosso capricho? Não sabeis que nada deveis realizar, nem ir a nenhum lugar sem a permissão de Irmã Bárbara que, antes de partir, aceitastes como Superiora e a quem deveis amar tanto ou mais, como se fosse vossa própria mãe? Creio que nunca pensais em vossa vocação pois fazeis tantas coisas incompatíveis com

ela. Não lamentaríeis perdê-la por satisfações tão fúteis? Acredito (e este pensamento me veio agora mesmo) que a causa da maior parte das faltas que cometeis vem do dinheiro que manuseais e sempre gostastes de guardar. Se quiserdes seguir meu conselho, livrai-vos dessa afeição. Ponde tudo nas mãos de Irmã Bárbara. Não desejeis ter senão o que ela achar bom. Exercitai-vos no amor à pobreza, para honrar a do Filho de Deus e, por este meio, conseguirdes tudo de que necessitais para ser verdadeira Filha da Caridade. Do contrário, duvido muito de vossa perseverança. Receio não fazerdes o que vos proponho, porém, não é por isso que deixarei de dizê-lo. Recebi de bom grado, porque é o amor que Deus me dá por todas vós, que assim me faz falar. E agora, coragem, minha boa Irmã! Espero que não desprezeis meus pobres conselhos. Reconhecendo, então, quão digno é Deus de ser amado e servido, tendes muita vergonha de havê-lo feito tão mal desde que Ele vos tem concedido a graça de chamar-vos ao estado em que vos encontrais e, especialmente, ter-vos colocado nesse lugar em que derramou tantas bênçãos sobre vosso santo trabalho. Tomai, de modo bem resoluto, a determinação de agir de maneira diferente da que fizestes no passado. Lançai-vos também aos pés da Irmã Bárbara com ... *(Aqui está rasgado o papel da carta... que continua dirigida às duas)*.

Não percebeis que vossas almas não podem estar em paz e que esta é a razão de não participardes da santa paz que o Filho de Deus trouxe aos homens de boa vontade, nem tão pouco da que legou a seus santos Apóstolos, ao subir para o Céu?

Advertindo-vos de vossas faltas, as minhas se me apresentam ante meus olhos. E isso, minhas filhas, obriga-me a dizer-vos que a que me causa maior pena no momento, é o mau exemplo que vos dei na prática das virtudes que vos recomendo. Rogo-vos, minhas boas Irmãs, que o esqueçais e pedi perdão por mim, assim como a graça de corrigir-me, como de todo coração o desejo.

Fui também demasiado negligente em escrever-vos, mas, quero crer que me perdoareis, como vo-lo peço. Ofereço a nosso bom Deus o ato de reconciliação que, tenho certeza, o fareis de todo coração, cheio de boa vontade. Unome a vossos corações para que obtenhamos a misericórdia de que tanto necessitamos e a graça de viver, daqui para a frente, do amor de Jesus Crucificado, no qual sou, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Sabeis (minhas queridas Irmãs, o que) espero de vossa reconciliação, além da renovação no afeto mútuo? É *(que tendes o coração)* aberto uma para com a outra, quase nunca sejais vistas uma sem a outra. Ide (juntas às visitas) que tiverdes de fazer na cidade e evitai predileções (para com as Damas, não lhes fazendo) nenhuma visita. Nada vos seja tão agradável como o estar em vossos aposentos e a companhia (uma da outra). Não vos digo que recuseis as visitas que algumas boas senhoras vos queiram fazer. Uma verdadeira humilde tudo remediará.

Fevereiro: *Luisa de Marillac volta de Angers.*

30 de março: *As Damas da Caridade encarregam-se de todas as Crianças Abandonadas de "La Couche".*

Agosto: *Primeira visita ao Hospital de Angers, do Padre Lambert. Publicação do Augustinus, obra póstuma de Jansenius.*

C. 16 (L. 12)

*Ao senhor Abade de Vaux (1)*

(Angers) (2) hoje, sexta-feira (1640)

Senhor Abade,

Finalmente, a boa mulher está à vossa disposição para fazer o que quiserdes e, se não me engano, prestar-vos-á um bom serviço. Mostrei-lhe todas as condições necessárias para tal e as achou fáceis. Disse-me que desde que prestou serviços no hospital, precisa beber vinho quando trabalha. Basta-lhe porém meio litro por dia. Disse-lhe que voltasse amanhã para falar comigo, ou então, eu mesma lhe mandaria recado caso este negócio tão favorável para ela possa realizar-se.

Os administradores daqui pediram-me que lhe indicasse como seria feito o enterro das Irmãs. Eis meu parecer sobre o assunto que, em parte, é o que fizemos com as primeiras. Rogo-vos, Senhor, o favor de acrescentar ou retirar o que vos parecer conveniente. Nossa pobre Irmãzinha continua muito mal e eu, como sempre, muito necessitada de que vossa caridade me ajude diante de Deus, em

---

C. 16 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) *Guido Lasnier (1602-1681), abade de Santo Estêvão de Vaux - Saintonge -, vigário geral de Angers. Conheceu o sr. Padre Vicente em São Lázaro, em 1635, por ocasião de um Retiro Espiritual. Tornou-se protetor e conselheiro das Filhas da Caridade do Hospital São João de Angers. Nos Arquivos da Casa Mãe, há 102 cartas de Luisa de Marillac ao Abade de Vaux.*

(2) *Luisa de Marillac e três Irmãs saíram de Paris em fins de novembro e chegaram a Angers no dia 6 de dezembro de 1639.*

(3) *A Ata de instalação ou ereção da Comunidade das Filhas da Caridade no hospital foi assinada a 1º de fevereiro de 1640, por Luisa de Marillac, Cecilia Angiboust, Isabel Martin e Margarida François.*

cujo amor sou vossa muito humilde e obediente filha e serva.

P.S. - Suplico-vos, humildemente, senhor Abade, que me devolvais o papel para ser mostrado amanhã depois do almoço aos senhores que ficaram de vir ver-me logo, logo. Assinaram a Ata (3) porém não creio que fique pronto o exemplar que deverei guardar. Não seria talvez melhor que no-lo enviassem para Paris? Peço-vos, humildemente, senhor, dar-me vosso parecer.

C. 17 (L. 13)

*Ao senhor Abade de Vaux*

(fevereiro de 1640)

Senhor Abade,

Sou-vos muito grata porque, doente ou com saúde, vossa caridade se lembra de minhas necessidades.

Recebi, ontem, carta do senhor Padre Vicente insistindo para que eu tome uma liteira.

Deixarei de sujeitar-me à ordem que me destes, não por ter o conselho dele sobre este assunto. Sinto muito que minhas doenças me impeçam de cumprir meus deveres para convosco nestes dias em que vos achais enfermo, não conseguindo prestar-vos os cuidados que me fossem possíveis. Se julgardes que daqui possa servir-vos em alguma coisa, muito vos agradecerei se me derdes ocasião de pôr-me às vossas ordens e demonstrar-vos que sou, no amor de Jesus Crucificado, vossa mui humilde e obediente filha e serva.

C. 18 (L. 14)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Angers  
depois de São Martinho, hoje 24 de fevereiro de 1640

Senhor Abade,

Aos muitos motivos de vos ser grata, vossa caridade quis acrescentar mais

---

C. 17 Rc. 4 Carta autógrafa.

C. 18 Rc. 4 Carta autógrafa.

um tomando o incômodo de privar-se de vosso laçao para proporcionar-me este alívio (1). Meu coração leva-me a vo-lo agradecer, assim como todos os outros benefícios que de vós recebi (2). Devo porém confessar-vos, senhor, que o agradecimento pelos grandes favores recebidos de pessoas como vós, pessoas que venero, parece-me tão aquém do que vos devo, que, ordinariamente, me vejo na impossibilidade de vo-lo manifestar. Eis, senhor Abade, o motivo de nada vos falar, precisamente quando mais precisaria de expressar-vos os sentimentos de minha gratidão. Perdoai-me vo-lo peço, pois, sou tão imbecil que até com nosso bom Deus faço o mesmo, ocupando meu espirito mais em admirar seus inumeráveis benefícios, do que em Lhe agradecer por eles.

Suplico-vos, pois, senhor, não levar a mal meu silêncio, entendendo minha incapacidade e, permiti-me dizer-vos: sei que não devo maior gratidão a ninguém no mundo que a vós, de quem sou humilde filha e obediente serva.

P.S. - Parece-me, senhor, que me pedistes dar-lhe, por escrito, a receita do xarope de rosas, assim como a maneira de tratar os pobres doentes. Segue o que escrevi e vos peço perdão de que esteja tão mal feito... Nosso bom Mestre que é Médico caridoso, suprirá o que falta. Já havia dito que vo-lo levassem.

C. 19 (L. 15)

*Ao senhor Abade de Vaux,  
em Angers*

Hoje, 26 de fevereiro de 1640

Senhor Abade,

Pela graça de Deus, chegamos, com boa saúde, a Tours. Preferi tomar uma calça que nos leve a Orleans e por isso, com toda a humildade agradeço-vos (o empréstimo de) vossa diligência, vo-la devolvendo sem nenhum estrago, graças a Deus. Desejo que chegue aí da mesma maneira. Tenho grande desejo de receber notícias de nossas Filhas. Peço-vos, senhor, bem humildemente, o favor de dizer à Irmã Turgis (1) que mas envie. Espero estar quarta-feira em Orleans, en-

---

(1) Luísa de Marillac saiu de Angers no coche do Abade de Vaux.

(2) Quando chegara a Angers adoeceu e ficou hospedada durante algumas semanas na casa do Abade, antes de ficar com suas filhas no Hospital São João.

C. 19 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Elisabeth Turgis (ver C. 11 n. 2), acompanhada de Bárbara Toussaint (ver C. 88 n. 4) e Clemência Ferré (ver C. 40 n. 1), saiu de Paris a 23 de dezembro de 1639 e chegou a Angers em princípios de janeiro de 1640.

tretanto, creio que terei de aguardar o recebimento delas em Paris. Não duvideis, senhor Abade, do consolo que terei quando ficar assegurada de vossa saúde, pois, já sabeis que sou, verdadeiramente, vossa muito humilde filha e agradecida serva.

P.S. - Vários motivos obrigaram-me a mudar de roteiro, aqui.

C. 20 (L. 16)

*Ao senhor Abade de Vaux*

La Chapelle, 23 de março de 1640

Senhor Abade,

Por favor, perdoai-me importunar-vos tanto. Havia me prometido procurar ter notícias vossas todas as semanas ou por vosso intermédio ou por meio de qualquer outro, porém, vejo que não tem sido assim. Tomo a liberdade de interromper vossas santas ocupações para suplicar-vos, humildemente, que tenhais a bondade de pôr-me a par dos assuntos referentes à instalação de nossas Irmãs, pois, estou bem preocupada com o pensamento de que não deveria ter vindo sem que me tivesse sido entregue o contrato. Sou tão propensa a errar, que isso não me deveria causar estranheza, sabendo mesmo que não presto para nada. Deus pode e quer, com freqüência, tirar sua glória de pessoas como eu, a fim de manifestar que não precisa de suas criaturas para executar seus designios. Espero em Deus que as três Irmãs (1) que prometi, sigam terça-feira sem falta. Mais do que pensava, demorei em enviá-las por causa da dificuldade de tirá-las dos lugares onde estavam. Asseguro-vos: são as melhores que temos, à exceção de alguma outra que nos é muito necessária.

Acreditaria ofender-vos se as recomendasse à vossa caridade, dados os motivos que tenho para crer que nosso bom Deus confiou-vos a direção deste assunto. Tenho apenas, senhor Abade, que fazer-vos um humilde pedido: perdoai-me as faltas que cometi na alimentação dessas boas jovens; fazei-me a caridade de me avisar delas a fim de que, me corrigindo, tenhais menos dificuldades com as que forem depois.

Não sei se em minhas cartas anteriores apresentei-vos as respeitosas sau-

---

C. 20 Carta autógrafa. Original no Hospital de Auch.

(1) Genoveva Caillou (ver C. 23 n. 1), Maria Marta Trumeau (ver C. 72 n. 4) e Madalena Mongert (ver C. 42 n.º 1).

dações do senhor Padre Vicente. Faço-o nesta que termino com a humilde súplica de que continueis honrando-me com vossa piedosa lembrança, na certeza de que sou, no amor de Jesus Crucificado, vossa muito humilde filha e obediente serva.

C. 21 (L. 17)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 24 de março de 1640

Acabo de receber as notícias que vossa caridade fez o favor de enviar-me. Elas me contristaram um pouco, porém, com a ajuda de Deus, a vontade se submeterá à de Deus em todos os acontecimentos que permitir suceder.

Não seria conveniente, senhor Abade, que se incluísse entre os artigos (*do contrato*) o que fora suprimido, no qual se reconhecia a liberdade que têm os senhores Administradores para dispensar as Irmãs e nós de retirá-las? Isso para dar a conhecer que nunca foi intenção do senhor Padre Vicente querer dominar no Hospital, e sendo condição recíproca, não prejudica nem a uma nem a outra parte.

Não deixarei de comunicar vossa carta ao senhor Padre Vicente.

Escrevi, ontem, ao senhor Solimon (1) rogando-lhe que, enquanto nossas Irmãs forem poucas, saiam de casa o menos possível. Porém, a Irmã Turgis não fez bem recusando-se a ir comprar o que os Pais (2) desejavam. Se julgardes oportuno, digei-lhe que apresente suas excusas. Receio muito que esses senhores dêem crédito aos mexericos dos murmuradores, porque não me parece estarem bem dispostos a desculpar realmente os inconvenientes que possam advir-lhes das imperfeições de nossas Irmãs, vendo a mãe de Deus em assuntos de tanta importância.

Não sei como exprimir toda a consolação que sinto por ter a bondade de Deus confiado esse incidente à solicitude de vossa caridade. Para mim, isso é um alívio em todas as dificuldades que se apresentem, até mesmo a rescisão, se Deus permitir que a ela se chegue, pois não duvido da constância de vosso caridoso interesse que ainda me dais a honra de manifestar para com minha pobre e insignificante pessoa que vos é imensamente agradecida. Isso me faz estar certa de que credes que sou, no amor de Jesus Crucificado, vossa humilde filha e obediente serva.

---

C. 21 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Um dos Administradores do Hospital.

(2) Pais da Caridade: nome que se dava aos Administradores do Hospital.

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 27 de abril de (1640)

Senhor Abade,

Peço-vos perdoar-me porque minha pressa em vos escrever pelo último correio, fez com que depois de haver pedido, ao senhor Padre Vicente, Missionários para os lugares em que os desejais, e, havendo-me respondido verbalmente, não o tenha entendido. Assim, não vos apresentei minhas excusas por não poder, no momento, mandar-vos alguém daqui. Disse-me porém que, para o assunto da Caridade especificado em vossa carta, se estiverdes de acordo, dirá ao Sr. Padre Lambert (1) para ir estar convosco. Ele admira, senhor Abade, a caridade que nosso bom Deus vos dá por nossas pobres Irmãs. Isso o faz desejar que Nosso Senhor vos inspire também o pensamento de fazer-lhes uma pequena prática, ainda que apenas quinze minutos, acerca das virtudes de que mais necessitam e especialmente, daquelas que, por sua vocação, têm obrigação de praticar.

Estou preocupada com a Irmã Turgis, creio que teria necessidade de algum remédio para prevenir uma grave moléstia. Porém, como sempre tem grande aversão por medicamentos, é necessário que alguém lhe ordene isso. Muito me alegrou o que vossa caridade teve a bondade de dizer-me a respeito de nossa boa Irmã Maria (2); temia que seu espírito estivesse intranquilo. Peço-vos, senhor Abade, informar-me se nossa pobre Irmã Margarida (3) esta agonizando ou se já morreu tranqüila, porque, segundo as notícias recebidas, não posso senão pensar que tenha falecido. Deus seja bendito em tudo! espero que o espírito

---

C. 22 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) O senhor Padre Lambert aux Couteaux (1606-1653) entrou na Congregação da Missão em 1629. Foi Superior em Toul de 1635 a 1637; em Richelieu, de 1638 a 1642; depois, nomeado Assistente Geral da Congregação da Missão. Após uma nova permanência em Richelieu (1645-1646), voltou a Paris, ao Colégio "des Bons Enfants". O Senhor Padre Vicente encarregou-o, muitas vezes, de visitar as Irmãs do Hospital de Angers e as Irmãs de Nantes. Em 1651, foi para a Polónia, onde morreu a 31 de janeiro de 1653, vítima de sua abnegação aos infectados pela peste. O Padre Vicente sentiu imensamente a sua morte.

(2) Maria Marta Trumeau (ver C. 72 n. 4).

(3) Quando as Irmãs chegaram ao Hospital, a peste estava dizimando a região de Anjou (C. IX. 40). Várias Irmãs caíram doentes; uma delas, Margarida François, de São Nicolau, em Lorena, morreu vitimada por este mal.

de nossa Irmã Clemência (4) se irá fortalecendo, à medida que o vá também seu organismo debilitado pela doença e pelos remédios. Penso que não se lhe possa pedir muito nem à memória, nem à imaginação e mesmo deixá-la algum tempo sem estar obrigada a fazer meditação.

Perdoai-me, senhor Abade, se tomo a liberdade de falar-vos de todas essas particularidades. Tenho tal confiança, por causa da caridade que fez de vós, tão perfeitamente, um nosso Pai. Por isso seja Deus eternamente bendito! No amor de seu Filho Crucificado, sou vossa humilde e obediente serva.

P.S. - Senhor, tomo a liberdade de enviar-vos aberta a carta para nossas Irmãs, para que vejais o que o Senhor Padre Vicente lhes diz a respeito da obediência.

C. 23 (L. 19)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 3 de maio de 1640

Senhor Abade,

Temos grandes motivos para louvar a Deus, pois, com sua misericórdia, mitiga assim as chicotadas que sua justiça nos inflige.

Está melhor a nossa Irmã Genoveva! Como ficaria penalizada se tivésseis de estar exposto ao perigo por mais tempo! Pelo amor de Deus, eu vos peço, senhor Abade, não consentais que nossas Irmãs vos importunem tanto. Receio que, vendo a grande caridade que Deus vos inspira para com elas, abusem de vós, sem pensar no perigo ao qual vos expõem. Entretanto, agiriam mal, se ocultassem a doença ou não se isolassem suficientemente, caso vós ou os senhores Administradores lhes ordenassem outra coisa.

Não lhes escrevo por este correio para não lhes roubar tempo consagrado ao serviço de seus pobres doentes o qual não desejo, de modo algum, seja prejudicado. Assim será, contanto que elas não sejam demasiado condescendentes

---

(4) *Clemência Ferré (ver C. 40, n. 1).*

C. 23 Rc. 4 *Carta autógrafa.*

(1) *Irmã Genoveva de Saint Germain esteve em Angers de março de 1640 a fins de 1644; na Paróquia de São Gervásio, em Paris, de 1645 a 1646; enviada a Mans, em maio de 1646. Por causa das dificuldades que o estabelecimento ocasionou na dita cidade, voltou a Paris. Assinou a Ata de ereção da Companhia em 8 de agosto de 1655.*

consigo mesmas. Vós me falais apenas do bem que fazem; não temais, senhor, eu vo-lo peço, mostrar-me também seus defeitos.

Parece-me não haver eu entendido bem o que me mandais dizer ao senhor Padre Vicente, acerca da Missão. Espero terdes recebido a segunda carta que vos escrevi, a este respeito e tomado conhecimento de suas excusas. Louvo a Deus pela comunicação que me fizestes da escolha dessas duas boas pessoas para "Pai dos Pobres". Porém, e o sr. Gardeau? (2) Já não pode fazer nada? Parece-me que, não havendo intervenção dele, ficará de lado a expedição do contrato. Creio que esses senhores não têm razão para temer o estabelecimento da Comunidade, pois, a faculdade que se reservam e, com prazer se lhes reconhece, de poder despedi-la, lhes dá toda segurança de que sempre serão patrões (3). Espero, senhor, que não deixareis de recomendar às Irmãs seu dever de obediência. O senhor Padre Vicente vos saúda com todo respeito, e, só pensa em vossa caridade, com admiração! Deus vos conceda santa perseverança nesta virtude. Suplico-Lhe vos inspirar em vossos santos sacrifícios, a lembrança de minhas necessidades, pois, sou em seu divino amor, vossa muito humilde filha e serva.

C. 24 (L. 20)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Paris, hoje, 6 de maio de 1640

Senhor Abade,

Mais uma vez devo servir-me de mão emprestada para responder à carta que tivestes a bondade de escrever-me, no dia 30 do mês passado. Assegurovos: custa-me isso. Espero poder fazê-lo de próprio punho, pelo próximo correio. Ainda agora creio que o poderia, se não temesse forçar-me antes do tempo, porque, além de tudo, tomei uma beberagem pela manhã, que me tolhe os movimentos.

---

(2) Um dos Administradores do Hospital de Angers.

(3) Os administradores do Hospital de Angers discutem o artigo do contrato em que é afirmada a dependência das Irmãs do Superior Geral da Congregação da Missão.

C. 24 Rc. 4 Carta escrita por outra pessoa e assinada por Santa Luísa. Comparando a letra dessa carta com a do Rc. 5 (it 1010), parece da mesma pessoa que, neste caso seria do senhor Holden, secretário de Miguel de Marillac.

Vós me proporcionastes um grande consolo com as notícias que tivestes a bondade de dar-me sobre nossas pobres Irmãs. Só posso crer que Nosso Senhor há de abençoar sua obra, contanto que não lhe oponhamos obstáculos. Procuraremos sempre agir com confiança e submissão à sua divina vontade.

Quanto às duas jovens de quem me falastes, parece-me que procedestes tão bem, que nada há a acrescentar. Quanto à que não dispõe de coisa alguma, a receberemos, se o julgardes conveniente. A outra, se bem vos parecer, poderia dispor do aluguel de sua casa para ajudar seus parentes, como o deseja. A respeito da senhorita, nada preciso dizer, estando em vossas mãos. Seguiremos sempre vossa opinião sobre o assunto. Esperando ter a honra de escrever-vos de meu punho e letra, sou e serei, eternamente, senhor, vossa humilde e agradecida serva.

C. 25 (L. 44)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Arcebispo e cônego da Igreja de Paris na "Cité".  
Angers*

(maio de 1640)

Senhor Abade,

Uma febre que há quinze dias me faz sofrer e com desagradáveis consequências, impede-me de ter a honra de eu mesma vos escrever para agradecer-vos, com toda humildade, o grande interesse que vossa caridade tem por nós.

Pareceu-me que, na minha última carta, vos tivesse falado com suficiente clareza, que esperava bom resultado das duas jovens das quais me falastes e podíeis ter certeza de que vindo de vossa parte, seriam bem recebidas. Entretanto, senhor Abade, porque quereis ordem mais expressa, dir-vos-ei que o senhor Padre Vicente não vê problema nenhum nisso e, por minha parte, peço-vos que poderão ter a honra de viajar em vossa companhia. Espero que se livrem da fraqueza a que as moças de Angers estão sujeitas ao virem para cá. Creio que a Irmã Maria, a queltrouxe comigo, iniciará a lista das corajosas e fortes. As duas que vieram pouco antes, caíram doentes e de doença incurável, apenas aqui chegaram. Sempre sem forças, agora estão à morte. Refiro-me às duas Petrinhas; penso que vos lembrais delas.

Alegra-me muito a esperança de poder ver-vos em breve. Por outro lado, penso na falta que fareis a nossas pobres Irmãs e a necessidade em que se

---

C. 25 Rc. 4. Letra de Irmã Hellot. Carta assinada por Luisa de Marillac.

encontrarão, sobretudo se os Revmos. Srs. Padres Reformados entrarem para mandar no Hospital, durante vossa ausência.

Suplico-vos, sr. Abade, por amor de Deus; deixai algumas indicações tanto para elas como para quem vossa caridade designar como Diretor e o que deverão fazer, caso isso ocorra. Peço a Deus vos dê suficiente força e saúde para cumprir seus designios sobre vós e sou, em seu santo amor, senhor Cônego, vossa muito humilde e obediente serva.

C. 26 (L. 21)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Paris, hoje, 26 de maior de 1640

Senhor Abade,

A gravidade de meu mal obriga-me a servir-me da mão de outrem para agradecer-vos as duas cartas que me destes a honra de escrever-me e também para recomendar-me a vossas orações. Tenho grande necessidade delas, pois, ainda não estou fora do perigo pelo qual passei, há três ou quatro dias.

Suponho que o senhor Padre Vicente responderá a todo o conteúdo de vossas cartas. Limito-me a pedir-vos o favor de mandar preparar um contrato para Irmã Madalena (1) no qual ela autorize sua Mãe a pagar a dívida que tem para com um bom sacerdote primo seu, que mora perto desta cidade. Ele está pressionando para que se pague, urgido pela necessidade. Não tereis senão de mandar-me o documento. Aqui nos encarregaremos do resto.

Sou sempre, senhor Abade, vossa humilde e obediente serva.

P.S. - Peço-vos recomendar-me a nossas Irmãs da Caridade, assegurando-lhes que espero melhorar bastante para poder escrever-lhes pelo próximo correio.

---

C. 26 Rc. 4 A mesma letra da C. 24. Carta assinada.

(1) Madalena Mongert (ver C. 42 n. 1).

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

29 de maio de 1640

Senhor Abade,

Apenas umas palavras para expressar-vos meu humilde agradecimento pela bondade que dispensais a nossas Irmãs e pelas notícias que me destes. Seja Deus vossa eterna recompensa!

Estou muito preocupada com a saúde de nossa pobre Irmã Elisabeth (1). Seu desânimo talvez seja causado por doença, como já lhe ocorreu em outras vezes. Se assim for, creio que depois de saber do mérito sobre o estado de suas forças, o melhor seria que no-la enviásseis. Escrevo também à Irmã Turgis dizendo-lhe que procure as duas jovens que desejam vir, para conversar convosco. Se nada virdes que a isso se oponha, mandai-as; nossa boa Irmã poderia servir-lhes de companhia.

Desculpai-me por ser breve. As indisposições de minha doença não me deixam continuar e obrigam-me a terminar. Asseguro-vos ser vossa obediente filha e serva.

---

**C. 27 Rc. 4 Carta autógrafa.**

*(1) Elisabeth Martin de Argenteuil, uma das primeiras Filhas da Caridade. Em 1636, encontramos-a na Paróquia de São Paulo, de Paris. Vai a Angers com "Mademoiselle" e é encarregada da Comunidade do Hospital São João, de 1640 a 1641. Sua débil saúde a obriga, com frequência, a interromper as atividades. Depois de curta permanência em Richelieu, regressou à Casa Mãe (1643). Foram-lhe confiadas as Irmãs novas. Depois, foi para Liancourt, de onde foi chamada pelos Fundadores para lhe entregarem a responsabilidade da nova Comunidade que, em 1646, irá para Nantes. Em 1647, as dificuldades comunitárias tiveram grande repercussão em sua saúde. Foi colocada em Richelieu, onde morreu no fim do ano de 1648.*

C. 28 (L. 27)

*À minha querida Irmã Elisabeth Martin  
Angers*

(1640)

Minha querida Irmã,

De todo coração compartilho de vossos sofrimentos e com amor, louvo a Deus pela coragem que sua bondade vos comunica.

Parece-me que, se deixásseis os remédios e tomásseis bastante água pura, melhorariéis. Ficai em paz, com relação ao que me dissestes. Renovai vossos bons desejos e crede, diante de Deus, a coisa vale com se estivesse feita.

Recomendo-me a vossas orações e às de todas as nossas Irmãs. Sou, querida Irmã, vossa muito afeiçoada irmã e serva.

C. 29 (L. 29)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 9 de julho de 1640

Senhor Abade,

A curta distância que separa La Chapelle de Paris fez com que eu recebesse *(ao mesmo tempo)* duas cartas que tivestes a fineza de escrever-me, ao voltar de vossa curta viagem. Humildemente vo-las agradeço. A propósito das boas intenções desse bom religioso, permito-me dizer-vos que, se tivesse pensando que a melhor maneira de ensinar é fazer, teria indicado a quem lhe pedia conselhos, a diversidade de caminhos por onde Deus leva as almas. Porém, é de lamentar o espírito dessas jovens que se atormentam buscando pluralidade de direção. Aquilo que se sabe não ser pecado, a alma humilde pode sofrê-lo e, certamente, aproveitará para adiantar-se na baixa estima de si mesma, que isso lhe pode proporcionar. Prouvera Deus que eu praticasse o que digo. mais me valeria! Por enquanto, não me sinto estar sob o peso de uma doença mortal; isso será

---

C. 28 Rc. 3 Carta autógrafa.

C. 29 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Irmã Elisabeth Martin (ver C. 27 n. 1).

quando Deus quiser. Enfim, estes bons Padres executam seus bons propósitos, em favor dessas pobres almas tão expostas a se perderem.

Asseguro-vos, senhor Abade, que, para mim, é um grande consolo e nenhum desgosto que essas boas jovens que haviam pensado em associar-se a nós, sirvam nessa boa obra, se tal é a vontade de Deus. O meu desejo é que estejam conosco somente aquelas que, verdadeiramente, forem chamadas para isso, sem mira de interesse temporal. Nada me faz, em verdade, desejar sobre esse assunto. Por isso, senhor, digo-vos que estou grandemente satisfeita com a atitude que vossa caridade tomou com as jovens que conversaram convosco.

Fiquei um tanto preocupada porque estive muito tempo sem receber cartas de nossas Irmãs. Elas continuam um pouco sem força. Penso que se Irmã Elisabeth preparasse daquela água e dela bebesse, assim como as outras, em boa quantidade, ficariam muito melhor. Porém, desprezamos o que temos. Acho que ela ficaria muito tempo sem febre. Penso não haver perigo em deixá-la trabalhar, contanto que não seja com excesso. Deve andar ou fazer alguma coisa no jardim, ao menos duas vezes por dia.

Que pensareis da grande liberdade com que vos falo de tudo? Vossa caridade assim me aconselhou. Isso me obriga a ser vossa muito agradecida serva e muito humilde filha.

C. 30 (L. 47)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers  
La Chapelle, na festa de Sant'Ana*

(26 de julho de 1640)

Senhor Abade,

Percebi que, com frequência, tendes de ausentar-vos da cidade e me parece que isso ocasiona certo transtorno para nossas Irmãs.

Não sei se o senhor Padre Lambert (1) terá passado por aí. Se o fizer, rogo-vos, humildemente, o obséquio de falar-lhe, com toda franqueza, sobre o estado de nossas Irmãs, tanto em geral, como em particular. Louvo a Deus, de todo coração, por essa jovem se haver consagrado ao serviço dos Penitentes. Asseguro-vos que, se aí eu estivesse e ela me houvesse falado disso, creio que a teria

---

C. 30 Rc. 4 Carta.

(1) Lambert aux Couteaux (ver C. 22 n. 1)

persuadido, se me fosse possível, para assim o fazer. Como bem o sabeis, durante minha passagem por aí, não disse uma palavra para que ficasse conosco, nem a ela nem a outras a quem o tivesse desejado, somente por consideração a esse estabelecimento. Não é razoável, senhor Abade, que nos dediquemos a todas as almas redimidas por Deus? E, as que estão em Angers me são tão queridas como as de qualquer outro lugar e, se me atrevesse a dizê-lo, um pouco mais. Vai nisso meu próprio interesse, pela honra e caridade que aí recebi. Assim pois, senhor Abade, que a santíssima vontade de Deus se cumpra em nós e por nós, no tempo e na eternidade.

Nada pensei ainda acerca das jovens sobre as quais vossa caridade deu-me a honra de escrever-me. Não sei se devido a que minha alma espere que tenhais a bondade de dar-me mais informações sobre elas. Parece-me que não sei por qual sentimento - igualmente, quase temeria um espírito que nada receasse como aquele que, por prudência humana, quisesse tudo saber, antes, mesmo que cedesse logo. Tenho um pouco de receio das moças que foram domésticas e ficaram na cidade, embora o Espírito Santo se manifeste em qualquer parte.

Ainda não tive a honra de ver a pessoa a quem encarregastes de vos arranjar os Salmos do falecido senhor de Marillac (2). Não sei se restaram exemplares à venda. Quanto ao que se refere a seus livros de Jó, não foram publicados. Meu filho disse-me que o senhor vosso sobrinho voltará logo. Entregar-lhe-ei o livro que tenho, se não puder conseguir outro. Vede, senhor, com que liberdade falo e ajo para convosco. Gostaria muito de saber por vosso intermédio, ao voltardes de Loudun, o que há de certo por lá. Permiti-me continuar recomendando, como sempre, nossas pobres filhas, à vossa caridade. Espero que o sr. Padre Tonnelier (3) nada atrapalhe. Crede-me sempre no amor de Jesus Crucificado, senhor, vossa muito humilde filha e obediente serva.

---

(2) Miguel de Marillac (1563-1632), Guarda-selos - ou Ministro da Justiça - homem de grande profundidade espiritual. Trabalhou em sua prisão de Châteaudun num tratado sobre a Vida Eterna. Empreendeu também a tradução do livro da Imitação de Cristo, dos Salmos e do Livro de Jó. Sua nora, que fora ficar com ele em Châteaudun, encarregou-se da publicação das referidas obras.

(3) Confessor das Irmãs do Hospital de Angers.

*À Irmã Elisabeth Martin  
Uma das Filhas da Caridade (Angers)*

(1640)

Minha boa Irmã,

Quanto compartilho vossas penas! Quisera que as amenizásseis pensando sempre que vos encontrais no estado em que Deus vos quer. Além disso, não vos preocupeis imaginando serdes um fardo e que não trabalhaiis como o desejais. Além disso, rejeitareis todos esses pensamentos que vos impedem de ser totalmente segundo o Coração de nosso bom Deus e que talvez sejam até impecilhos à vossa cura. Ao contrário, pensai que Deus quer que permaneçais alegre e serena em meio a vossos padecimentos e que eu, freqüentemente, estou a vosso lado para dizer-vos: Minha querida Irmã, lembrai-vos de que já em outras ocasiões estivestes como agora. Entretanto, Deus vos restituiu a saúde quando foi de seu agrado que pudésseis servi-lo.

Sinto não me terdes escrito de próprio punho e letra, nem uma vez sequer, desde que parti dai. Fazei-o sempre que puderdes; porém, falai-me com toda franqueza de vossos sofrimentos. Tudo lerei e compreenderei perfeitamente.

Cumprimento a todas as nossas Irmãs. Animai-as, apesar de vossas aflições. Tende-me, minha querida Irmã, por vossa irmã e melhor amiga.

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, dia de São Lourenço  
(10 de agosto de 1640)

Senhor Abade,

Vejo que ainda não sabeis que, quando ponho a mão em qualquer boa obra, as faltas que nela cometo, atraem sempre algum sinal da justiça divina, como para dar-me a entender que não faço coisa que preste. Portanto, sou eu a causa dessas maledicências nessas pequenas instituições. Peço-vos perdão pelo des-

---

C. 31 Rc. 3 Carta autógrafa.

C. 32 Rc. 4 Carta autógrafa.

gosto que elas vos dão. Porém, senhor Abade, não poderíeis contentar a vosso Bispo com o argumento que vossa caridade me apresentou quando lhe propus ir visitá-lo? isto é, que, como o Hospital não parecia estar tão inteiramente sob sua dependência como o devesse, não seria oportuno que ele desse tal autorização.

Quanto ao estabelecimento das Arrepentidas, nada sei além do que me escrevestes. Segundo me parece, são apenas um grupo de jovens que vivem juntas numa casa; porém ignoro se guardam clausura. Permitti-me dizer-vos que me admira não tenha vossa caridade ido vê-las, a fim de que esse pequeno aborrecimento não se torne maior. Nosso bom Deus não gostaria disso, porque, que se poderia realizar sem vós? Que teríamos feito sem vossa direção? Foi Deus somente quem no-la deu; seja por isso bendito! Nada se dirá sobre a visita do Padre Lambert (1). Parece, por carta de Irmã Turgis que dessa visita não lhes advirá nenhum mal. Ela já me deu a entender que não sabe que se pensa em seu regresso. Isso me parece muito conveniente. Fala-me de cinco ou seis moças; porém, importa muito conhecê-las ou senão admiti-las à condição de poder despedi-las. Rogo-vos a bondade de informar-vos um pouco a esse respeito e de averiguar se a loquacidade dessa de quem ma fala vossa caridade, é devida à imprudência ou então a um hábito contraído nas casas por onde esteve empregada, o qual, de nenhum modo, nos conviria. Não costumamos receber pessoa de quem se tenha a menor suspeita de algum deslize; isto é de grande importância para todas as outras.

Aborreci-me um pouco por terdes tido tanta pressa em servir quem (2) vos proporcionou as obras do senhor de Marillac; não tinha a menor notícia de que suas cartas haviam sido impressas. Ser-vos-ei agradecida se me informardes quem vende tal livro.

Permitti-me confessar-vos que meu coração se comoveu ao saber que tivestes o pensamento de resignar nas mãos de Deus o cargo que Sua vontade quis impor-vos. Ah! senhor Abade! quanto bem podeis realizar para vós e para o próximo assim o penso! Ainda que muito indigna, não deixarei de oferecer a Deus minhas pobres orações por essa intenção. Não saberia dizer-vos a alegria que tive ao saber que a senhora vossa irmã se acha em Paris. Espero ter a honra de vê-la. Porém, pedi-lhe que fosse após o julgamento de seu processo. Então vou lembrá-la de que me prometeu passar uns dias em nossa casinha de campo, onde poderá se encontrar com o senhor Padre Vicente.

Agradeço-vos, humildemente, as informações sobre nossas Irmãs, que destes ao senhor Padre Lambert; creio que isso foi de todo necessário. Espero

---

(1) O senhor Padre Lambert acabava de fazer a visita às Irmãs de Angers. (Ver C. 22 n. 1).

(2) Trata-se de Miguel Le Gras, o filho de Luísa de Marillac.

que a boa Irmã de Richelieu (3) faça muito bem, se Deus permitir que, finalmente, vá para Angers. É uma Irmã ajuizada, a quem o barulho não assusta e também não o faz. Além disso é muito virtuosa. Desde o principio havíamos pensado nela para aí. Suplico a Deus vos inspire sua santa vontade sobre esse particular e, nessa santa vontade sou, senhor Abade, vossa muito humilde filha e serva.

P.S. - Os senhores Administradores nada voltaram a falar sobre os artigos? A não ser que estejam pensando noutra coisa... Peço-vos dizer-me vosso parecer sobre isso. Acho conveniente que as Irmãs não saibam que chamamos a Irmã Turgis, até poucos dias antes de sua saída dai.

C. 33 (L. 426)

*(Às Irmãs do Hospital de Angers)*

(agosto de 1640)

Queridas Irmãs,

Parece que estou me vendo no meio de vós, no serviço de nossos amados "senhores", dando-lhes o jantar. Meu Deus! Realmente, que felicidade tendes! Eu não sou digna de possuí-la senão pelo desejo! Coragem, pois, minhas Irmãs! Agi sempre com um grande coração, cheio de puro amor de Deus que nos leve a amar as rosas no meio dos espinhos! Como é curta esta vida e longa, amável e desejável a bem-aventurada eternidade, à qual não poderemos chegar senão seguindo Jesus em seus trabalhos e sofrimentos! E ainda não nos poderia levar até ela se Sua perseverança não o tivesse levado, a Ele, à morte de cruz. Vede, minhas Irmãs, se será possível, sem enganar-nos, poupar algum esforço. Oh! guardemo-nos bem disso, porque quando tivermos trabalhado quarenta e nove anos (1), se deixarmos de trabalhar o quinquagésimo, e, Deus nos chamasse, seria como se nada tivéssemos feito em toda a nossa vida. A perseverança pois, minhas queridas Irmãs, tem que ser o último florão de nossa coroa, já que temos de adquiri-la no último momento de nossa vida na graça e no amor de Deus. Não seríamos péssimas criaturas se o amor a nós mesmas, o apego a isso ou àquilo nos afastasse dessa tão necessária e importante perseverança? Oh! minhas amadas Irmãs, pedi para mim, a nosso bom Deus, que me faça misericórdia e

---

(3) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1). Os Fundadores pensaram várias vezes em enviá-la a Angers. (Ver Coste II, 18 e 67).

C. 33 Ms. A. Chétif. 1 n° 4. Cópia.

(1) Luísa de Marillac, nascida a 12 de agosto de 1591, está entrando nos seus cinquenta anos.

que minhas covardias não me privem de seu amor na eternidade! Quantas vezes mereci este castigo por meus crimes!

C. 34 (L. 106)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 29 de agosto de (1640)

Senhor Abade,

Bendito seja Deus porque faz calar os murmuradores pelo tempo que Lhe aprouver! Se achardes que o fazer comentários sobre os artigos (1) que os próprios Administradores formularam e propuseram, vai despertar ainda algumas suspeitas, em nome de Deus, não faleis deles. Estou certa de que vossa máxima é muito verdadeira e asseguro-vos que nunca desejo outro apoio que o da santa Providência. Aliás, mesmo que o regulamento e os artigos ficassem na forma proposta, sabeis muito bem que, não contém em si nenhuma garantia, nem compromisso para nenhuma das partes. Podem, apenas, servir para lembrar em que condições as Irmãs foram admitidas ao serviço dos Pobres, a fim de que, enquanto aí permanecerem, nada possa ser alterado, no correr dos tempos, nem por uma parte, nem por outra. O bom senhor Padre Lambert não pôde calar a cordialidade com que o recebestes. Não compete a mim agradecer-vos, porém, sim, em vez disso, desejar que nosso bom Deus continue vos concedendo suas graças, especialmente, senhor, as que vos deu para a direção de nossas pobres filhas. Mandeí dizer à Irmã Turgis que todas as jovens que julgardes aptas serão bem-vindas aqui. Porém, por favor, senhor Abade, parece-me necessário avisá-las de que, caso não cumpram o que prometem, serão mandadas de volta ou terão de arranjar, por aqui, um emprego. Falo-vos assim, senhor, porém seria necessário cometerem faltas bem graves para se chegar a esse extremo.

Tive a honra e a alegria de estar com a senhora vossa irmã. Lamento que tenhais desejado que a visse antes da decisão do seu processo, porque reconheço o trabalho que lhe exige este assunto. Não me prometeu passar os oito dias em nossa humilde casa. Pedi-lhe que ficasse conosco ao menos um dia inteiro. Manifestou-me grande desejo de falar com o senhor Padre Vicente. De bom grado ele a atenderá se for avisado a tempo do dia em que ela fizer o favor de vir.

---

C. 34 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Ver C. 28. O estudo dos diferentes artigos do contrato prolongar-se-ia durante um ano. O registro do referido contrato nos tribunais civis de Angers só foi feito a 18 de março de 1641.

Proporcionou-me grande alegria com a promessa de que é provável termos a honra de ver-vos por aqui, neste inverno. Assim o desejo, se tal for a vontade de Deus, na qual sou, senhor Abade vossa humilde e obediente filha.

C. 35 (L. 107)

*Ao senhor Abade de Vaux*

6 de setembro de (1640)

Senhor Abade,

Suponho que os Padres Administradores e os Administradores não levarão a mal que retiremos a nossa Irmã Turgis (1), porque, asseguro-vos é grande a falta que nos faz aqui e, se não fosse a doença de nossas Irmãs, há muito a teríamos pedido. Sabeis, senhor Abade, que esses senhores não estavam muito satisfeitos com sua permanência aí, de modo que, acredito mesmo que ficarão alegres com sua saída.

Peço-vos, humildemente: se alguém vir necessidade de ela ficar mais tempo, ou se ela mesma o desejar, removi esses obstáculos para que venha o quanto antes. Encarreguei-a de trazer as moças que vossa caridade julgou aptas.

Tivemos a honra da visita da senhora vossa irmã, porém, para minha pena, vindo sem avisar, chegou num dia em que o senhor Padre Vicente não estava em São Lázaro. Transmito-vos o pesar que ele teve por causa disso e eu também, por não saber informá-lo da residência da senhora du Plessis (2) e haver-me sido impossível pagar-lhe a vista, por causa de minhas contínuas doenças.

Tirando uma Irmã daí, penso diminuir-vos o trabalho. Ou, não vo-lo estarei aumentando? Tudo entrego nas mãos da divina Providência. A certeza da vossa caridade dá-me grande tranquilidade, pois, me faz esperar que me considerais, senhor Abade, como vossa muito obediente filha e serva.

---

C. 35 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) *Isabel le Goutteux, viúva Turgis (ver C. 11 n. 1).*

(2) *Senhora de la Brunetière du Plessis - Gesté, irmã do Abade de Vaux. Existiam relações de amizade entre as famílias de Marillac e du Plessis: a mulher de Miguel de Marillac (Bárbara de la Forterie) era originária do Maine.*

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 19 de setembro de (1640)

Senhor Abade,

Com razão podeis queixar-vos de minha aparente preguiça que retardou por tanto tempo meus agradecimentos, bem humildes, pelo trabalho que vossa caridade dispensou a nossa Irmã. Nem sei como deixei passar o dia do correio em que devia me dar a honra de vos escrever para, com toda humildade, pedir-vos que procureis persuadir os senhores do Hospital a concordarem que retiremos a Irmã Turgis, pelas razões que vos expus em minha última carta. Somos-lhes muito agradecida pela boa vontade que manifestam para com a Irmã Elisabeth (1). Parece-me, entretanto, que a pobre Irmã se sentiria melhor no clima daqui. Deixo, porém, este assunto inteiramente à vossa decisão. Asseguro-vos que nossa Irmã Bárbara, de Richelieu, tem todas as condições requeridas para dirigir essa pequena comunidade, com a única diferença de que não sabe escrever tão bem como a Irmã Turgis. É ela a irmã mais velha de Irmã Cecília (2).

Não sabia que vossa irmã havia perdido a demanda; mas a vi com disposições tão cristãs à espera do julgamento que me senti edificada. Novamente vos rogo, senhor, e bem humildemente: se Irmã Turgis ainda não partiu, peço-vos considerar tudo o que vos disse e dispor das duas Irmãs de que vos falei, como julgardes conveniente.

Perdoai-me a liberdade que uso para com vossa caridade, de quem sou, senhor Abade, mui humilde e obediente filha e serva.

---

*C. 36 Rc. 4 Carta autógrafa.*

*(1) Elisabeth Martin continua doente. Mademoiselle pensa em transferi-la. (ver C. 27 n. 1).*

*(2) Cecília Angiboust entrou para a Companhia das Filhas da Caridade uns anos depois de sua irmã Bárbara. Chegou a Angers em dezembro de 1639, ficando até outubro de 1657. As numerosas cartas de Luísa de Marillac, que ela guardou com muito cuidado, permitem seguir a história da Comunidade do Hospital. Em 1648, foi nomeada Irmã Servente da Comunidade de Angers. Voltando a Paris em 1657, foi enviada às "Casinhas" (Petites Maisons).*

*Observação: O Asilo des Petites Maisons era situado no local onde hoje existe uma Praça próxima ao Bon Marché, com "bocas" de metrô, pertinho da atual Casa Mãe. Abrigava 400 pessoas idosas e doentes, de ambos os sexos, atingidas de loucura, doenças venéreas e "tinha". (Nota da Tradutora).*

*Ao senhor Abade de Vaux*

Casa dos Expostos (1), 3 de outubro de 1640

Senhor Abade,

Fiquei muito aborrecida por Irmã Turgis ter deixado ai essa boa jovem. Eu lhe havia dito que não se prendesse com os gastos da viagem, caso houvesse apenas esse inconveniente. Se se apresentar oportunidade de mandá-la, a receberemos com prazer, assim como a outra de quem vossa caridade me fez a honra de falar. O bem-aventurado Bispo Francisco de Sales não proibiu a essas pobres criaturas a entrada em sua Ordem, como o ouvi de suas Filhas. Assim, cometeríamos um desacerto em não as receber.

Sinto haver demorado tanto em enviar o relógio, porém, parece-me, Senhor, que o havia deixado totalmente à vossa disposição, para dispordes dele, como também de tudo quanto se refira à direção das Irmãs que tanto têm a vos agradecer, e, eu com elas, por todo o cuidado com que vossa caridade tem beneficiado à minha miséria. Sois vós, Senhor, quem por vosso caridoso desvelo, as conduzis, com a graça de Deus, à prática do desapego que pudestes apreciar nelas, por causa dessa separação. Vede, Senhor, a necessidade que têm de vossa ajuda para cumprir a santíssima vontade de Deus, que parece desejar a permanência de Irmã Elisabeth (2), em Angers, pois, sua bondade lhe devolveu a saúde. Só por esse motivo nos propúnhamos tirá-la dai.

Começava a temer que estivesseis doente, e havia resolvido escrever à senhora vossa irmã (3) para ter notícias mais seguras de vós. Deus seja bendito por elas serem boas! Ele vos conceda a graça de conservá-lo para sua glória e amor no qual sou, senhor, vossa mui obediente filha e serva.

---

C. 37 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) A Comunidade encarregou-se das Crianças Abandonadas, a 30 de março de 1640.

(2) Elisabeth Martin que foi Irmã Servente da Comunidade de Angers (ver C. 27 n. 1)

(3) Senhora Du Plessis (ver C. 35 n. 2).

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, dia de São Dionísio (1640)

Senhor Padre,

Os amigos da mãe de uma de nossas crianças pressionam muito para que sejam canceladas, por mútuo acordo, as diligências judiciais iniciadas contra ela, embora ausente. Pedem que se lhes proponha o que deve ser feito para tirá-la dessa situação. Há um beneficiado (1) interessado no assunto, bem como o patrão da referida mulher.

Prometi dar-lhes uma resposta, isto é, se para servir de exemplo a outras, se procederá pelas vias da justiça e isso a melindrará bastante. Ou então, tomar-se-á o caminho mais indulgente: exigir que ela pague os gastos, que retome seu filho, interpondo uma pessoa que liquide suas dívidas e se responsabilize para que ela não faça nenhum mal à criança, mas a eduque como é obrigação sua e que dê à Casa alguma esmola. Por favor, peço-vos estipular a quantia.

Creio serem os interessados que a pagarão, por isso, parece-me conveniente exigir bastante, ou então, senhor Padre, antes de fazer a petição, dizer-lhe que eles mesmos fixem o preço do donativo. Tende a bondade de, sem deferência por ninguém, responder-me tudo isso, porque o senhor Leroy (2) o deixou à minha total disposição. Nesta obra quero proceder sempre segundo a obediência a vós, como Diretor das Senhoras da Caridade, a quem muito gostaria de ver reunidas todas as semanas, em casa. Se achardes bom, depois de me comunicardes o que decidistes as chamarei aqui para a resolução deste assunto. Ou então, se o quiserdes, toma-se o trabalho de passar aviso à nossa Irmã para que se encarregue de dizer-lhes que venham amanhã, às 11, hora em que o senhor Bret ficou de vir saber a resposta que estou esperando de vossa caridade.

A senhora Turgis (3) chegou ontem. Achais bom que a Irmã que ela trouxe faça aqui o Retiro espiritual junto com a que vos falou em Santa Maria, ou em cada do falecido Comendador? (4). Disse à boa Irmã de São Germano (5) que não podemos ter em casa pessoa descontente, nem que dêem mau exemplo às ou-

---

C. 38 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Beneficiado: o que tem um benefício eclesiástico.

(2) Um dos Administradores da Obra das Crianças Abandonadas.

(3) Elisabeth Turgis, chegada de Angers (ver C. 11 e C. 34).

(4) O Comendador de Sillery, falecido a 26 de setembro de 1640.

(5) Paróquia de Paris.

tras Irmãs e, que se quiser continuar (*conosco*) tem de mudar e nada pretender senão ir servir os pobres pelo menos por vários anos.

Todo o nosso dinheiro, o temos em moeda francesa e, pouquíssimo em ouro de lei. Muito desejo que Deus queira servir-se dele, se tal for sua santa vontade. Estive com a senhora de Villeneuve (6). Disse-me que lhe falaram de uma casa em La Chapelle; não sei se será a nossa. Se quiserdes ocupar-vos deste assunto, seria necessário que vos falássemos, antes de se sair dela (7), de todos os inconvenientes que tem e o que poderíamos adaptar, para que depois não viéssemos a nos arrepender. Suplico à bondade de Deus que nada se oponha e seus desígnios e eu seja, realmente, senhor Padre, vossa mui obediente filha e serva.

C. 39 (L. 7 bis)

### *Ao senhor Padre Vicente*

(28 de novembro de 1640)

Senhor Padre,

A senhora de Liancourt (1) comunicou-me que mandaria me buscar amanhã pelas oito horas. Peço mui humildemente, à vossa caridade dizer-me se alguma coisa me impede de ir vê-la. Também vos lembro do que vos disse, hoje, a respeito de nossas Irmãs. Isto é, que foi num dia como o de amanhã - há cinco ou sete anos (2) - que as primeiras Irmãs começaram a viver em Comunidade, embora bem pobremente. Esta tarde, tive um pensamento que me deu muita alegria: pela graça de Deus, elas estão melhores que no princípio. Assim, depois dos poucos anos que espero passar na terra, a Superiora que Deus lhes conceder atrairá sobre as Irmãs maiores bênçãos por seus bons exemplos. É o que de todo coração desejo e peço a nosso bom Deus e que eu possa ser até minha última hora... (*vossa humilde filha*) (3)...

---

(6) Sra. de Villeneuve, amiga de Luísa de Marillac. Fundou, em 1641, a Congregação das Filhas da Cruz. Morreu a 15 de janeiro de 1650.

(7) Tratava-se de comprar uma casa perto de São Lázaro, a fim de, para ela, ser transferida a Casa Mãe das Filhas da Caridade. (Ver Coste II).

C. 39 M. de São Paulo p. 21 cfr. C II, 143. Cópia.

(1) A senhora de Liancourt (ver C. 5|n. 2), amiga de Luísa de Marillac, por várias vezes a convidara para ir descansar em suas fazendas.

(2) Em novembro de 1638, o sr. Padre Vicente não se achava em Paris, por isso optamos pelo ano de 1640.

(3) Uma dificuldade ortográfica que o autógrafo apresenta, permitiria também a interpretação: "as que vierem depois atrairão..." Preferimos a outra versão, porque corresponde a um pensamento que Luísa de Marillac trazia bem no seu íntimo. Ver, entre outras, as Cartas 374 e 394. (N. da T.)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

La Chapelle, 21 de dezembro de 1640

Senhor Abade,

Louvo a Deus, de todo o meu coração, pelas bênçãos que sua bondade derrama sobre a caridosa solicitude que tendes para com a direção de nossas Irmãs. Receio sempre, um pouco pela aparente simplicidade de Irmã Clemência (1); espero que Deus vos faça ver as verdadeiras disposições de seu espírito. Também temo, pelas razões que indicastes, que a senhora Terrier se afaste do hospital. Porém, senhor, não haveria meio de fechar a porta do corredor que separa seu quarto de pequena cozinha das Irmãs? pois nele há uma chaminé. Além disso, ela pode servir-se da cozinha grande onde as Irmãs lavam as vasilhas dos pobres. Porque eu creio, senhor Abade, ser de grande importância convencer os senhores Padres a fazerem este arranjo antes que esta boa senhora saia da casa onde está. Não sei quem a aconselha a retirar-se, pois, acredito que possa prestar muito serviço a Deus na salvação das almas que aí vivem. Não tenho a menor lembrança de ela me haver proposto colocar Irmãs aí e, menos ainda, de lhe haver dado esperança de poder fazê-lo. Sei, sobejamente, que não podemos pensar nisso, não tendo Irmãs suficientes nem sequer para o serviço dos doentes. Admira-me que o médico se queixe de que as Irmãs não a acompanhavam nas visitas, sendo isso obrigação do senhor Nabulo. Não acredito que ele falte, nem deixe de ter o cuidado de depois avisar às Irmãs Aquilo de que os doentes necessitam. Entretanto, senhor Abade, rogo-vos mui humildemente, dar-vos ao trabalho de ordenar-lhes tudo o que julgardes ser preciso. É um grande obstáculo para as Irmãs que têm tão santa ocupação o querer aprender a ler e, por isso, ocorreu-me, às vezes, proibir durante muito tempo esse exercício, mesmo àquelas que já sabiam um pouco.

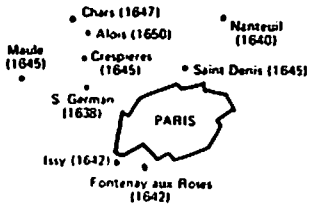
E certo que nossas cartas chegam um tanto atrasadas e creio que o endereço mais rápido e seguro é o de meu filho porque, ainda que não esteja em Paris, o correio não deixa de chegar ao Colégio de Bons Enfants.

Estou abusando de vossa paciência e rogo-vos perdoar-me e me façais a honra de crer que sou, senhor Abade, vossa mui humilde e obediente serva.

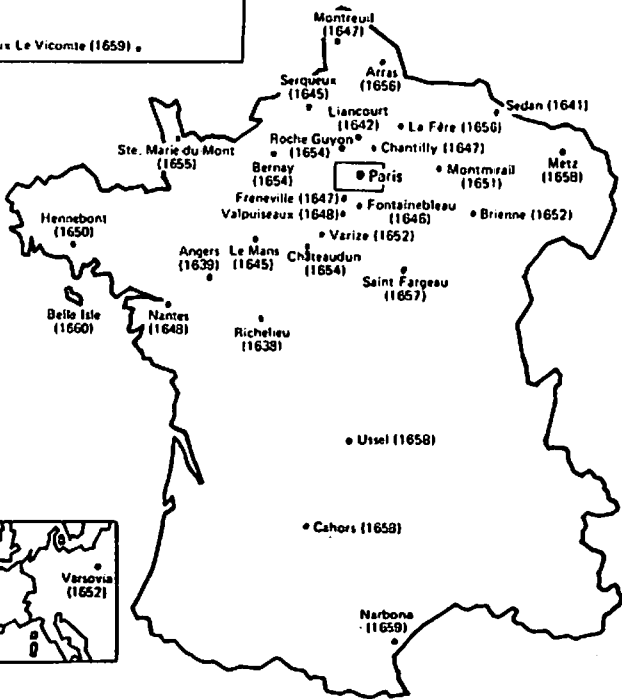
---

C. 40 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Clemência Ferré. Esteve em Angers de janeiro de 1640 a abril de 1644. Enviada depois a Liancourt e a Chars, em 1657.



Vaux Le Vicomte (1659)



1641

*Estabelecimento das Filhas da Caridade em Nanteuil-le-Handouin e em Sedan.  
Segunda visita do senhor Padre Lambert a Angers.  
Transferência da Casa Mãe das Filhas da Caridade para o subúrbio de São Dionísio, paróquia de São Lourenço, perto de São Lázaro.*

C. 41 (L. 56)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 4 de fevereiro de 1641

Senhor Abade,

O senhor Brouart falou-me sobre o boato havido em torno de nossas Irmãs; preocupa-me o motivo. Se houve falta da parte delas, suplico-vos, mui humildemente, que vos deis o incômodo de me avisar. Perdoai-me se vos escrevo com demasiada freqüência. Desta vez, faço-o sobretudo para cumprimentar-vos, com o maior respeito, no começo deste novo ano e para tomar a liberdade de vos remeter esta carta para as Irmãs. Receio que as que lhes tenho enviado, diretamente, se tenham perdido, pois, faz muito tempo que não recebo notícias delas. Entretanto, estou tranqüila porque estais na cidade e tenho certeza de que vossa caridade me avisaria se lhes houvesse acontecido algum mal.

O inverno vai passando sem que nos informeis se se realizará vosso projeto de vir a Paris e quando o será. De todo coração desejo que isso aconteça, se tal for a vontade de Deus na qual sou, senhor Abade, vossa mui humilde e obediente filha e serva.

*Ao senhor Abade de Vaux  
(Angers)*

Hoje, 28 de janeiro de 1641

Senhor Abade,

Apresento-vos meus mais humildes agradecimentos pelo trabalho que tivestes de me dar notícias de nossas Irmãs, avisando-me também de seus defeitos. É um dos maiores testemunhos que posso receber de que desejas nosso bem e o aperfeiçoamento dessas almas pelas quais Deus vos dá tamanha caridade. Vede nisso, senhor, a bondade da divina Providência que as colocou sob vossa direção. Seja ela eternamente glorificada!

Nossa Irmã Madalena (1) me falou a respeito das faltas de que são acusadas, de modo que vejo ser muito difícil poderem agir melhor, porque, há gente de sobra dando-lhes ordem. Essa foi uma das observações que fiz aos senhores Administradores: nunca poderiam ficar totalmente satisfeitos com os serviços que as Irmãs prestariam aos doentes, enquanto não confiassem nelas para isso. Porque, com muita frequência, o que um manda fazer, o outro o proíbe.

Senhor Abade, não é que eu queria desculpar as falhas das Irmãs; ao contrário, estou convencida de que cometeram outras, além das que sei. Não haveria um jeito - se esses senhores se queixassem a vós - de propor-lhes que no que toca ao serviço dos doentes, seja um só, por rodízio, que ordene as coisas menos importantes que possam ocorrer, e permitam que o prescrito pelo médico se execute, sempre que for possível às Irmãs, segundo seu método geral? A respeito da desunião entre elas, (*a Irmã Madalena*) nada me falou, nem tão pouco da queixa que têm da Irmã Clemência (2), embora me tenha dito que está bem mal em consequência de um tombo que levou na fonte; e, também, de alguma reclamação, sem importância, de Irmã Cecília (3) quando doente.

---

C. 42 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) *Madalena Mongert, de Sucy, em Brie. Foi enviada a Angers em março de 1640, nomeada Irmã Servente em outubro de 1641, em substituição de Irmã Martin. Teve dificuldade em dirigir a pequena Comunidade. Mademoiselle chamou-a a Paris, durante uns meses, em 1644. Depois da mudança de várias Irmãs do Hospital de Angers, voltou a assumir a responsabilidade da Comunidade, até 1648. Seu estado de saúde exigiu então que fosse substituída. E o foi por Irmã Cecília Angiboust. Morreu, em Angers, no final do ano de 1648.*

(2) *Clemência Ferré (ver C. 40 n. 1).*

(3) *Cecília Angiboust (ver C. 26 n. 2).*

Porém, o que julgo não ser o menor mal, é que as Irmãs doentes se deitam com os outros nas enfermarias. Não sei se isso pode ser tolerado. Suponho que o fazem para aliviá-las. Quando tiverem mais uma Irmã, em breve, se Deus quiser, terão meios de se cuidarem mutuamente. Elas e nós temos muitos motivos de agradecer a Deus, pelo descuido que originou o incêndio não ter causado maiores danos, conforme me disse ela. Estou certa de que existem ainda algumas invejas que são a razão de todas essas murmurações da cidade. Peço a Deus que façamos sua vontade, na qual, senhor Abade, sou vossa serva mui humilde e obediente.

P.S. - Nossas boas Irmãs me informaram de que nunca agem tão bem como no dia em que vossa caridade as visita; não vos digo isso, senhor, para aumentardes o trabalho que já vos dais, mas, para mostrar-vos uma fraqueza feminina. Se elas chegarem a se dar conta desse defeito, creio que seria motivo para vos encorajar.

C. 43 (L. 36)

*Às minhas queridas Irmãs  
Bárbara e Luísa (1)  
(Richelieu)*

Hoje, 1º de fevereiro de 1641

Minhas queridas Irmãs,

Fizestes muito bem em mandar-me de volta as cruzes que vos havia (entregue). Se vos devolvo as duas não completamente cheias de reliquias, é porque deixei lugar para as que possais ter.

Tive muito consolo em saber de vossas notícias, ao regresso do senhor Padre Vicente. Rogo a Deus, de todo o meu coração, que continue dando-vos suas graças e coragem para lhe serdes bem fiéis.

Recomendo-me às vossas orações e boas obras. Apresentai minhas humildes saudações ao senhor Padre Lambert e dissei-lhe que as duas jovens que nos enviou vão bem de saúde e, por sua vez, o cumprimentam. Rogo-lhe o favor de dar-nos, de vez em quando, notícias dos pais e amigos delas. Irmã Vicência (2) gostaria também de ter notícias de sua (ex) patroa.

---

C. 43 Rc.3 Carta autógrafa.

(1) Bárbara Angiboust e Luísa Ganset (ver C. 7 n. 1 e C. 15 n. 1).

(2) Vicência Auchy, natural de Richelieu; acabara de entrar na Companhia das Filhas da Caridade. Parece que sempre ficou em Paris, exceto alguns meses passados em Chars,

Pedi a nosso querido Senhor Crucificado conceder-me a graça de amá-Lo muito.

Nele sou, minhas queridíssimas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 44 (L. 115)

*Ao senhor Abade de Vaux  
(Paris)*

Hoje, 8 de fevereiro de (1641)

Senhor Abade,

Vossa caridade fez o favor de chamar-nos a atenção sobre o último artigo de nosso regulamento (1). Vo-lo devolvo para fazerdes o obséquio de modificá-lo como bem vos parecer. Perdoai-me se tomo tal liberdade, como também a de dizer-vos que, se ainda não tomastes um purgante, vos agradeceria se me permitisse prestar-vos o insignificante serviço de vos preparar o medicamento. Penso que deva ser feito com uma quantidade de sena de uns três escudos de peso posta em infusão, durante toda a noite, numa boa decoção de raízes refrescantes e aperitivas, acrescentando-se a esta mistura meia onça de xarope de flores de pessegueiro (o boticário daqui me deu um bom xarope), ou na falta deste, igual quantidade de xarope de rosas amarelecidas. Creio porém ser necessário que antes desapareça a dor provocada pela fluxão, ou ao menos que tenham passado sete dias desde que começou, para não provocar outra. Que estareis dizendo de mim, senhor, que estou dando uma de doutora? A liberdade que vossa caridade me concede inspira-me também a certeza de que não há de vos parecer mal, uma vez que sou vossa humilde filha e obediente serva.

---

*no ano de 1652. Não sabia ler, nem escrever: "assinou" com uma cruzinha na ata de ereção da Companhia, a 8 de agosto de 1655.*

C. 44 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Ver Cartas 23 e 34.

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 9 de fevereiro de 1641

Senhor Padre,

Finalmente, aqui está, cheia de boa vontade, a nossa boa Irmã Maria (1). Acho-a um tanto cansada pelo excessivo trabalho desses últimos oito dias. Está com medo de ir embora sozinha (2) e pesarosa de não poder mais morar com suas Irmãs. Isso porém sem queixas, nem murmuração, sem nenhuma oposição à obediência. Somente deixa transparecer receio.

Eu porém sou menos dócil que ela, pois, a decisão que tomastes de nunca enviar uma Irmã sozinha, tenho-a tão gravada no meu espírito, que julgo necessário mandar uma outra com ela. Pode adoecer durante a viagem ou, uma vez chegada, pode encontrar pessoas ruins que pensem mal dela e lhe dêem algum desgosto. Além disso, como não somos insensíveis e já não é pouco que estas boas moças tenham tudo deixado, pode assaltar-lhe a tristeza e, sem ter com quem desabafar-se, é de se temer que caia em desalento. Temo ainda que isso possa ser prejudicial às outras que poderiam dizer que não nos preocupamos muito com as Irmãs, quando as deixemos partir completamente sós. Por todos esses motivos, senhor Padre, tomo a liberdade de pedir-vos que reflitais sobre o assunto, para ver se há um meio para que seu caso sirva de exemplo que anime as outras. A viagem não ficará muito dispendiosa porque, além dos dez escudos que trouxe, há oito dias, entregou, ontem, outros tantos.

Quando às suas despesas, como estão acostumadas a contentar-se com pouco para sua alimentação, creio que, por pouco que dêem para uma, chegará para a outra viver. Logo trabalharão para conseguirem o que faltar, pois, ainda que tivesse muito trabalho e doentes em São Germano, a Irmã Maria achava tempo para lavar roupa para fora e assim, ganhava algo. Havia pensado, senhor Padre, se o achardes bom, dar-lhe como companheira a Irmã Clara, a gorda. É

---

C. 45 *Arquivo da Missão. Cópia de escrita e pontuação modernas.*

(1) *Maria Joly, uma das primeiras Filhas da Caridade, apresentada pela senhora Gous-sault, mais ou menos em 1632. Serviu os pobres nas paróquias de Paris; São Paulo, São Germano. Em 1641, foi escolhida para a nova implantação de Sedan. Ficará aí até outubro de 1654. De volta a Paris, viveu na Casa Mãe. Assinou a Ata de ereção da Companhia e, na Conferência sobre as virtudes de Bárbara Angiboust, deu seu testemunho.*

(2) *Em Sedan. Esta cidade outrora protestante, acabava de retornar à fé católica, após a abjuração do duque de Bouillon, em 1634.*

aquela que foi vos falar em Santa Maria para vos pedir que fosse admitida, e sua mãe a acompanhava. Tem um caráter bastante dócil e creio que as duas se darão bem, juntas. Peço-vos, humildemente, terdes a bondade de dizer-me se concordais e em que dia poderão partir e se é preciso mandar reservar seus lugares na diligência.

Sinto muito dar-vos esta preocupação estando vós doente. Peço a nosso Deus que vos cura. E sou, senhor Padre, vossa muito humilde e agradecida serva.

P.S. - A Irmã que vos propus para ir com Irmã Maria Joly sabe ler, ao passo que ela não; poderia dar aula para as meninas pobres. Se vossa caridade pensar em outra, fazei-me o favor de me indicar e se há um meio de dar uma companhia à nossa boa Irmã Maria.

C. 46 (L. 37)

*Ao senhor Abade de Vaux  
(Paris)*

22 de abril de (1641)

Senhor Abade,

Exatamente na hora em que recebia a carta que me destes a honra de escrever-me, pensava numa orientação que vossa caridade me dera. Isso me confirma no pensamento que vos expus na última vez que tive a honra de ver-vos e falar-vos sobre o assunto desta vossa carta. Sendo assim, senhor, e já que o desejais, escreverei, quarta-feira, a nossas Irmãs e deixarei o nome em branco, para que Deus se digne dar-nos a conhecer qual de nossas Irmãs Cecília ou Madalena (1) quer Ele seja a substituta de nossa querida Irmã Elisabeth cuja separação, de fato, me entenece o coração. Tenho-a por boa e verdadeira serva de Deus. Vossa caridade terá então a bondade de preencher o nome.

Admira-me que os senhores Administradores nada me tenham comunicado a respeito de sua moléstia, quando me enviaram os documentos da fundação, que recebi na semana passada (2) e que, por não virem endereçados para

---

C. 46 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) *Cecília Angiboust e Madalena Mougert. Esta última foi escolhida para substituir Elisabeth Martin que saiu para se tratar.*

(2) *O contrato com o Hospital e o Regulamento das Filhas da Caridade que foram registrados a 18 de março de 1641, no cartório da Senescalia de Angers.*

vós, pensei que já tivésseis regressado. Queira Deus que os motivos que vos prendem por aqui redundem em sua glória. Gostaria, senhor Abade, de não vos fazer perder tempo: ele vos é tão precioso. Portanto, basta-me, com o conhecimento que Deus me deu de vossa caridade, estar convencida de que a exerceis em favor de quem é, verdadeiramente, no amor de Jesus Crucificado, a última e a mais obediente filha e serva.

C. 47 (L. 56 bis)

*Ao senhor Abade de Vaux  
(Paris)*

Hoje, quarta-feira (23 de abril de 1641)

Senhor Abade,

Já não tenho em meu poder a carta para nossas Irmãs, pois, desde ontem mandei levá-la à vossa casa. Qualquer que seja o estado de nossa Irmã (1), parece-me necessário escolher uma outra para seu lugar. Suplico-vos humildemente, senhor Abade, não penseis que (2) ao deixar o nome em branco estivesse usando de uma deferência cerimoniosa, mas estava persuadida de que devia fazê-lo assim, para agir de conformidade com a vontade de Deus. Creio que se o senhor Padre Vicente aqui se achasse, faria o mesmo. É verdade que tenho pensado em Irmã Cecília ou Irmã Madalena; porém, para nomear uma ou outra, é necessário se ter dela conhecimento semelhante ao que Deus vos deu desde que as Irmãs têm a honra de estar sob vossa direção. Como vereis, senhor, não lhes proponho a referida Irmã senão temporariamente, porque, não deixo de pensar que o senhor Padre Vicente vai enviar uma (3) das que estão em Richelieu que é das mais antigas e capacitadas de toda a Companhia. É necessário porém, aguardar sua volta que não será até a próxima semana. Aliás, também não posso assegurar que isso vá ser resolvido depressa.

Ontem, recebi de novo notícias da gravidade de sua doença - refiro-me à nossa Irmã - isso me confirma na idéia que vos expus mais acima. Não obstante, se a Providência permitir que regresseis para lá, terei grande consolo. Então, será mais conveniente que vossa caridade lhes comunique, oralmente, esta ordem.

---

C. 47 *Autógrafo que está em São Nicolau de Metz.*

(1) *Irmã Elisabeth Martin (ver carta precedente).*

(2) *No autógrafo, há uma palavra riscada.*

(3) *Luisa de Marillac continua pensando em Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1).*

Os senhores não me falaram que a ausência de nossa Irmã causará transtorno no serviço dos pobres. Penso, portanto, que uns doze ou quinze dias não prejudicariam.

Ah! senhor Abade, quanta confusão me causa vossa caridosa humildade! Servos-ia agradecida se agísseis de outro modo para comigo que, pela graça de Deus, conheço boa parte das disposições que sua divina bondade tem outorgado a vossa alma; por isso, seja Ele glorificado eternamente.

Em seu santo Amor, senhor Abade, sou vossa humilde e obediente filha e serva.

C. 48 (L. 41)

*Petição apresentada  
Ao Exmo. Sr. Chantre da  
Catedral de Paris  
por Mademoiselle de Gras*

(maio de 1641)

Ao senhor des Roches, Chantre de Nossa Senhora de Paris  
Senhor,

Lúisa de Marillac, viúva do senhor Le Gras, secretário da Rainha Mãe do Rei, suplica, humildemente declarando: que o grande número de pobres existentes no subúrbio de São Dionísio inspirou-lhe o desejo de ocupar-se de sua instrução; considerando que as meninas pobres, permanecendo na ignorância, é de se temer que ela fomente a malícia que as torne incapazes de cooperar com a graça na sua salvação; em atenção a isso, digno-se, Exmo. Senhor, outorgar à suplicante a licença que o caso requer, com a esperança de que Deus será glorificado, se os pobres puderem enviar livremente suas filhas à escola, sem ter que pagar quantia alguma e sem que as pessoas ricas lhes possam impedir tal benefício, não querendo que as mestras que ensinam às suas, as recebam em suas classes, com tanta liberdade. Essas almas resgatadas com o sangue do Filho de Deus, se obrigarão a rezar por vós, no tempo e na eternidade.

*Resposta do senhor Chantre (1)*

Miguel Le Masle, Conselheiro do Rei em seus Conselhos de Estado e Parti-

---

C. 48 *Compilação de trechos...* p. 536. *Cópia.*

(1) A resposta foi dada em latim, na mesma folha da petição.

cular, Prior e Senhor das Rochas de São Paulo, Chantre e Cônego da insigne e Metropolitana Igreja de Paris, à nossa amada Mademoiselle Le Gras, residente na Paróquia de São Lourenço (2), de Paris, saudação em Nosso Senhor.

Sendo de nossa competência e pertencendo-nos, em razão de nossa dignidade de Chantre da referida igreja de Paris, a colação (3) e governo das escolas primárias da cidade, subúrbios e bairros de Paris, e, tendo-vos achado digna de abrir e dirigir escolas, depois de detido exame por nossa parte, do ditame de vosso pároco e testemunho de outras pessoas fidedignas e tendo conhecimento de vossa vida, costumes e Religião Católica, nós vos concedemos, para este fim, nossa autorização e outorgamos a faculdade de dirigir escolas e ensinar na rua chamada bairro de São Lázaro, no subúrbio de São Dionísio, com a finalidade de ensinar somente às meninas pobres e não a outras e, de educá-las nos bons costumes, leitura, gramática e outras piedosas atividades, tendo antes prestado juramento de dirigir fiel e diligentemente as ditas escolas, segundo nossos estatutos e leis. As presentes serão válidas somente até o próximo sínodo. Dado em Paris e selado com nosso selo e o do Mestre João Le Vasseur, notário apóstolo, nosso escrivão e secretário ordinário, no ano de Nosso Senhor de mil seiscentos e quarenta e um, vinte e nove dias do mês de maio.

Por ordem do senhor Chantre, meu senhor.

Le Vasseur

C. 49 (L. 388)

### *Às Irmãs de Angers (1)*

(1641)

Mui queridas Irmãs,

Creio que sentireis um pouco a ausência de nossa querida Irmã Elisabeth (2), embora estejais contentes por ser a nossa querida Irmã Madalena (3) que ocupa, por enquanto, o seu lugar. Por minha parte, louvo a Deus de todo coração e vos convido a lhe serdes muito cordiais e submissas, vendo-a como aquela de

---

(2) O contrato de compra da casa do subúrbio de São Dionísio foi assinado no dia 6 de setembro de 1641.

(3) Colação, isto é, concessão de direito, de título, de grau. (N. da T.)

C. 49 Manuscrito A. Irmã Chétif 1, n° 7. Cópia.

(1) As cópias feitas por Margarida Chétif, após o falecimento de Luisa de Marillac, não indicam o nome das destinatárias, para guardar reserva e discrição: a maioria delas vivia ainda.

(2) Elisabeth Martin (ver C. 27 n. 1).

(3) Madalena Mongert (ver C. 42 n. 1).

quem deveis receber as ordens para cumprirdes bem o vosso (dever). Só com isso, minhas Irmãs, encontrareis ocasião de praticar muitas virtudes e adquirir grande perfeição. E, descuidando desse ponto, nada podereis fazer de bom. Se por vezes tiverdes pequenas dificuldades ou desgostos, examinai-vos sobre esse ponto e vereis, minhas Irmãs, como essa falta é a causa de tudo, juntamente com um pouco de amor próprio. É coisa má esse amor próprio: faz-nos perder toda razão e, às vezes, até esquecer-nos de Deus. Se algumas se virem atormentadas por inquietações e fraquezas, em nome de Deus, peço-vos recorrer logo à oração e serdes bem fiéis às Regras e práticas de virtude nas quais tendes de exercitar-vos. Comunicai, fielmente, vossas dificuldades ou penas a vosso diretor, a quem deveis olhar como se ocupasse o lugar de nosso Anjo da Guarda ou então, à Irmã encarregada; nunca porém às outras. Recomendai-me às orações de nossas Irmãs.

C. 50 (L. 45)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 6 de junho de 1641

Senhor Abade,

Peço-vos humildemente perdão por ter perdido, ontem, a oportunidade de enviar a resposta que desejáveis, com urgência. Não me aborreci por não terdes julgado apta a jovem que cuidava do senhor Pichery. Ao contrário, sim, o estou, e muito, pelos melindres espirituais de nossas Irmãs. Rogo-vos ver se encontráis um meio de ajudá-las a se curar de mal tão perigoso.

Sei que o rio Loire não dista muito daí; assim, se os médicos acham que esse remédio é necessário à nossa Irmã e nada tiverdes a objetar a isso, parece-me, senhor, que seria bom experimentá-lo, contanto que julgueis conveniente que os senhores Administradores lhe dêem uma moça e não uma Irmã para fazer-lhe companhia. Pois, como o dissestes muito bem, não se vê como as seis restantes possam dar conta do serviço dos pobres. Entretanto, se se chegar a perceber que sua vida corre perigo, nesse caso sim, creio, senhor, haveríeis de proporcionar-lhe o consolo de ter a seu lado uma de nossas Irmãs.

Deus seja louvado pela perseverança que dá a essas jovens que desejam ser das nossas. Se a que vossa caridade chama do Espírito Santo é a boa Margarida Deshaies, será muito bem recebida. Se não é ela, rogo-vos, humildemente, fazer

---

C. 50 Rc. 4 Carta autógrafa.

o obséquio de informar-vos bem a seu respeito, pois sabeis as consequências que há em serem admitidas, nas Comunidades, pessoas sem as devidas condições. Quanto às outras, minha memória é tão fraca, não me lembro do que vossa caridade me tenha dito sobre elas. Por isso, vo-lo suplico, não duvideis de que receberemos, com muita alegria, as que julgardes boas. Por favor, cuidai de que não seja o desejo de conhecer Paris que as mova a vir, nem tão pouco a necessidade de afirmar-se na vida. Que também sejam bem fortes. Depois que partistes, seis nos foram apresentadas; delas umas estão adoentadas e outras são demasiado jovens. Excelentes moças, porém sem condições de prestarem aos pobres todo o serviço necessário.

O senhor Padre Vicente, quando regressou, encarregou-me de retribuir-vos, respeitosamente, as recomendações e de vos cumprimentar em seu nome. Rogo-vos desculpar-me não havê-lo feito antes. Peço-vos, como de costume, a caridade de (fazer-me) participante de vossas santas Missas e de oferecer a nosso bom Deus o designio que tem sobre essas pobres servas, para que não ponham obstáculos à sua execução, e, que eu possa, com liberdade, redizer-me, senhor Abade, vossa mui humilde e obediente filha e serva.

P.S. - Senhor, depois da carta escrita, lembrei-me que queria pedir-vos, com todo respeito, a bondade de falar com essas boas jovens sobre a mudança de vestuário. Temos uma senhorita de boa família e das mais ricas que não opôs a isso a menor dificuldade. Esse exemplo parece ser um testemunho manifesto da necessidade desta uniformidade.

C. 51 (L. 46)

*À minha querida Irmã Elisabeth Martin  
Filha da Caridade que serve os pobres doentes,  
no Hospital São João  
Angers*

Hoje, 5 de julho de 1641

Minha mui querida Irmã,

Parece mesmo que sois muito de Deus, pois, sua misericórdia se exerce, continuamente, sobre vós. Sede corajosa e não vos deixeis levar ao tédio, na esperança de que Deus saberá tirar sua glória de vossas misérias. Quanto a mim, querida Irmã, quando me vejo, com freqüência, objeto de correção da divina justiça, meu consolo é poder servir de exemplo aos que estiverem prestes a ofen-

---

C. 51 Rc. 3 Carta autógrafa.

der a Deus, como já o fiz, vendo que não Lhe escapam, os que transgridem sua vontade. Sede bem alegre, vo-lo peço, e, não vos preocupeis com o que se passar no Hospital enquanto estiverdes ausente. Se as Irmãs quiserem falar-vos em particular, aconselhai-as a terem afeição e confiança na Irmã Madalena (1).

Suplico a nosso amado Jesus Crucificado que nos prenda fortemente à sua Cruz, para que, unidas intimamente a Ele em seu santo amor, nossos pequenos sofrimentos e o pouco que fizermos o sejam com amor e por seu amor, no qual sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 52 (L. 59)

### *Ao senhor Abade de Vaux*

(julho de 1641)

Senhor,

Eu me havia inteiramente esquecido de dar resposta ao desejo de mortificações corporais manifestado por nossas boas Irmãs. Por favor, compete-vos, Senhor, regulá-las segundo suas necessidades porque, de ordinário, não se lhes permite, com facilidade, senão a disciplina que serve, como diz nosso bem-aventurado Pai, para despertar a devoção. Envio-vos dois cilícios e seis cinturões. Creio que algumas já os possuem. Vossa caridade verá de que maneira e qual a oportunidade de usá-los, porque há tantas coisas a serem consideradas que não se pode, daqui, dar regras. Esperamos a boa jovem (1) que tendes a caridade de enviar-nos. Queira Deus que não custe tanto a acostumar-se como a Irmã Renata (2). A informação que vossa caridade me deu a respeito dela, serviu-me bastante. Recomendo-me, de modo mui especial, às vossas santas orações, por uma necessidade ordinária e causada por minhas infidelidades a nosso bom Deus. Porém só a experimento quando Ele permite se apresentem ocasião para me fazê-la conhecida. Isso me faz perceber como é duro à natureza o conhecer-se a si mesmo. Entendeis-me bastante, senhor, para compreender a verdade do que vos digo e para que vossa caridade se comova e peça misericórdia a nosso bom Deus por minha pobre alma, pelos méritos de Jesus Crucificado, em cujo amor sou, vossa mui humilde e obediente filha e serva.

---

(1) *Madalena Mongert (ver C. 42 n. 1) desempenhava o ofício de Irmã Servente enquanto Elisabeth Martin se tratava.*

C. 52 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) *Margarida Deshaies. Não perseverou na vocação de Filha da Caridade.*

(2) *Irmã jovem que chegou a Paris em outubro de 1640.*

P.S. Senhor, esquecia-me de dizer-vos que não vejo possibilidade de ajudar daqui a essas duas pobres jovens arrependidas. E é muito perigoso, para pessoas assim, virem a Paris. A pobre moça de que vos falei, fizeram-na sair da casa de Monsenhor de la Grandière. Queira Deus que continue bem!

C. 53 (L. 35)

*Ao senhor Padre Vicente*

(agosto de 1641)

Senhor Padre,

Hoje, começaram seu Retiro, cinco ou seis Irmãs. Entretanto, quase todas dizem já estar preparadas para se confessar. Também deseja fazê-lo a Irmã Bárbara (1), para ganhar o Jubileu nesta semana, pois na anterior, não se achava com bastante disposição para isso. Rogo-vos dizer-me se achais bom todas irem a La Chapelle (2) e, lá receberéis as que julgardes conveniente ou então, se mando apenas as que se dizem bem prontas e as outras ficarão esperando. Parece ser-me necessário conversar convosco, antes de mandar a senhorita du Mée (3).

Sou vossa mui humilde e agradecida filha e serva.

P.S. - Todas prefeririam ir agora, com receio de não poderem ver-vos noutra ocasião.

C. 54 (L. 58 bis)

*À Irmã Elisabeth Martin  
Uma das Irmãs da Caridade  
que cuidam dos pobres doentes em Angers*

1º de agosto de (1641)

Caríssima Irmã,

Deus seja bendito por vossa melhora! Por seu santo amor, tende cuidado

---

C. 53 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Bárbara Angiboust que havia regressado de Richelieu (ver C. 7 n. 1).

(2) A Casa Mãe ainda estava em La Chapelle.

(3) A senhorita du Mée, Dama da Caridade, que se ocupava das Crianças Abandonadas.

C. 54 Autógrafo que está em São Nicolau de Metz.

convosco, e, crede que um dos meios para isso é permanecer na alegria, conformando-vos, inteiramente, à santíssima vontade de Deus, sem vos inquietar com coisa alguma. Pedi, com simplicidade, as coisas de que necessitardes e não vos aflijais pensando que vossas doenças vos tornam inútil, pois, ninguém, exceto vós mesma, pensa em tal coisa.

Tive grande satisfação em conversar com o bom senhor Avril. Rogo a nosso bom Deus continue concedendo-vos as graças que outorga a todas. Encarrego-vos de encorajar as Irmãs à perseverança e sobretudo a terem entre elas uma paz grande e cordial.

Agradeço-vos a bonita colher de ouro (1) que me enviastes; com satisfação a estou usando. Não duvideis de minha amizade, no amor de nosso caro Jesus Crucificado que, como o sabeis é a união de nossos corações. Isso me faz estar frequentemente a vosso lado. Pedi-lhe por mim, querida Irmã. Consultai o senhor Abade para saber agir, a respeito do que me dissestes sobre Irmã Madalena (2) e segui, amorosamente, seu conselho. Desejo-vos, de todo coração, a perfeição no santo amor, no qual sou, minha queridíssima Irmã, vossa humilde irmã e serva.

C. 55 (L. 66)

### *Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 7 de agosto de 1641

Senhor,

Expus ao senhor Padre Vicente vosso desejo de que o senhor Padre Lambert (1) vá visitar nossas boas Irmãs. Disse-me que lhe escreverá a respeito e que, quando ele for, os dois resolverão juntos sobre o restabelecimento de Irmã Elisabeth (2) ou então, ao contrário, seja preciso uma mudança de ar, para sua saúde. Falei-lhe também das mortificações exteriores, a fim de determiná-las, além das que julgardes necessárias a cada uma, em particular. A ele lhe parece, senhor, que enquanto (as Irmãs) puderem, não falem aos jejuns da Igreja, nem à

---

(1) *Tratava-se de uma colher de cobre, o que, naquele tempo, era, sem dúvida alguma, um luxo quase desconhecido. À parte as baixelas de prata, nas casas dos grandes, o que se usava, costumemente, eram colheres de madeira de buxo.*

(2) *Madalena Mongert que sucedeu Elisabeth Martin, na direção da Comunidade.*

C. 55 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) O sr. Padre Lambert (ver C. 22 n. 2)

(2) Elisabeth Martin, depois do repouso exigido por sua saúde (ver C. 50).

abstinência das sextas-feiras e, que, quando sua saúde o permitir, usem o cilício de cintura nas segundas-feiras, somente pela manhã e tomem a disciplina nas sextas.

Felizmente e graças a Deus, nossa jovem (3) chegou! Espero que acertel! Agradeço-vos, mui humildemente, o trabalho que tivestes com ela.

Não basta à vossa caridade atender, com tanta solicitude, às necessidades de nossas Irmãs que, estão aí servindo os pobres, mas, por vosso intermédio, Deus no-la dá também às que estamos por aqui. Em nome de Deus, rogo-vos: não deixeis de dar atenção aos pensamentos que sua bondade vos inspirar em favor desta obra e, fazei-nos assim, a caridade de oferecê-la a Deus, sem cessar, juntamente com as pobres pessoas que Ele escolheu para colocá-las aí. Vede que vos falo por meu próprio interesse, com um sincero sentimento de minhas indigências e a cordial confiança que deveis ter naquela que, no amor de Jesus Crucificado, é, senhor, vossa mui humilde e mui obediente filha e serva.

P.S. - Esquecia-me de dizer-vos que expus ao senhor Padre Vicente a dificuldade de uma de nossas Irmãs para se dirigir, de bom grado, a um confessor. Suspeito tratar-se do senhor Padre Pichery. Disse-me que era mister fazê-la perder esses melindres. Suplico-vos, mui humildemente, senhor Abade, que se acontecer semelhante dificuldade, tomeis o trabalho de fazê-las compreender o mal que há nisso. Com relação ao que vos disse sobre o Padre Lambert, receio que as ocupações do senhor Padre Vicente ponham algum (obstáculo) à sua ida a Angers. Por isso, senhor, agi como for necessário em relação ao restabelecimento de Irmã Elisabeth. Se bem vos parecer, podereis encarregá-la de falar e receber as pessoas de fora.

C. 56 (L. 67)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, quarta-feira 7 de agosto (1641)

Senhor Padre,

Aí tendes uma carta de nossa boa Irmã de Sedan (1). Rogo-vos o obséquio de lê-la e fazer a caridade de proporcionar-lhe algum consolo. Li para nossas Irmãs tudo o que podia servir-lhe de estímulo pelo seu exemplo. Parecia-me vê-

---

(3) *Margarida Deshaies (ver C. 52 n. 1).*

C. 56 Rc.2 *Carta autógrafa.*

(1) *Maria Joly que saíra de Sedan em fevereiro (ver C. 45 n° 1).*

las - como se diz - semelhantes a soldados quando ouvem o toque de alerta, sobretudo a Irmã Henriqueta (2), que embora ainda em Retiro, preferiria partir hoje em vez de amanhã. Se julgardes a propósito que eu escreva à senhora de Bouillon (3), ela o deseja, tende a caridade de dizer-mo. Espero me fareis também o favor de eu poder falar-vos ao menos no sábado ou domingo, a fim de me preparar para o início de meus 51 anos, nos quais entrarei na próxima segunda-feira, dia de Santa Clara, se Deus me conservar a vida.

O senhor pároco de São Germano d'Auxerrois (4) mandou me perguntar se uma senhora poderia vir fazer aqui o retiro espiritual. Não sei se seu marido pensa fazê-lo em vossa casa. Pelo que me disseram, são pessoas que passaram por grandes aflições; não sei porém o nome delas. Disse-lhe que amanhã lhe daria resposta, depois de me haver comunicado convosco. Fazei-me o favor de dizer-me o que hei de responder e, lembrai-vos de que sou vossa mui humilde e mui agradecida filha e serva.

P.S. - Há cinco Irmã aqui, fazendo o Retiro: Henriqueta (2), Margarida de São Lourenço (4), a parenta do senhor Cura de Geve, Cláudia Laurraine, que trabalha com as crianças e a de Angers (5). Na sexta-feira, de manhã ou após o almoço, poderiam se confessar; umas farão confissão geral, outras de quatro ou cinco anos. Determinareis, senhor Padre, quando poderá ser (6).

C. 57 (L. 8)

*Ao senhor Padre Vicente*

(agosto de 1641) (1)

Senhor Padre,

Envio-vos uma carta de Irmã Aimée de Troyes que seus irmãos não quiseram levar. Suplico-vos, humildemente, o favor de dizer-me quando essa boa Senhora de quem ela fala, deverá ir e se tenho de dar-lhe dinheiro e quanto para seus gastos e para seu lugar, na diligência.

---

(2) *Henriqueta Gesseume* (ver C. 86 n° 1).

(3) *A senhora de Bouillon, cunhada de Turenne. Seu marido foi um dos promotores da Fronda.*

(4) *Paróquia de Paris.*

(5) *Margarida Deshaies* (ver C. 52 n° 1).

(6) *O senhor Padre Vicente respondeu na mesma folha. (Coste II, 178).*

C. 57 Rc. 2 *Carta autógrafa. Dorso: 5° feira.*

(1) *Depois de 1641? Parece que a Casa Mãe já não está em La Chapelle.*

Como pensava que Deus me proporcionaria hoje ocasião de falar convosco, fiquei vendo as reiteradas faltas que cometo. Pareceu-me também, meu Honoratíssimo Pai, que (esta oportunidade) devia servir para dar a conhecer à vossa Caridade o quando preciso ser ajudada para cumprir a santíssima vontade de Deus; pois, de mim nada há que esperar, absolutamente nada, senão o que vós quiserdes fazer-me a honra de ordenar-me, porque, disso, parece-me, nosso bom Deus me concede a graça de lembrar-me.

Uma das coisas que mais me urgem, é pedir-vos conselho sobre como devo agir com nossa boa Irmã Bárbara (2) e dizer-vos que ela tem grande necessidade de falar convosco, pois, creio não terá sossego enquanto não o fizer. Se puderdes ir a La Chapelle neste sábado, far-nos-íeis grande benefício.

Receio muito que nossa Irmã Margarida (3), a senhorita, acabe por desequilibrar-se de todo. Se não vos causasse demasiado incômodo, eu desejaria vos falar antes e ficaria mais tranqüila.

Vossa Caridade podia se lembrar das anotações que me prometeu para ajudar-me a falar às Irmãs duas ou três vezes por semana e procurar assim animá-las. Sinto que mereço grandes castigos por todas as faltas que elas cometem. Pedi a Deus uma outra que possa servi-las melhor, vo-lo suplico com lágrimas nos olhos! Há tantos anos Deus me concede a graça de falar-me através de vós e eu continuo como sou! Por favor, suplicai-lhe misericórdia para minha pobre alma que Ele colocou em vossas mãos para ser sempre, senhor Padre, vossa mui humilde e mui agradecida filha e serva.

C. 58 (L. 107 bis)

*Ao senhor padre Vicente*

Hoje, 11 de setembro de [1641]

Senhor Padre,

O desejo que a boa Mademoiselle de Chamillac me expressou de que vossa Caridade pedisse a Deus por ela, leva-me a suplicar-vos, com muita humildade, ajudá-la na maior dificuldade que até agora enfrentou, pois, segundo acabam de dizer-me, está agonizando. Se não fosse por isso ser a santíssima vontade de Deus, à qual quero, inteiramente, submeter-me, diria que perco muito com a morte dessa boa criatura. Em vista disso, rogo-vos fazer-nos a caridade que

---

(2) Bárbara Angiboust voltava de Richelieu (ver C. 52 n. 1).

(3) Margarida Deshaies (ver C. 52 n. 1).

C. 58 Rc. 2 Carta autógrafa.

vossa bondade nos leva a esperar e da qual estamos tão necessitadas. Não deixarão de sempre se apresentar ocasiões para vo-la impedirem, a não ser que nos façais a honra de esperá-las...

Perdoai-me esta liberdade, efeito do temor que, com freqüência, me assalta de que talvez seja permissão da divina Providência que nos vejamos privadas deste bem. Suplico a Deus, com todo meu coração, que nos conserve o que em vós nos foi dado e sou vossa mui obediente filha e serva agradecida.

C. 59 (L. 49)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 17 de setembro de 1641

Senhor Abade,

Creio já terdes regressado a Angers ou estais no ponto de fazê-lo e ainda não pude responder à última carta que vossa caridade teve a gentileza de enviar-me. Mostrei-a ao senhor Padre Vicente, que me disse querer dar-vos a resposta; porém, seus muitos trabalhos e suas doenças não o permitiram ainda. Espero, senhor, possa fazê-lo pelo próximo correio. É-me impossível expressar-vos o consolo que sente seu coração, vendo vossa bondade nesse humilde ministério que Deus parece vos haver confiado para o bem de seus queridos pobres e no qual me considero tão feliz por participar. Vo-lo agradeço, com humildade. Continuai, senhor Abade, por obséquio, esse bem, pedindo a nosso bom Deus a graça de que eu faça bom uso das luzes que vossa caridade me dá, pois sou, senhor, vossa mui humilde filha e obediente serva.

C. 60 (L. 51)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 18 de outubro de 1641

Senhor,

Suplico-vos, humildemente, a bondade de falar com nossas Irmãs, se vos

---

C. 59 Rc. 4 Carta autógrafa.

C. 60 Rc. 4 Carta autógrafa.

parecer oportuno, que não passem tanto tempo sem nos escrever. Temo que as prejudique o permanecer sem comunicar-se conosco, de modo especial, durante vossa ausência.

Importa, senhor, confiarmos na divina Providência, pelo que possa ocorrer se os Revmos. senhores Padres Reformados (1) aí se estabelecerem. Quanto a enviar agora uma de nossas Irmãs, parece-me que tereis de esperar um pouco, por causa da estação que aqui está cruel. Por esse motivo, temo por vossa viagem. Suplico a Deus, com todo o meu coração, vos conserve e sou em em seu santíssimo amor, senhor Abade, vossa mui humilde e obediente serva.

C. 61 (L. 53)

### *Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 23 de outubro de 1641

Senhor Abade,

Somente ante-ontem recebi vossa carta de 25 de setembro e, por isso não sei exatamente onde vos encontrais no momento. Entretanto, sinto-me obrigada a agradecer-vos todas as vossas caridosas atenções. Confesso-vos que senti desgosto por ter sido necessário experimentar uma mudança de clima para melhorar a saúde de nossa boa Irmã Elisabeth (1). Admira-me não ter tido, desde então, nenhuma notícia por parte dos senhores Administradores, nem de nossa Irmã Madalena (2). Aguardarei que nos peçam lhes enviemos outra Irmã ou, que vossa caridade me dê a honra de dizer-me se nossas Irmãs precisam dela. Transmiti ao senhor Padre Vicente o desejo dos senhores Administradores do Hospital dos Pobres, que haja Irmãs nossas para servirem os referidos pobres (3). Ele me pediu que vos dissesse que, se dispuséssemos de número suficiente

---

*(1) O Hospital de Angers foi fundado e dotado em 1153 por Henrique II Plantagenêt, Conde de Anjou e Rei da Inglaterra, em reparação do assassinato de Tomas Becket. Os religiosos que se encarregaram dele no plano espiritual, pouco a pouco foram se relaxando e, para reavivar seu fervor, solicitou-se o envio de alguns Cônegos Regulares de Santo Agostinho, reformados pelo Cardeal de la Rochefoucauld.*

C. 61 Rc. 4 Carta autógrafa.

*(1) Elisabeth Martin. Irmã Servente de 1640 a 1641, que acabava de partir para Richelieu (ver C. 27 n. 1).*

*(2) Madalena Mongert, a atual Irmã Servente (ver C. 42 n. 1).*

*(3) Noutra casa chamada Hospital dos Pobres Recolhidos.*

de Irmãs a coisa seria viável, (com muito prazer) (4). Porém... não poderão eles esperar assim tanto tempo. Se for verdade o que me fizeram pensar, que vos verem em breve por aqui, vos falarei sobre isso mais amplamente.

Creio, senhor Abade, que nossa boa Irmã Madalena (2) precisa muito de que a ajudem a adquirir as disposições que vossa caridade me indicou e das quais tem grande necessidade. Por isso, senhor, suplico-vos, se o julgardes a propósito, antes de partir, tende a bondade de falar algo sobre isso com a pessoa em quem ela tem confiança.

Estivemos com o senhor Padre Lambert que nos disse estar muito satisfeito com a viagem que fez a Angers. Continuamente, Deus nos dá notícias da caridade que não cessais de exercer junto dessas almas que tanto necessitam dela. Tenho motivos para louvar a Deus, admirando os desígnios de sua Divina Providência, em cujas mãos quero abandonar o acontecimento da mudança que, no campo espiritual, se quer fazer no São João. Creio, senhor, que não poderão realizá-lo sem autorização do senhor Bispo de Angers. Sendo assim, vossa Caridade terá de intervir, o que me dá completa tranqüilidade.

Há dois dias, lembrei-me de que a senhora Du Plessis (5), vossa irmã, honrou-me com uma carta; não lhe respondi ainda. Se Deus quiser o farei pelo próximo correio. Ajudai-me, vo-lo peço, para que ela me perdoe e, dai-me, senhor, a honra de crer que, em verdade, sou vossa mui humilde filha e obediente serva.

C. 62 (L. 48)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sábado de manhã (outubro 1641) (1)

Senhor Padre,

Esqueci-me de falar-vos que a senhora Traversay (2) me mandou dizer que vos lembrasse do papel dos galerianos a ser levado ao senhor Procurador Geral.

---

(4) *Palavras riscadas no autógrafa.*

(5) *Senhora Du Plessis (ver C. 35 n. 2).*

C. 62 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) *Coste dá à carta a data de outubro-novembro de 1641. Respostas de São Vicente em Coste II, 167.*

(2) *Sra. de Traversay, em solteira, Ana Petau, Dama da Caridade; ajudou São Vicente na Obra das Crianças Abandonadas, dos Galés etc. Depois da morte da senhora de Villeneuve, ocupou-se das Filhas da Cruz e fundou o Mosteiro da Conceição, na rua Saint Honoré.*

E, (*me esqueci também*) que uma das Irmãs que devem se confessar, hoje, para o Jubileu, é a da Normandia, conterrânea de um rapaz que está no Seminário. Por sua bondade e simplicidade, às vezes, ele lhe envia recomendações. Antontem, pela manhã, mandou lhe dizer que ela fosse falar-lhe; não ousei permitir-lhe sem autorização vossa. Deu-lhe também algumas estampas, porém penso que é porque não as podia guardar, eu as guardei, à espera de ordem vossa.

Senhor, suplico-vos, humildemente, presteis atenção no que me disse o senhor Abade de Vaux a respeito do estabelecimento das religiosas de Santa Genoveva e, se não seria conveniente propor aos senhores Administradores pedirem ao senhor Bispo de Angers a aprovação dos serviços e residência das Irmãs no Hospital. Poderão apresentar como desculpa por não o haverem feito até o momento, o terem querido, antes, fazer uma experiência. Digo isso com receio de que os Administradores intentem fazer de nossas Irmãs religiosas, tendo medo, pois, agora não mais está lá nossa boa Irmã Elisabeth, sendo fácil convencer as outras (3).

Por favor, tende em conta também que há apenas seis Irmãs para o trabalho, dado que a sétima está doente e, nem os senhores Administradores, nem elas pedem outra, nem mesmo o senhor de Vaux.

Tende igualmente a bondade de dizer-me o que devo responder à boa senhora de Vertus (4), porque o mensageiro parte hoje. Sou, senhor Padre, vossa mui humilde e agradecida filha.

P.S. - Por favor, dizei-me a que hora as nossas Irmãs devem ir a La Chapelle (5). Tive ontem a alegria de ver a senhora de Chantal (6); não sei o que nosso bom-Deus fará de mim que sou tão infiel e cheia de pecados.

---

(3) *Luísa de Marillac expressa novamente seus temores na carta seguinte.*

(4) *Catarina Fouquet, viúva de Cláudio de Bretanha, conde de Vertus e de Göello, primeiro barão da Bretanha, conselheiro de Estado, morreu em Paris, a 6 de agosto de 1637. Ela também morreu em Paris, a 10 de março de 1670, aos 80 anos.*

(5) *A mudança da Casa Mãe para a rua do subúrbio São Dionísio, ainda não se efetuará, porque o edifício necessitava de reformas.*

(6) *Joana Francisca Frémiot de Chantal (ver C. 63 n. 2).*

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 9 de outubro (ou novembro)(1)

1641

Senhor,

Bem vejo que teremos de renunciar à esperança de ter-vos por aqui, visto que a boa senhora de Chantal (2) segue segunda-feira para Moulins. Deus seja bendito por tudo!... Estranha-me não haver recebido notícias de nenhum desses bons senhores Pais dos Pobres Doentes (*Administradores*) depois da saída de Irmã Elisabeth (3). Talvez estejam desgostosos e por isso não pedem outra Irmã para substituí-la. Muito vos agradeceria, senhor, se pudésseis informar-me sobre isso. Peço a Deus que encontre sua glória no estabelecimento desses bons Religiosos (4), ai. Permiti-me expor-vos o pensamento que me foi sugerido pelo que tivestes a bondade de dizer-me. Não vos pareceria conveniente, em vista do futuro, que, se esses senhores reconhecem que seus pobres estão bem servidos, eles mesmos falem ao senhor Bispo de Angers sobre o estado em que se encontravam antes da chegada das Irmãs e, tendo querido, para desengargo de consciência, remediar semelhantes desordens, resolveram experimentar antes o serviço delas. Essa é a razão por que nada lhe comunicaram. Porém, após dois anos de experiência, satisfeitos com elas, desejariam que o serviço fosse continuado por ordem dele e com seu consentimento. Para isso, seria necessário que as aprovasse. Não sei se me engano, mas, parece-me que tal coisa nos poria a salvo de muitos planos que poderiam ser feitos, porque, havendo Religiosos, creio que, com o correr do tempo, possam desejar ter Religiosas. Não é, senhor, que me aborreceria com isso, mas sim, que se servissem de nossas Irmãs para transformá-las em religiosas e pelas consequências que adviriam para nosso humilde projeto. Talvez seja esta uma previsão humana. Porém, sei muito bem a

---

*C. 63 Rc. 4 Carta autógrafa.*

(1) *Luisa de Marillac deve ter-se equivocado com a data, porque a senhora de Chantal deixou Paris no dia 11 de novembro de 1641.*

(2) *Joana Francisca Frémiot de Chantal, Fundadora com Francisco de Sales da Ordem da Visitação, nasceu em Dijon em 1572 e morreu em Moulins a 13 de dezembro de 1641. Tanto Vicente de Paulo como Luisa tinham grande estima por esta serva de Deus.*

(3) *Elisabeth Martin (ver C. 27 n. 1) saiu em descanso para Richelieu.*

(4) *Os Cônegos Regulares de Santo Agostinho Reformados (ver C. 60 .n. 1).*

quem confio esse meu pensamento, que vossa Caridade, por favor, aprovará ou condenará.

Causaste-me certa perplexidade, falando-me dessa boa condessa. Que vos pode dizer minha ignorância senão que eu não conheço nenhum Padre ou diretor? Que achais dos Padres Jesuítas? A não ser eles, conheceis o senhor Padre Renard, um dos primeiros dos bondosos senhores Padres das Conferências e acostumados às Missões? É muito apreciado como Diretor e, entre outras, o é da senhora de Marillac, a jovem (5), que é exemplar em virtude. Quanto ao que se refere ao senhor Padre Vicente, realmente, não dispõe de tempo suficiente para atender, de maneira satisfatória, quem começa a entregar-se à devoção.

Posso atrever-me a pedir-vos uma explicação sobre as últimas palavras de vossa carta que me fazem duvidar de vosso estado: “de hoje a seis meses”? As vicissitudes desta vida deveriam ter suficiente poder para fazer-nos desejar a estabilidade da eternidade, para isso preciso muito de vossas santas orações, assim como para continuar sendo, senhor, vossa mui humilde e obediente filha e serva.

1642

*25 de março: primeiros votos de Luisa de Marillac e mais quatro Filhas da Caridade. Estabelecimento das Filhas da Caridade em Issy e Fontenay-aux-Roses.*

C. 64 (L. 55)

*Ao senhor Abade de Vaux  
(Angers)*

Senhor Abade,

Certamente, há uns quinze dias, tereis recebido a resposta da carta que vossa Caridade me escreveu antes da do dia 18 do mês passado, que tardou muito a chegar em minhas mãos. E para responder a esta, começo agradecendo-vos vossa caridosa solicitude. Continuo com minhas habituais doenças e um tanto mais embaraçada em trabalhos, o que me impediu de dar uma resposta completa à vossa carta anterior. Se assim foi, senhor, rogo-vos desculpar-me.

---

C. 64 Rc. 4

Receio um pouco a familiaridade do senhor Pichery (1); que ele não chegue a habituar-se a entrar nas dependências e ofícios das Irmãs para lhes pedir suas pequenas comodidades. Isso me parece perigoso; estando eu ainda aí, já havia começado um pouco. Se vossa Caridade quiser fazer o favor de vos informar do que ocorre, para tomar as medidas que vos parecerem necessárias...

Vós me confundis, sr. Abade, querendo que meu pobre parecer influa nas ordens que vossa bondade deve dar às Irmãs. Penso que quereis humilhar meu orgulho. Dir-vos-ei, pois, a respeito da devoção de Irmã Madalena, que acho que poderia, com facilidade, rezar cada dia dois mistérios do terço e, ao cabo da semana, completaria os quinze mistérios se, ao sábado, rezar três. Quanto a deitar-se na palha, parece-me ser mais uma sombra de mortificação, que verdadeira mortificação.

A respeito da nossa Irmã que deseja pertencer à confraria de São Francisco, isso a obrigaria a sair, e, parece-me que a Companhia na qual estão, as inclui em todas as outras confrarias. Entretanto, se não virdes inconvenientes nas saídas, tal coisa não se opõe, em nada, às suas regras, porque não há (*nelas*) obrigação (*nesse sentido*).

Não sei o que vos dizer sobre aquela que vos pede o cilício de cintura. Não vos parece, senhor, se achardes que precisa disso, que poderia contentar-se com duas ou três horas por dia? Ignoro se ela toma disciplina. Vós sabeis que nosso Bem-aventurado Pai (2) o aconselhava.

Acho não ser nada aconselhável que as Irmãs entrem, de manhã, em jejum, nas enfermarias. Nos dias de jejum de preceito, penso que, às de boa saúde, lhes bastaria tomar ou, simplesmente, cheirar um pouco de vinho, ainda que só na Quaresma.

Quanto às que pedem ouvir a santa Missa fora de casa, não seria possível celebrar-se no hospital uma Missa às 9 ou às 10 horas? É o que se faz no Hospital Geral daqui. Temo (*se estabeleça*) o costume de sair.

Sinto muito que o meu tempo me impeça de enviar ajuda a nossas pobres Irmãs; fá-lo-ei o quanto antes possível.

O senhor Padre Vicente não esteve em Richelieu e ignoro se pretende ir até lá. Peço a Deus que oriente, para sua glória, o assunto que voz faz pensar em vir aqui e espero de vossa bondade que a lembrança de minhas necessidades vos mova a apresentá-las a Deus, em cujo amor sou, senhor, vossa mui humilde filha e obediente serva.

---

(1) Senhor Pichery: sacerdote confessor das Irmãs.

(2) Francisco de Sales.

C. 65 (L. 114)

*Ao senhor Abade de Vaux  
(Paris)*

(Fevereiro de 1642)

Senhor,

Creio que o senhor Padre Vicente vai reunir aqui, amanhã, nossas Irmãs e eu teria grande satisfação em que vossa Caridade visse todo o grupo. Porém, o temor de não vos poder falar, me faz avisá-lo do seguinte: se achardes melhor, poderíeis fazer o favor de vir, vós mesmo, falar-lhe diretamente do desejo daqueles Senhores ou então, deixaríeis para depois, esse incômodo. Somente amanhã nos será designada a Irmã (1) que deverá ir para Angers. Agradeço-vos, senhor, vossa caridade que espero me ajudar a viver a Quaresma e também vos agradeço as cartas que tivestes a bondade de escrever-me. Minhas importunações não abalam vossa caridade. Espero ter a honra de ver a senhora de Marillac antes da festa que me indicastes.

Queira Deus se cumpra sua santa vontade em vosso trabalho, E, é nela que sou vossa mui obediente filha e serva.

C. 66 (L. 58)

*Ao senhor Abade de Vaux*

7 de março de 1642

Senhor,

Sinto muito não poder enviar, no momento, senão uma Irmã (1) para Angers. Espero que possa seguir na próxima segunda-feira, pois, se apresenta a

---

C. 65 Rc. 4 Carta autógrafa.

*(1) Cláudia Brigida. Temperamento inclinado aos escrúpulos. Esteve em Angers de março de 1642 até finais de 1644. Destinada à paróquia de São Bartolomeu, em Paris, nos princípios de 1646, foi escolhida para Le Mans em maio, voltando para Angers, em junho. Na sua passagem por Angers, em agosto do mesmo ano, Luisa de Marillac levou-a para Nantes. Em 1648, encontramo-la em Chantilly por ocasião da morte de Irmã Turgis. Em 1655, foi para São Dionísio.*

C. 66 Rc. 4 Carta autógrafa.

*(1) Cláudia Brigida (ver Carta anterior).*

oportunidade de que uma de minhas amigas (2) vai a essa cidade para um assunto. Se estivésseis aí, a encaminharia a vós, rogando-vos, humildemente, lhe desse recomendação vossa para apresentar-se às Carmelitas (3) e aí fazer-se religiosa. Poderá ser admitida sem receio, tanto pelo dote que poderia levar, como pelos outros obstáculos que poderiam ser impugnados a uma pessoa de quem nada se saiba. Não fosse ser ela tão jovem para ficar vivendo no mundo e não percebesse eu que seu atrativo para as carmelitas é verdadeira vocação, faria o possível para que ficasse conosco. Tem uma irmã santa nesta Ordem e lhe oferece recebê-la, porém, como seu tempo de priora, seis anos, terminou, não quer fazê-lo até à eleição da nova Priora. Isso requer mais tempo do que ela está disposta a permanecer no mundo, seja porque desconfia de suas forças, seja porque teme que seus pais voltem atrás na permissão que lhe deram. Deseja enclausurar-se o mais depressa possível e aproveita para isso a ocasião dessa viagem. Portanto, senhor, rogo-vos a bondade de escrever umas palavras à Reverenda Madre Priora em seu favor e também, se vos parecer oportuno, que nossa Irmã vá se apresentar aos Pais dos Pobres (4) igualmente protegida por vossa recomendação. Se soubesse a hora em que poderia encontrar-vos, a enviaria para receber vossa bênção, que também peço para mim, por amor de Deus, em quem sou vossa mui humilde e obediente filha e serva.

C. 67 (L. 61)

### *Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 1º de abril de 1642

Senhor,

De coração, peço a Deus recompensar vossa caridade para com aquela viúva (1), pela glória que Ele poderá receber, se ela fizer bom uso da graça que, com vossa ajuda, conseguiu. Creio ser justo que ela ofereça um bom presente para a Igreja, sobre o que, me parece, nada lhe falaram. Vejo-me ainda na necessidade de importunar-vos, rogando-vos me façais o obséquio de poder falar convosco

---

(2) Senhora Raffy (ver Carta seguinte).

(3) As Filhas do Carmelo.

(4) Os Administradores do Hospital.

C. 67 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Senhora de Raffy, viúva, amiga de Luisa de Marillac. Queria ingressar, como carmelita em Angers, em cujo Carmelo uma de suas irmãs era Priora. Porém, a senhora de Raffy não chegou a acostumar-se a essa nova vida.

sobre este assunto, antes de vosso regresso.

Perdoai-me, senhor, esta liberdade e tantas outras amolações que vos dou: sirvo só para isso, embora seja, verdadeiramente, vossa mui humilde e obediente serva.

C. 68 (L. 62)

*Ao senhor Abade de Vaux*

22 de abril de 1642

Senhor Abade,

Julgava a nossa viúva (1) mais generosa do que o demonstrou. Dá-me muita pena e, tenho a certeza de que, se conversastes com ela, verificastes a grande necessidade que tem de se afastar do mundo, pelo menos durante uns anos. Não posso livrar-me do que sinto pelo trabalho que vos dei com tudo isso e, entretanto, vejo-me obrigada a suplicar-vos, humildemente: vede se seria conveniente que ficasse como pensionista em alguma instituição religiosa e, se possível, em Angers, onde estaria tão bem como em outro lugar. É um pensamento que me ocorreu enquanto vos estou escrevendo, porém, rogo-vos, senhor, não o leveis em conta, se não for essa vossa maneira de ver. Agradeço-vos, com humildade, as notícias de nossas Irmãs. Se os senhores Administradores de São João vos falarem em chamar de novo a Irmã Elisabeth (2) a quem um deles foi visitar em Richelieu, rogo-vos não lhes deis esperança de que tal coisa possa acontecer. Vejo nisso muitos inconvenientes. Peço-vos ter a bondade de vos lembrar do que vos disse a respeito de nossa Irmã Cláudia (3) e de que sou, senhor, vossa muito obediente e humilde serva.

---

C. 68 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Senhora de Raffy (ver. C. 67 n. 1).

(2) Elisabeth Martin (ver. C. 27 n. 1).

(3) Cláudia Brigida (ver. C. 65 n. 1).

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

9 de maio de 1642

Senhor,

Vossa Caridade não se cansa de dedicar-se em todos os campos. E eu me acanho de sempre estar sendo um aumento de trabalho para vós, pelo que vos peço perdão. Encontrarei excusas nos designios da divina Providência que de novo quis colocar em vossas mãos a nossa pobre viúva (1), que tão bem conheceis, graças a Deus. Creio já terdes visto também, que ela precisa muito ser alertada sobre as ilusões de seu espírito. Espero saiba aproveitar dos sólidos conselhos que vós lhe dais, uma vez quem por experiência, viu a inutilidade dos recebidos por pessoas que não a conheciam. Seria para ela uma grande honra acompanhar a senhora vossa irmã (2) em seu regresso, caso julgueis que não lhe seja conveniente ficar em algum mosteiro. Não posso ocultar-vos, senhor, que estou um tanto preocupada com o que será dela. Se ao menos se resolvesse a viver no mundo como verdadeira viúva, aparentando-o inclusive exteriormente, seria uma vantagem para ela, não o julgais assim? Rogo-vos, humildemente, o favor de falar-lhe sobre isso.

Proporcionastes às nossas Irmãs um grande consolo, permitindo-lhes uns dias de retiro espiritual. E, porque assim o desejais, vos direi, com toda simplicidade, como as daqui empregam esses dias: fazem duas meias horas de oração na parte da manhã em momentos diferentes e outra meia hora às cinco da tarde. Os assuntos são tirados do livro de nosso Bem-aventurado pai (3). Depois que se tenham confessado, lhe são propostas meditações sobre a vida e morte de nosso Senhor. A meditação que fazem antes da confissão é uma longa oração de Granada (4) para obter de Deus uma verdadeira contrição. Quanto às leituras nos dias que precedem a confissão são temas que movam à penitência e via punitiva. Mandamos uma Irmã fazer a leitura para as que não sabem ler. Após a confissão, a leitura é tirada de Gerson (5) ou outro livro semelhante, que excite

---

C. 69 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) *Senhora de Raffy* (ver C. 67 n. 1).

(2) *Senhora de la Brunetière du Plessis-Gesté* (ver C. 35 n. 2).

(3) *"A introdução à vida devota"* de São Francisco de Sales, Bispo de Genebra.

(4) *Padre Luis Granada, dominicano espanhol.*

(5) *Autor espiritual.*

ao amor de Deus. Ao menos uma vez por dia, se lhes faz dar conta (*da meditação*) e se lhes aconselha que, de uma meditação a outra, mantenham o pensamento no tema que acabam de rezar. Que tomem resoluções não apenas gerais, mas particulares, segundo suas necessidades e, de modo especial sobre a prática das virtudes próprias a seu gênero de vida, maneira de imitar as ações do Filho de Deus e as de sua Santa Mãe, seus patronos, em todos os seus atos.

Fazem as orações vocais de costume e trabalham ou, às vezes, passeiam um pouco. Eis, senhor Abade, de maneira sucinta, como empregam o tempo (*nos dias de retiro*). Entretanto, não leveis isso em conta e ordenai (*a nossas Irmãs*) o que nosso bom Deus se digne inspirar-vos. Peço-vos perdão por todo esse discurso tão pouco ordenado: estou extremamente apressada.

Ainda uma vez, agradeço vossa caridosa solicitude. Rogo-vos acrediteis que, tão logo possamos dispor de Irmãs, não deixaremos de vo-las enviar. Estamos sempre na mesma penúria, devido ao grande número das que necessitam aqui.

Nossa boa Irmã Ana (6), vinda de Angers, tem estado gravemente enferma. Espero que Deus no-la conserve. Há quase dois meses está de cama. Não posso escrever a nossas Irmãs por este correio, só me resta tempo para vos pedir, humildemente, que apresenteis a nosso bom Deus minhas grandes necessidades e também me concedais a honra de ter-me por vossa mui obediente e humilde filha e serva.

C. 70 (L. 68)

### *Ao senhor Padre Vicente*

(beirando maio de 1642)

Senhor Padre,

O advogado Belot prevê que o caso de Irmã Ana vai causar aborrecimento e receia haja algum processo porque parece que o senhor Ruisseau e os moradores importantes (1) querem que ela fique lá. Ela acredita que seu irmão, o executor do testamento da pessoa que fez legados para a obra e seus herdeiros estão contra e esse ponto de honra os fará desentender-se. Não seria possível

---

(6) Ana Vallin, uma das numerosas postulantes de Angers. Sua vida é pouco conhecida: esteve em São Dionísio com Bárbara Angiboust (ver Conferência de 27 de abril de 1659); em 1659, estava em Paris.

C. 70 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Os moradores de Fontenay aux Roses.

mandardes alguém conversar com o senhor Cura a quem ela disse que eu não aprovava que ele fosse à sua casa e ela lhe falasse, assim como ao senhor Ruisseau? Não creio que queiram fazer nada contra ao que vós propuserdes. Sinto muito não haver desconfiado de um espírito tão desleal.

Nossa Irmã Ana, da paróquia de São Sulpício, também natural de Lorena, veio ver-me ante-ontem, para me pedir que a retire de lá. Como motivo, disse-me ter demasiado trabalho e contradições. É verdade que os Senhores que operam nessa Caridade as menosprezam muito. Suspeito que essa boa Irmã de Fontenay lhe haja falado ou feito falar, porque está pretendendo arrastar alguma com ela.

A senhora d'Humières (2) está resolvida a esperar que o possais, para se confessar. Já lhe disse que não estais bem, porém confia que, em qualquer dia da próxima semana, o conseguirá fazer. Gostaria de ter resposta disso amanhã.

Dizei-me, por favor, o que devo fazer com nossa Irmã Ana de São Sulpício; parece-me que ela tem muita pressa.

Somos felizes por nosso bom Deus vos ter dado um coração de pai para tolar-nos, e, a mim em particular, que sou, senhor Padre, vossa humilde filha e serva agradecida.

C. 71 (L. 128)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, terça-feira de tarde  
(beirando junho de 1642)

1 - Irmã Henriqueta (1) deverá ir para Sedan antes do vosso regresso e devemos chamar a Irmã Gillete? Neste caso teríamos de mandar duas para lá?

– *Penso que sim. (3)*

2 - Se Irmã Bárbara (4) deve permanecer nos Galerianos, será necessário

---

*(2) Luisa de Marillac recebia as Senhoras da Caridade para fazerem, em sua casa, Retiros Espirituais.*

C. 71 Rc. 2

*(1) Henriqueta Gesseaume (ver C. 86 n. 1).*

*(2) Gillete Joly. Estava em Sedan com sua Irmã Maria Joly.*

*(3) O Padre Vicente responde nos espaços em branco deixados por Luisa de Marillac entre cada pergunta.*

*(4) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1).*

enviar um terceira Irmã, visto que Irmã Bárbara está fraca e adoentada?

– *Penso que seria bom; dentro de poucos dias, duas bastarão, porque os galeiranos irão embora logo.*

3 - É necessário dizer ao senhor Procurador Geral a causa da proibição de sair, feita à Irmã Henriqueta?

– *Sim.*

4 - Não se poderia dar uma ordem para que nossas Irmãs de São Sulpício (5) não fiquem tão sobrecarregadas (*tendo de levar*) remédios aos doentes não atendidos pela Caridade? Há cinco ou seis pessoas a lhes darem ordens; isso acrescentando aos desprezos que lhe dão e às contínuas suspeitas que se tem delas, as desanimam muito. Não haveria um jeito de fazê-las mudar de quarto?

– *Quando eu voltar, farei a senhora Duquesa (6) ciente disso; a não ser que prefiraís falar-lhe vós mesma.*

5 - Como farei para retirar a Irmã Ana?

– *Vós o vereis.*

6 - Quando a senhora do Chanceler for a Fontenay, seria conveniente dizer-lhe alguma coisa? Como falarei com a Irmã Ana? E se for no tempo em que eu estiver com as Crianças Abandonadas, não seria preferível que ela fosse até lá e não ficasse na Casa, por receio de que ela apronte alguma confusão?

– *Tereis de lembrar à senhora do Chanceler e fazer como o dissestes: Levar a Irmã para as crianças abandonadas.*

7 - Que Irmã colocar em seu lugar? Se for a Irmã Joana Leprinte (8) não se teria de lhe falar do toucado? Se ela aceitar vir à condição de poder usar uma touca, por causa da doença que tem na vista, poderá lhe ser concedido que use uma de estamenha (9) preta? ou mandamos vir a Irmã Pedrita de São Germano por causa do seu conflito com o senhor Cura, do qual é preciso lhe falar?

– *Favor chamar Joana Leprinte e propor-lhe essa espécie de touca. Entretanto, não deveis tocar tão depressa em São Germano.*

8 - Como agir com as Irmãs, que, pelo menor descontentamento que têm, falam em ir-se embora?

– *Na primeira conferência que lhes fizer, trataremos de remediar esse defeito, se Deus quiser.*

9 - Deverei falar com a senhora Lote da necessidade que vamos ter de seu quarto se todos os meninos e suas amas vierem para cá? Há cerca de um mês não o ocupa porque não se lhe mandou colocar persianas.

---

(5) *Paróquia de Paris.*

(6) *A duquesa Aiguillon (ver C. 12 n. 1).*

(7) *Ver a carta anterior.*

(8) *Joana Leprinte (ver C. 75 n. 1).*

(9) *Estamenha: tecido grosseiro de lã. (Nota da Tradutora).*

– *Fareis bem.*

10 - Resolverão as Senhoras, durante vossa ausência, a compra ou aluguel de uma casa para as Crianças?

– *Se elas o quiserem.*

11 - Reuniremos todas as Irmãs para que, conversando juntas, familiarmente, se encoragem umas às outras e reconheçam as faltas que cometem tanto no serviço aos pobres, como no comportamento com as Damas e a cordialidade entre elas?

– *Experimentai fazê-lo, se vos parece oportuno.*

12 - Devemos, e quando, receber as duas jovens que se apresentam, particularmente a da Senhora Henriqueta?

– *Quando julgardes oportuno.*

13 - As Crianças Abandonadas, agora, estão tendo pão com fartura; poderemos tirar dele para nós ou para isso, será preciso falar com as Damas ou pelo menos com a senhora Duquesa?

– *À senhora Duquesa.*

14 - Se as amas e as crianças vierem para cá farão suas despesas à parte, ou agiremos como em La Chapelle, para evitar reclamações sobre o que poderia ter tomado por uns ou por outros?

– *Creio ser conveniente assumirem suas próprias despesas.*

15 - Se for preciso algum conserto na lareira que o Padre Portail (10) já viu, pode-se fazê-lo?

– *Sim, se o desejais, mandaremos fazer.*

16 - A quem poderei me dirigir se acontecer alguma dificuldade? Que ele esteja avisado para não aquiescer a meus sentimentos e inclinações, mas, atese, totalmente, à direção de nosso Honoratíssimo Superior.

*Ao senhor Padre Portail e eu lhe direi.*

17 - O senhor Conde de Lannoy (11) quer ter a certeza de que lhe será enviada a ajuda solicitada.

– *Tende a bondade de propô-lo à senhora Herse (12), pois me esqueci de falar-lhe sobre isso.*

18 - A senhora Beaufort pergunta como comportar-se com os tesoureiros da paróquia de Santo Estêvão (5) que quiserem assistir, em corporação, à prestação de contas da tesoureira e à eleição dos novos membros da Diretoria ou, pelo menos, indicar, por eles, um procurador da Caridade para assistir aos referidos atos?

---

(10) O sr. Padre Portail (ver C. 117 n.º 1).

(11) O conde de Lannoy, governador de Montreuil-sur-Mer. As Irmãs só foram para esta cidade em 1647.

(12) A senhora de Herse (ver C. 222 n. 1).

– *Se o puder, fará bem em protelar a reunião até que o tesoureiro termine seu tempo.*

19 - Suplico-vos, mui humildemente, senhor Padre, procureis um jeito para que seja aqui que eu possa ter a honra de falar -vos, para que todas as Irmãs da Casa se animem a portar-se bem, pela alegria de sua santa bênção. Asseguro-vos que temos necessidade dela. Gostaria muito de saber qual a hora melhor para vós. Gostaria que soubésseis quanta apreensão me causa vossa viagem, para que, diante de Deus, possais consolar o coração de vossa pobre filha e agradecida serva.

– *À noitinha, tratarei de estar em vossa casa; porém, de passagem, vos digo que sois uma mulher de fé muito fraca e que sou vosso servo.*

C. 72 (L. 102)

*À Irmã Cláudia (Brígida) primeira (1)  
Irmã da Caridade que serve aos pobres doentes  
no Hospital São João de Angers*

(beirando junho de 1642)

Mui querida Irmã,

Compartilho a pena que estais sofrendo por vossos abatimentos de espírito e vossa tristeza. Espero que, interiormente, façais bom uso deles e peço a Deus, de todo coração, vos conceder essa graça. Quisera, minha querida Irmã, que me pudésseis comunicá-los, assim como os pensamentos que eles suscitam em vós e procuraria ajudar-vos porque, talvez, tenha eu tido inquietações semelhantes. Rogo-vos procureis esquecê-los, ao invés de fomentá-los. Nosso inimigo mortal, o diabo, aproveita, com frequência, de tais ocasiões para insuflar-nos esses desgraçados pensamentos e seu fim principal é que, sem que o suspeitemos, nos arrefeçamos no serviço de Deus, sobretudo para impedir-nos de perseverar em nossas boas resoluções e, na sua maldade, chega até a procurar fazer-nos perder nossa vocação, que é a coisa mais temível e perigosa para nossa salvação. Por isso, querida Irmã, aconselho-vos a que vos esforceis o quanto possível, para superar tão deplorável tentação, pedindo ao Espírito Santo a alegria, um dos (*frutos de*) seus sete dons. Permanecei sempre ocupada, dedicando-

---

C. 72 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) *Cláudia Brigida* (ver C. 65 n. 1). A expressão “primeira” tem como objetivo distinguir as diversas Irmãs do mesmo nome (*Cláudia*). *Luisa de Marillac* utiliza pouco os sobrenomes.

vos à prática exata de vossas regras e, sobretudo, tendo uma confiança grande e cordial nos conselhos de nosso bom senhor Abade (2) e em nossa boa Irmã Madalena (3) a quem agora não escrevo, mas, cumprimento, de coração, juntamente com todas as nossas Irmãs.

Peço-vos que vos ameis umas às outras e tenhais grande desvelo tanto pelos doentes do hospital, como pelas Irmãs, cada uma em particular. Compaço-me de nossa boa Irmã Maria Marta (4) e espero que se abraze no amor de Deus, no ardor de sua febre e de minha boa Irmã Clemência (5) a quem escreverei na primeira oportunidade. Bom dia, queridas Irmãs, sou toda vossa no amor de Jesus Crucificado. Vossa afeiçoadíssima Irmã e serva.

P.S. - Vós todas, queridas Irmãs, agradecei a Deus, por nós, a graça que nos concedeu de preservar-nos, na véspera de Pentecostes, quando o soalho de nosso quarto (6) afundou e tivemos justamente tempo de afastar-nos uns quatro passos.

C. 73 (L. 441)

*(À Irmã Madalena Mongert) (1)*  
*Angers*

(junho de 1642)

Querida Irmã,

Não saberia expressar-vos o consolo que meu coração experimentou ao receber vossa tão querida e última carta! Louvo a Deus, com toda a minha alma,

---

(2) O abade de Vaux (ver C. 16 n. 1).

(3) Madalena Mongert, Irmã Servente (ver C. 42 n. 1).

(4) Maria Marta Trumeau, chegada a Angers em março de 1640, voltou a Paris em junho de 1647; em 1648 encontramo-la servindo os pobres, na paróquia de São Paulo; em 1653, é nomeada Irmã Servente da Comunidade de Nantes, onde permaneceu dois anos. A 31 de julho de 1658, é enviada à missão de La Fère. Em setembro de 1658, Luísa de Marillac chama-a para a fundação de Cahors.

(5) Clemência Ferrè (ver C. 40 n. 1).

(6) Uma viga quebrou-se. Luísa de Marillac ficou vivamente impressionada com este acidente (ver C. 128 e Coste IX p. 87).

C. 73 Ms. Irmã Chétif 1, n° 9. Cópia.

(1) Cópia feita por Irmã Margarida Chétif (série Angers). Segundo seu costume, omite todos os nomes de pessoas para salvaguardar a discrição.

pela melhora de vossa saúde. Havia falado ao senhor... (2) a respeito do remédio que vos receitaram. Sede muito agradecida e também todas vós, queridas Irmãs, pelo cuidado da divina Providência em vos dar o que necessitais. E vós, querida Irmã... (3) que alegria tive ao ficar sabendo da disposição em que agora se encontra vossa alma! Sempre acreditei que vossas penas passariam; assim devemos pertencer a Deus que deseja não queiramos outra coisa, senão o que Ele quer. Sede, pois, muito esforçada na desconfiança que deveis ter de nós mesma. Digo o mesmo a todas as nossas queridas Irmãs; estejam todas cheias de um amor forte que, suavemente, as plenifique de Deus e as lance no serviço dos pobres; que seu coração não mais possa admitir pensamentos perigosos à sua perseverança. Coragem, queridas Irmãs, não pensemos senão em agradar a Deus pela prática exata de seus santos mandamentos e conselhos evangélicos, pois, a bondade de Deus dignou-se chamar-nos a eles; para tal deve servir-nos a exata observância de nossas regras, porém, com alegria e diligência. Servi a vossos amos com grande doçura; tende grande respeito pelos senhores Administradores e honrai muito aos senhores sacerdotes; vós lhes deveis isso.

E vós, minha pobre Irmã... (4), eis-vos de novo doente! Deus o quer, "quero-o" vós também; essa febre vos servirá, estou certa disso, para recobrardes melhor a saúde e mais forças do que as que possuíis. Sede todas mui fiéis a Deus, queridas Irmãs; em seu santo amor, sou vossa...

C. 74 (L. 277 bis)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sexta-feira, 4 de julho de 1642 (1)

Senhor Padre,

A senhora de Traversay (2) esqueceu-se de perguntar-vos se não seria necessário outro decreto, porque o que lhes foi dado é apenas para as Crianças Abandonadas e não segundo o que vos propôs a senhora Duquesa (3). Embora lhe tenha dito que o havíeis visto, ela vos pede que eu lhe possa dar uma respos-

---

(2) O Abade de Vaux.

(3) Cláudia Brígida (ver C. 65 n. 1).

(4) Maria Marta Trumeau (ver C. 72 n. 4).

C. 74 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) A data está no verso da carta com a resposta do Padre Vicente (ver Coste VIII, 523).

(2) Senhora de Traversay (ver C. 62 n. 2).

(3) Duquesa d'Aiguillon (ver C. 12 n.º 1).

ta amanhã de manhã. Peço-vos também, com muita humildade, poder falar-vos, uns momentos, antes de vossa partida; sem isso, não saberia o que fazer.

Temos aqui uma Irmã quase decidida a ir-se embora; faz mais de um ano que está aqui em casa; esta tarde, de volta da casa das Crianças Abandonadas, estive com ela e aconselhei-a que se confessasse amanhã. Se for possível, que seja com o senhor Padre Guérin (4), pois, o senhor Padre Portail continua doente, e, que seja de manhã, porque não vejo outra, senão ela, para ir em ajuda de nossas Irmãs de São Sulpício, onde uma delas, segundo me disseram, está nas últimas. Encontro-me oprimida pelas muitas dificuldades, pelas disposições de espírito da maioria de nossas Irmãs. Asseguro-vos, senhor Padre, que isso é para mim motivo de grande confusão diante de Deus e diante do mundo, por minha incapacidade de ajudar essas boas jovens a agirem bem. Suplico à bondade de Deus fazer-vos conhecer isso e poder remediá-lo. E sou, senhor Padre, vossa humilde e mui agradecida filha e serva.

C. 75 (L. 64)

*À minha querida Irmã Joana Leprunte (1)  
Filha da Caridade  
professora em Saint Germain-en-Laye (2)*

Hoje, 5 de julho de 1642

Minha querida Irmã,

Há pouco, recebi vossas duas cartas que muito me alegraram e também ao senhor Padre Vicente, a quem dei uma delas para ler. Queridas Irmãs, continuei fazendo o bem e esforçai-vos por desfazer-vos do que sabeis desagradar a

---

(4) João Guérin, o jovem, entrou na Congregação da Missão em fevereiro de 1639 (ver Coste II, 22).

C. 75 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Joana Lepintre, empregada na casa da Senhora Goussault, entrou na Companhia das Filhas da Caridade pelo ano de 1638. Depois de uma permanência em Saint-Germain-en-Laye, ficou na Casa Mãe (1644 a 1647) exceto durante a tentativa infrutuosa de fundação em Le Mans, em maio de 1646. Em 1647, fez a visita às comunidades de Angers e Nantes. Nomeada Irmã Servente de Nantes, permaneceu lá até novembro de 1653. De Châteaudun, onde esteve de 1654 a 1657, passou para Salpêtrière (1659) e depois para Saint Fargeau (1660). No fim de sua vida, perdeu o juízo e foi preciso ser internada no Abrigo do Santo Nome de Jesus.

(2) Saint-Germain-en-Laye: em 1638, a Rainha pediu duas Filhas da Caridade para servir os pobres e dar aula para as meninas.

Deus. Penso que não tivestes a consolação que esperáveis no dia de São Pedro; aguardai em paz. Quando voltar de uma pequena viagem que penso fazer na próxima semana, vos direi quando podereis vir; prevejo não ser antes do mês de agosto. Nossa Irmã Ana de Fontenay (3) nos deu todos os sinais possíveis de pesar por haver tardado em obedecer. Fez seu Retiro e mais que nunca se acha na disposição de viver e morrer como Filha da Caridade. Foi com a Irmã Joana Dalmagne (4) para Nanteuil (5), a fim de ensinar.

Creio que também ela virá aqui para a festa de agosto para celebrar a seu bel prazer esta santa festa e para firmar-se mais. Pedi a Deus por todas as Irmãs que se encontram nessas disposições. Já vos falei da mercê que Deus nos concedeu há um mês (6) e, hoje mesmo, recebemos outra. Uma de nossas Irmãs recém-chegadas caiu no rio quando estava lavando a roupa do Hospital Geral e, por uma graça especialíssima de nosso bom Deus, pôde ser retirada e, depois de ter estado, segundo me disseram, umas três horas desmaiada, voltou a si. Vede, minha querida Irmã, que obrigação temos de ser fiéis à nossa vocação; por favor, pedi a Deus para mim essa graça.

Lede esta carta para nossa boa Irmã Joana Batista (7) a quem nossas Irmãs e eu cumprimentamos, dizendo-lhe como a vós, querida Irmã, que sou no amor de Jesus Crucificado vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Não sei se vosso tio vos terá escrito; a mim me avisou que vosso pai e vossa madrastra estão bem de saúde, porém, seus negócios vão mal. Parece que o moinho se estragou de novo. Encarreguei a Irmã Turgis (8) que fosse pessoalmente vê-lo para ter notícias exatas e também para verificar se necessitam de alguma coisa. Não vos preocupeis; contentai-vos em encomendá-los a Deus e eu vos comunicarei o que souber e tomaremos cuidado deles. Que encontreis vossa paz no desejo de cumprir a santíssima vontade de Deus e em trabalhar na vossa perfeição.

Já vos teria enviado esta carta se não tivesse preferido esperar para saber as notícias que vos transmito. Cuidai de vossa saúde; penso que fizestes a sangria para aliviar a fluxão; não vejo outro remédio para isso, assim como frequentes laxativos. Bom dia, querida Irmã, e a vós também, minha Irmã Joana Batista! Cuidai bem uma da outra, tanto da saúde do corpo, como da santidade de vossas almas.

---

(3) Ana, de Fontenay (ver C. 69 n. 5).

(4) Joana Dalmagne (ver C. 80 n. 1).

(5) Nanteuil (ver C. 80 n. 2).

(6) Ver C. 73 n. 6.

(7) Joana Batista, a antiga. Em 1642 estava em Saint-Germain-en-Laye, depois em Richelieu; em 1644, em Issy; em 1646, nas Crianças Abandonadas até sua morte ocorrida em dezembro de 1648.

(8) Irmã Turgis estava na Casa Mãe (ver C. 11 n. 1).

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 6 de julho de (1642) (1)  
Domingo de tarde

Senhor Padre,

Nossa Irmã Francisca (2) me pareceu bem indiferente a ir para Liancourt (3), como para ficar aqui. Ela se esqueceu de vos dizer que está emancipada para desfrutar dos bens de sua falecida mãe, e, que tendo alugado uma parte da casa, há três ou quatro anos, nada recebe. Por isso queria vender o que ela possui em sua terra natal. Pensa que poderia pôr ordem nesses pequenos negócios se viesse comigo. Peço-vos ter a bondade de dizer-me o que devo fazer e se não há nada a recear deixando-a lá, por causa da proposta que esse bom Padre lhe fez, embora pareça nela se ver uma grande firmeza na vocação (4). Restou-me no espírito um certo temor de que nossas Irmãs pensem que eu não quero que falem de suas penas. Examinando-se sobre esse ponto, não pude encontrar senão dois casos: uma vez quando veio aqui o senhor Padre Thibault (5) e pediu para ver três ou quatro de suas conhecidas, uma delas era Irmã Cláudia, a pequena (6), que, na época, não cessava de falar de um escrúpulo que tinha por pecado já confessado e eu lhe dissera para não mais falar em tal assunto. E, uma outra vez, à nossa Irmã Luísa (7) que gosta muito de conversar, e sempre (8) sobre austeri-

---

C. 76 *Arquivo da Missão (Coste II pp. 267-8)*

(1) *São Vicente responde na mesma folha (Coste II p. 267).*

(2) *Francisca Noret passou grande parte de sua vida na Casa Mãe. Em 1642, foi proposta para Liancourt; em 1645, foi enviada a São Dionísio. Acompanhou Luísa de Marillac durante sua viagem a Nantes, em julho-agosto de 1646. Assinou a ata de ereção da Companhia, a 8 de agosto de 1656.*

(3) *Chamadas pelo senhor de Liancourt, duque de La Roche-Guyon, as Filhas da Caridade chegaram a Liancourt pelo ano de 1642. O contrato de fundação foi assinado somente em 1645.*

(4) *Palavras escritas e riscadas por Luísa de Marillac: "não podereis levá-la, nem também deixá-la por lá".*

(5) *O senhor Padre Thibault (1618-1655), padre da Missão. Em 1644, estava em Sain-tes, em Paris, no ano de 1648 e em Saint Méen de 1648 a 1655.*

(6) *Cláudia Brígida (ver C. 65 n. 1).*

(7) *Luísa Cristina Rideau (ver C. 160 n. 7).*

(8) *Palavras escritas e riscadas por Luísa de Marillac: "de suas pequenas mortificações".*

dades, disse-lhe não mais falar e se contentasse com a prática das que lhe haviam sido permitidas e, quando as interrompesse, poderia retomá-las sem falar no assunto. Fora disso, eu não sei mesmo, senhor Padre, o que tenha dado motivo a alguém, para dizer que não gosto de que falem. E, se elas se queixarem de outra coisa, creio, seria necessário que vossa caridade tudo esclarecesse, para assim conhecer melhor as disposições de espirito das Irmãs.

Parece-me, senhor Padre, que ao pedir-vos para que nossa Irmã Turgis ocupasse meu lugar, com utilidade para as Irmãs, me veio ao pensamento por algum indício dessa necessidade da qual agora não consigo me lembrar em particular, e de que o senhor Padre Portail costuma propor a várias Irmãs ao mesmo tempo para fazerem o Retiro espiritual e a quase todas lhes fala dos votos. E, as Irmãs, pouco esclarecidas e impacientes, não têm mais descanso até que a coisa se realize, sem pensarem em portar-se bem. A mim me parece que como disposições para um bom Retiro, deveriam, antes, vendo que se entibiaram um pouco, como freqüentemente acontece, começar a agir melhor, e o Retiro lhes ser proposto no momento próximo em que o puderem fazer. A nós, nos é mais difícil do que às religiosas, porque temos de substituir por outra, a que vai sair para o Retiro.

Penso, senhor Padre, que, para remediar à desordem das Irmãs de São Sulpício, seria melhor mandar logo a Irmã Henriqueta (9) e mandar vir a Irmã Catarina para fazer seu Retiro aqui e adiar o de Irmã Henriqueta, pois, receio que continuem suas pequenas desordens. Por favor, fazei-me a caridade de responder-me a isso e de perdoar-me tudo o que vos disse, talvez fora de propósito e dar-me vossa santa bênção como à que é, senhor, vossa muito humilde e agradecida filha e serva.

C. 77 (L. 65)

### *Ao senhor Abade de Vaux*

(agosto de 1642)

Senhor Abade,

Não fosse a certeza que eu tinha de que estáveis no campo, não teria diferido tanto em apresentar-vos os meus mais respeitosos agradecimentos, como (*hoje*) o faço, por todo o trabalho que vossa caridade teve com a senhora Raffy (1) que já foi embora para a casa de seus Pais, como aconselhastes. De todo co-

---

(9) *Henriqueta Gesseaume* (ver C. 86 n. 1).

C. 77 Rc. 4 *Carta autógrafa.*

(1) *Senhora Raffy* (ver C. 67 n. 1).

ração, desejo, senhor, que ela siga, com igual fidelidade, los outros conselhos que de vossa caridade recebeu. Vossa querida carta chegou-me quando estava vos escrevendo e me fez lembrar que nossa Irmã Madalena (2) me dissera que algumas jovens se haviam apresentado para servir os pobres. Rogo-vos, mui humildemente, senhor, o favor de sondar a vocação e firmeza de espírito delas. Se as julgardes aptas para nós, serão bem-vindas aqui. Devem ser robustas, sadias. Quanto à Irmã que está doente, creio não haver perigo em se lhe dar da água, não porém da mais forte, caso seu mal não seja de pulmão. Julgo que meio copo dessa água, em jejum, com suco de laranja, acrescentando-se um pouco de açúcar, lhe faria bem. À noite alguma coisa como um julepo (3). Penso que estão continuando a lhe fazer pequenas, porém, freqüentes sangrias, principalmente no pé. Não escrevo a nossas Irmãs pelo correio de hoje, sobre o que me fizestes a honra de avisar. Porém, oportunamente, não deixarei de fazê-lo, se Deus quiser. Escrevo à nossa Irmã Cláudia (4) e vos rogo, senhor, inteirar-vos do motivo de seu sofrimento e dar-me a honra de dizer-me se posso fazer alguma coisa nesse particular.

Humildemente peço-vos lembrar-vos de minhas misérias em vossas santas Missas; tende-me, senhor Abade, como vossa humilde e obediente filha e serva.

C. 78 (L. 547)

*À minha caríssima Ir. Cláudia Brígida (1)*  
*(Angers)*

(pelo mês de agosto de 1642)

Mui querida Irmã,

Gostei muito de que me tenhais comunicado vossos sofrimentos. Falei deles, com toda liberdade, ao senhor Abade (2) ou ao Senhor Padre Ratier (3) se aquele estiver ausente, e, tende confiança de que eles vão passar. Porém, querida Irmã, enquanto Deus permitir que continuem, vede-o como coisa tolerada por Ele a fim de que vos adianteis na virtude e vos sirvam para vos humilhar e fa-

---

(2) Madalena Mongert (ver C. 42, n. 1).

(3) Poção composta de águas destiladas, xaropes e outros remédios.

(4) Cláudia Brígida (ver C. 65 n. 1).

C. 78 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Irmã Cláudia Brígida (ver C. 65 n. 1).

(2) Abade de Vaux (ver C. 16 n. 1).

(3) Padre Ratier (ver C. 82 n. 2).

zer-vos amar e estimar nossas boas Irmãs tendo para com elas a submissão que lhes deveis, por serem antigas na casa, no tocante ao serviço dos pobres.

Querida Irmã, amai o vosso estado de vida que tantas senhoras quereiam ter! Quando penso na felicidade de todas vós, admiro que a Providência vos haja escolhido. Fazei bom uso disso e contentai ao Senhor servindo a nossos amos, seus queridos membros, com devoção, doçura e humildade, sem fazer caso do que os sentidos possam dizer-vos em contrário. Pensai que nosso bom Deus se contenta com um coração de boa vontade! Suplico Sua bondade que encha o vosso de seu santo amor, no qual sou, minha querida Irmã, vossa irmã e serva.

C. 79 (L. 127)

*À minha cara Irmã Bárbara Angiboust,  
Filha da Caridade  
a serviço dos pobres Galerianos*

(pelo ano de 1642)

Querida Irmã,

De bom grado, temos de aquiescer ao divino beneplácito que levou nossa boa Irmã, por quem não me atrevo a chorar. Que a vontade de nosso absoluto Senhor se cumpra sempre em nós e por nós!

O senhor Padre Vicente nos ordenou enterrá-la esta tarde, depois de Vésperas. Rogo-vos avisar ao senhor Cura, para saber se está de acordo. A vigília de corpo presente será cantada e a Missa solene será quarta-feira.

Providenciai seis tochas de meia libra cada uma e seis cabos de meio quarteirão (1). Talvez pudésseis pegar as seis tochas na igreja e assim evitar de comprá-las.

Precisamos também de quarenta velas de dois quartos de soldo (2) cada uma, para as Irmãs. Que ela seja enterrada na sepultura da falecida Irmã Michelle. Necessitamos ainda de um ataúde e de uma coroa de flores branquinhas. As nossas Irmãs de São Nicolau (3) avisem às de São Bento (3), Santo Estêvão (3), e às das Crianças; às demais, avisaremos nós.

---

C. 79 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Quarta parte de uma libra (Nota de Tradutora).

(2) Antiga moeda de cobre, equivalente à quarta parte de um soldo ou um pouco mais que um cêntimo francês.

(3) Paróquia de Paris.

Apresentai meus cumprimentos ao senhor Padre Compaing (4). A Irmã Francisca (5) deve ficar aí até esta tarde, porém, que não leve a marmita porque não está boa. Não sei se me esqueci de alguma coisa; fareis o que eu tiver omitido.

Bom dia, minha querida Irmã! Na Praça Maubert, há um cerieiro. Enviei um recado à senhora Metay (6); ela vos ajudará em tudo isso.

De coração e de afeto, sou vossa irmã e serva.

C. 80 (L. 69)

*Ao senhor Padre Vicente*

(beirando 1642)

Senhor Padre,

A nossa Irmã Joana Dalmagne (1) chegou de Nanteuil (2). A oportunidade que aproveitou para vir, se repete amanhã às oito horas da manhã. Não sei se deve voltar ou se vos parece bom que fique aqui por uns dias. Foi ao enterro de nossa Irmã; por isso, ignoro o que tem a nos dizer. Talvez o saibais por esta carta que vos trouxe e então me direis se deve ficar alguns dias. (*Assim*) vo-lo peço humildemente e que me vejais amanhã, diante de Deus, no santo altar, como vossa mui humilde e agradecida filha e serva.

---

(4) *Senhor Compaing, coadjutor de São Nicolau, da Comunidade dos Padres de São Nicolau de Chardonnet, fundada pelo Padre Bourdoise.*

(5) *Francisca Noret, da Casa Mãe (ver C. 75, n. 2).*

(6) *Senhora Metay, Dama da Caridade que se ocupava dos refugiados naturais de Lorena.*

C. 80 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) *Joana Dalmagne, nascida em 1611 em Herblay; Filha da Caridade em 1638; enviada a Nanteuil em 1642. Falecida em 1644. Conserva-se, na Casa Mãe, uma carta sua dirigida a Luísa de Marillac.*

(2) *Nanteuil de Haudoin. As Filhas da Caridade foram para lá em 1642, a pedido da marquesa de Maignelay.*

*Ao Abade de Vaux*

Hoje, 17 de setembro de 1642

Senhor,

Embora não saiba se já regressastes de vossas visitas, não posso adiar mais o escrever-vos para, depois de cumprimentar-vos, com humildade, pedir-vos vos digneis dar-me vossas caras notícias e dizer-me como estão as nossas Irmãs. Não pude ainda escrever senão à Irmã Madalena (1) desde que vossa caridade teve por bem dizer-me que o fizesse. Peço-vos perdão por isso e também porque o senhor de Marillac (2) não vos foi apresentar seus respeitos, como o faria, se tivesse recebido a carta que lhe mandei, tão logo tivestes a bondade de avisar-me que ele estava em Angers. Fiquei muito admirada ao vê-lo de volta aqui e ao saber que não recebera nenhuma notícia minha. Surpresa como essa tenho sempre, pelo meu pouco relacionamento com pessoas. Envergonho-me, diante de Deus, por não me servir desta liberdade do mundo para viver mais unida a Ele. É um dos meus maiores defeitos que, com sinceridade vos confesso, na esperança de que me fareis a caridade de pedir perdão, por mim, a nosso bom Deus, no amor de quem sou, senhor, vossa mui obediente e humilde serva.

P.S. - Os senhores Administradores me haviam pedido que me pronunciasse a seu favor junto dos arrendatários que fiscalizam a venda do vinho. Não pude fazê-lo por várias razões. Uma delas, alegada pelos próprios arrendatários, é que, conforme dizem, a venda do vinho para os pobres é ocasião para se deixar passar uma porção de outros. Não falei (*a esses senhores*) desta dificuldade e receio que estejam descontentes por lhes haver negado o que pediam. Porém, asseguro-vos, senhor, que fiz o que pude.

---

C. 81 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Madalena Mongert (ver C. 42 n. 1).

(2) Miguel de Marillac, *Conselheiro do Parlamento, neto do guarda-selos (ou Ministro da Justiça)*.

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 14 de outubro de 1642

Senhor,

Ao regressar de uma viagem de apenas quinze dias, encontrei uma carta de vossa caridade. Devo dizer-vos, senhor abade, que muito me contraria essa situação de ter que negociar com os arrendatários (1) dos direitos sobre a venda do vinho, porque receio que os senhores Padres de São Lázaro não possam atender ao favor solicitado pelos senhores Administradores do Hospital, pelas razões que já vos expus. Suponho que o senhor Padre Vicente vos terá dado resposta sobre esse particular.

Que intentos teriam as Irmãs que se reuniram? Como isso me aborrece e quanto me penaliza por causa da preocupação que essas situações podem causar à vossa caridade, a quem devemos tanta gratidão! Assim como pela assistência que lhes proporcionais por intermédio do senhor Ratier (2); de muito bom grado lhe agradeceria por carta, se não temesse, com isso, aumentar-lhe seus desgostos. Peço a nosso bom Deus seja a sua recompensa eterna.

Parece-me, senhor Abade, que, segundo a carta que me fizestes o obséquio de me escrever, posso formar melhor a opinião de Irmã Clemência (3). É um alívio para mim, visto que não me seria possível chamá-la para cá por duas razões: a primeira é que não tendo tanta capacidade como as outras e tendo servido (os pobres) por três anos, não seria razoável dar-lhe só uma companheira, uma só Irmã; é necessário que o forte ajude o fraco. A segunda razão é que compete a esses senhores devolver-nos para cá as que tiverem cometido faltas notáveis, das quais, senhor, vos pediria, humildemente, o favor de ser juiz. Quanto às outras, às quatro (4) Irmãs, penso não podermos mandá-las tão cedo. Já é muito dizer quatro, pois, no princípio nos solicitaram doze... Se esses bons Senhores as houvessem pedido quando ai estive, teria sido mais fácil, porque, naquela ocasião, mandamos várias para outros lugares. Entretanto, posso assegurar-

---

C. 82 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Ver C. 81.

(2) Senhor Ratier, sacerdote de Angers encarregado pelo Abade de Vaux da assistência espiritual das Filhas da Caridade do Hospital.

(3) Clemência Ferré (ver C. 40 n. 1).

(4) Numa carta datada de 14 de fevereiro, os Administradores pediram quatro Irmãs para se encarregarem da barreira e uma outra para substituir Elisabeth Martin.

vos que faremos tudo que depender de nós.

Nada ainda vos posso dizer sobre essas boas jovens que vossa caridade teve a bondade de propor-nos, dadas as dificuldades que se apresentaram; (*porém*), tão logo tenha podido falar com o senhor Padre Vicente, vos comunicarei o que decidir.

O senhor de Marillac (5) ficou pesaroso de não haver tido a honra de vos conhecer, quando esteve em Angers, de onde, creio, já havia saído quando chegou a carta que lhe enviara sobre tal assunto. Se ele voltasse aí, uma outra vez, repararia esta falta que é minha, pois não o avisei a tempo. Se eu vos pudesse tornar conhecidas todas as que cometo, esperaria de vossa bondade que implorasse misericórdia para minha pobre alma. Assim, humildemente, vo-lo suplico, por amor de Deus, no qual sou, vossa pobre e obediente filha e serva.

C. 83 (L. 72)

### *Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 9 de novembro de 1642

Senhor Abade,

Remeto-vos a carta que vos dissera querer escrever a nossas Irmãs e, até então, não havia podido. Não sei se a deverão ler ou ouvi-la, nem se vos parece oportuno lhes seja entregue. Por essa razão, vo-la envio aberta, pensando também, senhor, que se vossas muitas ocupações não vos derem tempo de lê-la, talvez o senhor Padre Ratier possa fazer-nos esta caridade: mais uma entre tantas outras feitas pelo mesmo motivo e pelas quais lhe sou tão agradecida. Também o sou a vós; não me canso de importunar-vos, pedindo-vos, pelo amor de Deus, que essas pobres Irmãs sempre ocupem o lugar que Deus lhes preparou na pura caridade que Ele colocou em vossa alma.

E, como tenho sido tão feliz de sentir em mim seus efeitos, atrevo-me a crer, senhor, que conheceis meu estado interior e minhas grandes necessidades, o que me leva e pedir-vos, humildemente, que me ajudeis diante de Deus; e, que se não quiserdes que eu chegue a pensar que me tendes por incorrigível e demasiado infiel, adverti-me, neste começo de ano (1) tanto meus defeitos como do que acreditais que Deus me pede, em cujo amor vos peço a santa bênção e sou, senhor, vossa mui humilde filha e serva.

---

C. 83 Rc. 4 Carta autógrafo.

(1) Começo do ano litúrgico.

*A minha mui querida Irmã Bárbara (1)  
Filha da Caridade, a serviço dos Galerianos*

(pelo ano de 1642)

Querida Irmã,

Peço a Deus, de todo coração, que seja vosso consolo nesta espera em que vos achais para saber o que Ele determinou para vosso parente.

Parece-me que teria sido melhor, se tivésseis perguntado ao senhor Accar (2) ou à senhora Traversay (3) antes de diminuir a ração dos galerianos para poderdes dar (*de comer*) aos outros, porque, os que levam os presos aí, não vão se informar de onde procede a comida, contanto que a tenham.

Pedi a Deus por mim e, recomendai-me, por bondade, à Irmã Catarina (4), crendo-me as duas, na sinceridade de meu coração, minha querida Irmã, vossa muito humilde e mui afeiçoada serva.

1643

25 de janeiro: *Conferência de São Vicente sobre a imitação das jovens camponesas.*

14 de maio: *Morte de Luís XIII, rei da França. Regência de Ana d'Austria, com Mazarino como primeiro ministro. Condenação do "Augustinus" pelo Papa.*

---

C. 84 Rc. *Carta autógrafa.*

(1) *Irmã Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1).*

(2) *Senhor Accar, Administrador da casa dos forçados ou galerianos.*

(3) *Senhora Traversay (ver C. 62 n. 2).*

(4) *Catarina Bagard ingressou na Companhia das Filhas da Caridade entre 1636-1638; foi a Nantes com Luísa de Marillac, em julho de 1646. Seu relacionamento com o capelão provocou graves dificuldades comunitárias. Voltou a Paris em 1647 e pouco depois saiu da Companhia.*

C. 85 (L. 75)

*Ao senhor Padre Vicente*

(17 de janeiro de 1643)

Senhor Padre,

Remeto-vos uma carta de Irmã Joana, de Issy (1); vereis o que ela fez a respeito da cópia do recibo que lhe estão pedindo. Penso, senhor, que seria bom regularizar o quanto antes esse negócio.

O senhor Cura de Baron (2) conta receber uma Irmã depois da Candelária.

Esperamos que a divina Providência inspire a vossa caridade nos dirija suas advertências; nossas Irmãs crêem, como eu, que este benefício há tanto tempo diferido, é um castigo pelo mau uso que (*dele*) fizemos no passado - o que deploramos - porém, reconhecemos que não poderemos agir melhor, no futuro, sem uma grande ajuda de vossa caridade, de quem sou, senhor, insignificante filha e serva agradecida.

C. 86 (L. 76)

*Ao senhor Padre Vicente*

[25 de janeiro de 1643]

Senhor Padre,

Peço-vos, humildemente, a caridade de me avisar a que horas celebrareis, amanhã a santa Missa, de rezar por meu filho e de lembrar-vos de minha pobre súplica.

Não podemos enviar a Irmã Henriqueta (1) para Issy, porque será necessá-

---

C. 85 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) *As Filhas da Caridade estiveram em Issy apenas uns poucos anos: de 1642 a 1649, aproximadamente.*

(2) *Localidade próxima de Senlis.*

C. 86 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) *Henriqueta Gesseaume, uma das primeiras Filhas da Caridade. Nos primeiros anos, a encontramos em Paris; em 1638, em Saint-Germain-en-Laye; em 1643, em Fontenay-aux-Roses; em 1646, é enviada a Nantes, onde se distingue por sua grande competência em farmácia. De regresso a Paris, em novembro de 1655, serve aos pobres na*

ria em Fontenay (2) para dirigir a escola, pois a Irmã que ficou lá não sabe ler.

Essa boa Irmã, um tanto ingênua de quem eu vos dissera tencionar despedi-la, não fez o Retiro Espiritual, por não julgá-la capaz. Peço-vos, humildemente, ter a bondade de dizer-me se a incluo nesse, com as outras. Espero que nossas Irmãs façam bom uso da instrução que vossa caridade nos fez, hoje (3); seu coração está pleno desse desejo, por isso, gostariam muito de recordar sempre do que nos falastes. Isso me leva a pedir-vos, encarecidamente, que nos envieis o resumo dos pontos (*da Conferência*) que tinheis. Creio que, com isso, me lembrarei, em boa parte, do que nosso bom Deus nos falou, por vossa boca.

Não atingirei, em vida, o estado em que Deus, por seu Amor, me quer? Fazei-me a caridade de pensar um pouco nisso e de querer conhecer minhas misérias para que não tenha, na hora de minha morte, a vergonha que mereço por minhas infidelidades aos designios de Deus, principalmente quando Ele me pedir contas do tempo em que sua bondade me fez a graça de ser, meu Honoratíssimo Pai, a vossa mais insignificante filha e a mais agradecida serva.

P.S. - Esqueci-me de perguntar-vos, se escrevo a ata de reconhecimento que vos enviei nas costas da folha em que está a liquidação de uma conta, ou então, na margem da mesma folha para ficar incluída na referida quitação.

Hoje, dia da Conversão de S. Paulo.

C. 87 (L. 77)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 9 de fevereiro de 1643

Senhor Padre,

A senhora de Lamoignon (1) e a senhora de Nesmond (2) vieram aqui, ao re-

---

*paróquia de São Severino. Luisa de Marillac envia-a para fazer visita à Comunidade de Chantilly, em 1658. Em agosto do mesmo ano, vai cuidar dos soldados feridos, em Calais. Ao terminar essa missão, serve aos galerianos.*

*(2) Fontenay-aux-Roses.*

*(3) Conferência sobre a imitação das moças do campo (Coste IX, 79).*

C. 87 Rc. 2 Carta autógrafa.

*(1) Senhora de Lamoignon, em solteira Maria das Landes, esposa de Chrétien de Lamoignon, Presidente de toga e capelo no Parlamento de Paris. Dama da Caridade altamente dedicada a todos (mendigos, presos, refugiados); era conhecida, pelo povo de Par's, pela alcunha de Mãe dos Pobres.*

*(2) Senhora de Nesmond, em solteira Ana de Lamoignon, cunhada da anterior.*

gressarem de sua visita ao Hospital de São Dionísio (3), para o qual pensam pedir Irmãs de Caridade, caso as religiosas hospitalares não aceitem as condições que lhe querem propor. Essas senhoras tinham grande desejo de falar convosco, para dizer-vos que não acreditam que o senhor Bispo de Beaubais vá a São Germano e que, a senhora sua irmã poderia acompanhá-las no lugar dele, se julgardes conveniente. Entretanto a maior dificuldade consiste no que lhes foi dito: o senhor de Noyers (4) está em Versailles com o Rei. Parece-lhes que, não estando ele em São Germano, sua viagem seria inútil. Também não sabem se devem limitar-se em apresentar seus respeitos à Rainha, recomendando à Sua Majestade esta obra, ou então, pedir-lhe que a tome sob sua proteção. Aguardarão vosso parecer sobre tudo isso, antes de decidirem a viagem. Devem enviar alguém, amanhã, à vossa casa, a não ser que julgueis necessário dar-lhes uma solução antes.

O senhor Cura de Issy esteve aqui. Depois de falar-me de uma obra de caridade feita a uma criancinha, perguntou-me se mandaríamos logo, para lá, a Irmã Joana. Dei-lhe a entender que estava aguardando a solução da dúvida sobre a continuação daquela Caridade. E apresentei-lhe simplesmente meus motivos. (Penso não ter posto nada a perder). Ele deve conversar com a senhorita Montdésir (5) e vos dirá o que ela pretende. Parecia ter interesse em culpar-nos pelo pouco que foi dado às Irmãs desde que chegaram em Issy. Vossa Caridade faça-me o favor de dizer-me se devo ainda retardar a saída de Irmã Joana de lá.

Sou, senhor, vossa humilde filha e serva.

C. 88 (L. 78)

*Ao senhor Abade de Vaux  
(Angers)*

10 de fevereiro de 1643

Senhor,

Já não é tempo de testemunhar à vossa caridade minha gratidão pelo benefício que me fizestes, indicando-me uma prática que me é tão necessária?

Realmente, foi Deus que me falou por vossa boca neste ensinamento cuja

*(3) O estabelecimento das Filhas da Caridade em São Dionísio será em agosto de 1645 (ver C. 138 n. 3).*

*(4) Senhor de Noyers, Secretário de Estado, era amigo de Miguel de Marillac, tio de Luísa.*

*(5) A senhorita de Montdésir, Dama da Caridade de Issy.*

C. 88 Rc. 4 Carta autógrafa.

prática é, assim me parece, fundamento e sustentáculo e será a conservação da obra iniciada pela (*divina*) bondade. Para mim é grande motivo de humilhação ver quão distante estou, por minha malícia natural, desse modo de agir o que, freqüentemente, é causa de eu estragar tudo, quando quero empreender algum trabalho.

Não basta, senhor, me terdes feito conhecer o mal, nem mostrado verdadeiros remédios. É necessário ainda que me ajudeis a aplicá-los. Podereis fazê-lo mediante vosso valimento perante Deus: vô-lo peço por seu santo Amor e por meio das advertências que, por obséquio, me fareis, quando vossa caridade encontrar as ocasiões indicadas pela santíssima vontade de Deus. Se soubésseis quão pobre sou!... Gostaria de vo-lo dizer, se dispusesse de tempo. Peço a Deus e ao Anjo de minha Guarda vo-lo fazerem compreender.

Comuniquei à senhora de Marillac (1), a religiosa, o desejo que tendes de possuir os escritos de seu falecido pai e creio, senhor, sereis um dos primeiros a tê-los. Falta muito pouco da história de Jó para ser impressa e, por aí se começará a publicar tudo. Creio, senhor, que a mesma luz que Deus vos deu para me fazer conhecer seus caminhos sobre mim, vos terá servido para suportar o estado em que sua bondade vos havia posto quando fizestes o favor de me escrever, pois, a divina Providência permitiu (sem eu saber como) que não visse essa parte de vossa carta senão muito tempo após havê-la recebido. Compreendereis que essa advertência é para mim uma proibição de falar-vos sobre o assunto, pois, de outro modo, vos daria mostras ou de meu excessivo atrevimento, crendo que devia obedecer-vos e, de minha ignorância, obedecendo-vos (2).

Estou preocupada com nossa boa Irmã Cláudia (3) e nossa Irmã Bárbara (4) que, segundo me disse Irmã Madalena (5), falam sempre em se retirar. Não sei, senhor, se vos falaram alguma coisa a esse respeito ou ao Senhor Ratier (6). Se julgardes conveniente, peço-vos procurar obter o consentimento delas para avisar disso o senhor Padre Vicente, que vos cumprimenta cordialmente e com o

---

(1) *Senhora de Marillac, nora de Miguel de Marillac, o guarda-selos. Entrou para o Carmelo depois da morte deste último, e se ocupou de suas obras (ver C. 30; n. 2).*

(2) *Parágrafo um tanto obscuro; para ser compreendido seria preciso compará-lo com a carta do Abade da qual esta é a resposta (Nota do Padre Castañares).*

(3) *Cláudia Brígida (ver C. 65 n. 1).*

(4) *Bárbara Toussaint, de Suresnes. Chegou em Angers, no mês de janeiro de 1640; regressou a Paris, nos fins de 1644. Foi enviada à paróquia de São Sulpício, em agosto de 1645.*

(5) *Madalena Mongert (ver. C. 42 n. 1).*

(6) *Senhor Padre Ratier (ver C. 82 n.2).*

profundo agradecimento que Deus quer que tanto nós como as Filhas da Caridade, vos tenhamos. Não vo-lo podemos expressar de modo melhor do que oferecendo a Deus todos os motivos que para isso nos dá vossa caridade e, pelo que a mim se refere, pedindo à sua bondade infinita que, nesta vida e na eternidade, ponha suas complacências em vós, mediante o cumprimento de sua santíssima vontade, na qual sou, senhor, vossa mui humilde e obediente filha e serva.

C. 89 (L. 80)

*Ao senhor Abade de Vaux*

10 de março de 1643

Senhor,

Parecia-me ser permissão da divina Providência o atraso em ler a primeira carta, deste ano, que me fizestes a honra de escrever-me, o que foi para mim poderoso aviso para não recear desobedecer-vos e não dar mostras de minha audácia. Entretanto, porque assim o desejais, senhor, digo-vos, simplesmente, que hei de esperar, em paz, que a graça produza em nós a verdadeira humildade que nos dá o conhecimento de nossa incapacidade e nos leva a confessá-la e a submeter-nos, voluntariamente, a sofrer o que chamais debilidade, inconstância, orgulho e sensibilidade, sem esperança de ver tudo isso destruído em nós. Nós nos vemos e nos veremos durante toda a nossa vida sacudidos por essas agitações. Quanto ao resto que tivestes a bondade de dizer-me, achei, senhor abade, que devia comunicar ao senhor Padre Vicente, pensando que vossa caridade teria necessidade de conhecer sua opinião sobre o assunto, pelo bem do próximo. Se ele não vos escrever por este correio, eu o sei, é porque suas constantes ocupações o terão, pois, me manifestou desejo de fazê-lo. Não gostaríeis, senhor, que vos repetisse os pensamentos que vossa humildade produziu em meu espírito.

O senhor Constantin (1) fez-me o obséquio de trazer-me, pessoalmente, a vossa querida carta. Não saberia dizer-vos o quanto me consolou o fervor de seu coração, no santo Amor. Muito se pode esperar da perseverança dessa alma.

Vejo que as fraquezas de espírito de nossas pobres Irmãs continuam. Parece-me serem fruto do pobre jardim de minha má orientação inicial. Não escrevo

---

C. 89 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Gabriel Constantin, um dos Administradores do Hospital.

às duas Irmãs (2) que sofrem essa pena, porque não sei se devo fazê-lo. Porém, desgosta-me a fraqueza demonstrada por Irmã Madalena (3). Penso que vossa caridade a terá advertido disso, assim, nada lhe falo. Quanto à sua transferência, ainda não indaguei do Padre Vicente quanto tempo devem *(as Irmãs Serventes)* permanecer no cargo. Espero que o senhor Padre Lambert (4) passe por aí; então, podereis, se o quiserdes conversar sobre todos os problemas de nossas Irmãs.

Recomendo a vossas santas Missas e orações um assunto de importância que parece ir bem encaminhado, para a glória de Deus. Mas, como é algo que me interessa, temo que os motivos que dou à divina justiça de se irritar, sejam obstáculos à sua misericórdia.

Confio em vossa caridade, por isso vos importuno tanto. Asseguro-vos ser no amor de Jesus Crucificado vossa mui humilde filha e obediente serva.

C. 90 (L. 172 bis)

*À Irmã Cláudia Brigida,  
Filha da Caridade  
(Angers)*

29 de maio de 1643 (1)

Querida Irmã,

Bendito seja Deus por vos ter concedido a graça de fazer o santo Retiro! Deveis valorizar todos os pensamentos e boas resoluções que Sua bondade vos comunicou, embora vos pareça nada ter feito que preste! Parabéns! Se não ficastes satisfeita convosco, pode ser sinal de que contentastes a nosso bom Deus; assim lhe peço, de todo coração. Quanto ao vosso desejo, conservai-o amorosamente, minha querida Irmã, como um precioso depósito que vos foi entregue, por vosso querido Esposo. Dele vos pedirá contas. Esperai, em paz, que Ele determine sua execução.

Recomendq-me às vossas santas orações e às de todas as nossas Irmãs e sou, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa mui obediente irmã e serva.

---

(2) *Cláudia Brigida e Bárbara Toussaint (ver Carta anterior).*

(3) *Madalena Mongert (ver C. 42 n. 1).*

(4) *O Padre Lambert (ver C. 22 n. 2) na época, Assistente Geral da Congregação da Missão.*

C. 90 Rc. 3 Carta autógrafa.

*(1) No autógrafa não consta o ano, poderia ser também 1644, mas não outro. (Nota da Tradutora).*

*À nossa querida Irmã enferma  
(Joana Dalmagne) (1)  
(Nanteuil)*

(Março de 1643) (2)

Minha querida Irmã,

Adoro, de todo coração, os desígnios da divina Providência que parece dispor de vossa vida. Se for da santíssima vontade de Deus que lhe entregueis vossa alma, bendito seja seu santo nome! Bem sabe Ele a dor que me causa não poder assistir ao vosso último ato de amor pelo qual, estou certa, oferecereis, de boa vontade, vossa alma ao Eterno Pai, tendo o desejo de honrar a hora da morte de seu Filho. Nossa boa Irmã Elisabeth (3) irá vos testemunhar a certeza da afeição de todas as Irmãs e o desejo de que vos lembreis delas, no Céu, quando Deus vos manifestar Sua misericórdia. Entre elas, de modo especial, a Irmã Ana Maria sente muito não poder prestar-vos os últimos serviços. Lembrai-vos, pois, minha querida Irmã, das necessidades da pobre Companhia à qual Deus vos chamou. Servi-lhe de advogada, perante Sua bondade para que nela se cumpram seus desígnios. E, se vos for permitido, rogai a nossos Anjos da Guarda que nos ajudem. Adeus, querida Irmã, de todo coração, suplico a Jesus Crucificado que vos abençoe com todas as virtudes que Ele praticou na Cruz e, em seu santíssimo Amor sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 91 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Joana Dalmagne (ver C. 80 n. 1).

(2) A edição francesa dá a esta carta a suposta data de março de 1634. O Padre Castañares lhe atribuiu, porém, a de março de 1644, apoiando-se em Coste II, 383, nota 2 e Coste IX, 203, nota 9, de cujos textos se deduz que Joana Dalmagne faleceu em Paris, a 25 de março de 1644.

Um ano antes, estivera gravemente enferma em Nanteuil, entretanto, ao receber a visita de Irmã Elisabeth Martin, recobrou forças suficientes para vir, com ela, para Paris. Esta tradução segue esse parecer. (Nota de Irmã Pilar Pardiñas).

*Ao senhor Abade de Vaux  
(Angers)*

(Hoje, 6 de junho de 1643)

Senhor Abade,

Comuniquei vossa carta ao senhor Padre Vicente. Ele me encarregou de dizer-vos que, como tem em muito apreço toda a Companhia dos R(everendos) P(adres) do Oratório (1), não vê nenhum inconveniente em que o Superior estimule essas boas Senhoras a se renovarem no fervor, se o julgardes necessário e se, estando no mesmo lugar, virdes que não haverá nenhum perigo.

Não estive com quem me trouxe a carta que me destes a honra de escrever-me; razão por que não pude informar-me de onde está hospedada a senhora vossa irmã, a quem muito desejo ter a honra de visitar e servir, como é meu dever, e ela o merece.

Caso vos falem da senhora Turgis (2), rogo-vos, humildemente, senhor, façais saber que não pode ela deixar o cargo que ocupa. Teríamos necessidade de muitas outras iguais a ela. Peço-vos perdão por não ter dado resposta sobre essas boas moças. Não me lembro agora, quais são suas qualidades, porém, necessitamos de que todas tenham as disposições requeridas para nosso trabalho. Não me pareceu ver com clareza se as possuíam e, até percebi alguma dúvida por parte de vossa caridade.

Em nome de Deus, senhor, não abandoneis nossas pobres Irmãs. Conheço a caridade que tem por elas o senhor Padre Ratier (3) e o quanto lhes vale, porém, vós é que sois o pai dessa obra. Se julgardes conveniente a transferência de Irmã Bárbara (4), suplico-vos, humildemente, tenhais a bondade de dizer-me. Muito me alegra saber que reconheceis as muitas ocupações do senhor Padre Vicente, porque, assim o espero, tereis a caridade de compadecer-vos dele e ajudá-lo diante de Deus. Ele é sempre o mesmo e suponho que não mudará, sobretudo no que se refere ao conceito que faz das graças com que Deus vos cumulou, graças que, de todo coração, Lhe peço vá aumentando até o último momento de vossa vida e vos faça crer que, no amor de Jesus Crucificado, sou vossa muito humilde e obediente filha.

---

C. 92 Rec. 4 Carta autógrafo.

(1) *Companhia do Oratório fundada pelo Cardeal Pedro de Bérulle.*

(2) *Irmã Turgis (ver C. 11 :n. 1).*

(3) *Padre Ratier (ver C. 82 n. 2).*

(4) *Bárbara Toussaint (ver C. 88 n. 4).*

C. 93 (L. 85)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 8 de junho de [1643]

Senhor,

A senhora Pelletier acaba de sair daqui. Veio dizer-me que o senhor abade (*de*) Buzais era o coadjutor (1) do senhor Arcebispo e, ela logo pensou em meu filho. Sem nada me consultar, falou disso ao Revdo. Padre Emanuel (2) que, por sua vez lhe pediu informar-se se eu estava de acordo em que o propusesse para servir ao dito senhor (*de*) Buzais não sei se como esmoler ou noutra função mais própria para ele. Ora, como a coisa não partiu, de modo algum, de mim, parece-me, senhor, que não devo descuidar de perguntar-vos como agir nisso e, se vos parecer exequível, suplicar-vos, mui humildemente, nos façais a caridade de ajudar-nos. Creio que se meu filho tiver uma ocupação que o desligue da melancolia que, no meu ponto de vista, é a causa de todas as suas dificuldades, essas desaparecerão. Sempre percebi nele o temor de Deus e vontade de cumprir, fielmente, aquilo de que fosse encarregado.

Se quiserdes dar-me a honra de falar-vos sobre isso, pessoalmente, fazei o favor de dizer-me e, tende-me, senhor, por vossa mui agradecida filha e serva.

C. 94 (L. 86)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 12 de junho de (1643)

Senhor Padre,

As senhoras Soncarière (1), de Romilly (2) e Traversay (3) estiveram em

---

C. 93 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) João Francisco Paulo de Gondi, Abade de Buzais, foi nomeado coadjutor de seu tio, o Arcebispo de Paris, a 13 de julho de 1643. *Coste II*, 399, escreve Busay.

(2) Felipe Emanuel de Gondi, pai do precedente, em cuja casa o senhor Padre Vicente foi preceptor. Depois da morte de sua mulher, em 1625, ingressou na Companhia do Oratório. Morreu em junho de 1662.

C. 94 Rc. 2 Carta autógrafa. No dorso: 12 de junho de 1643 (Irmão Ducourneau).

(1) Senhora de Soncarière: Dama da Caridade; foi presidente da Confraria do Hospital Geral (*de Paris*), após a morte da senhora de Goussault.

(2) Senhora de Romilly (ver C. 213 n. 5).

vossa casa para vos comunicar que o senhor Chanceler as recebeu muito bem e avisou-lhes que, para tomarem posse do castelo de Bicêtre (4), precisam falar sobre isso com a Rainha e conseguirem lhes seja expedido um alvará. Pedem-vos, encarecidamente, que seja vossa caridade a conversar com ela, se já não o faz. Desejam lhes informeis a quem devem dirigir-se para conseguirem o documento e ainda, a quem o apresentarão: se ao senhor Chanceler ou à senhora de Brienne (5).

O senhor Chanceler ofereceu também, às mesmas senhoras, assinar uma ordem a fim de poderem dispor da parte da quantia destinada às Crianças Abandonadas, nas necessidades atuais. Desejam saber que importância deverão pedir.

As referidas senhoras receiam que a senhora de Lamoignon (6) tenha tudo estragado ao falar com o senhor Nesmond (7) e vos pedem conversar o quanto antes com a Rainha para que o assunto não chegue à Sua Majestade por outra via; *(pedem também)* que eu vos lembre que lhe faleis que o povo verá como uma liberalidade a baixa que o Rei conceder sobre *(os direitos de)* transporte de cereais, como já vos disse o senhor Romilly.

Comuniquei ao senhor Padre Portail que vossa caridade nos prometeu uma Assembléia no domingo. Ele achou bom propor-vos como tema, a importância de observar o que está nas anotações sobre a maneira de viver das Filhas da Caridade e fazer leitura delas. A mim me parece adverti-las de que, um bom meio para se habituar a essa prática é pedir que as Irmãs das Paróquias e uma daqui da Casa prestem contas em todas as Assembléias: ou todas ou uma parte, em cada vez. Também, se concordardes, senhor, poderíeis dar-nos, em cada Conferência, a explicação de um ou dois pontos de nosso Regulamento. Se quiserdes que todas rezemos para *(preparar)* a Assembléia, fareis o favor de indicarnos os pontos, a fim de enviá-los às Irmãs, no mesmo momento em que as convocaremos.

Amanhã bem cedo, irei saber o que me direis sobre todos esses assuntos. Permitti-me vos peça que vos lembreis, no santo Altar, de minhas necessidades

---

(3) *Senhora de Traversay (ver C. 62 :n. 2).*

(4) *O castelo de Bicêtre era um vasto edifício mandado construir por Luís XIII para alojar os oficiais e soldados inválidos. À sua morte, o projeto foi abandonado e o castelo ficou vazio. Por isso, as Damas desejam adquiri-lo para nele receberem as Crianças Abandonadas.*

(5) *Senhora de Brienne, Dama da Caridade. Seu marido era secretário de Estado (naquele tempo, uma espécie de ministro).*

(6) *Senhor de Nesmond, cunhado da senhora de Lamoignon, presidente de "bariete" no Parlamento.*

e, principalmente de que me faz tão criminosa na presença de Deus, impedindo-me de confiar plenamente na sua santa Providência e me torna indigna de redizer-me, senhor, vossa filha ainda que por pura bondade Sua, eu o seja e mui agradecida serva.

C. 95 (L. 104)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 29 de junho de (1643)

Senhor vos apresento os meus mais humildes agradecimentos pelo parecer que me destes sobre a conduta dessa boa moça de Angers. Se ela não quiser voltar, seremos forçadas a deixá-la empregar-se, porque não sei a que outro lugar poderíamos levá-la pelas razões que mandei dizer à senhora vossa irmã. Logo que a vi, duvidei que tivesse sido enviada por vós e achei que não ficaria muito tempo. Necessitamos de jovens que tenham, verdadeiramente, o desejo de perfeição e creio que, o que essa quer é conhecer e experimentar o mundo. Uma outra veio ver-nos por própria iniciativa e nos disse que há muito tempo, deseja pertencer à Companhia, preferindo-a a uma ordem religiosa. A impressão de franqueza e boa vontade que me deu, inclinou-me a ceder a seu pedido, pois me pareceu capaz de, um dia, prestar muito serviço a Deus, nesta Companhia. Conversando sobre ela com a senhora vossa irmã, ouvi palavras que aumentaram ainda mais meu desejo de recebê-la. Entretanto soube depois que alguns de seus parentes quiseram dissuadi-la de seu bom propósito e alegam que ela deixou arrefecer seu intento. Porém, ontem quando falava com Irmã Elisabeth (1) expressou-se de maneira diferente. Se Deus quiser no-la dar, saberá encontrar os meios para isso e eu vos asseguro, senhor, que a receberei e amarei como membro de minha família, na esperança de podermos trabalhar juntas para a glória de Deus.

Gostaria imenso de ser útil à senhora du Plessis (2) prestando-lhe pequenos serviços, porém, temo que não receberei tamanha honra. Peço a Deus dirija o curso de seu litígio. Rogo-vos, encarecidamente, senhor, terdes presente em vossos santos sacrifícios, o senhor Padre Vicente; agora, mais do que nunca, precisa disso. Tenho muito medo de que sucumba sob seu fardo. Continua com

---

C. 95 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Elisabeth Martin que nesta ocasião estava em Paris (ver C. 27 n. 1).

(2) Senhora du Plessis, irmã do abade de Vaux (ver C. 35 n. 2).

as costumeiras febres e também com seu trabalho.

Já não sei o que vos dizer da viagem do senhor Padre Lambert (3). Pensava que, em seu regresso de Sedan, iria logo a Richelieu; porém, vejo que não será assim. Quando o fizer, não deixará de ir a Angers. Peço-vos, senhor, por amor de Deus: continuai prestando vossa caridosa solicitude a nossas pobres Irmãs que, se se mantêm como começaram, é graças à vossa ajuda, pela qual elas e nós vos somos e à bondade de Deus, tão gratos por haver-nos feito essa graça.

Sou muitíssimo agradecida à senhora du Plessis que me fez a honra de vir, duas vezes, aqui em casa. Verdadeiramente me confunde o não ter nenhum endereço seu para lhe dar provas da afeição que, de minha parte, ela merece. Tive tão pouca cabeça que não me ocorreu oferecer-lhe a possibilidade de assistir às cerimônias dos funerais (4) de nosso falecido Rei, em Notre Dame, e só dei conta disso quando já havia passado a ocasião.

Eu vos aponto essa minha falta, senhor, para que percebais que cometo muitas outras, mesmo em se tratando de procurar-me os socorros necessários à minha salvação. Suplico-vos, mui humildemente, fazer-me a caridade de me ajudar, diante de Deus, em cujo amor sou, senhor, vossa obediente e mui humilde serva.

C. 96 (L. 96)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Terça-feira (1643)

Senhor Padre,

A senhora de Traversay encarregou-me, ontem, de avisar-vos que a reunião das Damas será quinta-feira no lugar costumeiro e que a senhora do Chanceler estará presente (1).

Tive pena de não vos ter podido contar como agiu o Padre d'Attichy (2) nu-

---

(3) *O Padre Lambert aux Couteaux (ver C. 22.n. 1) havia ido a Sedan, para tratar do estabelecimento dos Padres da Missão.*

(4) *O rei Luís XIII faleceu no dia 14 de maio de 1643.*

C. 96 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) *Esta carta está relacionada com a C. 94.*

(2) *O Padre d'Attichy, jesuíta, primo de Luísa de Marillac. Seus pais Otaviano d'Attichy e Valence de Marillac, falecidos em 1614 e 1617, respectivamente, deixaram a seus sete filhos ainda pequenos, uma situação econômica precária. Antônio Le Gras e "Ma-*

ma visita que fez à senhora Duquesa (3), a respeito de meu filho, coisa que, há muito tempo, planejara, sem que eu o soubesse. (*No convento das* Carmelitas, aonde fui com a senhora condessa de Maure (4) para um assunto seu, encontrei-me com ele. Repreendeu-me e fez indagações sobre a fortuna de meu filho. Afirmou que eu nada fizera por ele. E a senhora de Maure apoiando-o, disse-me que eu conhecia bastante o senhor de Noyers (5) para já ter conversado com ele. Tudo o que fiz, foi escrever ao Padre d'Attichy, dois dias após, para dizer-lhe que, a única falta cometida nos meus deveres de boa mãe para com meu filho, fora a de não o haver informado de que meu falecido marido consumira todo o seu tempo e sua vida em cuidar dos negócios de sua casa (*d'Attichy*) negligenciando completamente os seus próprios. Para reparar este erro, lhe pedia eu, já que se achava disposto a interessar-me por meu filho, às escondidas, que tivesse o trabalho de dizer à referida senhora que o senhor de Noyers me conhecia por me ter visto, várias vezes, em casa do senhor de Marillac (6), o Guarda-selos, e que eu tinha certeza de que vossa caridade daria informações de meu filho se vos fossem pedidas. Diante de Deus, essa é toda a minha intervenção neste assunto: rogo-vos, mui humildemente, que o acredieis e que, de maneira alguma a teria feito, sem essa inesperada ocasião, preparada por essas pessoas e que meu filho nada sabia sobre isso.

Suplico a nosso bom Deus, vos dê a conhecer que preferiria morrer a vos ocultar alguma coisa, posto que sou, senhor, vossa mui agradecida serva e humilde filha.

C. 97 (L. 28)

*Ao senhor Padre Vicente*

(entre 1643 e 1646) (1)

Senhor Padre,

Rogo, humildemente, à vossa caridade, o obséquo de dizer-me se será para

---

*demoiselle" se ocuparam com total abnegação dos negócios da família d'Attichy.*

(3) Provavelmente, Genoveva Doni d'Attichy, irmã do precedente, casada com Acquaviva de Aragão de Atri. (Nota do Padre Castañares).

(4) Ana uma das filhas de Valence de Marillac, irmã dos dois precedentes, casou-se com o conde de Maure.

(5) O senhor de Noyers, amigo da família (ver C. 87 n. 2).

(6) Miguel de Marillac, tio de Luisa (ver C. 30 n. 2).

C. 97 Rc. 2 Carta autógrafa.

amanhãdepois do almoço que devo avisar às nossas quatro Irmãs. Esqueci-me de propor-vos a Irmã Ana (2) de São Paulo, cujo espírito, parece-me, precisa de algum cuidado e nossa Genoveva (3) do Hospital Geral, que está aqui, agora, refazendo-sedo cansaço que teve com as Crianças Abandonadas, durante o final da Quaresma. Nesse caso, seriam cinco ou seis Irmãs. Poderá, mais uma vez, faltar alguma e assim, isso servirá para que mais de quatro ouçam a instrução que Deus se dignar nos dar por intermédio de vossa caridade, de quem sou mui humilde filha e agradecida serva.

C. 98 (L. 74)

*Para ser entregue, em mãos, do Sr. Pe. Vicente*

(1643)

Senhor Padre,

Fiquei sabendo de tudo o que o senhor Padre Compaing (1) me havia prometida averiguar e, por esse motivo estou mais aflita do que nunca. Portanto, suplico-vos, pelo amor de Deus, poder falar convosco, hoje, se for possível, aqui, e, se não, eu iria à vossa casa. Parece-me ser tempo de remediar este mal que é extremo e pior do que poderíeis imaginar. Tenho motivos para temer e desejar que Deus me sustente e inspire a vossa caridade, a fim de que deste tão grande mal resulte algum bem para sua glória. Parece-me que estou disposta a submeter-me a tudo, porém tenho medo da Eternidade. Em nome de Deus, considerai este assunto como da máxima importância e dai-me a honra de crer-me, senhor, vossa mui obediente filha e serva agradecida.

---

(1) Cfr. Castañares C. 118 n° 1.

(2) Irmã Ana Hardemont (ver C. 120 n° 2).

(3) Irmã Genoveva Poisson que entrou para a Comunidade antes de 1636. Primeiramente, foi colocada no Hospital Geral de Paris. Em julho de 1647 participou da instalação das Crianças Abandonadas, em Bicêtre e ali se pôs a seu serviço, com toda dedicação, durante longos anos. Em 1651, tomou parte no Conselho, na qualidade de antiga. A 8 de agosto de 1655, assinou a Ata de ereção da Companhia. Foi nomeada Tesoureira, a 22 de março de 1657.

C. 98 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Senhor Padre Compaing, coadjutor em São Nicolau de Chardonnet (ver C. 79:n. 3).

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 19 de agosto de (1643)

Senhor Padre,

Comunico-vos as dificuldades que me ocorrerame vos devo expor, conforme o determinastes. Causar-me-ia desgosto em vo-las enviar se não acreditasse que não hão de prejudicar ao cumprimento dos designios de Deus, sobre este ponto. Suplico-vos, com humildade, me concedais a honra de poder falar convosco, o quanto antes possível, a respeito de meu filho. Julgo-o indispensável, como também que vossa caridade veja diante de Deus, suas necessidades e, da maneira que sabeis. Foi sua divina Providência que vos deu este acréscimo de carga, além das caridades que exercestes e continuais exercendo para com aquela que é, por seu Amor, vossa humilde filha e obediente serva.

As dificuldades para continuarmos em Bicêtre (1) são: primeiramente, o tamanho do prédio e a extensão do local. Nem pela metade seriam ocupados, dentro de mais de dois anos.

Os grandes inconvenientes que existem, inclusive em Paris, quando as casas foram, anteriormente, habitadas por pessoas de má vida. Com maior razão são de temer num lugar em que, por muitos anos, foi o reduto, dia e noite, de toda espécie de gente pouco recomendável, não só dentro do castelo, mas, também fora.

O perigo que há nas estradas, para as Irmãs que, muitas vezes, são obrigadas a ir à cidade e a vir.

A impossibilidade de carregar as crianças, nos braços, e a grande dificuldade de levá-las a cavalo, por causa tanto dos terrenos argilosos e dos péssimos caminhos, como por causa das chuvas, granizo e neve.

Seria preciso muitas Irmãs, devido às viagens que estariam obrigadas a fazer, tanto por causa das crianças como pelas necessidades da casa e não dispomos de tantas, apropriadas a esse tipo de trabalho.

Os perigos das muitas viagens a serem feitas pelas Irmãs, poderiam causar-lhes desequilíbrios tanto agora, como no futuro.

As grandes despesas para preparar o local a fim de torná-lo habitável, para abastecê-lo, pois, as provisões terão de ser aí mais abundantes do que em outro lugar. Isso parece evidente.

---

C. 99 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Bicêtre (ver C. 94 n. 4).

Dificuldade de as Irmãs irem às assembléias, de conseguirem vir todos os meses à Casa (Mãe) e também, de as crianças serem visitadas.

E, se se tratasse de levar para lá todas as Irmãs da Caridade, parece-me, seria grande prejuízo para toda a Companhia, por causa das visitas necessárias das Irmãs que servem os Pobres em Paris, dos exercícios que se fazem na Casa, do atendimento aos pobres doentes, dos curativos de feridas, da instrução das meninas, como, sobretudo, por causa da indispensável comunicação com os superiores e, às vezes, com as Damas das paróquias.

Se, apesar de todas essas dificuldades, se devesse ir para lá, seria necessário, pelo menos durante este inverno, que dois homens permanecessem na casa, e, que todos os dias houvesse Missa na Capela, na qual se poderia instalar uma pia batismal para as crianças poderem ser batizadas, e seriam gastas as cinquenta libras doadas para isso.

Seria necessário contar com uma tartana (2) e um cavalo para transportar as crianças; isso facilitaria bastante; um dos homens poderia dirigi-la.

Se for assim, ter-se-ia de escolher com muito cuidado esses dois homens, devido à comunicação com as amas e com as Irmãs.

C. 100 (L. 91)

### *Ao senhor Padre Vicente*

16 de novembro de [1643]

Senhor Padre,

A senhora de Traversay e a senhorita Viole (1) acabam de sair daqui e vos cumprimentam respeitosamente. A último encarregou-me de dizer-vos que seu irmão a avisou de que o senhor Advogado Geral lhe havia comunicado - sabendo-o de fonte segura - que uma pessoa que havia servido (2), pretendia pedir à Rainha a concessão dos donativos feitos aos que transportam o trigo e, se for aumentado o número dos que têm de pedi-los, as crianças perderão esse auxí-

---

(2) *Carruagem de duas rodas, com cobertura abobadada e assentos laterais. (Nota da Tradutora).*

C. 100 Rc. 2 *Carta autógrafa. Dorso: 16 de novembro de 1643 (Irmão Ducourneau).*

(1) *Senhorita Viole, tesoureira da Confraria da Caridade do Hospital Geral e das Crianças Abandonadas.*

(2) *Servido ao Rei nos seus exércitos, como se dizia naquele tempo e em outros posteriores.*

lio. Esta boa senhorita insistiu muito em que vossa caridade (3) fosse informada do fato. A senhora de Liancourt (4) também me disse, senhor, que falasse das pensões dos MONGES LEIGOS (5) que percebe cada abadia, porque desejava propor à Rainha que (essas pensões) passem para os inválidos. Se julgardes que ela não o deve fazer, por favor, procurai torná-la ciente disso. E, procurai pensar diante de Deus, como poderia eu ser-lhe fiel, como me sinto obrigada a sê-lo, deixando de ter como única diretiva minha vontade própria, pois me parece vivê-la em tudo, a me serve de grave obstáculo à realização da de Deus, pela qual sou, senhor, vossa mui agradecida e indigna filha.

C. 101 (L. 130)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 17 de novembro de 1643

Senhor Abade,

A certeza que tenho de que vossa bondade é tão grande que atribuirá minha demora em escrever-vos ao desejo de poder transmitir-vos a opinião do senhor Padre Vicente sobre o que tivestes a bondade de expor-me, leva-me a não vos apresentar minhas excusas. Mas, sim, vos digo que, não tendo tido tempo de ler para ele vossa carta, quis vê-la por si mesmo. Como resposta, encarregou-me, senhor, de vos dizer, que aprova vossa intenção de permanecer seis meses em Paris e os outros seis em Angers, pelo menos enquanto espera que a Providência disponha de outro modo. Concorda, também, conforme tivestes a bondade de dizer-me, que sejam transferidas algumas Irmãs e encarregou-me de escrever ao senhor Padre Lambert (1) para fazer a visita no Hospital o quanto antes.

Nossa Irmã Madalena (2) escreveu-me como se sentem esquisitas com

---

(3) O Padre Castañares, em nota a esta carta, interpreta que a Obra das Crianças Abandonadas talvez recebesse esses donativos.

A edição francesa de 1983, na nota 2, relaciona este parágrafo com a compra do Castelo de Bicêtre, assunto tratado na carta n° 94 desta tradução.

(4) Senhora de Liancourt (ver C. 5 n. 2).

(5) MONGES LEIGOS: soldados inválidos que, antes da criação do Hospital dos Inválidos eram mandados para as abadias, onde prestavam algum pequeno serviço.

C. 101 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) O senhor Padre Lambert (ver C. 22 n. 1). A esperada visita só será feita em fevereiro de 1644.

(2) Irmã Madalena Mongert (ver C. 42 n. 1).

vossa ausência. Espero, senhor, que vosso regresso as reanime no antigo fervor.

Muito me admiram as queixas desses bons senhores, a quem, como a vós, havia escrito, há, pelo menos, seis semanas. Receio que minhas cartas se tenham extraviado. Também escrevi às nossas Irmãs. Quero crer que outro motivo tenha levado esses senhores a se queixarem, além de todas essas faltas de que acusam as Irmãs. Realmente seriam graves, se elas tivessem chegado a ser tão imprudentes ao ponto de atingirem o relaxamento de que são acusadas.

Suplico-vos, mui humildemente, senhor, continueis vossa caridade até chegar à verdade. Assim como Deus as conservou tanto tempo, graças à vossa santa orientação, assim, pela ajuda que lhes dá com vosso regresso, possam elas voltar a seu fervor primitivo. É o que espero da bondade de Deus e também, senhor Abade, que vossa caridade se lembre de minhas necessidades e peças misericórdia para mim que sou no amor de Jesus Crucificado, senhor, vossa mui obediente e muito humilde filha e serva.

P.S. - Esquecia-me, senhor, de cumprir o encargo do senhor Padre Vicente: apresentar-vos suas desculpas, juntamente com seu mais respeitoso cumprimento. Vive tão sobrecarregado de trabalhos que causa pena. Tenho certeza de que fareis a caridade de rezar por ele.

C.102 (L. 92)

*Ao senhor Padre Vicente  
Do Hospital das Crianças Abandonadas*

Hoje, quinta-feira, 19 [de novembro 1643]

Senhor Padre,

Dei esperanças à senhorita Viole (1) de poder falar convosco amanhã, aqui, à hora que vos for mais cômoda, e por isso, virá de manhã, para voltar somente à tardinha.

Segue uma carta que me foi enviada pelo senhor Compaing (2) para que a vejais, dizendo que já estáveis inteirado do assunto. Peço a nosso bom Deus, vos conceda novas forças e saúde para Sua glória e sou, senhor Padre, vossa mui humilde e agradecida filha e serva.

---

C. 102 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: quinta-feira, 19 de novembro de 1643 (Irmão Ducourneau).

(1) Senhorita Viole (ver C. 100 n. 1).

(2) Senhor Compaing (ver. C. 79 n. 3).

Fevereiro: *Nova visita do senhor Padre Lambert ao Hospital de Angers.*

Março: *Morte de Joana Dalmagne, Filha da Caridade.*

Outubro: *Peregrinação de Luisa de Marillac e Chartres. Consagração da Companhia das Filhas da Caridade à Santíssima Virgem.*

C. 103 (L. 31) (1)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, quinta-feira, 14 de janeiro de (1644)

Sr. Padre,

Bendito seja o nosso bom Deus, pois é por sua vontade que estais doente! Entretanto, Ele quer também que, por seu amor, tenhais com vosso corpo a mesma caridade que teríeis com o de um pobre. Ouso mesmo afirmar, meu Honoratíssimo Pai, que Deus assim o quer absolutamente. Aproveitai, pois, esta ocasião, vo-lo peço, e perdoai a excessiva liberdade que tomo, como interessada pela glória de Deus.

As senhoras Traversay, Romilly, Fortia e Viole (2) estão muito aflitas com o caso da senhorita Serquemann, e vieram dizer-vos que o senhor Lavocat (3) as havia intimado a comparecer perante a Câmara, aonde também fizera ir a referida senhorita. Mostrou-se muito contrariado porque seu parecer não fora seguido. Convicto de que a senhorita tinha razões de queixas, quis que ela falasse às ditas senhoras, tudo o que lhe havia relatado em particular.

Inicialmente, disse que, reunidos numa carruagem, foi celebrado um conselho composto de três membros, do qual vós, Senhor, fazíeis parte, como as senhoras Traversay e Romilly. Resolvestes que as crianças fossem levadas para

---

C. 103 *Padre Gossin, SAINT VINCENT DE PAUL PEINT PAR SES ÉCRITS (Paris, 1834) pp. 483 ss. Litografia do original.*

(1) *Carta da qual não se possui o autógrafo. Segundo Coste, I, XXXII e II, 438, e das extraias da obra de Gossin (1834, Paris) e: "Em diferentes lugares, o texto original foi mal interpretado; assim, é quase impossível reconstitui-lo corretamente. Com efeito, há parágrafos incompreensíveis, por isso, a tradução não pode ser boa (especialmente o primeiro parágrafo). Felizmente não é um texto fundamental. (Nota da Tradutora).*

(2) *Damas da Caridade que se ocupavam da Obra das Crianças.*

(3) *Francisco Lavocat, esmoler do Rei, falecido em 1646.*

o campo e que o senhor Pelletier (4) não continuasse com suas esmolas, Assim o fez a dita senhora e o senhor Pelletier ia anotando e, esperando resposta que se disse, haveria de ser também por escrito. Nela se pedia a seu sobrinho que demorasse oito dias para a entrega do dinheiro; isso não consta na escritura.

Havendo-se interrogado à referida senhorita quem lhe havia revelado esse segredo, respondeu que, como éreis apenas três (*na carruagem*), havia sido um anjo quem, de novo, lhe repetiria.

O senhor Lavocat também confessou às Damas que, depois de estar convosco, senhor Padre, procurou o primeiro Presidente, que lhe afirmara que conheceis, perfeitamente, a intenção dessas senhoras, embora lhe afirmásseis o contrário. É isto que aborrece ao senhor Lavocat, que disse não ser preciso falar mais de encarregar-se das crianças, nem recusar as esmolas que ela recebia para tal fim.

A senhorita armou um escândalo junto do senhor Pelletier, prometendo que lhe faria levar as crianças à sua porta e, não deixa de afirmar que lhe prometeram a fundação, e o primeiro Presidente, um Hospital, mas, que as Damas impedem esta boa obra. Queixou-se muito de que não quisestes atendê-la, embora, com grande dificuldade vos tenha ido procurar, no dia de Reis e, de que o senhor Pelletier se recusou, formalmente, recebê-la. Mandou, porém, lhe dizer haver destinado cem libras para pagamento das mensalidades das crianças que ele sustentava, mas, não pretendia continuar. Queixou-se amargamente, dizendo-se carregada de dívidas.

O primeiro Presidente aconselhou-a a apresentar um requerimento que ele o deferiria. As crianças não saíam de sua guarda sem que a elas lhes custasse pelo menos três mil libras, como fiança. Estas boas senhoras crêem perdida a reputação da Companhia (5) e afligem-se por vos verem envolvido nesta questão. Pedem algum remédio para este mal.

Esquecia-me de dizer-vos, senhor, que ontem a senhora Traversay vendome forçada a dar alguma satisfação ao senhor Lavocat e, para acalmar um pouco a senhorita, mandou um recado à senhora de Romilly para que dissesse ao senhor seu sobrinho aquilo que seu anjo da guarda lhe inspirasse, e, esta manhã, estando ele à mesa, lhe falou: "Peço-vos que façais pelo caso do Hospital Geral, tudo o que Deus vos inspirar". Elas me encarregaram também de vos dizer, senhor, que julgam necessário que o senhor Lavocat, acompanhado de algum Senhoras da Caridade, tenha um encontro com o senhor Pelletier, na presença da senhorita Serquemann, para servir de testemunha da vontade do dito benfeitor e sustentar que jamais ele teve intenção de fazer uma fundação, nem sequer de

---

(4) Senhor Le Pelletier, sobrinho da senhora Goussault, funcionário das Finanças.

(5) Companhia das Senhoras da Caridade. (Nota do Padre Castañares).

continuar contribuindo sempre. Isso serviria para que o senhor Lavocat ficasse ciente de que as outras coisas que a senhorita tem sustentado, não passam de desejos seus e não de um motivo sério para esperar uma fundação. Entretanto, é incrível constatar o crédito que este bom primeiro Presidente tem dado a esta boa mulher: é tal, que o senhor Lavocat e as mães do Hospital são constrangidos a afirmar que precisam dela.

A intenção destas Damas, com essa entrevista, é fazer com que o senhor Lavocat possa informar o senhor Juiz sobre a verdade desse assunto. Suplicamos, senhor, se o puderdes, lhes dê, amanhã, alguma orientação. Se o senhor Pelletier não estivesse doente, elas vos proporiam que ele mesmo fosse procurar e falar, pessoalmente, com o primeiro Presidente.

Espero que o bom Deus saiba tirar sua glória desta desagradável situação. Assim eu Lhe peço de todo coração e também que vos conceda saúde para (*enfrentar*) este problema.

Espero de vossa bondade ser ajudada fazendo-me participar dos (*méritos de*) vossos sofrimentos e santos sacrifícios, visto não ignorardes minhas necessidades e que sou, senhor, vossa filha muito agradecida e serva humilde,

Mademoiselle Le Gras

C. 104 (L. 32)

*Ao senhor Padre Vicente*

(1644)

Senhor Padre,

Se estiverdes de acordo que o senhor Lavocat vá procurar o senhor Pelletier (1) conforme vos disse, peço-vos, humildemente, indiqueis as Senhoras da Companhia que deveriam estar presentes. As senhoras Traversay e Romilly são as que estão mais a par do assunto. Não seriam bom que também fossem outras com elas?

Quanto a vosso resfriado, parece-me que ficariéis bom mais depressa se vos deitásseis mais cedo; porque o excesso de trabalho e o ficar de pé esquentam o sangue. Peço a Deus que vos manifeste a Sua vontade sobre esse particular e nela sou, senhor Padre, vossa muito humilde filha e agradecida serva.

P.S. - A sangria de ontem quase me curou por completo, graças a Deus.

---

C. 104 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Ver a carta anterior.

C. 105 (L. 94)

*Ao senhora Abade de Vaux  
(Angers)*

Hoje, 3 de fevereiro de 1644

Senhor Abade,

Estou muito preocupada, porque o sr. Padre Lambert ainda não pôde ir até aí. A necessidade em que se encontram nossas Irmãs, segundo o que vossa caridade me fez a honra de avisar-me, faz-me temer que isso acarrete maior trabalho para vós. Ele me disse (o sr. Padre Lambert) que uma ligeira indisposição o impede de ir por aí antes do início da Quaresma. Estou certa de que não deixará de fazê-lo. Vede, Senhor como a bondade de Deus permite que tudo o que se faz nesta pequena Companhia seja em meio a dificuldades. Creio serem meus pecados a causa de tudo. Suspeito que minhas cartas não chegam em vossas mãos e, para sair de dúvidas, peço-vos informar-me a respeito. Nos primeiros dias do ano, eu vos escrevi, transmitindo-vos o parecer do senhor Padre Vicente sobre o que me havéis dito referente ao serviço espiritual do Hospital. Peço-vos, humildemente, perdão pelo muito trabalho que vos causamos. Se não conhecesse vossa grande caridade, temeria cansar-vos. Mas, pela graça de Deus, estou longe de pensar assim. Ao contrário Ele me dá o pensamento de considerar-vos como nosso bom Pai, a quem devemos venerar, vendo o apoio cordial que vossa santa direção proporciona às vossas mais pobres filhas. Suplico a Deus, de todo coração, seja Ele mesmo vossa eterna recompensa e, em seu santo amor sou, vossa mui grata filha e humilde serva.

C. 106 (L. 95)

*Ao senhor Abade de Vaux  
(Angers)*

Hoje, 23 de fevereiro de 1644

Senhor Abade,

Falei com o senhor Padre Vicente a respeito da última carta que fizestes a

---

C. 105 Rc. 4 Carta autógrafa.

C. 106 Rc. 4 Carta autógrafa.

honra de escrever. Ele não entendeu e tão pouco eu, a que benefício renunciastes: se foi aqui ou em Angers. Encarregou-me porém de dizer-vos, senhor, que está convencido de que, qualquer coisa que empreenderdes, resultará em bem. Pediu-me ainda que vos agradecesse, profundamente, pelas duas cartas que lhe enviastes, e, ao mesmo tempo o desculpeis por vo-las não haver respondido. Louva a Deus, senhor Abade, pelo desapego da carne e do sangue que manifestais, sendo isso excelente meio para seguir as máximas do espírito de Jesus Cristo. Creio que não duvidais serem as inúmeras ocupações que o Pe. Vicente tem, a razão única de não vos haver escrito, a que acrescento uma contínua indisposição que o faz sofrer, há mais de um mês, sem por ela ter deixado seu trabalho.

O que me destes a honra de comunicar-me, far-me-ia recear privardes o próximo daquilo que Deus lhe concedera por vossa pessoa. Porém, parece-me que o senhor Padre Vicente vos dá certeza do contrário. Suponho que o senhor Padre Lambert já se encontre em Angers. Suplico-vos, com toda humildade, terdes a bondade de colocá-lo a par da situação de nossos Irmãos e também das queixas existentes contra elas. Por amor de Deus, fazei-me a caridade de pedir à sua Bondade não somente por mim, mas, por todas as que sua Divina Providência chamar à Companhia das Filhas da Caridade, esse espírito que lhes desejeis e que é, segundo o creio, conforme ao designio de Deus, para sua conservação. Eu O louvo de todo coração, por vos haver manifestado, tão claramente, como o tem feito, preservando-vos ou retirando-vos do perigo, que Ele quer servir-se de vós. Quanto poder hão de ter essas graças particulares, num coração que ama!

Tenho sempre alguma caridade a pedir-vos: a grande necessidade de uma pessoa (2) que me é achegada, me impele a suplicar-vos tê-la presente no santo Altar e meu dever, acompanhado do desejo, obriga-me a vos suplicar-me acrediteis ser, no amor de Jesus Cristo Crucificado, senhor, vossa mui humilde e obediente serva.

---

(1) O Abade de Vaux escreveu, a 10 de fevereiro a Luisa de Marillac, que desejava renunciar a seu benefício de arceidiago de Brie, na diocese de Paris.

(2) Trata-se de seu filho Miguel.

*Ao senhor Abade de Vaux  
(Angers)*

Hoje, 21 de março de 1644

Senhor Abade,

Sou-vos profundamente grata por haverdes tomado o trabalho de dar-me notícias da viagem do senhor Padre Lambert. Sabíamos apenas que estava de volta, mas, ignorávamos o que fez em Angers. Deus seja bendito, senhor Abade, pelo bem que esperais desta visita. Eu porém, falando como pessoa de menos fé, digo-vos: receio não acontecer assim, por causa de vossa ausência; tenho-a por certa. Peço-vos, encarecidamente, senhor, encontrardes um meio de fazer-lhes compreender, (*às Irmãs*), a obrigação de darem crédito e submeterem-se à pessoa que vossa caridade tiver julgado ser mais indicada para elas. Se achardes necessário, senhor, que, antes de sairdes daí e de lhes falar, o senhor Padre Vicente lhes ordene essa submissão, tende a bondade de dizer-nos o nome (*des-sa pessoa*) pois, creio que achará conveniente escrever-lhes, ordenando-lhes executarem, pontualmente, os conselhos que lhes derdes. Como esta obra, em seus começos, teve a bênção de estabelecer-se por vosso intermédio, acredito, senhor, que nosso bom Deus queira conservá-la também sob as mesmas condições. Comuniquei ao senhor Padre Vicente o que me expusestes sobre os dois bons Padres que desejam entregar-se a Deus, na (*Congregação da*) Missão. Ele me encarregou de dizer-vos que apoiará o que fizerdes, pois, tudo o que vier de vossa parte será bem recebido; não vos prescreverá outra norma para dirigi-los senão a que Deus vos inspirar. Grande lição para mim, senhor, foi o desejo que me comunicastes de que Deus transforme em cruz as coisas nas quais pudésseis achar satisfação. Parece-me, senhor, ser isso um excelente meio de purificar nossa intenção nos caminhos desconhecidos. Fazei-me a caridade de pedir, para mim, esta graça a nosso bom Deus. Vo-lo peço, humildemente, por seu santo Amor, no qual sou vossa mui obediente e humilde serva.

C. 108 (L. 39)

*Ao senhor Padre Vicente*

(beirando março de 1644)

Senhor Padre,

Há mais de um mês, fomos informadas de que o senhor Abade de Vaux deverá chegar à cidade no principio de maio e que antes de partir (*de Angers*) e de que se faça a mudança de Irmãs, é necessário deixar nomeado um Diretor para elas (o que não quis fazê-lo antes que eu vos transmitisse todas as propostas).

Minha pouca experiência e capacidade impedem que eu vos previna dos perigos que, a meu ver, ameaça a Companhia de, pouco a pouco ir desaparecendo, ao invés de firmar-se. Isso me infunde os mesmos pensamentos de Agar ante o temor da morte de seu filho, a quem não queria ver perecer, embora com mais motivos do que ela, por serem meus pecados a causa de todas essas desordens. Peço-vos, mui humildemente, perdão pelo acréscimo de preocupação que vos causo. Se julgasse ser essa a vontade de Deus, procuraria ver, em paz, todos esses perigos. Suplico à Sua bondade remediar a tudo e, à vossa caridade, crer-me sempre, senhor, vossa mui humilde filha e agradecida serva.

C. 109 (L. 99)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

19 de abril de 1644

Senhor Abade,

Passei ao Senhor Padre Vicente o que vossa caridade me fez a honra de enviar-me. E, ele me disse que lhe parecerão sempre boas as ordens que derdes às Irmãs do Hospital. Quanto aos confessores, aprova a escolha do senhor Padre Ratier (1). Conforme o determinardes, poderá permitir-lhes se dirijam a outros para as confissões extraordinárias, quando julgardes a propósito que elas as façam. Estou certa, senhor, de que vossa caridosa solicitude durante esta vossa

---

C. 108 Rc. 2 Carta autógrafa.

C. 109 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) O senhor Padre Ratier (ver C. 82 n. 2) vai assumir a função de diretor das Filhas da

permanência mais longa em Angers, lhes terá servido para infundir-lhes a vontade de adquirirem as virtudes de que carecem e que vossas fervorosas orações conseguirão para elas.

Nossa boa Irmã Elisabeth (2) continua doente; por isso não poderemos mandá-la; para substituí-la, porém, enviaremos Irmã Turgis (3) por três meses: julgo ser o necessário. Chamaremos Irmã Bárbara, Irmã Genoveva, Irmã Clemência e a Irmã Madalena (4) para ficarem aqui, durante o tempo em que Irmã Turgis permanecer aí. Espero que as Irmãs (5) que enviamos para o lugar das que retiramos possam partir, o mais tardar, no princípio da próxima semana e que, com vossa habitual caridade, fareis o favor de predispor os senhores Administradores para esse tipo de mudanças, assegurando-lhes ficarão satisfeitos e os pobres serão melhor servidos como o desejam. Crede, Senhor, para isso, tiramos com muita dificuldade, a Irmã Turgis das criancinhas, onde é muito necessária por causa da grande experiência e talento exigidos para semelhante obra.

Queira nosso bom Deus renovar as bênçãos concedidas no começo dessa fundação para Sua glória e, que não nos tenha de, um dia, censurar-nos que trabalhastes em terra ingrata. Sinto muito, por nossas Irmãs, que deixeis Angers e, ao mesmo tempo, alegre-me pensar que é Deus quem vos chama para esta cidade com a esperança de que é para um bem. Nisso se mistura um pouco meu interesse pessoal, vo-lo confesso. Creio porém que Deus assim o queira, pois, é no amor de Jesus Crucificado, que sou, senhor Abade, vossa mui obediente e humilde filha e serva.

C. 110 (L. 100)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 28 de abril de 1644

Senhor Abade,

Acredito ter sido a Divina Providência que quis reter-vos em Angers para

---

*Caridade durante a longa ausência do senhor Abade de Vaux.*

*(2) Elisabeth Martin (ver C. 27 n. 1).*

*(3) Irmã Turgis (ver C. 11 n. 1).*

*(4) Bárbara Toussaint, Genoveva Caillou, Clemência Ferré, Madalena Mongert.*

*(5) Francisca Clara e Catarina Huitmil (ver C. 119 n. 5 e n. 6).*

C. 110 Rc. 4 Carta autógrafa.

poderem ser resolvidas as necessidades de nossas Irmãs com tanto proveito quanto o foi o seu estabelecimento, graças à bênção de vossa caridosa orientação. Tomo a liberdade de vo-las confiar como a um Pai, a fim de terdes a bondade de lhes dar as instruções necessárias à sua entrada no hospital. Penso que já fizestes a gentileza de levar os senhores Administradores a entenderem que as novas Irmãs que enviaremos, irão apenas renovar, para maior satisfação delas, o fervor das primeiras e assim, juntas, poderem melhor servir os pobres. Escrevo-lhes nesse sentido. Nossa Irmã Turgis mostrará um apontamento da regra que deverá observar tanto à sua chegada no hospital, como para mudar o que for necessário. Isso se o achardes conveniente. Se pensardes que deva fazê-lo de outro modo, recebeu ordem para vos obedecer em tudo.

As Irmãs que o senhor Padre Lambert (1) nos disse ser bom que fossem retiradas são: Irmãs Bárbara, Genoveva e Clemência (2). Mandaremos, agora, apenas duas, porque a terceira deve esperar aí mesmo, para acompanhar a Irmã Turgis na sua volta a Paris e a terceira que fica aqui, irá para Angers com a Irmã Madalena ou outra, que for substituir a Irmã Turgis (4), a quem tereis a bondade de informar tudo o que deve fazer. Prevenireis também aos senhores Administradores que Irmã Turgis deverá voltar. Por favor, mandai-nos as duas Irmãs cuja retirada é urgente. Rogo a nosso bom Deus que todas as caridades que nos prestastes nesse assunto, atraíam sobre as Irmãs as bênçãos de que precisam para alcançarem a perfeição que Deus lhes pede e que as orações que elas e nós temos obrigação de elevar por vossa caridade, em testemunho de nossa gratidão, Lhe sejam agradáveis. Não sei se recebestes as duas cartas que tive a honra de escrever-vos. Nelas eu vos pedia, em nome do senhor Padre Vicente, deixásseis nomeado um diretor (para as Irmãs). Retiro esse pedido, senhor, e rogo-vos a honra de considerar-me, no amor de Jesus Crucificado, vossa mui obediente filha e humilde serva.

---

(1) Depois da visita feita à Comunidade do Hospital, em fevereiro do mesmo ano.

(2) Bárbara Toussaint, Genoveva Caillou, Clemência Ferré.

(3) Madalena Mongert que iria a Paris por uns meses. Ver carta anterior.

(4) Ir. Turgis iria a Angers por três meses, durante a ausência de Madalena Mongert.

(5) Foi designado o senhor Padre Ratier.

C. 111 (L. 180)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Paris*

(pelo mês de maio de 1644) (1)

Senhor Abade,

Queira Deus que a Irmã portadora desta, ainda vos encontre aí, para eu poder receber notícias vossas e assegurar-me de que gozais saúde. Envio-vos um pouco de conserva cujo uso, penso eu, vos será melhor do que o das pastilhas de que me havíeis falado.

Parece-me que não tivestes notícias dos senhores de Angers e que a Providência assim o permitiu porque nos teria sido muito difícil enviar-lhes Irmãs (2), no momento. Rogo a Deus que façais boa viagem, e sou em seu amor, senhor Abade, vossa muito humilde e obediente serva.

P.S. - Falei com o senhor Padre Vicente que vos destes o trabalho de ir à sua casa para lhe falar sobre vosso problema, do qual lhe contei o estado atual, segundo me destes a honra de informar-me. Mostrou-me muita contrariedade por não ter podido falar convosco. Não saberia dizer-vos se é porque discorda de que renunciéis ao arcediago ou se é pela maneira de tratar do assunto (3).

C. 112 (L. 142)

*Às minhas queridas Irmãs Bárbara e Maria (1)*

Hoje, dia de São João (24/06/1644)

Minhas queridas Irmãs,

Deus seja louvado pela força e coragem que vos dá em todos os vossos tra-

---

C. 111 Rc. 4 Carta escrita pela Irmã Hellot, secretária. Assinatura e Post Scriptum de santa Luísa.

(1) Esta deve ter sido escrita entre maio-junho de 1648.

(2) Desde 1642, os Administradores do Hospital de Angers vinham pedindo mais quatro Irmãs; somente em 1648 foram atendidas.

(3) Ver a Carta 106.

C. 112 Rc. 3 O endereço e desde "Peço-vos", no primeiro parágrafo, a letra é de Irmã Joana Lepintre.

(1) Bárbara Angiboust e Maria Daras estavam em visita às crianças confiadas a elas, no campo.

balhos. Estais operando maravilhas! Não nos dissestes se encarregastes alguém para trazer essa menina cuja alimentação é paga pela senhora Sangé. Parece-me que não seguistes o itinerário que vos foi proposto. Tão logo tenha conhecimento da decisão das Damas, comunicá-la-ei a esse bom tabelião que é muito caridoso. Peço-vos não deixeis de enviar para cá todas as crianças que já sabem andar e de desmamar aquelas que já completaram dezoito meses.

O senhor Padre Vicente leu vossas cartas, mas, não aprova o qualificativo de "Reverenda Madre". Ah! minhas Irmãs, não fica bem usar semelhantes expressões; por isso, peço-vos: falai com mais simplicidade.

As Damas são de opinião que se vendam as roupas que estão guardadas, porém, somente depois de se descobrir o que foi feito dessas duas crianças. Eu o avisarei a quem de direito. Rogo-vos portar-vos com a maior mansidão possível com toda essa pobre gente que encontrardes nas mesmas condições.

Mandem-nos notícias o mais freqüentemente possível e, crede-me no amor de Nosso Senhor Crucificado, minhas queridas Irmãs, vossa humilde irmã e serva.

P.S. - Não tendes mais necessidade de ir a Nanteuil, se isso vos desvia de vosso caminho, porque Irmã Andréa chegou e trouxe notícias.

C. 113 (L. 286 bis)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, quinta-feira, 30 de junho (1644)

Senhor Padre,

Peço-vos, humildemente, perdão por importunar-vos. Porém, o receio que tenho de ofender a Deus se ficar mais tempo sem comungar, não podendo fazê-lo, sem antes ter a honra de falar-vos, leva-me a tomar a liberdade de vo-lo avisar. Suplico-vos, pelo amor de Deus, que acrediteis ter eu feito o possível para vencer o temor que ontem me impediu de comungar. Sabeis que, de ordinário, isso não me acontece e, que sou vossa mui agradecida e mui indigna filha e serva.

*(A uma Irmã Servente (1))*

(1644)

Minha querida Irmã,

Mandastes-me uma carta muito angustiada; porém, gostei muito (*de que ma enviasse*). Compreendo que vos cause uma pena imensa ver espíritos tão pouco submissos. É bem bom não ter eu sabido de tudo desde o princípio. Sei que todos cometemos faltas e eu mais que ninguém. Entretanto, a tolerância a ser tida umas para com as outras deve impedir-nos de olhar o ponto fraco de nossas Irmãs, a não ser para ajudá-las.

Considero-vos muito feliz por poderdes ser auxiliada pelo santos conselhos dos senhores vossos Diretores: o que atraiu bênçãos sobre os primeiros anos, foi a submissão e obediência que nossas Irmãs lhes prestaram.

Espero, minha querida Irmã, que vossa paciente doçura tudo concilie e vossos exemplos farão viver aí o espírito da Companhia que é o de Nosso (*Senhor*)...

*Às Irmãs (de Angers)*

Hoje, 26 de julho de (1644)

Minhas queridas Irmãs,

Não posso, por mais tempo, ocultar a pena que causam a meu coração as notícias que tenho recebido de que estais deixando muito a desejar. Então, minhas pobres Irmãs, se terá de dizer que consentis que nosso inimigo leve vantagem sobre vós? Onde está o espírito de fervor que vos animava nos começos de vosso estabelecimento em Angers e que tanta estima vos merecia por parte dos senhores diretores? Seus avisos eram ordens para vós; nunca os deixáveis de executar com o respeito e apreço que lhes deveis. Não é totalmente desarrazoa-

---

C. 114 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Carta inacabada, sem endereço, nem assinatura. Talvez seja o princípio ou o rascunhos da seguinte.

C. 115 Arquivo das Filhas da Caridade. (Solta, com o n° 104 bis, na vitrine do museu. Carta autógrafa).

do que vos oponhais a seus conselhos e determinações? Refiro-me tanto aos vossos superiores espirituais quanto aos temporais. Onde estão a doçura e a caridade que deveríeis ciosamente conservar para com nossos queridos amos, os pobres doentes? Se nos afastamos, por pouco que seja, da lembrança de que são eles membros de Jesus Cristo, isso nos levaria, infalivelmente, a que diminuam em nós, essas belas virtudes.

Será possível que algum apego às criaturas vos coloque em perigo de perder o precioso tesouro de vossa vocação? Tende cuidado, queridas Irmãs, pois esse perigo é traiçoeiro como o é a vaidade que pode ocultar-se sob esses pobres hábitos e feios toucados, se não estivermos de sobreaviso. Sob pretexto de limpeza e ordem, cometem-se grandes faltas neste ponto. Não posso acreditar que nenhuma de vós, queridas Irmãs, admita um pensamento contrário à vossa santa vocação, nem que, a este respeito, vos aconteça comprazer-vos em vos entreter com pessoas capazes de prejudicar a pureza do amor que deveis a Deus, tão cioso das almas que chama a seu santo serviço. Se algumas de vós se virem tentadas por essa paixão, ah! queridas Irmãs, não deis acolhida em vosso seio a essa víbora; revelai os sentimentos de vosso coração à pessoa que Deus vos deu por Diretor, isto é, o indicado pelo senhor Abade de Vaux. Deus não deixará de vos dar consolação e ajuda de que necessitais.

Renovai-vos, pois, minhas queridas Irmãs, em vosso primeiro fervor e começai pelo desejo sincero de agradar a Deus, recordando-vos de que Ele vos conduziu por sua Providência ao lugar onde vos encontrais e vos colocou juntas para vos ajudardes, mutuamente, a adquirir a perfeição. Porém, para cumprirdes seu divino designio, do qual depende vossa salvação, precisais de uma grande união entre vós, que vos fará suportar-vos uma à outra; isto é, naça tereis a contestar quando vos apontarem vossas faltas ou vos mandarem fazer alguma coisa. E, do mesmo modo, quando virdes defeito uma na outra, sabereis excusá-lo. Meu Deus, queridas Irmãs, como isso é razoável, pois, cometemos as mesmas faltas e necessitamos de que nos desculpem também; Se nossa Irmã estiver triste, tiver caráter melancólico ou vivo demais, ou, lento demais, que quereis que ela faça? Esse é seu natural. Embora se esforce sempre para vencer-se, não poderá impedir que suas inclinações apareçam fora. E sua Irmã que deve amá-la como a si mesma, poderia aborrecer-se por isso, tratá-la com rudeza, fazer-lhe cara feia?

Ah! minhas Irmãs, como havereis de vos guardar de tudo isso, não deixando transparecer que o percebestes! Não discutais com ela, mas, pensai que em breve será a vossa vez de precisar que ela faça o mesmo convosco. É isso, queridas Irmãs, que é ser verdadeira Filha da Caridade, pois, o sinal de que alguém possui a caridade é, com todas as outras virtudes, tudo suportar. Tende também grande apreço ao que Deus vos disser através da que faz as vezes de Superiora, qual-

quer que seja, nesta ou naquela hora.

E, quando a obediência transferi-la, não fiqueis a recordar a maneira de governar da precedente. Segui, em tudo, o parecer da que tendes, atualmente, a menos que ela pretendesse que transgredísseis vosso regulamentos ou o modo de vida que vos foi prescrito, o que espero jamais ocorra, se formos fiéis a Deus. Não me cansaria jamais de continuar falando convosco, na presença de Deus, tão grande é o desejo que tenho de que sejais agradáveis à Sua bondade.

Já é tarde. Peço-vos rezar por toda a família daqui: somos trinta e cinco Irmãs. Nossas duas Irmãs Bárbara e Maria Daras (1), graças a Deus, chegaram bem da visita de, justamente seis semanas, que fizeram a todas as Crianças Abandonadas, que estão sendo criadas nas casas das amas de leite. Agradecei a Deus os favores que nos concedeu por meio delas. Não sei onde se encontra o senhor Abade de Vaux. Irmã Turgis (2), rogo-vos dar-me notícias dele e, cumprimentai-o, respeitosamente, se estiver em Angers. Dizei-lhe que, durante bastante tempo, julguei-o em Paris e, ainda não sei se está ou não. Sentiria muito se se afastasse tanto de nós que já não tivéssemos a honra de vê-lo. Apresentai nossos respeitos ao senhor Padre Ratier (3) e a todos os outros que sabeis (*dever fazê-lo*), como também às Damas. Tende todas a certeza, minhas queridas Irmãs, de que sou, de todo coração, no amor de Jesus Crucificado, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 116 (L. 105)

*À Irmã Turgis,  
Irmã da Caridade, serva dos pobres doentes,  
no Hospital São João  
Angers*

Hoje, 24 de agosto de (1644)

Querida Irmã,

Estou preocupada em (*saber*) se recebestes uma carta que vos escrevi, diri-

---

(1) Ver a Carta 112.

(2) Irmã Turgis que estava em Angers por três meses.

(3) O senhor Padre Ratier que substitui o senhor Abade de Vaux, em sua ausência.

C. 116 Rc. 3 Carta autógrafa.

gindo-me a todas, endereçada à senhorita la Frandièrre. Peço-vos informar-me a respeito. Tinha como principal assunto manifestar-vos meu desgosto pelas más disposições das Irmãs e a desunião existente entre vós.

Também surpreende-me saber que por qualquer pequena contrariedade, algumas deixam entrar em seu espírito o desejo de voltar a Paris, antes que a obediência as chame. Ah! minhas queridas Irmãs, motivos há para se dizer que elas não sabem o que pedem. Então! ficam aborrecidas quando os senhores Pais (1) vos humilham diante de vossos Mestres, os pobres! Pois, não lhes deis motivos! Fazei tudo tão bem que nada possam achar que dizer. E, se algumas vezes, pensai não terdes, na realidade errado e, alguns desses senhores - a vosso entender - vos repreendam com demasiada rudeza e achardes que ficareis desacreditadas perante os doentes, humilhai-vos e sofrei com paciência, e, depois, em particular, apresentai-lhes vossas razões e pedi que vos apontem vossas falhas. Deste modo, vo-lo asseguro, não haveria uma só de nossas Irmãs que não se considerasse feliz de estar em vosso lugar.

Rogo-vos, pois, minha querida Irmã, sede a primeira em dar exemplo da virtude que desejo a todas. Vi a pequena aversão que dissestes ter por uma de nossas Irmãs. Meu Deus! é necessário que vossa caridade tenha grande compreensão e tolerância! Bem sabeis que, de ordinário, isso faz parte de sentimentos naturais e deles não somos donos. Mas, aos que têm cargos, compete tentar e ajudar as outras a saírem de tal dificuldade, sem que elas o percebam. É mister que não sejamos tão sensíveis, a ponto de nos afligirmos se não nos dirigem a palavra ou não nos fazem boa cara. Tratemos, porém, de conquistar os corações, pela nossa tolerância e cordialidade.

Enfim, minha querida Irmã, as que cuidam das outras não devem pensar em sua própria satisfação e (*sim, agir*) como se fossem insensíveis. Deus seja louvado pelo alívio dos sofrimentos de Irmã Brigida (2). Caso ela saiba que estais a par disso, aconselhai-a a evitar todos os perigos de recaída em situação semelhante, como: a excessiva familiaridade e inclinação à curiosidade.

Não creio que o Padre Vicente chame alguma Irmã, quando regressardes. Deveriam temê-lo, em vez de desejá-lo. Que elas pensem apenas em aperfeiçoar-se em seu próprio estado, tão sublime e agradável a Deus. A todo momento, ele lhes proporciona ocasiões de servi-lo. Peço-vos, minha Irmã, que demonstrei grande respeito aos senhores Confessores. As Irmãs nunca falem a respeito deles senão dessa maneira; não ameacem umas às outras de irem queixar-se a eles e até, nem acho conveniente, minha Irmã que lhes faleis delas. Deixai à Divina Providência o cuidado de fazer com que as conheçam, a não ser que

---

(1) Pais dos Pobres: os Administradores do Hospital.

(2) Cláudia Brigida (ver C. 65 n. 1).

se apresente uma grave necessidade. E se achardes que as Irmãs não agem da mesma maneira e talvez se queixem de vós, confiai a Deus a solicitude de vossa justificação.

Quando alguma tiver repugnância em falar com o senhor Padre Diretor (3), deixai passar para não aparecer aos olhos das outras, que o percebeis. Defendei-o sempre diante delas. Não consintais que se fale dele no grupo; não de maneira autoritária e com dureza, (como em nenhuma ocasião o deveis fazê-lo), senão desviando habilmente a conversa. Depois, falai-lhe em particular, quero dizer, à Irmã. Eu sei, querida Irmã, quão difícil é cumprir bem os nossos cargos, porém, Deus que no-los confiou, não nos recusará sua graça e, para obtê-la, humilhemo-nos, profundamente. Tenhamos uma santa desconfiança de nós mesmas e grande confiança na bondade de Deus, que nos leve a pedir-lhe, simplesmente, o que quiser que demos a nossas caras Irmãs; devemos considerá-las como suas criaturas muito amadas e servas suas. Não sei o que dizer-vos sobre as moças que me avisastes estarem desejosas de entrar na nossa Companhia, senão, que tenho bastante receio dos espíritos dessa região. Além disso, só devemos receber as que forem convenientes para a nossa Companhia, tanto pelo que se refere à força física, como às qualidades de espírito. Informai-vos, com mais minúcias, a respeito delas e depois, escrevei-me de novo. É preciso também não terem ultrapassado os trinta anos e devem ser conhecidas "desde o berço", se for possível.

Temos motivos para dar graças a Deus pela mercê de nos haver restituído nosso Honoratíssimo Pai, o Padre Vicente, que esteve muito mal e em perigo. Peço a nossas Irmãs fazerem algum exercício de piedade com este fim. Cumprimentai, em meu nome, o senhor Padre Ratier e a todos os outros, bem como a nossas queridas Irmãs a quem abraço, de todo coração, desejando-lhes a perfeição de Santa Joana e de Santa Catarina de Sena e também a vós, de quem sou, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa mui humilde e afetuósissima irmã e serva.

---

(3) O senhor Padre Ratier, diretor espiritual (ver C. 82 n. 2).

*Ao senhor Padre Portail (1)*

Hoje, 9 de setembro de (1644)

Senhor Padre,

Contanto que o senhor Padre Vicente não vá pensar tenha sido eu que lhe envie esse bom senhor Boëtte. Peço-vos lhe assegureis que se trata de um homem de bem e será grande ato de caridade proporcionar-lhe o que deseja. É bastante rico, porém, em poucos anos vai encontrar-se em situação bem delicada. Esqueci-me de vos dizer que espero grande bem das jovens de Sedan, por isso, senhor, se julgardes conveniente, o senhor Gallais (2) poderá enviar-nos a que nos propõe. Já não temos as duas de Argenteuil. A viagem de Angers está quase resolvida; assim a Irmã Turgis (3) poderá voltar. Isso me leva a pedir-vos, senhor, para não perder a ocasião de falar com o senhor Padre Vicente sobre isso e sobre as outras duas ou três propostas que me fizeram. Tende a caridade de rezar por nós e crede-me no amor de Jesus Crucificado, vossa mui obediente serva.

---

C. 117 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Antônio Portail, nascido a 22 de novembro de 1590, perto de Arles, na Provença. Foi o primeiro companheiro de Vicente de Paulo e figura no contrato de fundação da Congregação da Missão, assinada a 17 de abril de 1625. O senhor Padre Vicente muito o estimava e, repetidas vezes, lhe confiou missões importantes. Em 1642, nomeia-o Diretor das Filhas da Caridade; em 1646, faz visita às casas do Oeste da França: Le Mans, Angers, Nantes, indo depois a Roma. À sua volta, em 1649, faz uma parada em Marseilha, chegando a Paris no mês de setembro. Em 1655, visita as casas do Norte e Leste de França: Sedan, Brienne, Montmirail. Falece a 14 de fevereiro de 1660.

(2) O senhor Padre Gallais, nascido em 1615, entrou na Congregação da Missão em 1632. Encontramo-lo em Sedan a partir de 1643. Depois de uma permanência em Crecy (1644-1645), foi colocado em Le Mans. Saiu da Congregação em 1653 e depois, foi pároco de Touquin, em Brie.

(3) Irmã Turgis (ver C. 11 n. 1).

## Às Irmãs de Angers

Hoje, 9 de setembro de 1644 (1)

Minhas queridas Irmãs,

Quis, enfim, a Divina Providência que a Irmã... (2) ficasse aí, por algum tempo. Não vos aborreçais por isso, vo-lo peço, posto ter sido a santíssima vontade de Deus. Espero que vós, minha Irmã, tenhais abraçado o jugo que ela vos dá, com grande submissão de espírito, pois, foi o senhor Padre Vicente quem nos ordenou deixar-vos aí. Voltai novamente com grande humildade e desconfiança de vós mesma, recordando a lição dada pelo Filho de Deus ao dizer-nos que aprendêssemos com Ele "a ser mansos e humildes de coração". Voltai com o mesmo espírito que o fazia dizer não ter vindo "ao mundo para ser servido, mas para servir"; escutai-o, de bom grado, a ensinar-nos "quem se humilha será exaltado" e "o maior se faça o menor para ser grande diante de Deus". Por último, querida Irmã, considerai-vos como a besta de carga da casa que deve suportar todo o peso. Assim o fareis quanto tratardes nossas Irmãs com grande tolerância e doçura, ocultando a vós mesma as faltas que possam cometer, para colocardes diante dos olhos apenas as vossas. Adverti-as de seus erros com caridade, e, em ocasião oportuna. Nunca demonstrei afeição particular (por uma ou outra), porém, tratai-as de tal modo que todas fiquem persuadidas que são amadas e toleradas por vós.

E todas vós, queridas Irmãs, vede que poderosa ajuda vos enviamos (3). Peço-vos que, entre vós, não se saiba quais são as mais antigas da casa, a não ser por darem maior exemplo de virtude e, sobretudo de moderação em suas palavras. Jamais faleis do caráter das Irmãs e vede sempre Nosso Senhor na Irmã (Madalena) (4), buscando em tudo a vontade de Deus. Crede-me em seu santo amor...

---

C. 118 Ms. A Irmã Chétif 1. n° 18. Cópia.

(1) Esta cópia, feita à mão por Margarida Chétif, tem a data de 9 de setembro de 1645. Entretanto, parece evidente que a copista se equivocou e que, na realidade, a data é de setembro de 1644, quando, depois da partida de Irmãs Turgis, Irmã Madalena Mongert assume novamente as funções de Irmã Servente.

(2) Irmã Turgis ficou em Angers de maio a setembro.

(3) Seguiam três Irmãs novas: Maria Despinal, Margarida Tourneton e Joana de Loudun (ver C. 123 :n. 2).

(4) Madalena Mongert, a Irmã Servente (ver C. 42:n. 1).

*À Irmã Madalena (1)*  
*Angers*

(setembro de 1644)

Querida Irmã,

Estais muito animada? Fazeis como o Bom Pastor que expõe sua vida pelo bem e defesa das ovelhas de que é encarregado? Assim o creio porque, se é certo que nem sempre tenhamos ocasiões de expor nossa vida, em compensação, não nos faltam as de sacrificar nossa vontade para acomodar-nos à dos outros, de romper com nossos hábitos e inclinações para servirmos de exemplo a nossas Irmãs, de vencer nossas paixões, para não alvoraçar as dos outros. É assim, querida Irmã, que estamos obrigadas a trabalhar para manter a cordialidade, exercitar a tolerância, viver na estreita união da verdadeira caridade de Jesus Crucificado; peço a Deus no-la conceda. Dizei à Irmã Maria Marta (2) que espero o seja não apenas de nome senão, efetivamente; porque, chamando-se Maria tem de viver numa grande pureza, doçura e modéstia, disposta a sacrificar-se por todos e, seu nome de Marta a obriga a uma grande exatidão para cumprir sua Regras em todas as particularidades. Quanto à Irmã Cecília (3) quão tranqüila e meiga deve ser para poder cantar, suavemente, os louvores de Deus, imitando sua santa patrona.

E nossa cara Irmã Brigida (4) deve, com perseverança, amar os sofrimentos para entrar nos designios de Deus sobre ela. E, para a Irmã Francisca (5) espero que Deus lhe conceda a graça da fortaleza de espírito para suprir a pequenez de seu corpo; porém, dissei-lhe, querida Irmã, que, para isso é preciso ser muito corajosa. Desejo, de todo o coração, que não lhe haja ficado nenhum vestígio da moléstia e esteja muito alegre. Que anda fazendo a nossa boa Irmã Catarina? (6)

---

C. 119 Ms. A Irmã Chétif 1. n° 8 Cópia.

(1) Carta enviada a Irmã Madalena Mongert que assumira novamente o cargo de Irmã Servente, depois dos poucos meses passados em Paris. Luísa de Marillac aproveita para dizer uma palavrinha a cada uma das Irmãs da Comunidade.

(2) Maria Marta Trumeau (ver C. 72 n. 4).

(3) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2).

(4) Claudia Brigida (ver C. 56 n. 1).

(5) Francisca Clara que chegou com a Irmã Turgis em maio-junho. Tinha um temperamento violento e o senhor Padre Lambert, depois de sua visita de 1648, pediu que ela fosse chamada a Paris.

(6) Catarina Huitmil, natural de Arras, chegou também em maio-junho de 1644.

Não a amedrontam as rodas e o fogo de seu trabalho pesado? Tem ela tanto amor a Deus como sua querida padroeira, para resistir a tudo? Dizei-lhe que depende dela, que seu amado Esposo lhe reserve tantas graças de amor como as que outorgou a todas essas grandes santas Catarina, contanto que ela lhe seja igualmente fiel. O mesmo digo à nossa Irmã Bárbara (7) a quem desejo santa perseverança e crescimento na perfeição, bem como a todas vós, minhas queridas Irmãs. Lembrai-vos sempre das necessidades de toda a Companhia que precisa de vossas orações e, particularmente, do mérito que Deus atribui às obras realizadas no serviço dos pobres.

C. 120 (L. 110)

*Ao senhor Padre Vicente  
Superior Geral dos Padres da Missão*

(por volta de outubro de 1644)

Senhor Padre.

A confiança que Nosso Senhor pôs em meu coração para com vossa caridade supera o temor que, mui justamente deveria ter de tornar-me importuna, por suplicar-vos encarecidamente, vos lembreis da aproximação do tempo marcado para o cumprimento de um artigo contido na minuta que vos entreguei antes de vossa partida (1). Também, senhor, quero lembrar-vos o desejo do senhor Guillon a respeito do hospital onde se encontra a senhora sua irmã. Receio que fique magoado se não lhe dermos resposta dentro do prazo no qual esperava receber Irmãs, isto é, na Festa de Todos os Santos. Permitti-me, Honoratíssimo Pai, que vos pergunte o que devemos esperar com relação a vosso retorno. Quão aliviada me sentiria se pudesse dar-vos a conhecer minhas apreensões! Todas elas convergem para a de que Deus me abandone, como creio havê-lo merecido tantas vezes. Suplico-vos, humildemente, permiti-me ir a Chartres,

---

*Em maio de 1646, saiu da Companhia (carta do senhor Padre Ratier e Luisa de Marillac).*

*(7) Bárbara Toussaint (ver C. 88 n. 4).*

C. 120 Rc. 2 Carta autógrafa.

*(1) O senhor Padre Vicente foi para Richelieu a 21 de setembro e por lá ficou até 29 de outubro.*

durante vossa ausência, para recomendar à Santíssima Virgem todas as nossas necessidades e as propostas que vos fiz. Já é bem tempo de pensar em mim e, diante de Deus, eu vos asseguro crer que nisso está, igualmente, o bem de nossa pequena Companhia. Na semana passada, estive aqui uma senhora, viúva de um gentil-homem chamado senhor Sigongne; disse-me que viera ver se poderia servir a Deus conosco. Sofre muito ainda com a morte do marido. Não tem filhos. Não sei se é Deus quem a envia; senti, porém, muita pena, vendo-a tão desolada pela (*perda*) de seu amor.

Se ela voltar, senhor, julgais conveniente que a acolhamos por algum tempo como para, de certo modo, fazer um retiro espiritual que, devido a seu estado, seria mais uma distração? Julguei não dever tomar nenhuma determinação antes de vos comunicar o fato. Enfim, nosso bom Deus permitiu essa longa viagem, sem me conceder o que lhe havia pedido. Suplico à Sua bondade trazer-vos de volta, em breve, e com a saúde completamente revigorada. Fazei-me a caridade e o favor de tranqüilizar-me um pouco, dando-me notícias do vosso estado e de continuar acreditando que nosso bom Deus quer que eu seja, verdadeiramente, vossa humilde e muito agradecida filha e serva.

P.S. - Permiti, senhor, que vos apresente as mui humildes saudações de vossas filhas, nossas queridas Irmãs, que, como eu, estranhamos vosso afastamento. Nossa Irmã Ana (2), de São Paulo, está muito doente. Todas começamos a perceber, com pesar, que há muito tempo não temos a felicidade de nos reunirmos, diante de vossa caridade, para a Conferência (3). Nós a aguardamos com todo afeto e pedimos, humildemente, vossa santa bênção, como preparação para ela.

Faz nove meses que a senhora (de quem vos falei) ficou viúva; é pessoa boa

---

(2) Ana Hardemont. Numerosas cartas, cuidadosamente conservadas por ela, permitiu-nos segui-la. Esteve na paróquia de São Paulo até 1640; foi escolhida em 1647 para a missão de Montreuil; em 1650, para a de Hennebont. Tendo ficado doente, foi para Nantes onde permaneceu até 1653, ano em que foi enviada a Châlon para cuidar dos feridos e depois, para Sedan, em 1654. E, a 8 de agosto de 1655, estava em Paris, onde assinou a ata de ereção da Companhia. Enviada a La Roche-Guyon, volta de lá para tomar a responsabilidade das "Casinhas". (O Hospital des "Petites Maisons", também chamado Abrigo de famílias e de tinosos, ficava no local onde hoje é uma Praça pertinho do Bon Marché, da Casa Mãe atual) (Nota da Tradutora). Em 1658, Ana Hardemont foi para Ussel.

(3) Não houve Conferências desde 1° de janeiro de 1644 até 11 de dezembro do mesmo ano (ver Coste IX, 160).

e de alta condição. Podeis supor que, se Beauce (4) entrasse no vosso itinerário, aproveitaria o momento de vosso regresso para fazer a viagem que vos peço. Perdoai minha insistência sobre este assunto.

C. 121 (L. 111)

*(Relato da Peregrinação a Chartres)*

(1644)

Chegamos a Chartres na sexta-feira, 14 de outubro. Dediquei o sábado a agradecer a Deus, na capela da Santíssima Virgem, como o devia, os muitos favores recebidos de Sua bondade.

O domingo, consagrei-o às intenções de meu filho. A segunda-feira, dia da Dedicção da Igreja de Chartres, empreguei-a em oferecer a Deus os designios de sua Providência sobre a Companhia das Filhas da Caridade, oferecendo-lhe a Companhia inteira e pedindo-lhe fosse destruída antes que subsistisse contra a Sua vontade. Supliquei para ela, por intercessão da Santíssima Virgem, Mãe e Guardiã da referida Companhia, a pureza de que necessita. E, vendo na Santíssima Virgem a realização de todas as promessas feitas por Deus aos homens e, no mistério da Encarnação cumprido o voto da Santíssima Virgem, pedi para a Companhia esta fidelidade, pelos méritos do sangue do Filho de Deus e de Maria. Que ele fosse o laço forte e suave dos corações de todas as Irmãs para honrar a união das três divinas Pessoas. E, pelo que a mim pessoalmente se refere, coloquei nas mãos da Santíssima Virgem, conforme as anotações enviadas a meu Honoratíssimo Pai espiritual, a resolução a ser tomada, com o desejo de *(ser fiel)* a certas práticas para me preparar para a morte, aguardando as disposições de Deus *(que)*, como de ordinário, *(me serão manifestadas)* pela santa obediência.

---

*(4) Beauce: antiga região da França cuja capital era Chartres. Região de terreno plano muito rica em trigais imensos. (Nota do Padre Castañares a esta carta).*

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 2 de dezembro de (1644)

Senhor Padre,

Estou preocupadíssima por causa de meu filho que chegou, sábado, com a Condessa de Maure (1). Ela me disse que, no domingo, confiou-lhe um bilhete e que ele ficou de vir ver-me, porém, não tem idéia de onde possa estar. Que devo fazer? Não sei se terá ido ao "Bons-Enfants": mando procurá-lo lá? ou vós, senhor, vos darieis esse trabalho? isto é, o de mandar alguém informar-se se esteve lá e o que fez. Vo-lo suplico, mui humildemente, por amor de Deus! Bem sabeis quão grandes são o meu sofrimento e temores e que sou, senhor Padre, vossa mui obediente e agradecida filha e serva.

P.S. - Não posso contar com a ajuda de ninguém neste mundo, nem quase nunca a tenho tido senão de vossa Caridade.

1645

*Fundação das Filhas da Caridade em Serqueux, Saint Denis, Maule e Crespières.*

*Instalação das Crianças Abandonadas nas Treze casinhas adquiridas no "campo" de São Lourenço", perto de São Lázaro.*

C. 123 (L. 113 bis)

*Às minhas queridas Irmãs, as Filhas da Caridade  
servas dos pobres doentes do Hospital São João  
(Angers)*

(janeiro de 1645)

Mui queridas Irmãs,

Realmente, há muito tempo que meu coração não se tem comunicado com

---

C. 122 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) A Condessa de Maure, prima de Luísa de Marillac (ver C. 96 n. 4).

C. 123 Rc. 3 Carta autógrafa.

os vossos. Considero-os, porém, tão bons para comigo, que sei me terem perdoado, excusando-me, por causa dos muitos afazeres meus. Nossas Irmãs (1) chegaram bem, com saúde, graças a Deus, e, assim continuam, como também em seu fervor e piedade. Faz muito tempo que não nos dais notícias; desde que elas vieram, nada mais soubemos daí. Peço-vos, minha Irmã, não deixeis de nos las enviar, mesmo sem esperar resposta minha. Três ou quatro linhas bastam, pelo menos uma vez por mês.

Como estão passando as últimas Irmãs que foram? E Irmã Huitmil e sua companheira? (3) Sede todas muito corajosas, sobretudo no trabalho da perfeição, na verdadeira humildade, doçura, obediência, cordialidade e na tolerância mútua.

Com tantas ocasiões que tendes de servir a Deus e aos pobres, sem interrupção, deveríeis ser santas. Creio que as primeiras Irmãs tomaram novas resoluções de aí se aperfeiçoarem depois de haver ouvido das últimas que chegaram, quão felizes se sentem, felicidade que todas da Companhia invejariam, se Deus não lhes mandasse que se contentassem em fazer sua santíssima vontade. Amemos esta admirável vontade, vendo-a em tudo o que a santa obediência nos ordena; evitemos a parcialidade e pequenas espertezas ou acordos em grupos, em coisas contrárias à caridade mútua. Perdoai-me, Irmãs, que vos faça esta advertência, pois, não creio que tal coisa exista entre vós, para quem peço a Deus a bênção de uma santa união e cordialidade, formando todas uma só vontade com a Sua, manifestada na caridosa direção de nossa querida Irmã Madalena. Saúdo-a, afetuosamente, com toda a sua pequena família. Gostaria de ter notícias de todas, uma por uma.

Seguem nove estampas; tirareis uma para o senhor Padre Ratier, vosso Diretor. Apresentai-lhe minhas desculpas pela demora em lhe responder: ainda desta vez, não tenho tempo de fazê-lo. Desculpai-me, igualmente, junto àqueles com quem estou em dívida. Recebi as afetuosas lembranças de toda a família (*daqui*) e crede-me no amor de Jesus Crucificado, vossa mui humilde irmã e serva.

---

(1) No fim do ano de 1644, foram para Paris a Irmã Cláudia Brigida e Bárbara Toussaint.

(2) As três últimas chegadas no final de 1644 foram Maria Despinal (ver C. 147 n. 1), Margarida Tourneton (ver C. 160 n. 5) e Joana de Londun (ver C. 158 n. 8).

(3) Francisca Clara (ver C. 119 n. 5).

*À minha querida Irmã Madalena,  
Filha da Caridade serva dos pobres doentes,  
no Hospital de Angers*

Hoje, 16 de março de 1645

Minha querida Irmã,

Estamos preocupadíssimos com o estado de Irmã Francisca Clara (1) que, conforme disse o senhor Padre Ratier ao senhor Abade de Vaux, se acha em perigo de morte. Meu Deus! querida Irmã, vo-la recomendo de todo meu coração! Consolai-a e ajudai-a a fazer bom uso da graça que Deus lhe concede de poder sofrer alguma coisa por seu amor e serviço. Também vos suplico, querida Irmã, avisai a todas as nossas Irmãs, que procurem se libertar de todo sentimentalismo espiritual. Para isso devem saber dominar-se quando Deus quiser prová-las, permitindo, por exemplo, que a tentação se apodere de sua fraqueza e timidez, fazendo-as encontrarem dificuldades em comunicar-se com a pessoa que têm a sorte de ter por Diretor. Assegurai-lhes que logrando vencer-se uma ou duas vezes, neste ponto, essa pequena luta atrairá sobre elas muitas graças de Deus, em vista de sua perfeição.

Não é que não possam, uma vez ou outra, pedir um confessor extraordinário, porém, bem raramente, ao ano. Nosso Honoratíssimo Pai advertiu-nos, em sua última Conferência, do perigo existente em dar ouvidos a esses entretenimentos (2). Falei-lhe do desejo desses bons senhores de terem Irmãs, em Beaufort. Asseguro-vos, Irmã, que, no momento, não podemos e não creio que duas sejam suficientes para o trabalho de lá. Em pouco tempo tivemos de dar seis Irmãs para três aldeias e enviar outras três ou quatro para um Hospital (3) perto daqui, no qual acredito que o número de dez pacientes não será ultrapassado.

Parece-me ser necessário que a Irmã Cecília (4) tome um bom purgante. Recomendo-vos e a todas as Irmãs, a cordialidade e a tolerância tão indispensáveis à vida de união das perfeitas Filhas da Caridade, a doçura e santa afeição

---

C. 124 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Francisca Clara (ver C. 119 n. 5).

(2) Esta Conferência foi perdida pois, de 1645 são conservadas somente as duas anteriores à data desta carta... e, em nenhuma delas se encontram essas palavras de São Vicente. (Nota do Padre Castañares a esta carta).

(3) Em Saint-Denis.

(4) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2).

para com vossos pobres doentes e a modéstia e reserva em todas as vossas ações, a obediência aos senhores Administradores. Rogo a Deus, de todo coração, vos dê suas mais preciosas bênçãos e sou, em seu santíssimo Amor, de todas as minhas queridas Irmãs, vossa mui humilde Irmã e serva.

P.S. - Todas as nossas Irmãs vos saúdam; graças a Deus, estamos com bastante saúde.

Uma de nossas Irmãs, vinda de Sedan, para fazer parte de nossa Companhia, faleceu momentos após receber a Extrema-Unção: é Irmã Maria, a alta e nossa Irmã Maria Gonain (5) esteve gravemente enferma e ainda lhe restam sequelas. É ela a boa senhorita que Irmã Turgis trouxe consigo. Recomendo-a a vossas orações. Se Irmã Cecilia se ressentir do mal da pedra, lhe fará bem a água um pouco forte. Adeus, queridas Irmãs.

C. 125 (L. 117)

*(À senhora do Chanceler) (1)*

Senhora,

Temeria cometer grave infidelidade ao interesse que devo ter de lembrar-vos o depósito confiado pela venerada defunta, a senhora Presidenta de Goussault (2) a vosso bondoso coração, recomendando-vos a Companhia de suas pobres Filhas da Caridade que são e serão sempre, senhora, as vossas também.

Apoiada nessa verdade, tomo pois a liberdade de apresentar-vos as necessidades da dita Companhia (como vossa caridade também me havia ordenado), elas aumentam sem cessar, à medida que Deus a abençoa e faz crescer em número. Espero que vossa bondade continue honrando-as com vossa benevolência e proteção e que a continuação de vossas generosas dádivas atraia a bênção para que elas jamais deixem de ser suficientes. Isso aumentará nossa obrigação de continuar oferecendo, de todas as formas, nossas humildes orações por Vossa Excelência, de quem sou, juntamente com todas as Irmãs, no amor de Jesus Crucificado.

---

(5) *Maria Gonain (ver C. 134 n. 2).*

C. 125 Rc. 2 *Carta autógrafa.*

(1) *Carta sem endereço, nem assinatura. Talvez seja cópia da original enviada.*

(2) *Senhora de Goussault (ver C. 15 n. 3). Faleceu a 20 de setembro de 1639.*

C. 126 (L. 73)

*Ao senhor Padre Vicente*

(pelo ano de 1645)

Senhor Padre,

Temos um número bastante bom de jovens, porém, no momento, não vejo nenhuma suficientemente formada para poder iniciar o serviço dos pobres em São Gervásio (1), (quero dizer: elas o começarem) porque já sei que outras os estão servindo. Entretanto, se a senhora de la Porte (2) quiser emprestar-nos a Irmã Henriqueta (3) apenas durante quinze dias, creio que, neste meio tempo, poderíamos arranjar alguma. Porém, em tal caso, parece-me que, tanto o senhor Pároco de São Gervásio como as Damas, teriam de saber que a havíamos tomado emprestada, para não se ofenderem quando, no fim de tão pouco tempo, a retirássemos. Se me lembrar de alguma outra, vo-lo direi.

Tenho grande apreensão pelo assunto sobre o qual tratei no papel entregue a vossa caridade, esta manhã. Temo pelo espírito e receio pelo estado de alma, custando-me bastante submeter-me, neste ponto, à justiça eterna. Por amor de Deus suplico a vossa caridade prestar atenção nisso e crede que sou, senhor, vossa mui obediente e serva muito grata.

C. 127 (L. 118)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, quinta-feira (25 de março de 1645)

Senhor Padre,

Suplico ao bom Deus fazer-me a mercê de que minhas importunações não sejam sobrecarga demasiada para vossa caridade e vos peço perdão por todos os aborrecimentos que vos occasiono devido às minhas necessidades. Por amor

---

C. 126 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) São Gervásio, paróquia de Paris.

(2) Senhora da Caridade da paróquia de São Germano.

(3) Henriqueta Gesseaume (ver C. 86 n. 1); nesta ocasião está na Paróquia de São Germano.

C. 127 Rc. 2 Carta autógrafa.

de Deus, rogo-vos que me indiqueis uma ou várias intenções que me deva propor no Retiro mensal em concedei-me a graça de poder amanhã ouvir a santa Missa que celebrareis, para nela receber vossa bênção paternal. Esta grande festa que se aproxima (1) infunde-se singular devoção por causa de todas as graças insígnies que nela Deus concedeu à sua Igreja e, quanto a mim, pelas que sua bondade me fez há vinte e dois anos (2) e me trouxeram a felicidade de ser dele, na forma que vossa caridade sabe. Sinto em meu interior não sei que inclinação para unir-me, mais fortemente, a Deus; porém não sei como. Em nome de Jesus, pelo qual somos o que somos diante de Deus, dizei, por favor, meu Honoratíssimo Pai, a vossa filha e serve o que pensais a respeito. Espero muita ajuda de vossas santas orações e rogo a vosso venerando Anjo da Guarda não vos deixe esquecer disso.

C. 128 (L. 120)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sábado, véspera de Pentecostes  
(3 de junho de 1645)

Senhor Padre,

Rogo ao bom Deus que o remédio vos tenha encontrado em estado de poder fazer efeito sobre vossa saúde, mas receio que tenha sido rápido demais. Desde alguns dias venho pensando em vos propor que tomeis caldos; creio que vos farão muito bem. Se o permitirdes, poderíamos levá-los a partir de amanhã. Tomei-os esta semana e senti notável melhora.

Não posso esperar mais tempo, meu Honoratíssimo Pai, para dizer-vos como passei esses dias de Retiro. Penso que Deus não quer que eu goze plenamente dessa suavidade. Desde ontem tenho andado bem distraída por causa de uma de nossas doentes que recebeu a Extrema-Unção (1). É uma boa Irmã que estava em São Bartolomeu, filha de um comerciante de Tours. Chama-se Catarina de Gesse (2). Outra doente, e essa de espírito, não cessa de reclamar que pediu pa-

---

(1) *A festa de Pentecostes.*

(2) *"Luz" obtida a 4 de junho de 1623. E. 3.*

C. 128 Rc. 2 *Carta autógrafa. No dorso: 1º de maio de 1645. (Irmão Ducourneau).  
Riscado: maio.*

(1) *Hoje: Unção dos Enfermos. (Nota da Tradutora).*

(2) *Catarina de Gesse, natural de Tours, entrou na Companhia das Filhas da Caridade*

ra vos ver e não vos avisamos. Tentaremos desembaraçar-nos dela após estas festas, se Deus quiser. E, quanto a mim, querido Pai, o que farei amanhã? Comungarei sem vos declarar todas as maldades que descobri no meu exame?

Ah! meu Deus! Como tenho motivos para reconhecer e confessar que nada faço que valha a penal! Entretanto, meu coração não se enche de amargura, embora tenha motivos para temer que a misericórdia de Deus se canse de exercer-se numa pessoa que lhe desagrade sempre.

Hoje é aniversário do desabamento do assoalho de nossa casa e, amanhã, o do dia em que nosso bom Deus fez-me conhecer sua vontade e em que muito desejaria que seu santo amor fosse, para meu coração, sua lei eterna. Vede, meu Honoratíssimo Pai, o que necessito para isso e se vossa caridade pode dizer-me alguma palavra que me ajude. Tende também a bondade de informar-me se amanhã, em alguma de minhas meditações, devo considerar o Evangelho do dia ou a descida do Espírito Santo, ou se dedico a esse tema todas as meditações do dia. Peço-vos perdão por vos ser tão importuna, ainda que me pareça fazer a vontade de Deus, na qual sou vossa mui agradecida filha e obediente serva.

P.S. - Recomendo às vossas orações o meu filho, por amor de Deus. Ocorreu-me perguntar se ele tem em seu quarto um crucifixo grande.

C. 129 (L. 121)

*À minha querida Irmã Madalena,  
Filha da Caridade, serva dos pobres doentes,  
No Hospital de São João, Angers.*

Hoje, 27 de junho de 1645

Minha querida Irmã,

Muito me surpreende o me dizerdes não haver recebido resposta acerca do pedido de Irmãs para Beaufort (1). Sobre o assunto, já escrevi ao senhor Gouin e me asseguraram que as cartas chegaram a Angers e, às vossas (*mãos*). Também

---

*pelo ano de 1641-1642. Servia os pobres doentes na paróquia de São Bartolomeu e depois em São Gervásio. Em 1648, é enviada a Maule. Em 1655, achava-se em Montmirail.*

*(3) Acidente que ocorreu em 1642 (ver C. 72 n. 6).*

C. 129 Rc. 3 Carta autógrafa.

*(1) Ver C. 124.*

vos escrevi ou mandei escrever duas ou três vezes. Comuniquei ao senhor Abade de Vaux a resposta sobre este negócio; por favor, dizei-o ao senhor Gouin.

Meu Deus, minha pobre Irmã, não posso ocultar-vos que vossa última carta muito me penalizou, tomando conhecimento das faltas de que me falais. Eu vos julgava superior a essas mesquinhas e fraquezas! Como, querida Irmã, pensaríamos que ninguém jamais possa contradizer-nos? Achamos que todos devem acatar nossa vontade, estão obrigados a achar bom o que fazemos ou dizemos e que, por nossa parte, podemos agir como quisermos, sem dar satisfação a ninguém? Isso não seria ir contra a obrigação que temos de imitar a vida e maneira de agir de Nosso Senhor que sempre se mostrou submisso e pôde declarar que viera à terra não para fazer sua vontade, viera para servir e não para ser servido? E nossas pobres Irmãs, que fizeram durante esse tempo? Vosso exemplo não as prejudicou? Peço ao bom Deus que lhes dê forças. Devo, entretanto, dizer-vos que não creio que o mal seja tão grande como me apresentastes. Consolai-vos, pois, minha cara Irmã, e não olheis com amargura para tais faltas; antes, admirai a bondade de Deus que vo-las permitiu para ensinar-vos a vos humilhar melhor do que o fizestes até agora. Penso não terdes recusado fazer o ato de humilhação que devíeis, diante daquelas a quem possais haver dado mau exemplo e que Deus vos terá infundido nova coragem em seu serviço, e no adiantamento na perfeição que El e nos pede. Tende um coração cheio de afeto para com nossa querida Irmã Maria Marta (2) a quem Deus deu um tão grande para a caridade.

É preciso não achar que ele tenha deixado de prestar o serviço devido a nossas queridas Irmãs. A todas saúdo afetuosamente e lhes suplico renovarem-se no espírito de fervor e de humildade, de doçura cordial e numa obediência simples e verdadeira. Oh! minhas queridas Irmãs! não basta ter o nome da Filha da Caridade, não basta estar a serviço dos pobres num hospital, embora isto já seja, para vós, um bem que nunca poderão estimar suficientemente. É preciso ter verdadeiras e sólidas virtudes que sabeis dever possuir para levar a cabo essa obra na qual tendes a felicidade de estar. Sem isso, minhas Irmãs, vosso trabalho vos será quase inútil.

Não quero desanimar aquelas que trabalham com certa lentidão na sua perfeição, se as houvesse entre vós. Porém, sim, dar-vos a conhecer a censura que Deus me faz, interiormente, por causa de minha tibieza. Tomemos pois, todas juntas, a firme resolução de desfazer-nos de nossos próprios julgamentos e vontade própria, de nossa preguiça, nossa rispidez e, sobretudo, de nosso orgulho que é, quase sempre, a fonte de todas as nossas imperfeições. Tome-mos também a firme resolução de trabalhar deveras, na prática das virtudes

---

(2) *Irmã Maria Marta Trumeau (ver C. 7 n. 4).*

(3) *Irmã Maria Joly que estava em Sedan (ver C. 45 n. 1).*

contrárias.

Queridas Irmãs, bem sabeis que, por causa de minha idade, tenho hábitos inveterados, por isso necessito grandemente da assistência de vossas orações. Vo-las peço, pelo amor de Jesus Crucificado, no qual sou, queridas Irmãs, vossa mui humilde Irmã e serva.

P.S. - Nossa boa Irmã Ana Moisson faleceu, ao meio dia, após ter dado grandes mostras de virtude. Sexta-feira fez quinze dias. Nossa Irmã Maria (3), de Sedan, está gravemente enferma e o senhor de Vinsy está à morte. Rogai por todas essas almas. Meus respeitos ao senhor Abade e ao senhor Padre Ratier. Hoje não tenho forças para escrever-lhes.

C. 130 (L. 87)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 19 de julho de (1645)

Senhor Padre,

Ontem, esqueci-me de dizer-vos que a senhora Chavenas quer que nossas Irmãs de São Gervásio (1) percebam os cinco soldos que as senhoras, que se encarregam de preparar a comida para os pobres, davam como salário à mulher que a levava, antes da chegada das Irmãs. Ela acha que o pedaço de carne de vaca que colocam na panela para a mesma mulher, seja também para elas, assim como os dois pães. Agora, tudo reverte em proveito dos pobres, porque todos os dias a referida senhora toma das Irmãs os cinco soldos e o resto dá aos pobres. Isto magoa as Irmãs, pois as Damas lhes perguntam se são remuneradas e a senhora Chavenas não quer que digam que lhe entregam esse dinheiro. Peço-vos, senhor, me aconselheis como devo agir, porque a senhora Chavenas me havia dado esperanças de que as coisas não continuariam assim. Também estou sem saber se devemos deixar a Irmã Jaqueline em Santiago (2) ou chamá-la para cá. É aquela que estava em São Lupo (2). Precisava falar-vos de todas essas dificuldades, porém não me atrevo a pedir conversar pessoalmente convosco, pois não sei se estais de acordo. Ambos os assuntos são urgentes. Quanta necessidade tenho de que vossa caridade se exerça sobre minha miséria, não podendo

---

C. 130 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Ver C. 126.

(2) Paróquia de Paris.

eu ter outra ajuda senão a da direção que me deu a vontade de Deus, na qual sou, senhor, vossa muito indigna filha e serva agradecida.

P.S. - Suplico-vos, mui humildemente, o favor de dizer-me se vossa caridade deu dinheiro a meu filho e também se devo ir esta manhã (*ao convento das*) Filhas de Deus (3) para os funerais de uma tia da senhora de Vertamont, caso possa ir na sua diligência. Foi ela quem me deu esse aviso.

C. 131 (L. 123)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 21 de julho de 1645

Senhor Padre,

Achei dever mandar-vos esta carta a fim de que me façais o favor de lê-la. Muito me admira que seja a mãe quem a tenha mandado escrever, pois já lhe havia falado dos poucos meios que tenho para manter a casa e da incerteza de que isso servisse para alguma coisa. Não que ela morando lá, eu não queira contribuir para seu maior bem, por todos os meios que me fossem possíveis.

Sei que a maior parte das jovens que lá estão nada pagam. Se é verdade o que ela disse, poderia ter um dote bem bom para uma moça de sua classe, mesmo se reduzido à metade do que afirmou possuir em sua terra natal. Penso que essas boas Religiosas deram crédito exagerado às razões que lhes disseram ter para conseguir, em justiça, o que pretendem. Peço-vos, humildemente, perdão, senhor, por importunar-vos com isso; minha intenção é dar-vos a conhecer a situação deste assunto tão aborrecido para quando vossa caridade puder ir ver essas boas Religiosas, pois dizem ter grande necessidade (1) de vos falar.

Queira a divina Bondade aumentar vossas forças, na proporção dos trabalhos com que uns e outros vos acumulam. Em meio a tudo isso, fazei-me a caridade de considerar, diante de Deus, as minhas necessidade e de lhes recomendar, pois sois o único socorro que tenho, para cumprir sua santíssima vontade, na qual sou, senhor Padre, vossa mui obediente e agradecida serva.

---

(3) *Convento das Jovens Arrepentidas... na paróquia de São Nicolau "des Champs". (Nota do Padre Castañares a esta carta).*

C. 131 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) *Ver também a carta seguinte: ambas se referem às relações de Miguel Le Gras com uma moça.*

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, dia de Sant'Ana (26 de julho de 1645)

Senhor Padre,

Parece-me que levo muito tempo sem permitir-me falar-vos e isso me desculpará ante vossa caridade, se me atrevo a dizer-vos que estou preocupada com vossa enfermidade (1). Receio ser mais grave do que nos fazem crer. Se fôsseis um dos nosso pobres, talvez a "água forte" do senhor Desner, vos curasse logo, porque, os unguentos, quaisquer que sejam irritam a ferida e a mantêm em supuração.

Não sei, meu Honoratíssimo Pai, se o bondoso Padre das Filhas da Madalena (2) esteve convosco. Ele apressa a decisão da saída dessa jovem (3) e parece convicto de sua convesão, pois lhe afirma não mais querer pensar na pessoa (4) a quem se sentia ligada e, o que deseja é voltar para sua terra. Aliás, eu me lembrei ser essa a resolução que juntos tomaram, antes de serem capturados. A carta que mostrei à vossa caridade deixa antever que o propósito dele é de associar-se, depois do casamento, aos pais da moça, negociantes de vinho, ou retirar-se dessa região, para viver em paz, mas, sem nada fazer. Portanto, com toda probabilidade, o pensamento dela é que, tão logo saia, ele irá buscá-la.

Peço-vos, muito humildemente, senhor Padre, me perdoeis haver vos falado desse assunto: para mim é tão novo como no primeiro dia e em alguns momentos se me torna tão doloroso que nem posso expressá-lo.

Continuo tendo o pensamento de que estou bem perto de morrer, e, ainda que o aceite, se tal for a vontade de Deus, deixar todos os meus negócios atrapalhados e em má situação, se Deus o quiser, me faz sofrer. Também nossa pequena Companhia jamais esteve tão fraca. Numa palavra, Honoratíssimo Pai, não sei se é porque, há muito nos faz falta vossa presença; porém, estamos mal. Suplico humildemente à vossa caridade lembrar-se da proposta que vos fiz de uma

---

C. 132 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Úlcera na perna, mal que São Vicente haveria de sofrer até o fim de seus dias.

(2) Mosteiro fundado para as jovens arrependidas. Situava-se à Rua das Fontes, numa casa cedida pela marquesa de Maignelay... Da direção e administração do convento estiveram encarregadas as Religiosas da Visitação, de 1629 a 1671, isto é, durante 42 anos. (Nota do Padre Castañares a esta carta).

(3) A jovem com a qual Miguel Le Gras tinha relacionamento.

(4) Seu filho Miguel.

Conferência todas as semanas com um de vossos Padres presente. Quando vo-la fiz, não me pareceu que vós vos afastásseis e até me destes a honra de nomear um para nós. A essa Conferência viria, por vez, uma Irmã de cada paróquia, para evitar que os pobres ficassem sem atendimento. Por favor, dai-nos vossa santa bênção e concedei-me a alegria de ver-me, diante de Deus, como o sou, senhor, vossa mui obediente filha e serva agradecida.

C. 133 (L. 124 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

(pelo mês de agosto de 1645)(1)

O número de Irmãs empregadas no serviço das crianças abandonadas é maior e deve aumentar mais na festa de Todos os Santos, quando muitas outras obras serão trazidas.

Não sei se é necessário estender-se tanto nos elogios a essas Irmãs. Comecem assim: "E o que é mais digno de consideração ..." Não bastaria dizer-se: além do serviço corporal que prestam aos referidos pobres doentes, Deus concede sua bênção aos conselhos que lhes dão para sua salvação, tanto àqueles que vão morrer, como aos que podem curar-se, a fim de ajudá-los a viver bem. Isso produz muito fruto e é provavelmente visto...

Gostaria de indicar os outros lugares onde elas estão desde o princípio e acrescentar: há pouco tempo estão no Hospital de São Dionísio; nomear também Sedan e mencionar que as que ficam nas aldeias se dedicam tanto à instrução das crianças, como atendem os doentes e fazem-lhes curativos.

Não se fale do bem que faz no presente ou fará no futuro, a referida senhoria.

Não há viúvas que colaboram de modo ordinário, senão um pouco e raramente.

Aos trabalhos das Irmãs da Casa (*Mãe*) após as palavras "preparar e dar remédios", acrescentar: fazer sangrias e curativos nos pobres que vêm de fora, para isso.

---

C. 133 Rc. 5 Carta autógrafa.

(1) Não é propriamente uma carta, mas, observações que Luísa de Marillac fez ao texto da petição que seria apresentada ao Arcebispo de Paris, em vista da aprovação da Companhia das Filhas da Caridade. (Ver Coste II p. 548).

Não estão especificados a leitura e o silêncio das duas horas, nem o de outro tempo; talvez não o seja necessário.

Não conviria mencionar que o dinheiro que se entrega à bolsa comum serve para comprar as provisões necessárias à Casa e para a roupa das Irmãs, mesmo das que estão nas Paróquias, uma vez que é confeccionada em casa para, por este meio, ficarem todas uniformemente vestidas?

No artigo: Respeitarão e obedecerão ao referido Padre em tudo o que se refere à direção e à assistência dos pobres, doentes...

C. 134 (L. 109)

*Ao senhor Padre Vicente*

(pelo ano de 1645) (1)

Senhor Padre,

O empregadinho de meu filho acaba de dizer-me que foi despedido ontem e ignora onde ele está. Podeis imaginar minha aflição! Peço alívio à vossa caridade e ajuda a Deus, recomendando à sua misericórdia o estado em que ele pode se encontrar atualmente e no futuro. Se quiserdes fazer-me a caridade de mandar alguém de vossa casa para inteirar-se se disse alguma coisa e o que fez, sem que se saiba de minhas apreensões, nem das disposições que vos comuniquei, seria para mim um grande alívio obter alguma notícia. Como tudo receio, veio-me ao pensamento que talvez tenha levado os móveis de seu quarto para se mudar definitivamente, sem que eu saiba para onde. Sinto muito dar-vos tanto trabalho, porém, é-me impossível buscar consolo em alguém mais e, não somente por isso, temo muito que cheguem a conhecer meu desgosto e alguém queira vir trazer-me notícias, o que aumentaria meu sofrimento. Quão grande é minha dor! Se Deus não tiver piedade de mim, não sei o que farei! Ajudai-me a permanecer fortemente unida a Jesus Crucificado, em quem sou, senhor Padre, vossa mui humilde filha e agradecida serva.

---

C. 134 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Carta relacionada com as anteriores, números 131 e 132; diz respeito a seu filho Miguel.

*À Irmã Joana Lepintre  
(Paris)*

(De São Dionísio, agosto de 1645)

Minha querida Irmã,

Peço-vos que encarregueis Irmã Cristina Luísa (1) de levar, amanhã de manhã, a pequena Pavie à senhorita Lestang (2), no bairro São Germano, dizendo-lhe que é a menina de quem lhe falou o senhor Chomel. Se puser dificuldades em recebê-la tão mal (*vestida*), dizei-lhe que, provavelmente, a Duquesa d'Aiguillon (3) se encarregará de suas pequenas despesas. Não seja dito à menina que vai ficar interna e Irmã Luísa terá muito cuidado para não se afastar dela. Fará suas devoções no bairro e tomará refeições com nossas Irmãs de São Sulpício. Junto segue a carta do referido senhor Chomel a qual deverá ser entregue à senhorita Lestang.

Se amanhã eu não tiver voltado para casa, podeis fazer a conferência e cômungar. Peço-vos porém, minha Irmã, caso ocorra alguma alteração ou tratamento áspero, desviái, habilmente, a coisa sem que seja percebido, a fim de se manter a moderação e cordialidade.

Não é, absolutamente, minha intenção deixar em Paris, a moça de Sedan, mas não precisais dizer-lhe senão à noite ou na manhã do dia em que partirá. Pensei que, com o que vos havia dito, teríeis enviado a boa Irmã Micaela. Falai sobre isso com o senhor Padre Portail. Não sei que pano branco é esse de que fala a pequena Maria. A viagem dela vai nos ficar muito cara; entretanto, de todo jeito, será preciso providenciar.

Se o Padre Portail não vir perigo em que nossa Irmã tome o remédio sem falar com o médico, podereis dar-lhe vinte e quatro grãos, a saber, oito de cada qualidade. O senhor Vacherot (4) não porá dificuldade. Quando melhorar um

---

C. 135 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Luísa Cristina Rideau, uma Irmã da Casa Mãe (ver C. 160 n. 7).

(2) Maria Delpech de Lestang reuniu na rua Vieux Colombier, umas 50 órfãs para educá-las. Em 1640, mudou-se para perto do Noviciado da Companhia de Jesus. São Vicente ocupava-se de sua obra e dera-lhe como Diretor um Padre da sua Conferência das Terças-feiras a quem muito estimava, o senhor Padre Gambart. Sugeriu à senhorita Lestang que procurasse Mademoiselle Le Gras e a consultasse, pois, possuía, em alto grau, o dom de dirigir almas.

(3) A Duquesa d'Aiguillon (ve C. 12 n. 1).

(4) O senhor Vacherot, médico da Comunidade.

pouco, será preferível trazê-la para a Casa. A Irmã Luísa dirá à Irmã Antoinette (5), de São Sulpício, para não se esquecer de que as Irmãs devem mudar de bairro, pelo menos de quinze em quinze dias. Terá cuidado de distribuir os doentes, por igual, para que todas tenham o mesmo número e por vários outros motivos. Irmã Maria Marta poderá ir ver sua Mãe doente; não porém a Irmã de São Lupo, porque a sua está fora. Podeis enviar a Irmã Joana Batista (6), de Richelieu, para Issy e, aos forçados das galés, a Irmã Luísa (7), também de Richelieu. Aí pode haver muito trabalho, mas não é duro demais.

Recomendo-vos esse pequeno rebanho: nele reine a tolerância, a cordialidade, a amável doçura, no amor de Jesus Crucificado, no qual sou, querida Irmã, vossa (humilde) Irmã.

P.S. - Peço-vos enviar estas cartas para Angers, ao senhor Dom João (8). Podeis confiá-las à Irmã Henriqueta (9). Os damascos secos, que me mandastes, eram poucos e feios. Recomendai-me às orações de todas nossas Irmãs; as daqui as saudam com o coração e afeto.

C. 136 (L. 150)

*À Irmã Joana Lepintre  
Paris*

(agosto de 1645)

Querida Irmã,

Creio que, na terça-feira, será conveniente mandar a jovem de Sedan (1). Porém, para isso deveis falar com a dona da diligência, a fim de que nos dê certeza de que a deixará em mãos de pessoas que cuidem dela. Informai-vos bem sobre tudo o que trouxe; não há razão de vesti-la melhor.

---

(5) *Antoinette Labille, uma das primeiras Filhas da Caridade. Parece que ficou sempre em Paris; sua assinatura está na Ata de ereção da Companhia, em 1655.*

(6) *Joana Batista, a antiga (ver C. 75 n. 7).*

(7) *Luisa Ganset (ver C. 15 n. 1).*

(8) *Dom João Morisse era de Nantes.*

(9) *Henriqueta Gesseume que provavelmente se achava na Paróquia de São Germano (ver C. 86 n. 1).*

C. 136 Rc. 3 Carta autógrafo.

(1) *"Maria, a baixinha", da carta anterior.*

Será bom visitar as Irmãs de São Roque (2) e enviar a irmã Toussainte (3) para São Severino (2).

As Irmãs não devem vir e ficar na casa (*Mãe*) sem haverem sido chamadas. Não faz muito tempo, falei com a Irmã Genoveva de São Germano; é uma Irmã muito boa. Espero que Deus lhe conceda a graça de superar suas pequenas dificuldades. Se a virdes, consolai-a; é um tanto sensível.

Escrevi ao senhor Padre Portail (4) a respeito de Bárbara (5) para que converse sobre ela com o senhor Padre Vicente. Ele vos dirá o que deveis fazer. Também podereis mandá-la para São Sulpício (2); seria bom para ela. Não sei quando voltarei, porque quase nada fizemos ainda.

Recomendo-me às orações de nossas Irmãs; consolai as fracas e ajudai as que se acham em dificuldades, falando-lhes em particular. Suplico a Deus dar-vos seu santo amor, no qual sou, querida Irmã, vossa mui obediente serva e afetuosíssima Irmã.

P.S. - Dai boa acolhida à Irmã que deve chegar esta tarde ou amanhã de manhã. O senhor Padre Vicente admitiu-a.

C. 137 (L. 143)

*À Irmã Joana Lepintre  
(Paris)*

(de São Dionísio, agosto de 1645)

Minha querida Irmã,

Suplico à bondade divina seja sempre vosso guia.

Rogo-vos enviar, imediatamente, este embrulho à senhorita de Lamoignon (1). Se ela não estiver, tereis de levá-lo à senhora de Nesmond (2), e, caso esta

---

(2) *Paróquia de Paris.*

(3) *David Toussainte. Não sabia escrever. Na ata de ereção da Companhia "assinou" com uma cruzinha. Em 1650, encontramos-la em Valpuseaux e, em 1659 em Sedan.*

(4) *Senhor Padre Portail, Diretor das Irmãs (ver C. 117 n. 1).*

(5) *Bárbara Toussaint a quem se havia feito vir de Angers (ver C. 88 n. 4).*

C. 137 Rc. 3 *Certa autógrafa.*

(1) *Senhorita Madalena de Lamoignon (1608-1687) rivalizou em caridade com sua mãe, a senhora de Lamoignon.*

(2) *Senhora de Nesmond, tia da anterior (ver C. 87 n. 2).*

última esteja no campo, tornai a levá-lo à senhorita de Lamoignon. Perguntai tanto em casa de uma como da outra, se a senhora de Nesmond não deixou algum documento para nos ser mandado.

Rezai por nós. Meus pecados são a causa de ainda não sabermos, com certeza, se permaneceremos aqui (3). Cumprimentai todas as nossas Irmãs. Se tiverdes alguma coisa para me enviar, fazei-o; porém não tardeis muito a vinda de nossa Irmã.

Sou, de todo coração, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa mui humilde Irmã e serva.

P.S. - (Dai-me notícias de nossas Irmãs doentes).

C. 138 (L. 325)

### *Ao senhor Padre Portail*

Hoje, 2 de outubro de (1645)

Senhor Padre,

Peço, mui humildemente, à vossa caridade, fazer-me o favor de entregar esta carta ao senhor Padre Vicente. Não quero molestá-lo, nem sequer dar-lhe o trabalho de responder-me, a não ser que o faça por excesso de caridade. Rogo-vos também o favor de saber do Padre Lambert (1) se falou ao senhor Padre Vicente sobre a resposta que devo dar ao senhor Abade de Vaux, sobre o regresso da senhorita Maria Gonain (2), sobre o hospital de Nantes e sobre os pobres recolhidos da cidade de Angers. É que vários senhores daqueles que, há tempos, vêm tratando desses assuntos pressionam o senhor Abade para que lhes diga alguma coisa a esse respeito. Recomendo-me às vossas santas orações e sou, no amor de Jesus Crucificado, vossa mui humilde serva.

---

(3) A 22 de agosto, Luisa de Marillac foi levar Irmã Turgis, Francisca Paula Noret e Margarida Lesoin ao Hospital de São Dionísio.

C. 138 Rc. 2 Carta autógrafa. No dorso: 2 de outubro de 1645.

(1) O senhor Padre Lambert estava então em São Lázaro.

(2) Maria Gonain, postulante de Angers, vinda para Paris com Irmã Turgis. Adoeceu (depressão nervosa). Trata-se de sua volta para Ingrandes, entre Angers e Nantes. Em 1646, tendo melhorado, pediu voltar à Comunidade. A ata do Conselho da Companhia, de 25 de outubro, trata disso. (Coste XIII p. 616).

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 28 de outubro de 1645

Senhor Abade,

Embora tenha motivos para pensar que não vos encontrais em Angers ou então, aí estando, vossas santas tarefas vos ocupem mais do que de ordinário, pois não tivemos a honra de receber notícias vossas desde que partistes de Paris, ousou suplicar-vos vos digneis continuar prestando-nos vossos caridosos obséquios. Bem o sabeis, temos grande necessidade deles, não apenas dos que se referem a mim, em particular, como também, a nossas Irmãs do Hospital. A cada correio, recebo notícias delas contando-me sempre que há alguma doente e alguma exprobração dos senhores Administradores, o que me faz pensar que não estejam satisfeitos com elas.

Suplico-vos, humildemente, fazer-me o favor de dizer se tendes conhecimento de tais coisas e de pensar nos meios de pôr ordem nisso. Escrevi a esses senhores, sem entretanto falar-lhes da situação, mas, com a finalidade de lhes dar ocasião de que me apresentem suas queixas, caso as tenham. Parece-me, senhor, que a região de Anjou vai ter-vos por mais tempo que Paris; nada tenho a objetar se considero o interesse da glória de Deus. Porém, por seu amor, fazei-me a caridade de pedir-lhe misericórdia para mim e para uma pessoa (1) que me toca de perto, a respeito da qual tenho grandíssima aflição por uma série de motivos humanos e, mais ainda, por temor de sua salvação. Como, pelo menos aparentemente, trata-se de um mal irremediável, é necessário que seja o poder de Deus que opere sua cura. Por isso, recorro à vossa caridade da qual sou, no santo amor de Deus, vossa humilde filha e obediente serva.

---

C. 139 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Seu filho, Miguel Le Gras (ver Cartas 131 e 134).

*Às Irmãs enviadas a Serqueux (1)*

(outubro-novembro de 1645)

Minhas queridas Irmãs,

Deus seja bendito pela graça que vos concedeu, protegendo-vos nesta viagem! Asseguro-vos que temos bastante pena de vós, embora muito vos invejem por causa do serviço que prestais a Deus. Se puderdes ir a Beauvais, sem vos demorar demais, seria bom que estivésseis com esse excelente homem de Igreja e aprendésseis a tal receita que podeis preparar. Tende cuidado porque, nem todas as fístulas procedem de doença maligna. Ainda quando deparardes com algumas que dela advêm, o mal pode ter outras causas.

Não me atrevo a vos mandar senão outros dez escudos; se necessitardes de mais, pedi emprestado, por intermédio de Branca e eu a reembolsarei aqui. Creio que não tereis muito a mudar. Rogo-vos que anoteis, com exatidão, tudo o que encontrardes e tudo o que vos dão. Poderíeis fazer um caderno grande, pois, vos falta papel.

Ah! minhas queridas Irmãs, parece-me ver-vos felizes, no meio de tanto cansaço! Coragem! Trabalhai em vossa perfeição, aproveitando tantas ocasiões de sofrimento, para vos exercitar na doçura, na paciência, (*aceitando*) os desprezos e vencendo as contradições que encontrardes. Tende um grande coração; nada lhe seja difícil, pelo santo amor de Deus, no qual sou e no de seu Filho Crucificado, minhas queridas Irmãs, vossa humilde Irmã e serva.

P.S. - Toda a nossa Companhia vos saúda. Hoje, dei notícias vossas, ao senhor Padre Vicente que roga a Deus por vós. O número de nossas Irmãs cresce tanto que, hoje, na primeira mesa, havia trinta. Boa noite, queridas Irmãs. Irmã Joana Cristina (2) e Irmã Genoveva (3) de Angers, estão em São Gervásio (4).

---

C. 140 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Provavelmente, Bárbara Angiboust e Perrette Chefdeville.

(2) Joana Cristina Prévost, uma pessoa de paz. Depois de São Gervásio, foi para Fontainebleau, em 1648; para Liancourt, em 1651 e, Sedan, em 1654.

(3) Genoveva Caillou que havia vindo de Angers (ver C. 23 n. 1).

(4) As Filhas da Caridade acabavam de estabelecer-se em São Gervásio (ver C. 126).

*Estabelecimento das Filhas da Caridade em Nantes e em Fontainebleau.*

Junho: *Visita do senhor Padre Portail a Angers.*

Julho-agosto: *Viagem de Luisa de Marillac a Nantes.*

20 de novembro: *Aprovação da Confraria das Filhas da Caridade por João Francisco Paulo de Gondi, Bispo coadjutor de Paris. A Confraria ficava sob a dependência dos Bispos.*

C. 141 (L. 132 bis)

*Ao senhor Padre Portail  
Le Mans*

(antes de março de 1646) (1)

Senhor Padre,

Agradeço a Deus por vos haver protegido na viagem e lhe peço continuar esta mesma graça até vosso regresso. Se encontrardes algumas jovens, pessoas de bem, apresentadas por vosso Padres, peço-vos o favor de fazê-las compreender o que é a Companhia. Verificareis se serão apropriadas para nós.

Finalmente, a Irmã Maria (2) nos deixou e foi embora e Ana, de Richelieu, a alta, quando suspeitou que pretendíamos despedí-la, fugiu, ontem. Não sabemos porém, para onde. Vede, senhor Padre, como precisamos da assistência de vossas santas orações, principalmente eu que sou a causa de todos esses males. Eu vos rogo: por eles, pedi perdão a Deus, por mim.

O senhor Abade de Vaux disse-me ter-vos encontrado na viagem (3) e gostaria de ter podido conversar convosco (*mas, com calma*). Não me disse outra coisa além do que vos falei, isto é, que todas as nossas Irmãs de Angers desejam, tacitamente, voltar para Paris. Rogo-vos, senhor, que antes de conversar com as Irmãs, o façais com o senhor Padre Ratier e o senhor Padre Tonnelier, o confessor de Santa Maria. Este último, embora não vá com muita freqüência ao

---

C. 141 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) O Padre Portail responde a essa carta no dia 18 de março de 1646. (Rc. des pièces p. 662). Desde 7 de março, Luisa de Marillac não sabe onde está seu filho (ver C. 142).

(2) Maria Gonain, postulante procedente de Angers (ver C. 138:n. 2).

(3) O senhor Padre Portail fazia visitas às casas dos Padres da Missão e das Filhas da Caridade, na região oeste de França.

(4) Madalena Mongert (ver C. 42:n. 1).

Hospital, creio poder dar-vos valiosas informações sobre elas. Vede, por favor, se entre as Irmãs, há alguma que possa ficar como Irmã Servente no lugar de Irmã Madalena (4), seja porque, simplesmente, ela deva ser transferida, seja porque precisa vir para cá, devido à doença que a ameaça. Acho também que seria necessário dar alguns conselhos ao confessor delas. Receio que, até agora, tenha fomentado a necessidade de fazerem direção e estejam demasiado desassossegadas para a fazerem, convencidas de que têm dela grande necessidade e que, semelhante passatempo as leve a conceber o desejo de comunicar-se com outros, além dos que lhes foram designados como Diretores. Isso as inquieta muito.

Numa carta que entreguei a meu filho para levá-la a Angers, lhes dizia que há pouco, fora nomeada uma Irmã para ajudar-me em casa, na direção de nossos modestos assuntos e que nossas Irmãs recorriam mais a ela do que a mim, vendo-se, desde então, grande proveito no meio delas. Acho ter dito a verdade. Por isso, rogo-vos, senhor, se o julgardes oportuno, dizer-lhes algo a respeito.

O senhor Padre Lambert fez-nos hoje a caridade de começar a explicação do catecismo. Mediante a graça de Deus, espero que isso nos faça muito bem, principalmente, se tivermos a ajuda de vossas orações, como, com humildade, vo-lo pedem todas as nossas Irmãs. Ao mesmo tempo elas vos cumprimentam e também eu que sou, no amor de Jesus Crucificado, senhor Padre, vossa mui obediente e humilde serva.

C. 142 (L. 137)

*Ao senhor Padre Vicente*

(24 de março de 1646)

Senhor Padre,

Tenho sobejos motivos para humilhar-me, considerando as disposições de Deus sobre mim, tão indigna da graça que desejava receber antes! de nossa querida festa da Encarnação, a fim de que ela me servisse de preparação. Suplico à bondade de Deus poder obtê-la antes de terminarem as festas de Páscoa e que vós, restabelecido de vossa indisposição, possais estar em perfeita saúde para isso e para tudo o que nosso bom Deus quiser de vossa caridade. Peço-vos, pelo santíssimo amor de Jesus, que de novo nos entregueis a Ele e ofereçais, amanhã, à sua Santa Mãe, este quadro que se destina a ornamentar um altar que

---

C. 142 Rc. 2 Carta autógrafa.

tenha seu belo nome, pedindo-lhe nova proteção para meu filho de quem não tenho notícias desde o dia 7 deste mês. Isso me preocupa sobremodo. Também não tenho nenhuma notícia da Madre Superiora da Visitação de Tours, nem do senhor Padre d'Esvre. Todas essas coisas encham meu espírito de temores. Humildemente, também vos peço, meu Honoratíssimo Pai, que me façais a caridade de, amanhã, colocar no santo altar, toda a pequena Companhia cheia de faltas e dura de coração, para que se cumpra em nós a santíssima vontade de Deus. Ó meu querido Pai, se o bom Deus vos permitisse ver o motivo disso, quão horrenda eu vos pareceria! Não vejo em mim senão crime e uma bem fraca vontade de corrigir-me. Ajudai vossa indigna filha com vossas santas orações e caridosas advertências para que seja totalmente de Deus e obtenha de Sua bondade, olhar com compaixão para seu pobre filho.

Remeto-vos o livro que o senhor Padre Guérin, confessor de nossas Irmãs de São Gervásio, vos envia, por intermédio delas. Também nos mandou em exemplar; queira Deus tiremos proveito dele para Sua glória. Peço-vos, com a maior humildade de que sou capaz, prostrada, de coração e afeto, a vossos pés, vossa santa bênção, para atrair sobre minha pobre alma, as graças de que tanto necessita, a fim de ser, verdadeiramente, meu Honoratíssimo Pai, vossa mui obediente filha e humilde serva.

Na véspera da Encarnação do Filho de Deus.

C. 143 (L. 303 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

(27 de março de 1646) (1)

Sou indigna dos designios da Divina Providência os quais vossa caridade me fez a honra de dar-me a conhecer, a fim de arrancar-me às minhas infidelidades. Renuncio, pois, às apreensões pelo futuro, para querer somente o que Deus quiser ordenar, a cada dia. Entretanto, não creio ser capaz de impedir os justos receios que terei por causa de minhas infidelidades, sem contudo faltas às submissão.

Minha intenção não foi, em absoluto, que o quadro da Santíssima Virgem fosse para nosso oratório, nem para as Crianças Expostas, mas, para servir de ornato a um altar dedicado à Virgem Santíssima, para, de certo modo, reparar as

---

C. 143 Rc. 2 Carta autógrafo.

(1) Acompanha-a a carta seguinte.

faltas de meu filho. Empreguei, em sua execução, alguns anéis que me restavam. Por isso, peço-vos humildemente, senhor Padre, que aceiteis ser em vossa igreja onde se faça esta expiação, pois, fiquei tão infeliz, por o crime de meu filho (2) ter sido praticado numa de vossas casas.

O tercinho é a devoção para a qual vos pedi permissão, há três anos e que rezo em particular. Tenho guardados, num pequeno cofre, muitos desses terços, com um papel no qual estão escritos pensamentos sobre o tema, para deixá-los a nossas Irmãs após minha morte, se vossa caridade o permitir. Ninguém sabe disso. É para honrar a vida oculta de Nosso Senhor em seu estado de encerramento nas entranhas da Santíssima Virgem e, para saudá-la por sua felicidade durante aqueles nove meses. As três contas pequenas são para cumprimentá-la por seus belos títulos de Filha do Pai, Mãe do Filho e Esposa do Espírito Santo.

Isso é o essencial desta (*minha*) devoção.

Pela graça de Deus, indigna como sou, não a interrompi desde o tempo indicado e estou disposta, ajudada pela mesma graça, a deixá-la se vossa caridade me ordenar. Minha intenção ao fazer este pequeno exercício é pedir a Deus, por meio da Encarnação de seu Filho e as súplicas da Santíssima Virgem, a pureza necessária à Companhia das Irmãs da Caridade e o vigor da Companhia, segundo seu divino beneplácito.

Amanhã, se Deus quiser, enviar-vos-ei uma carta para o senhor Padre Portail (3) que me fareis o obséquo de ler e ver se será conveniente que lhe seja enviada. Amanhã tratarei de estar presente, em espírito, ao santo sacrifício da Missa. E, embora creia que vossa caridade não a celebre em baixo, se conseguir saber a hora, teria a felicidade de assirtir a ela. Por favor não esqueçais a resposta de que a senhora Presidenta de Lamoignon (4) necessita para saber se continuará com as coletas, nem tão pouco (*vos esqueçais*) que sou vossa muito agradecida filha e obediente serva.

---

(2) Ver as cartas 131 e 134.

(3) O senhor Padre Portail (ver C. 117 n. 1) fazia visitas percorrendo o oeste de França.

(4) Senhora de Lamoignon (ver C. 87 n. 1).

*Ao senhor Padre Portail  
Le Mans*

27 de março de 1646

Senhor Padre,

Seria, de minha parte, uma grande presunção julgar-me necessária para o estabelecimento de nossas Irmãs nos lugares para onde Deus as chama; sobretudo aí, onde vos encontrais. Devo antes temer estragar tudo! Penso que o que me faz ir a certos lugares é a pouca confiança que tenho na capacidade das Irmãs, devido aos meus maus exemplos e descuido em orientá-las. E como falo cem vezes mais do que pratico, parece-me que não tenho outra coisa a fazer, quando acompanho (*as Irmãs*) nessas fundações: reparar, por meus conselhos a respeito de cada circunstância, as faltas cometidas por mim noutras ocasiões.

Quando o senhor Padre Vicente o determinar, vos enviaremos duas Irmãs. Porque as conheceis, eu vos solicitara que nos fizésseis a caridade de designar as que vos parecessem mais indicadas (1). Propus ao senhor Padre Vicente a Irmã Joana Lepintre (2) para ser Irmã Servente. Deveis estar lembrado de que temos, disponíveis, as duas Irmãs vindas de Angers: Irmã Cláudia (3), que está atualmente em São Bartolomeu e Irmã Genoveva (4), em São Gervásio e também a Irmã Andréa (5) que estava em Santo Estêvão e, talvez, tenha necessidade de ser afastada (*de Paris*). Vede, senhor, quais serão as mais indicadas.

Eu vos perguntara se não seria possível mandar vir as jovens daí que pretendem pertencer à nossa Companhia. Creio ser isso tão necessário que poderíamos até enviar-nos quatro daqui. Embora elas vos pareçam muito submissas agora, é de se temer, senhor, que, na prática, se desmintam e isso se torne um costume em outros lugares. Quando fomos para Angers, não entramos no hospital enquanto todos não saíram, à exceção de uma, até que conseguisse colo-

---

C. 144 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) (Cfr. C. 141. A presente responde à que o Padre Portail lhe escreveu a 18 de março de 1646; e, a 7 de abril do mesmo ano, o Padre Portail responde a esta (Cfr. *Notices 1 Série I* pp 35-36).

(2) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1).

(3) Cláudia Brigida (ver C. 65 n. 1).

(4) Genoveva Caillou (ver C. 23 n. 1).

(5) Andréa: foi para Le Mans a 4 de março. Ante a impossibilidade de levar a cabo a referida fundação, foi mandada para Angers, onde permaneceu até junho de 1648.

cação e para nos dar algumas orientações de que necessitávamos.

Ser-me-ia difícil mandar, daqui, as instruções necessárias às nossas Irmãs para quando estiverem aí. Para isso, precisaria conhecer como se processa o serviço dos doentes, o número deles, a situação do hospital, isto é, como estão acomodados os homens, as mulheres. Se há empregados que se encarregam de preparar a alimentação dos pobres; se há um boticário; se as Irmãs devem fazer sangrias. Parece-me, aliás, que o senhor Gallais (6) me disse que, além das que ele chama Irmãs, há uma quantidade de empregadas. Ora, senhor Padre, este ponto me parece de grande importância, pois, a meu ver, é preferível que sejam enviadas mais Irmãs e serem dispensadas todas as criadas, por meios moderados e caridosos. Acho também, senhor, que, para nós, é de grande importância a fundação de Le Mans, exatamente por ser proposta por vossos Padres e por haver também, conforme acredito, muitas pessoas a quem temos de comprazer. Peço a Deus, por intercessão da Santíssima Virgem, que sua Divina Providência a dirija pelas próprias mãos. Se tiver notícias vossas e Deus me inspirar alguma outra idéia, não deixarei de vos escrever.

Peço-vos humildemente perdão pois acabo de encontrar a carta que dizia vos haver remetido; é mais uma consequência de minha feliz memórial Faço muitas coisas como essa Rogai a Deus para que me perdoe e me dê a graça de corrigir-me.

Sou, em seu santo amor e no da Santíssima Virgem, cuja festa celebramos hoje, vossa mui obediente e humilde serva.

C. 145 (L. 132 quater)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 4<sup>o</sup> feira (2 de maio de 1646)

Senhor Padre,

Rogo humildemente a vossa caridade lembrar-se de que os lugares para Le Mans estão reservados para a próxima sexta-feira e da necessidade da Conferência que tivestes a bondade de prometer-nos para amanhã, quinta. Peço-vos, muito humildemente, dar-vos o trabalho de dizer-me qual será seu tema a fim de podermos avisar a todas as Irmãs.

---

(6) *Senhor Padre Gallais, sacerdote da Missão (ver C. 117 |n. 2).*

C. 145 Rc. 2 (Ao dorso: 132 bis) Carta autógrafo.

(1) *São Vicente dá resposta na mesma carta (ver Coste II p. 587).*

Calculei quanto nossas Irmãs das paróquias trouxeram para a Casa (Mãe) no ano de 1645. Atinge um total de 1.129 libras e 12 soldos. Com isso pudemos fornecer hábitos e roupa branca a 43 Irmãs. Parece-me haver saldo de umas 400 libras para a Casa, descontados os gastos nos quais não estão incluídos o feitio dos hábitos e roupas brancas que foram confeccionados por Irmãs daqui mesmo. Creio, senhor Padre, que se vossa caridade pretende falar algo sobre esse assunto, seria bom que as Irmãs percebessem que, o que trazem, quase equivale às despesas. Como umas trazem mais do que gastam, isso supre o que outras trazem de menos. Também não sei se toda a Companhia chegou a entender o quanto suas economias favorecem à Casa. Há algumas (Irmãs) tão indiscretas, ou a maioria, que dizem às tontas, tudo o que sabem.

Peço à bondade de Deus vos faça conhecer nossas necessidades e nossas fraquezas, especialmente as minhas, Sou, por ordem da Divina Providência, senhor, vossa mui obediente filha e serva reconhecida (1).

C. 146 (L. 133)

(5º feira, 3 de maio de 1646) (1)

Sendo possível, não deixaremos de enviar nossas Irmãs, amanhã (2); Se Deus quiser. As de São Tiago (3) receberão a bênção do Senhor Padre Vicente. Por favor, a ele perguntareis se seria conveniente que o senhor de Marillac (4) escrevesse para algumas das principais pessoas da cidade, parentes seus, para assegurar-lhes que as Irmãs de modo algum molestarão os senhores Administradores do Hospital Geral, a quem prestarão a obediência e submissão devidas (5). Mas, creio necessário que o confessor delas seja um Padre da Missão. Precisamos rezar muito por esta fundação, segundo estou vendo, para que nela se cumpra a vontade de Deus.

Será difícil que as seis Irmãs possam manter-se e vertir-se com os 100 escudos. É pois necessário saber do senhor Padre Portail se é sua intenção entre-

---

C. 146 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Bilhete escrito por Luisa de Marillac sem endereço, nem assinatura.

(2) Vão partir para Le Mans.

(3) São Tiago do "Haut-Pas", paróquia de Paris, para onde, pela primeira vez, estavam indo as Irmãs.

(4) Miguel de Marillac, neto do Guarda-selos (ou Chanceler). Sua avó era natural da região do Maine. (Le Mans é capital dessa região).

(5) O estabelecimento das Filhas da Caridade (em Le Mans) não teve êxito: os antigos servidores do Hospital não as aceitaram.

gar essa quantia aos Administradores e as Irmãs serem alimentadas e vestidas a cargo da casa, juntamente com os pobres.

C. 147 (L. 458)

*(À Irmã Madalena Mongert)*  
*Angers*

(pelo mês de maio de 1646)

Querida Irmã,

Nosso bom Deus vos visita outra vez, na pessoa de nossa querida Irmã. Em nome de Deus, Cuidai bem dela. Bem sei que nada lhe faltará, porém, não vos canseis de forçá-la a tomar o que lhe for necessário. Saúdo-a de todo o meu coração. Seu estado aumenta minha afeição, julgando-a num alto grau de união com a santíssima vontade de Deus. Exorto-a a amá-la muito. Como é grande meu afeto pelo coração de nossa boa Irmã (*Maria*) (1), tão filha da Santíssima Virgem! Dizei-lhe, por favor, que espero que ela contribua com todo o seu poder para conciliar na santa alegria os corações de nossas queridas Irmãs.

Todas aqui vos cumprimentam. Se visseis como trabalham em desmoitar, teríeis certeza dos frutos desta terra! Rogai a Deus por elas e crede-me no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa mui humilde Irmã.

C. 148 (L. 139)

*Ao senhor Abade de Vaux*  
*(Paris)*

(11 de maio de 1646)

Senhor,

Agradeço-vos com muita humildade, o trabalho que sempre tomais conos-

---

C. 147 Ms. A. *Irmã Chétif* 1, n° 10. *Cópia.*

(1) *Maria Despinal estava doente. Chegada a Angers, nos fins de 1644, morreu em maio de 1646. Em Angers, foi feita uma Conferência sobre suas virtudes que não chegou até nós.*

C. 148 Rc. 4 *Carta autógrafo.*

co; não o merecemos.

Não escrevi ao senhor Padre Portail (1) sobre o assunto que vossa caridade fez o favor de advertir-me, porque já lhe havia pedido que conversasse com o senhor Padre Ratier, antes de fazê-lo com as Irmãs, para que se inteirasse das disposições de cada uma.

Logo que soube da gravidade do estado do senhor vosso irmão, comuniquei aos senhores Padre Vicente e Padre Lambert e também o fiz quando ele faleceu para que encomendassem sua alma às orações de sua Companhia. O reconhecimento que vos devemos, senhor, tem sido como um testemunho a nos lembrar nosso dever e nos levou a cumprí-lo o melhor que pudemos.

Fiquei muito pesarosa por não ter podido ter a honra de estar com a senhora vossa irmã, em São Lázaro, nem visitá-la em sua residência, antes de sua partida. Espero de sua bondade que não deixará de fazer-me o favor de conservar-me sua amizade, na certeza de que professo especial estima por ela.

Rogo-vos, senhor, pelo amor de Deus, que ofereçais à Sua bondade, no Santo Sacrifício, tudo o que vossa caridade possa pensar que Ele queira de mim, a fim de que estes dias de Retiro Espiritual que hoje iniciarei, lhe sejam agradáveis. Crede-me, por favor, que no amor de Jesus Crucificado sou vossa muito humilde e obediente filha e serva.

P.S. - Peço-vos: se escreverdes ao senhor Padre Ratier, lhe digais, por favor, que fale, abertamente, com o senhor Padre Portail de todas as necessidade de nossas Irmãs.

C. 149 (L. 138)

*Ao senhor Padre Portail  
Angers*

Hoje, 11 de maio de 1646

Senhor Padre,

Peço-vos, humildemente, que me façais o favor de informar-me como deixastes nossas Irmãs (1) e dar-me instruções sobre a maneira de orientá-las, por carta, por causa das dificuldades que poderão sobrevir entre elas e as outras jo-

---

(1) O senhor Padre Portail estava em Angers, para fazer visita à comunidade das Irmãs.

C. 149 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) As Irmãs enviadas para Le Mans.

vens.

Peço-vos, também, dizer-me o que combinastes ao nos enviar essa moça do Hospital, tanto com os Administradores como com ela mesma. Se é, simplesmente, para ser uma das nossas, podendo-se devolvê-la sem outras condições, como o fazemos com as demais.

Quanto tempo achais ser necessário que deixemos lá a Irmã Joana Lepintre? E, (*quanto a vós*) poderemos alimentar esperanças de vosso regresso neste ano? Fazei-nos o favor de dar-nos, de vez em quando, vossas caras notícias, de qualquer lugar onde estiverdes. Em verdade, devo dizer-vos, que toda a Companhia sente muito vossa ausência; cada dia a sentimos mais!

Deus seja bendito em todas as coisas e Sua santa vontade preferida a tudo! Muito esperamos de vosso valimento diante de Deus.

Todas as Irmãs, vossas filhas queridas, experimentam grande alegria ao saberem que vos lembrais delas; todas vos saúdam, afetuosamente, assegurando-vos que pedem a Deus por vós. Sua Irmã Servente seria muito ingrata se deixasse de fazê-lo.

Parece-me, senhor, que a boa Irmã, senhorita Maria Gonain (3), irá procurar-vos para pedir sua readmissão. Por obséquio, não lhe deis esperança disso e fazei-a compreender que pode considerar-se unida à Companhia porque o serviço que presta a Deus na pessoa dos pobres, lhe confere esta associação.

O senhor Padre Ratier escreveu ao senhor Abade de Vaux comunicando-lhe haver três ou quatro jovens que estão pedindo para vir. Sabeis que precisamos delas, mas, também, de que tenham todas as disposições requeridas. Talvez a jovem da qual nos falou o senhor Padre Tonnelier (5) seja uma das quatro que se apresentam. Peço-vos, senhor, que lhe faleis em particular. Acredito haver várias coisas para vos dizer, com relação às Irmãs; por favor, levai-as a compreender que não basta a disposição de ir para qualquer lugar; é preciso também a de querer permanecer onde a obediência nos colocou, até que essa mesma obediência nos retire de lá. Fazei-me o favor de dar-me notícias de cada uma em particular. Os (*ex*) patrões de Irmã Maria Despinal (6) continuam interessando-se muito por ela.

Espero que vossa caridade nos envie, com a possível urgência, nosso regu-

---

(2) Joana Lepintre, responsável pela pequena comunidade enviada para a referida fundação.

(3) Maria Gonain que havia saído da Companhia, por motivos de doença (ver C. 138 n. 2).

(4) Senhor Padre Ratier (ver C. 82 n. 2).

(5) Senhor Padre Tonnelier, confessor das Irmãs de Angers.

(6) Maria Despinal que se achava doente, em Angers (ver C. 147 n. 1).

lamento (7), bem como os avisos necessários para colocá-lo em prática, a fim de que os trabalhos que fizestes por nós produzam o bem que nos propusestes, o que espero com a ajuda de vossos santos sacrificios e orações. Isso é o que humildemente vos peço, por amor de Deus, em quem sou vossa mui obediente serva.

C. 150 (L. 136)

*À Irmã Madalena (Mongert),  
Filha da Caridade, serva dos pobres doentes,  
no Hospital de Angers*

Hoje, 23 de maio de (1646)

Mui querida Irmã,

Muito me aflige o estado de nossa boa Irmã Maria Despinal (1). Se Deus ainda no-la conserva aqui na terra, cumprimentai-a por mim e dizei-lhe que lhe peço fazer o possível para melhorar e assim, empregar o resto de sua vida no serviço de Deus. Que amor compassivo terá então para com os pobres doentes, após este treino de sofrimento! Espero que a bondade de Deus a tenha abençoado com grande ajuda e consolações.

Quanto me surpreende e aflige, porém, o que me dissestes dessa outra pobre Irmã! (2) Desde quando percebestes nela desgosto por sua vocação? Dai-lhe certeza plena de que a receberemos bem e, se quiser deixar a Companhia para se empregar, com todo empenho lhe procuraremos uma colocação; que ela se guarde, entretanto, de cometer o erro de ir-se embora como uma andeja. O senhor seu irmão, que conforme me dissestes, é da Missão, não concordaria que saísse em tais disposições. Causa-me estranheza que as Irmãs estejam tão agitadas, considerando o grande trabalho que têm. Peço-lhes que renovem, com frequência, o desejo de realizar todas as suas ações com os olhos postos em Deus e por seu amor. Pensem na graça insigne que sua bondade lhes concedeu, chamando-as a tão santo serviço ou qual tantas pessoas de alta posição se dedicam e com tamanho fervor, que não lhes sobra tempo para se ocuparem de si,

---

(7) O senhor Padre Portail o havia levado, a fim de estudá-lo; o regulamento das Filhas da Caridade que deveria ser submetido ao Arcebispo de Paris, para sua aprovação (ver C. 158).

C. 150 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Maria Despinal morreu no final do mês (ver C. 147 n. 1).

(2) Catarina Huitmil, que vacilava na sua vocação (ver C. 119 n. 6).

nem buscar tanto sua própria satisfação.

Espero que, em breve, aí esteja o senhor Padre Portail. Quando os Administradores pedirem Irmãs para o serviço do qual me falastes, com a graça de Deus, vo-las enviaremos. Cumprimento cordial e afetuosamente a todas as nossas queridas Irmãs e lhes rogo receberem o que, nesta carta, vos digo como se fosse para cada uma em particular. Todas as nossas Irmãs doentes e'sãs se recomendam às vossas orações e a vós, de quem sou, minha querida Irmã, muito humilde irmã e afetuosíssima serva.

C. 151 (L. 140)

*Ao senhor Padre Portail  
Le Mans*

Hoje, 25 de maio de 1646

Senhor Padre,

Se vossa caridade, há muito, já não conhecesse nossas misérias, eu diria que nosso bom Deus vo-las faria experimentar nas dificuldades que Ele permitiu que tenhais na negociação do assunto, no qual, com tanta generosidade, estais trabalhando, em favor do serviço dos pobres. É para nós motivo de grande confusão o pensar que somente nossas más disposições e pusilanimidades são a causa de tanta perturbação, para serem aceitos os nossos serviços, aí. Suplico-vos que peçaís perdão a Deus por nós e também nos perdoeis, assim como o senhor Padre Gallais (1), por todo o trabalho que estamos dando. Temos muitos motivos para louvar a Deus por tudo o que opera através de vós e por sua Providência vos haver entregue este assunto. Somente a bondade divina pode fazer projetos e executá-los. Se a Providência não nos quiser aí, será um alívio para nossas Irmãs de Angers (2), porque, segundo creio, os senhores Administradores estão resolvidos a pedir mais quatro e, nossa boa Irmã Maria Despinal (3), conforme nos informaram, está agonizando: faz três dias. Penso até que, a estas horas, Deus já a tenha levado. Quando vossa caridade for a Angers, se inteirará das boas disposições de sua alma, para o negócio mais importante de nossa vi-

---

C. 151 Rc. 2 *Carta autógrafo. Lugar e ano acrescentados por outra pessoa.*

(1) *Senhor Padre Gallais, Superior de Le Mans (ver C. 117 n. 2).*

(2) *Duas das quatro Irmãs que foram para Le Mans passariam para Angers: Cláudia Brígida (ver C. 65 n. 1) e Andréa (ver C. 143 n. 4).*

(3) *Maria Despinal que estava em Angers (ver C. 147 n. 1).*

da. Peço-vos, senhor, agradecer a Deus os dons que Sua bondade lhe concedeu. Vossa presença em Angers é muito desejada e a necessidade de suas ou três Irmãs vo-la solicita, com urgência. Suponho que recebestes minha carta na qual vos pedia o favor de conversar com o senhor Padre Ratier (4) e com o confessor das Religiosas de Santa Maria, chamado senhor Padre Tonnelier, antes de irdes ao Hospital. Outra coisa que também, humildemente, vos peço é que tomeis todas as informações possíveis, referentes às jovens que solicitam sua admissão na Companhia. Ainda vos rogo que, antes de sairdes de Le Mans, converseis com a senhora du Clos que não deixa de escrever à nossa Irmã Joana Delacroix (5) para incutir-lhe escrúpulos de haver deixado sua mãe. Procurai ver se, de fato, a mãe precisa dela ou de sua irmã Renata (5), a última que mandastes. Renata afirma que foi a própria mãe que vos pediu que a admitísseis. As três (6) são ótimas moças, suponho, como o creio, que nada haja de oculto.

Nunca tivemos tanta necessidade de Irmãs como agora e, (*para cúmulo*), temos umas doze doentes ou enfraquecidas, especialmente a Irmã Andréa, de Issy. Suponho que não terá muito tempo de vida; já recebeu a Extrema-Unção, há alguns dias. Recomendo-a a vossas orações e sou no amor de Jesus Crucificado, senhor, vossa mui obediente e humilde serva.

C. 152 (L. 141)

*À Irmã Joana Lepintre,  
Filha da Caridade, serva dos pobres  
(Le Mans)*

Hoje, 25 de maio de 1646

Mui querida Irmã,

Bendito seja Deus pela proteção concedida à vossa viagem (1) e, particularmente, pela boa saúde que vos deu e também por todas as dificuldades e contradições de que me falastes. Sei que sua bondade vos outorgou ainda a graça de não vos desanimardes por não terdes nada para fazer, pois, não nos importa que nada façamos! Basta-nos que Deus saiba que estamos totalmente decididas a

---

(4) Senhor Padre Ratier (ver C. 82, n. 2).

(5) Joana e Renata Delacroix oriundas de Le Mans.

(6) Terceira de Le Mans era Salomé (ver C. 152 n. 2).

C. 152 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) As Irmãs saíram de Paris, a 4 de março.

trabalhar, quando quiser utilizar-nos! É verdade, queridas Irmãs, que vos tornais pesadas a esses bons senhores Padres, mas, isso não deve vos preocupar demasiadamente, pois conheceis bastante a caridade deles. Retribuí-lhes com a moeda que esperam: submissão à vontade de Deus e que todas as vossas palavras e ações sirvam de edificação para o próximo. Se a Providência desejar que aí permaneçais, procurai prever os conselhos e avisos que deveis pedir ao senhor Padre Portail, antes que ele parta.

Vede bem, minha Irmã, que todas as nossas Irmãs observem uma grande modéstia e discrição e, sobretudo, manifestem grande respeito para com os Padres, não abusando de sua grande bondade e condescendência, a fim de que as virtudes de humildade e caridade que eles praticam não vos sirvam de confusão, se não os imitardes.

Em meu nome, cumprimentai a boa senhora du Clos. Sede-lhe agradecidas pela caridade que tem para convosco; porém, em nome de Deus, minhas Irmãs, se permanecerdes aí, prestai atenção para não vos apegardes a nenhuma das Damas, a fim de não vos expordes ao perigo de perder tempo.

Se virdes a mãe ou a irmã de Irmã Salomé (2) apresentai-lhe muitas recomendações de sua parte e também de nossa. Dizei-lhe que ela vai bem de saúde e pede (*à mãe*) que escreva ao pai. Rezai por nossa boa Irmã Maria Despinal (3) que já deve ter comparecido diante da divina presença. O senhor Padre Ratier fez dela as melhores referências. Todas as Irmãs vos saúdam com afeição. Nossas três Irmãs de Le Mans (4) vão bem, graças a Deus. Dareis suas lembranças a quem perguntar por elas. Crede-me no amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva dedicadíssima.

P.S. - Transmitti às queridas Irmãs nossas lembranças, assegurando-lhes nossa afeição.

C. 153 (L. 177)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 28 de maio de (1646)

Senhor Padre,

Parece-me que o direito que tem o senhor Diretor do Hospital de Le Mans de

---

(2) Salomé, natural de Le Mans, ficou doente em agosto de 1646 e morreu em novembro de 1647.

(3) Maria Despinal de Angers (ver C. 147 n. 1).

C. 153 Rc. 2 Carta autógrafa.

nomear duas Irmãs e o dos Administradores de nomear as outras, é causa da desorganização que ocorre no serviço dos pobres. Não seria melhor que o senhor Diretor declinasse desse direito, sem deixar de contribuir com a quantia estabelecida, e os senhores Administradores, sem ter em conta outro poder senão o que lhe outorga a própria administração, aceitassem, para cumprir seu dever, chamar por si mesmos Irmãs de qualquer comunidade para cuidar dos pobres doentes? Certamente, não vereis que utilidade possa haver para que duas de nossas Irmãs permaneçam em meio a essas desordens.

Peço a Deus que manifeste, à vossa caridade, sua santa vontade, de cujo agrado foi levar para si nossa boa Irmã Maria Despinal (1), de Angers. Morreu cristã e santamente, segundo me disse seu confessor.

Suplico-vos, mui humildemente, senhor, que a recomendeis às orações de vossa santa Companhia e que vos lembreis de dar, sem demora, uma resposta aos bons senhores de Nantes (2), e que sou vossa muito obediente e humilde serva.

C. 154 (L. 214 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

(mais ou menos em junho-julho 1646)

Senhor Padre,

Temos pressa em enviar Irmã Guilhermina (1) (*à paróquia*) de São Paulo, a fim de tirar de lá a Irmã Ana (2) e trazê-la para cá. Se tivésseis tempo de dizer-lhe uma palavra, a mandaríamos hoje mesmo.

Pedi ao senhor Padre Lambert (3) que nos mandasse o vosso pedreiro para ver o lugar em que se há de construir um locutório. Esqueci-me de vos dizer que se poderia fazer, em cima, um quarto, coisa também necessária, sobretudo porque o referido locutório deve ser coberto. Quando a senhora de Liancourt (4)

---

(1) *Maria Despinal (ver C. 147 n. 1).*

(2) *Em Nantes, pediam Filhas da Caridade.*

C. 154 *Arquivo das Filhas da Caridade, caderno azul claro. Certa autógrafa.*

(1) *Guilhermina Chesnan foi mandada para São Paulo em 1646: ver Conselho da Companhia, Coste XIII, 599; depois, a Santo Estêvão de Arnes (Ardenas) em 1650.*

(2) *Ana Hardemont que esteve algum tempo na Casa Mãe (ver C. 120 n. 2).*

(3) *O senhor Padre Lambert, na ocasião, estava em São Lázaro (ver C. 22 n. 1).*

(4) *Senhora de Liancourt, Dama da Caridade (ver C. 5 n. 2).*

veio aqui, como tem experiência em matéria de construções, lhe falei do assunto. Parece-me que está disposta a cobrir os gastos do tal quarto, pensando em ocupá-lo quando vier fazer seus retiros.

Peço-vos perdão, senhor Padre, por minhas importunações e sou vossa mui obediente filha e serva agradecida.

C. 155 (L. 144)

*Às nossas queridas Irmãs (1)*

(julho de 1646)

Mui queridas Irmãs,

Deixo-vos, para que vos conformeis, em tudo, com a santíssima vontade de Deus, (*segundo*) o pacto que juntas fizemos de jamais nos queixarmos das disposições da Divina Providência e de a ela nos abandonarmos inteiramente. Tomemos pois, vós e eu, a realização desta viagem, como exercício e prática dessa promessa que tantas vezes renovamos.

Irmã Joana Lepintre (2), como o sabeis, esta Divina Providência fez com que nosso Honoratíssimo Pai vos nomeasse Irmã Servente de toda a Companhia. Espero que Deus vos conceda a graça de exercer, fielmente, vosso cargo. Nas coisas de importância, quando não puderdes receber a opinião do senhor Padre Vicente, recorreis ao senhor Padre Lambert (3). Comunicareis tanto quanto possível, às duas Irmãs sub-oficiais (4) (*vice-conselheira*) o que pretendeis fazer e isso, com grande doçura e cordialidade e, quinzenalmente.

Irmã Ana (5), vós vos encarregareis com Irmã Joana (2), dos doentes externos a quem deveis fazer curativos, e, de Farmácia. Cuidareis das Irmãs que servem aos doentes de São Lourenço, levando-as a vos prestarem contas da maneira como os servem, e do modo como tratam as Damas e se lhes prestam contas, com exatidão. Sobretudo, verificareis se preparam os remédios com cuida-

---

C. 155 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Avisos deixados por Luísa de Marillac às suas Oficiais (Conselheiras, hoje) antes de viajar para Nantes.

(2) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1).

(3) O senhor Padre Lambert (ver C. 22 n. 1) está substituindo o senhor Padre Portail, que está fazendo visitas.

(4) As duas sub-oficiais são Juliana Loret (ver C. 253 n. 1) e Elisabeth Hellot (ver C. 164 n. 1).

(5) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2).

do e se conservam em bom estado os medicamentos. Irmã Margarida Lesoin (6) continuará na casa, sendo a porteira e Irmã Margarida de Vienne (7), a cozinheira, ainda que, de vez em quando, possa vir visitar os pobres.

Penso que Irmã Margarida (8) já terá chegado de Angers. Peço-vos, Irmã Joana, que depois de um descanso, a façais iniciar o Retiro espiritual, com alguma outra Irmã que quiser fazê-lo. Mandareis a Irmã Joana Fouré (9) para o Hospital das Crianças, como enfermeira, juntamente com Irmã Joana Batista (10). Dareis uma das duas Irmãs que trabalham com a Irmã Antoinette (11), à Irmã Vicência (12), se ela o desejar e pensar que as Damas não se aborrecerão com a freqüência das mudanças. O fato de a Irmã não saber ler, causa-lhe sofrimento; porém, se puder esperar por meu regresso, tanto melhor; então mandarei essa Irmã para a Irmã Phénix, em São Nicolau. Gostaria que a Irmã Rosa (13) esperasse minha volta para fazer o Retiro; ela é um pouco escrupulosa e tem de ser atendida de modo diferente das outras.

O senhor Padre Vicente achou bom que algumas Irmãs visitem (14) as Irmãs das Paróquias, a cada oito ou dez dias, a saber: Irmã Henriqueta (15) irá a São Sulpício; Irmã Genoveva (16), do Hospital Geral, a São Bartolomeu, São Severino e Santo Estêvão; Irmã Bárbara (17), a São Gervásio e São Tiago "de la Boucherie"; Irmã Antoinette (11), a São Tiago "du Haut Pas"; Irmã Hellot (18), a São Lupo e aos Forçados. E, todas agirão desta maneira: Queridas Irmãs, considerai a grande importância desta ação e fazei-a perante Deus e, em (*virtude*) da santa obediência. Para isso, começa-la-eis por um ato de humildade, lançando um olhar sobre vossos defeitos e infidelidades e, para honrar as ações do Filho de Deus, propondo-vos imitar sua grande mansidão. Vossas visitas hão de parecer visitas de cordialidade e vossa conversa será cordial. Não falareis senão de

---

(6) Margarida Lesoin que havia chegado de São Dionísio.

(7) Margarida de Vienne que esteve muito tempo na Casa Mãe.

(8) Margarida Tourneton (ver C. 160 n. 5).

(9) Joana Fouré (ver C. 252 n. 11).

(10) Joana Batista, a antiga (ver C. 77 n. 7).

(11) Antoinette Labille (ver C. 135 n. 5).

(12) Vicência Auchy (ver C. 43 n. 2).

(13) Ana Rosa, Irmã jovem que não sabia escrever e assinara com uma cruz a Ata de ereção da Companhia, a 8 de agosto de 1655.

(14) Uns dias depois, o senhor Padre Vicente deu às Irmãs alguns Avisos para fazerem essas visitas. (Coste IX, 245).

(15) Henriqueta Gesseaume que estava na paróquia de São Germano (ver C. 86 n. 1).

(16) Genoveva Poisson (ver C. 97 n. 2).

(17) Bárbara Angiboust (ver C. 7 n. 1).

(18) Elisabeth Hellot (ver n. 4, acima). Santa Luisa chamava-a sempre Irmã Hellot.

vossos trabalhos, da graça que Deus vos outorgou, chamando-vos a esse serviço e, do pesar que tendes em não desempenhá-los devidamente. Compreendi bem ser necessário pensar, com freqüência, que, o que Deus nos pede é uma grande mansidão para com os pobres, grande respeito para com os sacerdotes, os senhores médicos e as Damas. Sem isso, Irmãs, eu vos advirto, chegaremos a ser insolentes até ao ponto em que as Damas se verão obrigadas a despedir-nos e... (o escrito ficou inacabado).

C. 156 (L. 487)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 19 de julho (1646)

Senhor,

Humildemente vos agradeço as boas notícias de nossas Irmãs que tivestes a bondade de me enviar. Muito desejava que pudéssemos servir no vosso Hospital dos Prisioneiros. Mas, não posso ainda vos dar nenhuma resposta, pois, não pude falar disso com o senhor Padre Vicente. Somente ontem, soube que o problema do benefício (1) sobre o qual me destes a honra de escrever-me, não está ainda resolvido por causa do grande número de assuntos que se acumularam, pois, faz quase um mês que não há (*reunião*) de Conselho. Não sei, entretanto, senhor, se a carta que acabo de receber e que vos remeto, dará outras notícias.

Louvo a Deus, de todo meu coração, pela melhora da saúde da senhorita Maria; talvez a Divina Providência a destine para servir a Deus e dar bom exemplo em sua terra natal (2). Se Ele tiver semelhante desígnio sobre vós, como seria coisa assaz extraordinária, espero que continue a vos outorgar; também, graças extraordinárias, como até agora vos tem feito. Suplico, por isso, a Sua bondade, que vos faça conhecer claramente sua santíssima vontade. Peço-vos me deis parte em vossas santas orações e sacrifícios, tendo-me no amor de Jesus Crucificado, por vossa mui obediente e humilde serva.

---

C. 156 Rc. 4

(1) O Abade de Vaux queria renunciar a seu benefício (ver C. 106'n. 1).

(2) Maria Gonain havia voltado para sua casa, em Ingrandes (ver C. 134'n. 2). Luisa de Marillac haveria de vê-la, durante sua viagem a Nantes.

C. 157 (L. 122)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sexta-feira (20 de julho 1646)

Senhor Padre,

Pareceu-me de toda conveniência enviar nossa Irmã Elisabeth Martin (1) a Saint-Germain-en-Laye, para informar-se do modo de agir da Irmã que lá se encontra e, com a mesma finalidade, poderá ir a Maule e Crespière (2) que ficam perto. Assim poderá inquirir a necessidade, mais especialmente, da transferência da Irmã que a senhora de Bouillon (3) pede seja retirada, e fazê-lo sem que se suspeite de que haja outro motivo senão a oportunidade de uma mudança de clima. Com efeito, tendo tido muito trabalho, receio que adoeça quando tiver de sair. Ontem não me ocorreu a idéia de dizer isso às Irmãs.

Peço-vos, senhor, o obséquio de dizer-me se estais de acordo, (*porque*) poderia ela, hoje mesmo ir dormir em Saint-Germain-en-Laye e levar uma resposta para a senhora de Bouillon, sobre o pedido que vos fez de enviardes um de vossos Padres para a prestação de contas das tesoureiras.

Peço à vossa caridade sua santa bênção, a fim de me preparar à sagrada comunhão e sou, senhor Padre, vossa mui agradecida serva e obediente filha.

C. 158 (L. 145)

*Ao senhor Padre Portail  
(Richelieu)*

*Do barco, perto de Tours*

Hoje, 30 de julho de (1646) (1)

Senhor Padre,

Não sabia eu o porquê do atraso em enviar uma Irmã para Richelieu. A Pro-

---

C. 157 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Elisabeth Martin, que deveria empreender viagem a Nantes, a 26 de julho de 1646, juntamente com Luísa de Marillac.

(2) O estabelecimento das Filhas da Caridade em Maule e Crespière aconteceu em 1645.

(3) Provavelmente, Maria Thilouse (ver C. 177 n. 3).

(4) Senhora de Bouillon (ver C. 56): tinha seu palácio em Morainvilliers, perto dos povoados de Maule e Crespières.

C. 158 Rc. 2 Carta autógrafa.

vidência, porém, fez-nos perceber que deveria ser a Irmã Turgis (2), na qual permitiu que pensássemos, apenas no tempo justo, de chamá-la a Paris. Por este motivo, seja bendito seu santo nome pois Ele teve a bondade de suprir as falhas e imprudências de sua miserável criatura. Invejo sua felicidade, caso tenha a dita de encontrar-vos aí.

Rogo-vos, senhor, que a façais conhecer seus defeitos, que suponho numerosos (3) e produzem a falta de entendimento existente entre elas; porque, sob sua aparente mansidão e caridade, esconde-se a busca de sua própria satisfação e vã estima; porém, não se dá conta disso, pois, ela tem desejos de ser perfeita. Queira Deus que respondam à pureza de seu amor.

Se a nossa Irmã Turgis chegar a se acostumar, levará a sério a prática das regras. Espero, que as faltas cometidas anteriormente por outras, desaparecerão, com a ajuda da direção dos vossos Padres (4).

Rogo-vos, humildemente, senhor Padre, que tenhais a caridade de falar com as Irmãs, sobre o respeito que lhes devem e a importância de evitarem qualquer familiaridade com eles. Sobretudo, (recomendai-lhes) o apreço que devem aos conselhos que tiverem a bondade de lhes dar.

Penso também, senhor, que seria bom adverti-las de que, nas ocasiões que tiverem de conversar com alguns da Casa, não convém que o prazer de tal relacionamento exclua a reserva e uma grande modéstia. Notei mesmo que faltaram muito nesse ponto que, entretanto, é de grande importância. Agradeço-vos, senhor, e bem humildemente, todos os incômodos e trabalhos que tivestes com as nossas pobres Irmãs de Angers (5). Louvo a Deus por vos haver dado essa caridade e Lhe suplico que não seja eu o inimigo a semear cizânia no meio da boa semente que semeastes.

Destes-nos motivos de gratidão por haver-nos enviado a Conferência sobre nossa Irmã falecida (6). O senhor Padre de Croisille veio visitar-nos e fez-nos descobrir a admirável ação da Providência na santificação desta alma.

O senhor Padre Lambert remeteu-nos a cópia da petição dirigida ao senhor Arcebispo de Paris (7), na qual inseriu o essencial de nossas regras, não na ínte-

---

(1) *Luisa de Marillac esta viajando para Nantes. Entrega sua carta à Irmã Turgis que se separa do grupo, a fim de ir para Richelieu. (ver C. 171: Relato da viagem a Nantes).*

(2) *Irmã Turgis (ver C. 111 n. 1).*

(3) *Luisa de Marillac refere-se aqui a uma das Irmãs presentes em Richelieu, ou Irmã Ana, ou Irmã Margarida (ver C. 162).*

(4) *Os senhores Padres da Missão da Casa de Richelieu.*

(5) *O senhor Padre Portail acaba de fazer a visita em Angers.*

(6) *A Conferência sobre as virtudes de Maria Despinal deve ter sido feita na presença do senhor Padre Portail.*

(7) *Ver o texto da petição, em Coste XIII, 557.*

gra, como no-las deu o senhor Padre Vicente, depois de no-las haver explicado numa Conferência e que vossa caridade me prometeu devolver. Em nome de Deus, senhor Padre, suplico-vos não deixeis de fazê-lo pois, não temos outra cópia. Creio que nada foi feito ainda.

Se tiverdes alguma observação a me fazer, a respeito de nossas Irmãs de Angers, poderíeis, senhor, escrever-me para lá, por intermédio do senhor Abade de Vaux ou do senhor Padre Ratier. Espero passar de novo em Angers no meu regresso de Nantes, para onde levamos seis Irmãs e, nesta passagem, traremos conosco a Irmã Joana de Chinon (8), deixando em seu lugar a Irmã Perrette, de Sedan.

Ajudai-nos, vo-lo peço, com vossos santos sacrifícios e orações. Ficai certo de que todas as vossas filhas guardam uma terna lembrança de todas as caridades recebidas de vossa bondade e desejam, como também eu, vosso regresso, na submissão devida à santíssima Vontade de Deus, na qual sou, senhor Padre, vossa muito obediente filha e humilde serva.

C. 159 (L. 146)

### *Para Irmã Hellot (1)*

(agosto de 1646)

Mui querida Irmã,

Se vosso coração foi tão ajuizado quanto mo dissestes, oh! eu o amo com todo o meu e, mais ainda, porque sendo o amor de Deus que nele produz todos esses efeitos, forçoso é honrá-lo e querer-lhe bem! Peço a este santo amor abrasá-lo inteiramente!

Penso que vossa viagem não será tão longa como pensávamos porque, o bom estado de minha saúde não tornou necessário deter-nos em Orleans e em Angers, tanto quanto prevíamos.

Falei com a Irmã Joana (2) algo sobre a Irmã Delacroix (3); mas, esqueci-me

---

(8) *Luisa de Marillac deve ter-se equivocado, acerca do lugar de nascimento desta Irmã, porque Joana era de Loudon e não de Chinon. Chegou a Angers, no fim do ano de 1644. Caiu doente e não pôde seguir para Nantes, como Luisa de Marillac desejava. Para substituí-la foi a Irmã Cláudia Brígida (ver C. 65 n. 1).*

C. 159 Arquivo da Missão n° 25. Cópia.

(1) *Irmã Elisabeth Hellot (ver C. 164 n. 1).*

(2) *Irmã Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1).*

(3) *Joana Delacroix (ver C. 350 n. 5).*

de dizer-lhe que, se lhe escreverdes para dar resposta ao que desejava, vós ou a Irmã Joana lhe direis que, quando eu voltar lhe darei a solução solicitada. O mesmo há de ser dito a todas as que pedirem alguma coisa extraordinária e sobre o que não conseguirdes o parecer de nossos Senhores (4). Quando lhes escreverdes, fazei-o como tendes feito até agora; escreveréis quando Irmã Joana vo-lo pedir; quando for ela a escrever, ela mesma deverá assinar suas cartas. Espero, querida Irmã, que me escreveréis por todos os correios, ao menos uma vez por semana, dando-me notícias de vosso caro coração, do senhor Padre Vicente, do senhor Holden (5), a quem não posso escrever desta vez, e também, de meu filho e de minha pequenina Irmã Ana (6), porque ficarei muito feliz de saber que trabalha para chegar a ser muito virtuosa. Sua boa tia vai bem de saúde.

Suponho haverdes recebido minha carta, carta bem longa, na qual dei resposta a tudo o que me perguntastes. Se ela se extraviou ou encontrardes alguma dificuldade, fareis bem, e assim vo-lo peço, em consultar o senhor Padre Vicente. Tudo o que fizestes para o Hospital São Dionísio está bem (7); dir-lhes-eis o que elas devem fazer. Não tenhais escrúpulo pelo que me disserdes ou dissestes. Espero da bondade de Deus que, assim como nos concedeu a graça de não querermos trabalhar senão por sua glória e o bem de nossas Irmãs e do próximo, não se ofenda pela maneira com que agirmos nesta intenção. Deus é bom demais! Minha querida Irmã, amemo-nos muito nele e amemo-lo em nós, pois somos dele. No santo amor de Jesus Crucificado, minha querida e mui amada Irmã, sou vossa afetuosíssima Irmã e mui humilde serva.

P.S. - Não me lembro se vos falei para pedir à Irmã Joana que responda às Irmãs; então, esperai que ela vo-lo diga. Não deixeis de passar às Irmãs tudo o que haveis de dizer-lhe de minha parte. Boa noite, Irmãs!

---

(4) *Os Padres da Missão.*

(5) *Senhor Holden (ver C. 164 n. 2).*

(6) *Ana Rosa (ver C. 155 n. 13).*

(7) *A Comunidade do Hospital São Dionísio. As três primeiras Irmãs que a formaram foram: Irmã Turgis, Francisca Noret, Margarida Lesoin, enviadas para lá em agosto de 1645.*

*À Irmã Joana Lepintre,  
Filha da Caridade, serva dos pobres doentes  
Paris*

(11 de agosto de 1646)

Querida Irmã,

Causa-me admiração o fato de não ter recebido nenhuma de vossas cartas, a não ser a do sábado (1) após a quinta-feira de nossa partida. E nela não me destes muitas notícias, porque também não as tínheis. Espero que, de vez em quando, me ponhais mais a par das coisas. Às Irmãs que perguntarem quando será nosso regresso, dissei que nossos trabalhos estão bem adiantados. Peço a todas que agradeçam a Deus as bênçãos que sua bondade tem concedido a esta fundação. Se tais graças continuarem, ver-nos-emos em breve. Mas, gastamos quatorze dias na viagem (2) e receio que, para a volta, tenhamos de empregar outros tantos. Seja feita a vontade de Deus! Passei tão bem de saúde que não tenho razão de recear empreender longas viagens, nem nada do que a vontade de Deus me faça tentar para o seu serviço, no dos pobres. São vossas orações, queridas Irmãs, que atraem da bondade de Deus todos esses favores. Sede, por isso, muito gratas e trabalhai para adquirir a perfeição e a fidelidade que Ele vos pede. Oh! como seríamos miseráveis e indignas de Deus se nossa covardia nos levasse a faltar a isso!

Se virdes o meu filho, peço-vos dizer-lhe que estranho que não me dê suas notícias; se não fosse o Irmão Ducourneau, eu estaria muito aflita.

Peço a Deus conservá-lo bem e a todas vós, queridas Irmãs, de quem sou, no amor de Jesus Crucificado, vossa obediente Irmã e Serva.

P.S. - Saúdo a todas as Irmãs, em geral e a cada uma em particular, abraçando-as de todo coração. Escrevi à Irmã Hellot (3), à Irmã Joana Delacroix (4) e a uma outra... à Irmã Tourneton (5). Queixei-me de Irmã Ana (6) por não me haver

---

C. 160 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) O sábado 28 de julho de 1646.

(2) Ver o relato da viagem de Nantes, C. 171.

(3) Irmã Hellot, uma das assistentes (ver C. 164 n. 1).

(4) Irmã Joana Delacroix (ver C. 350 n. 5).

(5) Margarida Tourneton acaba de chegar de Angers para onde havia sido enviada em 1644, saiu inesperadamente da Comunidade.

(6) Irmã Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2).

escrito. Estou certa de que a Irmã Luísa (7) desejaria escrever-me e... umas palavrinhas de sua mão muito me consolariam e a minha pequenina Irmã Ana (8) poderia acrescentar algumas outras. Irmã Margarida de Vienne... vou rejeitá-la se não me mandar uma cartinha. Hoje, desejei (*poder enviar*) um bom pedaço de melão à sua Comunidade. E vós, Irmã Francisca (9), a Irmã Ana recebeu toda a areia que ela enviou para suas pombas? (10).

C. 161 (L. 147)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 11 de agosto de (1646)

Senhor Padre,

Recebi, ontem, uma carta que, à primeira vista, me pareceu ser de vossa caridade, porém, não vendo nela nenhum sinal de vossa letra, não foi pequena minha aflição pelo receio de que estivésseis doentel Menos mal que, em parte, fiquei aliviada pelo que o bom Irmão Ducourneu (1) me disse. Em nome de Deus, senhor Padre, conheceis tanto a necessidade que tendes de tomar um pouco de tempo para recobrar vossa saúde e procurar tê-la para o serviço de Deus.

Fiquei muito admirada por não haverdes recebido a carta que vos enviei de Orleans, onde passamos apenas a manhã de sábado e depois, continuamos até aqui, aproveitando que nosso bom Deus me dava forças suficientes. Oh! meu Honoratíssimo Pai, se pudésseis avaliar a assistência da divina direção! Sentir-vos-íeis cheio de reconhecimento para suprir minhas infidelidades e ingrati-

---

(7) *Luísa Cristina Rideau, de Saché, estava na Casa Mãe desde 1642. Em 1655 será enviada a Montmirail; em 1660, foi eleita tesoureira.*

(8) *Ana Rosa (ver C. 155 n. 3).*

(9) *Francisca Fanchon, a jardineira (ver C. 635 n. 1).*

(10) *Esta última frase de difícil interpretação, assim a traduz o Padre Castañares: "Irmã Francisca queria saber se Irmã Ana, a pequena, recebeu toda a areia que lhe enviou para suas pombas". Nesse caso, a Irmã Francisca seria Francisca Noret, que viajava com Luísa de Marillac (ver Cast. C. 190, p. 318).*

C. 161 Rc. 2 Carta autógrafo.

(1) *O Irmão Beltrando Ducourneau nasceu em 1614 em Amen (Landes), a 26 km de Dax. Chegando a Paris, faz o retiro espiritual em São Lázaro e é recebido na Congregação da Missão, a 28 de julho de 1644, fazendo os votos a 9 de outubro de 1646. São Vicente o toma como secretário do Superior Geral, ofício que desempenhou até sua morte ocorrida em Paris, a 3 de janeiro de 1677. Foi um fervoroso admirador de São Vicente.*

dões! Eu vo-lo suplico, mui humildemente, pelo santo amor de Deus! Não sei o que será desta fundação, onde ainda não encontrei espinhos, a não ser algumas pequenas murmurações da população! Ao contrário, há tantos aplausos de todos que até parece incrível!

Detivemo-nos em Angers, apenas três dias, de onde tive a honra de escrever-vos; quatro ou cinco horas em Tours e, se chegamos a Nantes só a 8 de agosto, foi porque ficamos muito tempo sem poder navegar por estarem baixas as águas. Embora tivéssemos feito todo o possível para que não se soubesse o dia de nossa chegada, a boa senhorita La Carisière (2) havia dado ordem para que nos fossem buscar no barco e, depois que tivéssemos visitado o Santíssimo Sacramento, nos conduzissem até à casa da senhorita des Rochers (2) que, respeitosamente vos cumprimenta. Ela me manifestou certa pena por não haver recebido resposta de duas cartas que vos escreveu, logo após a morte de seu marido, (*peessoa*) estimadíssima e muito conceituada nesta cidade.

Já vos havia exposto que existia certa dificuldade em pedir ao senhor Padre Jonchères (3) para ser o Diretor das Irmãs. Entretanto, se mantiverdes a ordem que me expressastes, não vejo possibilidade de escolher outro, além dele, a quem deveria eu dizer-lhe que esperamos que sua caridade queira ocupar-se disso. Não é como me haviam dito, Pai dos Pobres, e tão pouco vejo que a senhora sua irmã possa causar algum dano, pois, é muito zelosa e razoável e faz o bem não apenas neste hospital, mas em todas as casas de piedade e de misericórdia. Queira Deus, meu Honoratíssimo Pai, que eu tenha suficiente virtude e amor para agradecer os cuidados que a Divina Providência tem para conosco! Como então cantaria seus louvores! Devo parar e contentar-me em convidar a Corte Celeste para dar tanta glória a Deus quanto possível lhe for! E a vós, meu Honoratíssimo Pai, a quem Deus dá a conhecer sua vontade sobre nós, pedimos suprir nossa incapacidade.

Esta santa Providência, que conhece o apego que tenho a minhas opiniões e decisões, permitiu que encontrássemos, doente do joelho, a Irmã (4) que queríamos trazer para cá, a fim de escolhermos a outra que convinha ser transferida. Bendigamos sempre a Deus por suas misericórdias e eu (*o farei*) de modo especial por ser, senhor Padre, vossa mui obediente filha e serva agradecida.

P.S. - Penso que com quinze dias passados aqui, adiantaremos bem as coisas.

---

(2) *Senhorita de la Carisière e senhorita des Rochers, Damas da Caridade, que ajudaram na fundação das Filhas da Caridade.*

(3) *Padre des Jonchères, sacerdote de Nantes, que seria o confessor das Irmãs e seu conselheiro.*

(4) *Irmã Joana Londun, que foi substituída por Irmã Cláudia Brigida.*

*Ao senhor Padre Portail  
Richelieu*

Hoje, 13 de agosto de (1646)

Senhor Padre,

Posso assegurar-vos estar convencida de que foi a Divina Providência, e não nós, que enviou a Irmã Turgis (1) para Richelieu. Pois, pensei nela somente na ante-véspera de nossa partida para Nantes, onde nos encontramos desde quinta-feira, à tarde. Estou persuadida, como vós, de que ela vai fazer muito bem e, além disso, lhe será proveitoso ficar lá, porque não tem forças para o outro lugar ao qual, apesar de tudo, estava destinada. Espero, com a graça de Deus, e vossas santas orientações, que elas repararão o dano que outras causaram. Vede, senhor Padre, por obséquio, se não foi a Irmã Ana, em vez de Irmã Margarida, que introduziu a novidade do "toucado" de que tivestes a bondade de falar-me. Sei que ela tem um espírito muito inclinado a "fazer-se de entendida", de devota e piedosa, para não dizer fazer-se de santinha. Apresenta-se assim em toda parte, tanto entre as Senhoras, como no meio dos pobres. Gosta de falar muitas palavras de humildade que têm toda a aparência de ser uma forma de procurar louvores. Há muito mal em tudo isso, mas, de todo jeito, não pretendo estar falando mais que de suas inclinações naturais e espero que a graça possa delas tirar proveito. Não me atreveria a dizer-vos nada sobre essa proposta do véuzinho, senão que acredito que o Senhor (*Padre Vicente*) o teme muito e, com razão. Várias vezes eu lhe fiz a proposta, não de um véu que é de se recear, mas, de alguma coisa que pudesse resguardar o rosto do frio intenso e do muito calor. Por essa razão, permitiu-nos que as Irmãs novas usem uma "corneta" de tecido branco sobre a cabeça para se protegerem, no frio e no calor. Mas, que seja de cor preta, senhor Padre, não me parece de forma alguma possível! Quanto às falhas que notastes e muitos outros inconvenientes, temos, assim me parece, de aguardar a decisão do senhor Padre Vicente.

Deus seja bendito, por esse abuso ter cessado! Entretanto, conheço os costumes desse lugar e não sei se seria conveniente que nossas Irmãs se adaptassem a eles, antes que a qualquer outra particularidade. A Divina Providência, adiantando-se ao que eu soubesse do que pensáveis sobre Irmã Cláudia Brígida

---

C. 162 Rc. 2 *Carta autógrafa. O ano está acrescentado a lápis.*

(1) *Irmã Turgis (ver C. 11 n. 1) que chegara de Richelieu, em julho.*

(2) *Cláudia Brígida (ver C. 65 n. 1).*

(2) fez com que encontrássemos a Irmã Joana (3) de tal modo doente, que não pôde seguir para Angers. Isso me fez decidir levar a Irmã Brígida de cujo estado pude dar-me conta. Deus não é admirável em suas disposições sobre a pequena Companhia? Rogo-vos, humildemente, senhor, demonstrei-lhe profundo agradecimento, suprimindo, assim, nossas ingratidões.

Como vossa humildade serve de lição a meu orgulho! Dir-vos-ei, senhor, que a última vez que conversei com o senhor Padre Vicente a respeito dos votos, vi-o com o pensamento de resolver se as principiantes os fariam por certo tempo, ou para sempre. Creio que terá tomado esta decisão para a festa de quinze de agosto, para a qual sua caridade havia deixado várias Irmãs, e, me ordenou que desse aviso disso, ao senhor Padre Lambert.

Quanto me teria alegrado a honra de vos ver e de saber, mais ou menos, quanto tempo levareis ainda para resolver os assuntos de que a santíssima vontade de Deus vos incumbiu. Uma vez que deveis ir a Gasconha, não esqueçais de informar-vos bastante, a fim de poderdes responder-me a todas as perguntas que vos farei, para ter melhor conhecimento da pessoa (4) que nos é a mais querida, neste mundo. Quanta satisfação senti ao ver o muito que fizestes em Angers e, por isso, é maior o meu assombro ante as fraquezas que ainda ficaram em nossas Irmãs. Por elas e por mim, a mais necessitada, vos rogo continueis vosso valimento junto de Deus para alcançar-nos as bênçãos de que necessitamos, em particular para as Irmãs deste Hospital que é, em extremo, difícil de dar atendimento.

Vejo-me, continuamente, assediada pelas visitas; isso não me deixa tempo para reponder à Irmã Turgis. Suplico-vos lhe apresenteis minhas desculpas. Crede-me sempre, no amor de Jesus Crucificado, senhor, vossa mui obediente e humilde serva.

C. 163 (L. 153)

*Para a Irmã Joana Lepintre (1)*  
*Paris*

(agosto de 1646)

Mui querida Irmã,

Louvo a Deus, de todo o meu coração, pelas disposições de sua Divina Pro-

---

(3) Joana de London (ver C. 158 n. 8).

(4) O senhor Padre Vicente de Paulo, natural de Pouy, perto de Dax.

C. 163 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1).

vidência sobre a Companhia! Temos tantos motivos para adorá-la que seríamos as mais ingratas do mundo se nele não confiássemos. Somente ela, minha querida Irmã, deve sustentar-nos; provê a todas as nossas necessidades, especialmente aquelas que a prudência humana não pode prever, nem remediar. Desejo, de todo coração, que as Irmãs se deixem intimamente penetrar destes sentimentos, sem jamais pôr sua confiança em outra coisa. Fico bem contente de que a Irmã Salomé (2) esteja, por algum tempo, na Casa (*Mãe*). Suponho que a mandastes vir para que se purgue. Se a Irmã que a ficou substituindo estiver fazendo tudo direitinho, creio, querida Irmã, que não deveis apressar a sua volta. Destes-me uma grande alegria com a notícia das atenções e da caridade de nosso Honoratíssimo Pai; temos de ser muito gratas a nosso bom Deus, por elas.

Escrevi a meu filho; não sei se lhe entregaram, pontualmente, todas as minhas cartas, porém, a mim me parece, que não faço outra coisa senão escrever. Desculpai-me diante das Irmãs por não mandar uma carta para cada uma; asseguro-lhes que meu coração está, entretanto, com cada uma e que sou, querida Irmã, vossa mui humilde irmã e serva.

C. 164 (L. 152)

*À minha caríssima Irmã Hellot (1)  
Filha da Caridade, serva dos pobres doentes  
(Paris)*

Hoje, 3ª feira, 21 de agosto de (1646)

Grande consolo me proporcionastes, queridíssima Irmã, enviando-me notícias minuciosas sobre a doença de meu filho. Temo-a mais que ele próprio, porque deve ter sido proveniente de uma congestão, unida à sua grande fraqueza natural. Terá ele percebido a graça que Deus lhe concedeu? porque correu risco de uma asfixia! E, pensando que o mal pode se repetir, estaria eu em grande preocupação, se não tivésseis tomado o cuidado de mitigá-la para mim. Porém, mesmo tendo sido vós que trabalhastes com ele, sou profundamente reconhe-

---

(2) *Salomé (ver C. 152 |n. 2).*

C. 164 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) *Irmã Hellot, procedente de uma família da alta burguesia, entrou na Comunidade, em 1645. Foi secretária de Luisa de Marillac até sua morte, ocorrida no final de 1650. Não apenas redigia as cartas, mas também anotava, durante as Conferências do Senhor Padre Vicente e, se encarregava depois da redação final.*

cida a todas as nossas Irmãs e lhes agradeço, de todo coração, pela afeição que jamais teriam podido demonstrar-me de melhor maneira do que nesta ocasião, para mim, a mais sensível. Não posso escrever a cada uma em particular, mas, espero, em breve, ter a alegria de vê-las. Estou sempre apressada quando vos escrevo: ou alguém está comigo, ou alguém me espera...

Acho que partirei de Nantes de hoje a oito dias, para tomar a diligência em Angers, rumo a Paris. Preparai-vos para receber uma boa reprimenda por todas as vossas covardias! Pensais que eu possa aceitar como meu, um coração que concede tanto aos seus temores e imaginação, que parece viver de um estilo romanesco? Declaro-vos que, se ele não se abandona, como deve, à Divina Providência, e, continuar dando ouvidos a suas apreensões, não o quero para nada. Pois, que haveria de fazer com ele? Ao contrário, sim, eu o quero quando se volta para Deus e Lhe prova não querer senão o que Ele quer, e só pensa no futuro para prometer-lhe coragem e generosidade. Como isso não é possível sem grande esforço da natureza, contentemo-nos em aceitar o presente. Duvidemos de tudo o que não revela submissão a Deus e humilhemo-nos se vossa submissão não for sem reserva de sacrifícios e de desejos.

Peço-vos, querida Irmã, continueis vossa caridosa solicitude para com meu filho. Quem é esse conde de Mauny, com quem quer fazer uma viagem? É conhecido das Senhoras com quem está, ou é uma de suas antigas amizades que eu não conheço? Rogo-vos não lhe deis demonstração desta minha preocupação, porém, se se tratar de uma de suas velhas amizades, procurai dissuadí-lo de tal passeio. É de recear que, se for para o campo logo após o restabelecimento, tenha uma recaída e em piores condições do que na primeira vez.

O senhor Padre Holden (2) proporcionou-me uma das maiores satisfações que ele talvez tenha dado em sua vida, aconselhando-vos a me escrever. Peço-vos agradecer-lhe e dizer-lhe que, não sei, entretanto, se será tão generoso para retratar-se de sua afirmativa de que não queira me dizer nada na carta, porque, tão pouco, eu lhe escreveria. Acho que não deve se comportar desse modo! Deus seja bendito, querida Irmã; em breve falaremos de mais coisas, se Deus quiser e vos farei compreender como é razoável que não vos dê o tratamento que, verbalmente, me pedistes, embora meu coração esteja transbordando de afeto, que me faz ser no amor de Jesus Crucificado, minha mui querida Irmã, vossa afetuosíssima e humilde serva.

P.S. - Meus cumprimentos ao Senhor Doutor Vacherot (3) e às senhoritas suas irmãs. Dai-me notícias da doente do pé.

---

(2) Senhor Holden, nascido em 1586, na Inglaterra, amigo da família dos Merillac. Foi capelão de Miguel de Marillac, o Guarda-selos, e, posteriormente, entrou para a Comunidade dos Padres de São Nicolau de Chardonnet.

(3) Senhor Vacherot, médico da Comunidade. Na nota 6 a esta carta, o Padre Castaña-

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 3ª feira, 21 de agosto de (1646)

Senhor Padre,

Suponho haverdes recebido a carta na qual vos comunicava parecer-me que a Divina Providência queria que seguissemos vossa ordem, no tocante à direção de nossas Irmãs. Também vos falei da graça concedida por Sua bondade com referência às dificuldades de Irmã Perrete (1), sobre as quais vos escrevi.

Parece-me que as Irmãs terão por confessor ordinário o mesmo (2) das Religiosas da Visitação, o qual se ofereceu para exercer, no Hospital, o cargo de Capelão, em lugar do que lá está, há muito tempo. Receio que essas boas Religiosas nos culpem pela contrariedade que isso lhes causará. Ainda o ignoram e, da minha parte, farei o possível para ter a hora de estar com elas antes, para que não me censurem, pois, em nada contribuí para o caso.

Agradeço-vos, humildemente, meu Honoratíssimo Pai, a bondade que tivestes para com meu filho; isso muito me tranqüiliza. No dia em que tive a honra de receber vossa carta, havia sentido em mim um forte desejo de entregá-lo, inteiramente, a Deus. Tal coisa ajudou-me a suportar a notícia que vossa caridade me dava (3).

Espero que amanhã fiquem concluídos nossos negócios com os senhores Administradores. Só teremos de aguardar que levem a cabo os acordos solicitados e ver as nossas Irmãs, dentro de pouco tempo, na prática exata de suas regras, cada uma no seu ofício. Porém, o medo de ficar doente e de conceder-me uma satisfação não necessária, fez-me decidir-me partir na próxima semana. Irei para Angers e lá tomarei a diligência; isso se continuar com boa saúde, com Deus me está concedendo. Irmã Joana Lepintre (4) avisou-me que um clérigo esteve em nossa Casa para me pedir que passasse por Nantes. Não o farei, ao

---

*res informa que Miguel Le Gras passou sua doença em casa do referido senhor Vacherot e suas irmãs. Foi remetida para ele a carta de São Vicente a Santa Luísa (carta de 14 de agosto de 1646) (Coste III, 12). (Nota da Tradutora).*

C. 165 Rc. 2 Carta autógrafa.

*(1) Perrete de Sedan, saindo de Paris com Luísa de Marillac, ficou em Angers.*

*(2) Senhor de Jonchères (ver C. 161 n. 3).*

*(3) Miguel Le Gras esteve gravemente enfermo e o senhor Padre Vicente mandou duas Filhas da Caridade para cuidarem dele.*

*(4) Joana Lepintre, que substituiu Luísa de Marillac, como superiora em Paris.*

menos para me demorar; a não ser que mo ordeneis, dizendo-me também o que devo fazer lá.

Estou muito pesarosa por meu filho não ter aceito a honra que lhe fizestes, oferecendo-lhe vossa casa. Meu Deus! penso que não vou ser atendida no meu pedido de sua conversão verdadeira! A meu ver, a doença de que foi acometido é mais perigosa do que ele pensa. Receio se faça de surdo e não queira dar entrada, em seu espírito, ao temor, com medo de ser obrigado a uma feliz mudança. Não tenho notícias de vossa saúde e isso me deixa apreensiva; por amor de Deus, senhor Padre, tranquilizai-me a esse respeito.

Acho que as Damas do Hospital Geral ficarão bem contentes comigo, quando virem que não deixei de lhes escrever. Admira-me que se preocupem tanto, pois, não o mereço. E Deus, sabedor de tudo, como o permite? É sem dúvida para humilhar-me! Atribuo um pouco à vossa caridade a culpa das honras que aqui nos dispensam. Em nome de Deus, senhor, não iludais mais ninguém a meu respeito: tomam-se por uma grande senhora. Acredito que todas as senhoras de posição vieram visitar-nos e mesmo, houve pessoas que, residindo no campo, vieram, expressamente, para isso. Oh! como terei de queimar um dia (*por causa disso!*) e como receberei humilhações!

Seja feita a vontade de Deus, senhor Padre, na qual sou vossa mui obediente serva e indigna filha.

C. 166 (L. 154)

*À minha caríssima Irmã Hellot,  
serva dos pobres doentes*

Hoje, 25 de agosto de (1646)

Minha querida Irmã,

Não vos preocupeis por causa de vossas cartas. Penso haver recebido todas elas e me alegro de que, finalmente, as nossas comecem a chegar. Eu vos havia dito ser meu plano sair daqui na próxima segunda ou terça-feira, porém, surgiu um retardamento, e, não poderemos fazê-lo senão dentro de uns oito dias.

Se chegardes a saber como foi o assassinato do querido filho dessa família (1) tão virtuosa, rogo-vos comunicar-me. Nossas Irmãs de São Sulpício poderiam tomar conhecimento de alguma coisa, fazendo, em meu nome, uma visita à

---

C. 166 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) O filho dos duques de Liancourt, amigos de Luísa de Marillac.

Senhora de Legnère (2), se ainda se encontrar em Paris.

Vossos atenciosos cuidados e os de nossas queridas Irmãs contribuíram com a graça de Deus para devolver a saúde a meu filho. Acho que, nesta espécie de doença, as recaídas se dão com facilidade, se não se tomarem precauções. Agradeço, de coração, o conselho que lhe destes de se purgar; penso que precisava disso. Dizei-me, por favor, se recebestes um pacote endereçado ao senhor Padre Lambert (3) ou ao senhor Padre Du Chesne (4). Nele havia cartas para o senhor Padre Holden (5) e para a senhorita de Lamoignon (6), como também vos solicitava que me dêsseis notícias.

Pelo último correio, eu vos escrevi uma carta bem longa; hoje basta assegurar-vos de que meu coração é sempre tal e como o desejais.

No amor de Jesus Crucificado, vossa afeiçoada irmã e serva.

C. 167 (L. 155)

*Ao senhor Padre Vicente  
(Nantes)*

Hoje, 28 de agosto de (1646)

Senhor Padre,

Quase nada mais temos para fazer aqui, mas, não consigo apressar esses senhores Administradores, que me prendem ainda esta semana. Estamos às voltas com uma grande dificuldade: nesta cidade, é costume haver um Provedor que adianta, de seu dinheiro, o necessário para o abastecimento do Hospital. Sua mulher vem, ordinariamente, preparar a comida dos doentes, a quem distribui à vontade. Tudo isto é contrário a nosso regulamento.

Apresentei esta dificuldade aos "Pais dos Pobres" que me concederam o que lhes pedi. Temo porém que esse problema me prenda e me atrase mais do que pensava, pois, prevejo inconvenientes referentes à tranquilidade e união de nossas Irmãs, tanto mais que, a referida mulher não estando satisfeita com a di-

---

(2) A senhora de Legnère, Dama da Caridade que residia em Paris.

(3) O senhor Padre Lambert era, então, o Superior do Colégio dos Bons Enfants.

(4) O senhor Pedro Du Chesne, Padre da Missão desde 1638, também residia no Bons Enfants. No final daquele ano foi para a Escócia e Irlanda. Em 1649, estava de volta a São Lázaro. Em 1652, o senhor Padre Vicente mandou-o fazer "visitas" às casas do Oeste de França. Morreu em Agde, no dia 3 de novembro de 1654.

(5) O Padre Holden (ver C. 164 | n. 2).

(6) A senhorita de Lamoignon (ver C. 137 | n. 1).

C. 167 Rc. 2 Carta autógrafa. No dorso: 28 de agosto de 1646.

reção delas, tenta chegar a um entendimento ora com uma, ora com outra. Por isso, parece-me não dever deixá-las antes de vê-las livres de semelhante obstáculo. Se consegui-lo nesta semana, espero poder viajar na segunda-feira. Porém, como não é certo, peço-vos, senhor, me aconselheis o que devo fazer, porque, esta mulher e o marido terminam seu compromisso dentro de três ou quatro meses e os senhores Administradores pretendem suprimir tal cargo por vários outros inconvenientes. Pergunto, pois, se, fiada nesta esperança devo deixá-las, embora tema que as desordens, queixas e deficiências no serviço dos pobres, durante esse espaço de tempo, ponham nos ânimos a impressão de que tudo isso provém das Irmãs. Se me fizerdes a honra de escrever-me, rogo-vos, endereçai a carta para Santa Maria, por medo de que caia em outras mãos. No caso de serem resolvidas todas estas dificuldades e possa partir, seguirei no dia já indicado.

É verdade que o senhor Abade de Vaux me avisou a respeito da doença e recaída da Irmã Maria Marta (1) de Angers, mas, desde a semana passada não tenho mais notícias. Mesmo que Deus a tenha levado, suponho, senhor Padre, não ser necessário enviar outra, imediatamente, sobretudo porque as Irmãs me haviam falado sobre a necessidade das quatro que, há muito tempo, vêm pedindo. Também os senhores Pais dos Pobres, por própria iniciativa, mas pediram quase na hora de eu sair de Angers, sem ter falado com as Irmãs sobre isso. Prometeram-me tudo quanto pensei ser preciso, para acomodá-las direitinho. Prometelhes conversar convosco sobre o assunto logo que voltasse e, quase lhes dei certeza de que as enviaríamos o mais depressa possível, como também se tem de fazê-lo para este Hospital de Nantes, onde são necessárias outras duas: um total de sete, senhor Padre, que temos de pedir à divina Providência (2). Seja Deus eternamente glorificado pelas bênçãos concedidas à nossa pequena Companhia! Espero vê-la sempre crescer, pois, vossa caridade trabalha tanto por sua perfeição e, não sei como expressar o consolo que meu coração experimenta, fazendo-me Deus entender que sou indispensável e quase inútil.

Posso aquilatar a dor do senhor e senhora de Liancourt! Receio muito que a maneira como seu filho morreu seja contínua razão de sofrimento para essa pobre mãe!

Alimentava a esperança de que a doença do hóspede do senhor Vacherot

---

(1) *Irmã Maria Marta Trumeau (ver C. 72|n. 4).*

(2) *Sem dúvida porque falta um pouco de lógica a este parágrafo, o Padre Castañares o traduziu assim: "Mesmo se Deus não dispusesse dela, creio que seria necessário enviar outra para lá, apesar de as Irmãs me terem falado sobre a necessidade que têm das quatro que estão pedindo, há tanto tempo. Também os senhores Pais dos Pobres... etc."* (Nota da Tradutora espanhola).

(3) lhe servisse de lição, porém, pelo que soube, anda por aí passeando e até dormindo fora de casa. Ele me escreveu e deixou transparecer, de novo, seu ressentimento por ter sido preso. No meu pobre entender, colocou e continua colocando uma barreira em seu coração para impedir a entrada do conhecimento do estado de sua alma. Reconheço todo esse mal, porém, com bastante tranquilidade como se nada mais tivesse a ver com ele, embora conserve um grande desejo de sua salvação. Suplico, humildemente, à vossa caridade: pedi essa salvação a nosso bom Deus pelos méritos de seu Filho. Creio ser da alçada de sua Onipotência. Minha saúde está um pouco melhor do que quando vos escrevi na última vez. Conheceis todas as minhas necessidades, embora, nem todas as minhas infidelidades que me mantêm quase sem nenhum exercício de devoção, em contínuo trato com o mundo ou na preocupação com minha saúde. Sou uma lástima, porém, verdadeiramente, sou também, e Deus queira que não seja para grande confusão minha, vossa mui humilde e agradecida filha e serva.

C. 168 (L. 156)

*Para a Irmã Hellot  
Paris*

Hoje, 28 de agosto de (1646)

Mui querida Irmã,

Causa-me admiração o fato de terdes recebido apenas uma carta minha: esta é a quinta que vos escrevi! Penso haver endereçado duas ao senhor Padre Du Chesne (1), no Bons Enfants, outra, ao senhor Padre Lambert (2), uma ou duas ao senhor Padre Vicente, para que fossem com maior segurança. Podeis pedir-lhes informação. Todas (*isto é, as vossas*) seguiram em pacotes, junto com outras cartas. Fizestes bem, minha cara Irmã, em não dar ouvidos à idéia de não mais me escrever, conforme me dissestes, em vossa última carta. Obrigada de coração! Tinha pedido que vos informásseis quem era o Conde (3) com quem meu filho queria viajar. Agradeço-vos, muitíssimo, pela discrição com que vossa caridade está agindo. Não vejo falta alguma no aviso que deste à Irmã Maria

---

(3) Seu filho, Miguel Le Gras.

C. 168 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Senhor Padre Du Chesne (Ver C. 166|n. 4).

(2) Senhor Padre Lambert (ver C. 22|n. 1).

(3) O Conde de Mauny (ver C. 164).

(4), nem em terdes falado disso com a Irmã Genoveva (5), pois, creio que o fizestes com a necessária discrição. Quanto ao ocorrido depois, é preciso receber com amor, sabendo servir-nos de tais ocasiões para morrermos a nós mesmas.

Acho que nenhuma de vossas cartas se extraviou. Guardei algumas delas para as comentarmos juntas. Duvido que a resposta a esta carta me encontre em Nantes; faço votos que não. Porém, não posso ter certeza de (que fiquem resolvidos) os nossos negócios. Em todo caso, peço-vos endereçá-la às Religiosas da Visitação que poderiam mas enviar a Angers. Sois um verdadeiro dilúvio de papel... disse-me dareis conta, exata, se Deus me conceder a graça de voltar! Onde ficastes sabendo do naufrágio do senhor de Escolapier? Aqui não se fala nisso. Preparai-vos para receber uma boa repreensão se eu não vos encontrar muito santa. Rogai a Deus que tenha misericórdia de mim e, crede-me com o coração cheio de afeto, no de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa humilde irmã e serva.

P.S. - Espero que não tenhais deixado de anotar a apreciada Conferência (6) de nossos Honoratíssimo Pai e também as vossas reflexões.

C. 169 (L. 158)

*À minha caríssima Irmã Joana Lepintre  
(Paris)*

Nantes, hoje 1º de setembro de (1646)

Minha querida Irmã,

Penso já terdes recebido um bom número de minhas cartas e estranha-me não ter sido mais cedo. Receio terem ficado retidas em algum lugar por causa da franquia, ou, talvez, no Bons Enfants para onde enderecei dois 'pacotes ao senhor Padre Du Chesne, um ou dois ao senhor Padre Vicente e um ao senhor Padre Lambert; fora os que vos enviei (*diretamente*) (1). Proporcionastes-me singular satisfação não deixando de dar-me notícias vossas, apesar de não terdes recebido as nossas. Dizei, vo-lo peço, a todas as Irmãs que recebi suas lembranças, as de cada uma em particular, e, que me parece estar vendo seus corações; saúdo-os com o meu.

---

(4) Provavelmente, Maria Thoulouse (ver C. 177 n. 3).

(5) Genoveva Poisson (ver C. 97 n. 2).

(6) A Conferência de 19 de agosto de 1646 (Coste IX, 260).

C. 169 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Ver Carta anterior.

Seria bom que os Irmãos porteiros de São Lázaro e de São Vitor (2) fizessem o favor de olhar em seus quartos ou então irem ao Correio para verificar se ficaram cartas por lá. Todas as Irmãs se recomendam às vossas orações e às de toda a Companhia. Asseguro-vos de que têm verdadeira necessidade delas. Não encontramos ainda lugar onde haja mais dificuldade para o serviço (do que aqui).

Boa noite, querida Irmã, sou de todo coração, no amor de Jesus Crucificado, vossa mui humilde irmã e serva.

P.S. - Rogo-vos cuideis da saúde de nossas Irmãs, especialmente das que mais precisam, como a Irmã Hellot.

C. 170 (L. 157)

*À minha caríssima Irmã Joana Lepintre  
(Paris)*

(princípios de setembro de 1646)

Minha querida Irmã,

É muito estranho que tantas (*cartas*) fiquem sem chegar às vossas mãos! Receio que algumas se tenham extraviado, pois, parece-me haver-vos escrito pelo menos cinco ou seis e outras tantas à Irmã Hellot (1) com quem estou um pouco preocupada pois não recebi notícias suas neste último correio. Quando me escreverdes, rogo-vos endereçar as cartas à Visitação de Angers. Escrevei umas palavrinhas à Madre Superiora e, por fora, nada colocareis que indique que é para me ser entregue. Poreis no pacote de dentro o mesmo porte que no extremo. Se Deus quiser, esperamos sair daqui na segunda-feira (2), sem falta, a não ser que Ele disponha de outra maneira. Por isso, querida Irmã, nada mais vos digo senão que louvo a Deus, de todo o meu coração, pelas graças que concede à pequena Companhia e pelas bênçãos outorgadas ao governo que fazeis. Oh! quanto amo nossas queridas Irmãs por darem tantas provas de fidelidade à sua vocação. Saudai a todas, por favor, minha querida Irmã, e dissei à querida Irmã Hellot que, se estiver doente, fique boa depressa a fim de encontrá-la como a deixei. Recomendai-nos, a todas nós, ao bom Deus. Asseguro-vos que as Irmãs que servem nos Hospitais precisam ser ajudadas com orações para trabalharem

---

(2) São Vitor, rua onde esta situado o Colégio de Bons Enfants.

C. 170 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Irmã Hellot, uma das Assistentes (ver C. 164 n. 1).

(2) Segunda-feira, 10 de setembro de 1646.

e sofrerem, sobretudo estas que estão em Nantes, até que o Hospital caminhe normalmente. Peço-vos, querida Irmã, toda atenção para com as Irmãs que cuidam das crianças, a fim de serem ajudadas em suas grandes necessidades.

Se vos encontrardes com o senhor Padre Holden (3) e com meu filho, rogou-vos dizer-lhes que estou tão bem de saúde que esta viagem me daria vontade de não fazer outra coisa senão percorrer o país, contanto que tivesse algum bem para fazer.

Aqui, quase todos os dias, vemos mortos ou moribundos; isso nos ensina mais do que o sabemos que a vida não passa de uma viagem rumo à eternidade. Deus, por sua misericórdia, no-la conceda feliz! Mandeí minhas últimas cartas endereçadas à Irmã Geneveva Poisson (4); peço a Deus que essas vos cheguem às mãos, sem demora.

No amor de Jesus Crucificado, sou, querida Irmã, vossa humilde irmã e serva.

P.S.- Peço-vos cumprimentar a Irmã Henriqueta (5) e Irmã Ana (6), cujo estado de saúde me preocupa.

#### C. 171 (L. 159)

#### *(Relato da viagem a Nantes) (1646)*

Na quinta-feira, 26 de julho, Deus nos fez a mercê de sair de Paris para acompanhar nossas queridas Irmãs Elisabeth (1), Cláudia (2), Margarida Noret, Catarina Bagard, Perrete de Sedan, Irmã Antoinette (3), de Montreuil e Irmã Turgis, que ficaria em Richelieu. As outras seis iriam servir os pobres doentes do Hospital de Nantes, na Bretanha. Depois de os senhores Padres Administradores e algumas pessoas influentes da referida cidade haverem pedido ao senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, Irmãs para tal mister, porque tiveram conhecimento do trabalho das Irmãs no Hospital de Angers, solicitaram lhes fosse dado o conhecer as cláusulas que haviam sido aceitas e a ata de fundação de nossas Irmãs. Manifestaram então concordar com as mesmas coisas.

---

(3) O senhor Padre Holden (ver C. 164 n. 2).

(4) Geneveva Poisson, que estava no Hospital Geral, de Paris.

(5) Henriqueta Gesseaume (ver C. 86 n. 1).

(6) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2).

#### C. 171 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Irmã Elisabeth Martin, Irmã Servente (ver C. 27 n. 1).

(2) Cláudia Carré (ver C. 561 n. 5).

(3) Antoinette Larcher (ver C. 202 n. 5).

Éramos nove as que tomamos a diligência de Orleans, a saber: as seis destinadas a Nantes, a de Richelieu e Irmã Francisca Noret e eu para acompanhá-las.

Nosso Honoratíssimo Pai teve a caridade de fazer-nos, na segunda-feira anterior, uma Conferência sobre este assunto e, no final dela, nomeou as referidas Irmãs. Na quarta-feira seguinte, fui receber suas ordens para a viagem e tive a sorte de ganhar sua santa bênção. Tendo-lhe falado de meu fundado temor de cometer muitas faltas durante essa viagem, sua caridade me mandou que anotasse nosso comportamento e circunstâncias que se apresentassem.

Lembrando-me de suas santas instruções e recomendações não tive outra mira, nem intenção senão a de fazer de Deus e observar nossas regras. Tomamos, pois, a diligência de Orleans e mantivemo-nos muito alegres, sem que, pela graça de Deus, faltássemos ao regulamento, exceto nas horas de meditação e silêncio em que éramos vencidas pelo sono e, disso, às vezes, culpávamos o calor.

Quando avistávamos aldeias e cidades, alguma (*irmã*) se encarregava de recordar-nos uma saudação aos Anjos da Guarda daqueles lugares, pedindo-lhes que redobrassem a solicitude pelas pessoas dali, a fim de ajudá-las a (*irem*) glorificar a Deus eternamente. Ao passar diante das igrejas, fazíamos um ato de adoração do Santíssimo Sacramento e saudávamos também os santos padroeiros (*do lugar*).

Chegando aos lugares onde devíamos comer ou pernoitar, algumas Irmãs dirigiam-se à Igreja para agradecer a Deus sua assistência e pedir-lhe que continuasse a no-la dar, assim como sua santa bênção para cumprirmos sua santíssima vontade. Se no lugar havia um hospital, as mesmas Irmãs iam visitá-lo; se não, informavam-se se havia algum doente e faziam-lhe uma visita em nome da Companhia, para não ser interrompido o oferecimento de nossos servidos e deveres para com Deus, na pessoa dos pobres. Quando se apresentava ocasião, dizíamos algumas palavras, ora sobre os principais mistérios da Fé, cujo conhecimento é necessário à salvação, ora algum conselho sobre os bons costumes; tudo isso porém, brevemente. Quando possível, íamos, de manhã, à Missa, antes de sairmos para fazer os referidos atos.

De Orleans, fomos pernoitar em Meung (4) porque, estando baixas as águas do rio, levamos cerca de cinco dias pelos caminhos de Meung. Pernoitamos em La Cour-sur-Loire e, no dia seguinte, em Montlouis (5) e nos detivemos no porto de Ablevois, onde Irmã Turgis ficou, a fim de seguir para Richelieu.

Deus nos fez a graça de, embora todas tivéssemos desejado muito deter-

---

(4) Meung, hoje: Meung-sur-Loire, departamento de Loiret, distrito de Orleans. (Nota da Tradutora).

(5) Montlouis, provavelmente: Mont-Louis-sur Loire, departamento de Indre e Loire. (Nota da Tradutora).

nos em Tours, a fim de visitar os lugares de devoção e também os parentes e amigos das Irmãs da região, só pudésemos passar aí umas seis ou sete horas. Seja Ele, para sempre, bendito, como por todas as graças que Sua bondade nos concedeu durante nossa viagem até então!

Continuamos a viagem da mesma maneira até Samma, onde chegamos às três ou quatro da tarde e encontramos-nos com a procissão das paróquias, assim como com a senhora (nome em branco), com quem conversamos, depois de haver adorado a Deus e saudado a Santíssima Virgem. Naquela tarde, recebemos 257 libras da referida senhora, para a execução testamentária de nossa falecida Irmã Ana de Moisson (6). Depois de haver feito nossas devoções na Igreja de Nossa Senhora (7), continuamos a viagem com muita alegria, graças a Deus. Em Pont-de-Cé (8) tivemos a honra de sermos expulsas da hospedaria onde chegamos muito tarde. E isso, porque não quisemos que se matassem uns frangos, a fim de evitar o perigo de que o servissem na sexta-feira e também, porque, estando muito cansadas, queríamos deitar-nos logo. Mas, ao sairmos deste lugar tão querido, encontramos a senhora de um médico, gente de boa posição que, nos acolheu com muita bondade.

Prosseguimos nossa viagem pelo rio, até Angers, por causa de nossas bagagens.

Chegando a Angers na sexta-feira, dirigimo-nos à hospedagem mais próxima do Hospital. Após o almoço, mandamos perguntar aos senhores Padre Administradores se poderíamos alojar-nos no Hospital.

Um deles deu-se ao trabalho de vir buscar-nos e acompanhar-nos. Lá chegando, depois de adorar o Santíssimo Sacramento, fomos cumprimentar nossos queridos Amos e depois, a todas as nossas Irmãs que tiveram grande consolação em ver toda a nossa Companhia. Ficamos aí até segunda-feira. E, quando estávamos prontas para partir, os Senhores que esperavam que eu lhes falasse das quatro Irmãs que haviam pedido, talvez com o intento de economizar as despesas da viagem, perguntaram-nos por elas. Deram-nos a entender serem nossas Irmãs que as pediam e que, para eles, isso lhes era indiferente. Mostrei-me igualmente indiferente e, ao partir, disse-lhes que se eles as desejassem, fariamos o possível para lhes enviar.

Retomamos o caminho "da água" para seguir para Nantes e não paramos em nenhum lugar senão em Ingrandes, onde o senhor Abade de Vaux me havia

---

(6) Ana de Moisson, falecida em junho de 1645 (ver C. 129).

(7) Nossa Senhora de Ardilliers, em Saumur, conhecido lugar de peregrinação.

(8) Pont-de-Cé, departamento de Maine e Loire, a 7 Km, a sudoeste de Angers: várias ilhas do Loire comunicam-se por pontes. As primitivas, destruídas pelo tempo, foram reconstituídas em 1849. Têm 109 arcos. (Nota da Tradutora)

pedido estar com algumas Damas da Caridade. Assim o fizemos. Encontramos aí grande zelo pelo serviço dos pobres, aumentado pelo fervor da boa senhorita Maria Gonain (9) que é muito querida e estimada em toda a região. Sua amizade por nós fez com que estas boas Damas nos preparassem um jantar para o qual nos convidaram com insistência. Porém, Deus nos deu a graça de não tomarmos coisa alguma. A maior parte daquelas senhoras e senhoritas acompanharam-nos até o barco, assim como a boa Irmã Gonain que, suspeitando que não teríamos nada para nosso jantar, porque havíamos chegado muito tarde, para o termos na hospedaria, ou melhor, porque a Divina Providência assim o dispusera, trouxe-nos o que nos haviam preparado. Preferiu aceitar que o pagássemos, a deixar-nos sem nada. Pagamos, pois, o que nos trouxe e isso nos valeu muito para o dia inteiro.

Tivemos de pernoitar duas outras vezes antes de chegar a Nantes, pois as águas estavam muito baixas. Finalmente, chegamos a Nantes na quinta-feira, às duas ou três horas da tarde.

Todas as famílias de Nantes aguardavam, com impaciência, a vinda das Irmãs e, um ou dois dias antes, alguns sacerdotes e senhoras foram até à estrada pensando que já iam chegar. Por fim, encarregaram um homem de ir, bem longe, a nosso encontro, na quarta-feira em que chegamos. Deu-nos trabalho livrar-nos dele para podermos ir à igreja das Ursulinas, a mais próxima, a fim de adorar a Deus e a Ele nos entregar de novo, para cumprirmos sua santa vontade. Em seguida, várias daquelas senhoras chegaram para acompanhar-nos a Belestre, à casa pertencente à senhorita de Rochers (10), lugar onde a maioria das Congregações estabelecidas em Nantes, passaram seus primeiros dias. Parte de nossas Irmãs haviam ficado no barco, por causa das bagagens, esperando o que fariam conosco.

De Belestre, escrevi a um dos senhores Padres Administradores, enviando-lhe a carta que o Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, me havia entregue, anunciando o nosso "envio". Imediatamente, ele se deu o incômodo de vir estar conosco, acompanhando-o várias das principais senhoras da cidade.

Conduziram-nos ao Hospital e mandaram um coche grande para nossas Irmãs que não sabiam como livrar-se do povo, pois, aquilo parecia uma festa, à qual todos, grandes e pequenos, queriam assistir.

Haviam-nos preparado (a *Luisa de Marillac*) um quarto particular, próximo ao das Irmãs. Recusei-o e pedi que nos permitissem não ter outro apartamento que o das Irmãs. Atenderam-me, bondosamente.

No mesmo dia em que chegamos, os senhores Padres nos entregaram toda

---

(9) *Maria Gonain (ver C. 134 n. 2).*

(10) *Senhorita des Rochers, senhora de Nantes.*

a direção do Hospital, tanto o tratamento dos doentes, como o controle dos servidores. Disseram às Irmãs que quem não fizesse o trabalho a contento ou se negasse a obedecer-lhes, seria dispensado. Imediatamente as empregadas foram destituídas de todo cargo e tudo confiado às Irmãs.

Havia um bom sacerdote que era o Capelão da casa e nada se fazia sem sua ordem. Os Administradores haviam resolvido sua substituição pelo confessor das Religiosas de Santa Maria, assim que as Irmãs estivessem bem acostumadas.

Acontecia que, ou porque o costume do lugar era de não se fazer sangrias, nem administrar purgantes, ou porque os empregados ganhavam muito pouco, tanto por seus trabalhos, como pelos medicamentos, os doentes não eram bem cuidados. Quando nos demos conta disso, pedimos aos senhores Padres Administradores permitissem às nossas Irmãs suprir, com remédios, simples, aquela grande necessidade. Os ditos senhores tomaram a resolução de que com o tempo, as Irmãs se encarregariam de preparar todos os remédios. Para isso, mandaram preparar uma farmácia no fundo da sala, assim como uma despensa, o que até então não havia.

Apesar dos poderes que os senhores Administradores nos deram, Deus concedeu-nos a graça de nada emprendermos sem lhes comunicar e obter seu consentimento. Todas as Senhoras da cidade, bem numerosas e de alta posição, se deram ao trabalho de vir visitar-nos e até as que estavam no campo, nas proximidade de Nantes, vieram expressamente, tão grande era o desejo que tinham de ver o nosso estabelecimento.

Muitos superiores das religiosas reformadas vieram também e vários dos Conventos de religiosas que não podiam sair, empenharam-se com algumas senhoras para que nos conduzissem até lá, o que fizeram. Levavam consigo Irmãs, umas após outras, porque as religiosas queriam vê-las, assim como seu hábito.

Desde o dia seguinte ao de nossa chegada, as Irmãs começaram a trabalhar com grande zelo e carinho, limpando e pondo ordem na sala das mulheres, que se encontrava em péssimo estado. Em poucos dias, houve tamanha mudança, que todos gostavam de entrar lá, quando antes apenas o faziam.

À hora da refeição dos pobres, havia tal afluência de pessoas, que quase não podíamos aproximar-nos das mesas e camas dos doentes.

Deram-nos a liberdade de pedir o que quiséssemos para melhor atendimento aos doentes. Assim o fizemos, sem solicitar nada de supérfluo, nem por puro capricho, pensando que, como pobres bastava-nos o necessário e o aseo, sem buscar nossa satisfação, nem louvores por termos coisas bonitas, porém, não necessárias. Sabemos, aliás, que os senhores Padres dos Hospitais gostam de economia, embora não regateem o necessário.

Fazia alguns meses, que senhoras da cidade visitavam, habitualmente, os

doentes, devido a grande precisão de alimentos. No hospital, nada havia desde o jantar até a refeição do dia seguinte, nem desde o almoço até o jantar. Assim, aquelas senhoras traziam caldos, ovos e outras coisas para os doentes. Quando chegamos, deixaram de fazê-lo. Sabendo disso, propusemos-lhe que continuassem sua visita, porém, de outra maneira. Dissemos-lhe que poderiam dispensar-se de vir pela manhã, hora imprópria para elas por causa de suas obrigações de família e, também de trazerem caldos fresquinhos e ovos pois, no hospital, sempre os tínhamos para os pacientes. Porém, seria uma grande caridade se viessem às duas horas, depois do almoço, trazendo algum doce cristalizado ou coisa semelhante, como o fazem as Damas do Hospital Geral de Paris. Isso seria ótimo para os doentes e elas fariam ação agradável a Deus, com o qual muito poderiam lucrar e até serviria de consolo às Irmãs que se estimulariam com seu exemplo e receberiam, respeitosamente, as advertências que lhes dessem a honra e a caridade de fazer.

As referidas senhoras resolveram continuar suas visitas nesta forma e algumas chegavam mesmo a se dar ao trabalho de virem perguntar, antes, o que deveriam trazer.

No Hospital não há outros empregados a não ser dois ou três criados que ajudam a servir os homens, buscam água e fazem outros serviços de (palavra deixada em branco), de tal modo que as Irmãs têm de ser cozinheiras e despenseiras para servir o pão e vinho aos doentes. Quanto ao que se refere às provisões, os próprios senhores Padres se encarregam de autorizá-las a indicar o dia para isso. Há um homem casado, residente na cidade que é incumbido de comprar tudo o que é necessário, até as verduras para a sopa. Sua mulher vinha duas vezes ao dia, à hora das refeições, para repartir a carne. Se isso continuar assim causará várias dificuldades, além de ser contrário aos artigos do contrato. Pedimos então aos senhores Padres Administradores que as Irmãs ficassem sozinhas no serviço dos pobres. Prometeram atender-nos quando terminar o tempo dessa casal, porém, à condição de as Irmãs se encarregarem de compras miúdas, com o que concordamos, dada a facilidade existente para isso, no lugar. Assaltou-me o receio de que o tempo em que essa mulher teria ainda para exercer essa função, chegasse a se converter em costume, sobretudo pelo desejo que ela e também outras pessoas tinham de que tal mudança não se efetuassem, achando ser uma honra e vantagem para os habitantes de Nantes. Pensei que antes de partir, deveria deixar a situação inteiramente resolvida. Parecia de grande importância para nossas Irmãs, cujas ações, a todo momento, seriam fiscalizadas e, eventualmente, referidas de modo todo diferente de como fossem feitas. Tudo isso me fez pedir aos senhores que se fizesse constar na Ata de Fundação esta mudança, a fim de que antes de meu regresso, pudesse ver se alguém estava descontente. Aquiesceram à minha solicitação.

la me esquecendo de dizer que, uns dias depois de nossa chegada, o senhor Padre de Jonchères (11) me aconselhou a escrever ao senhor Vigário Geral do senhor Bispo de Nantes, ambos ausentes; o que fiz. Pois, soubera que o dito senhor Bispo havia assinado, com senhores da cidade, a permissão para nosso estabelecimento, de acordo com nossas cláusulas e nosso regulamento que lhes havia sido proposto. Escrevi ao senhor Vigário Geral nos mesmos termos, que não nos obrigam a nenhuma dependência. Logo após seu regresso, agiu como se ignorasse o que se passara. Teríamos passado por um grande apuro se, ao mesmo tempo, a Divina Providência não nos tivesse enviado o senhor de Jonchères; sem ele teríamos ficado muito embaraçadas. Ele o informou que tínhamos a aprovação do senhor Bispo e, em seguida, manifestou estar disposto a servir-nos no que precisássemos.

A dificuldade da esposa do administrador de que lhes falei acima, atrasou um pouco a expedição da Ata de nossa fundação, pois, desejávamos que, nela constasse o fato. Isso nos é muito necessário. Para tal se requeria a aquiescência do senhor Presidente da Câmara Municipal que, facilmente, no-la concedeu. Isso me obrigou a dar-me a honra de, antes de partir, ir a sua casa agradecer todas as finezas que teve para conosco e a ajuda que nos prestou.

Também fomos despedir-nos do senhor Vigário Geral pelo mesmo motivo e recomendar-lhe a proteção de nossas Irmãs junto ao senhor Bispo de Nantes, hipotecando-lhe nosso respeito e submissão.

Refletindo sobre a maneira como foi levada a cabo esta fundação, tenho muitos motivos para dizer, com toda verdade, que, somente a Divina Providência nela interveio. Indo para Nantes, não tinha nenhum conhecimento do que deveria fazer e posso afirmar: via o que precisava decidir à medida em que se ia apresentando. Nas ocasiões de maior apuro, a própria Divina Providência me fazia encontrar, sem havê-lo previsto, as pessoas que poderiam me ajudar. Acredito que isso se devia ao que minha insuficiência necessitava. Quase nunca agia desta maneira estando descuidada e me parecia fazer apenas o que devia, sem eu saber como! Deus seja sempre louvado! Sem esta assistência, eu o sei, teria cometido mais faltas do que cometi e, reconheço, foram muitas.

Três ou quatro dias depois de haveremos assinado a Ata, o que se fez no dia (espaço em branco), dispusemo-nos a voltar. Todas as nossas Irmãs manifestaram-nos seu grande desejo de bem trabalhar e renovaram essa resolução antes de minha partida, de sorte que, me senti muito consolada. Saímos com intenção de passar de novo por Angers. Os três Padres não nos deixaram de 7 da manhã até 10 horas, quando tomamos o barco. Com eles estavam também três ou quatro senhoras das mais zelosas em servir os pobres; entre elas a senhorita de le

---

(11) *Senhor de Jonchères, sacerdote que seria o confessor das Irmãs.*

Carisière e a senhorita de la Pinsonnière. Esquecia-me de dizer que o senhor Padre de Jonchères teve a bondade de vir às 6 horas da manhã celebrar a Missa, no Hospital. Deus seja bendito, por todas as graças que nos concedeu durante esta viagem. Se Ele foi glorificado, seja por Ele mesmo; se aconteceu algum mal em alguma ocasião, reconheço, diante de Deus, ser eu a causa, por minhas infidelidades a seu amor e serviço e por meus grandes pecados, dos quais peço perdão à sua bondade.

Passamos quatro dias navegando de Nantes a Angers e, ainda que tivéssemos querido observar tão pontualmente como na vinda as nossas horas, não pudemos fazê-lo, em parte por nossa covardia, em parte porque impedidas pela distração com as pessoas que viajavam conosco, já que agora só tínhamos nossos dois lugares, no barco (12).

Tivemos grande necessidade de uma especial assistência de Deus para livrar-nos do medo de um naufrágio, medo que se nos contagiou por haver, entre nós, outras pessoas muito apreensivas. O vento e a água nos eram contrários, proporcionando-nos três ou quatro ocasiões de grande pavor. Deus porém preservou-nos, por Sua bondade. Por causa disso, decidimos tomar a diligência em Angers; entretanto, fizemo-lo com grande desgosto, por causa da despesa.

Fomos diretamente para o Hospital de Angers, onde chegamos na sexta-feira de manhã (13). Os senhores Padres tornaram a pedir Irmãs e aceitamos enviar-lhes as quatro que desejam, com a condição de mandarem fazer um tanque para lavar a roupa e um poço na lavanderia para terem água com mais facilidade. E porque esses senhores tinham medo de que as Irmãs se cansassem de fazer a lavagem de roupa e, com isso, o gasto se tornasse inútil, quiseram que lhes promettesse que o retorno das Irmãs seria feito por nossa conta. Em parte, isso me pareceu razoável. Concordei que, se houvesse necessidade de, por esse motivo, chamar de volta as quatro Irmãs enviadas, em tal caso, assumiríamos o gasto. Porém, se a culpa viesse deles, a despesa correria por sua conta. Aceitaram muito bem a contraposta. No dia seguinte, pela manhã, seguimos para Paris e durante este tempo, Deus concedeu-nos iguais bênçãos como as que Sua bondade nos havia dispensado durante toda a viagem. Glória a Ele, para sempre! Amém!

---

(12) *Luisa de Marillac regressava a Paris com Francisca Noret, sua companheira de viagem.*

(13) *Sexta-feira, 14 de setembro de 1646.*

C. 172 (L. 222)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, domingo (fins de setembro 1646) (1)

Senhor Padre,

Uma pessoa de Fontainebleau nos avisou, há alguns dias, que nossa Irmã Bárbara Angiboust estava com febre desde (*a festa*) de Nossa Senhora, a de setembro. E, ontem, de Saint Germain d'Auxerrois, nos mandaram dizer que seu confessor havia falado com uma senhora da paróquia que ela estava moribunda e lhe haviam administrado a Extrema-Unção. (2)

Concordais, senhor Padre, que em vista de tais notícias lhe enviemos, hoje, uma Irmã? (3) Porque já lhe escrevemos e, faz oito dias, seguiu uma Irmã para lhe servir de companhia. Não recebemos porém, notícia alguma.

Peço-vos que nos deis logo uma resposta e também, pelo amor de Deus, a vossa bênção, pois sou, senhor, vossa mui obediente e agradecida filha e serva.

P.S. - Tende a bondade de vos lembrar da resposta do senhor Bispo de Beauvais.

C. 173 (L. 224)

*Às nossas queridas Irmãs  
as Filhas da Caridade de Nantes*

(fins de setembro de 1646) (1)

Minhas queridas Irmãs,

Mandai-me notícias vossas mais detalhadas. Que aconteceu com o senhor

---

C. 172 *Arquivo das Filhas da Caridade de Ans (Bélgica). Carta autógrafa.*

(1) *Castañares, assim como Coste, situam esta carta em 1648, o que se torna impossível porque, a Irmã Margarida de quem se fala na carta 174, saiu da Companhia em julho de 1647 (ver Coste III, 212). (Nota da Tradutora).*

(2) *Unção de Enfermos.*

(3) *O senhor Padre Vicente dá seu consentimento na mesma carta. (Coste III, 386-7). Luísa de Merillac envia Ana Hardemont.*

C. 173 *Rc. 3 Carta autógrafa.*

(1) *Ver nota 1 da Carta anterior.*

Padre Portail, para ter estado à morte? Como vai o senhor Capelão? Dai-me notícias de senhorita de la Carisière, de quem nada mais soube, como também do senhor de Jonchères. Escrevi aos dois mais de uma vez. Como estais vos relacionando com ela (2) e com os outros? Espero que me faleis de tudo isso, na primeira vez que me escreverdes.

Há duas de nossas pobres Irmãs que ignoramos se ainda estão vivas ou já morreram: a Irmã Bárbara Angiboust, de Fontainebleau (3) e a Irmã Andréa, de Nanteuil. Disseram-nos que as duas estão nas últimas. Recomenda-as às vossas orações.

Se o senhor Capelão ainda vive, como é meu desejo, dizei-lhe que me interesse muito por sua saúde. Cumprimento a todas e sou, no amor de Jesus Crucificado, minhas queridas Irmãs, vossa humilde irmã e serva.

C. 174 (L. 223)

*À Irmã Ana Hardemont (1)  
Fontainebleau*

(outubro de 1646) (2)

Querida Irmã,

Muito nos preocupa o fato de não terdes voltado, nem dado notícias. Sabeis muito bem que vos havíamos enviado tão somente para verificardes o estado de Irmã Bárbara e regressardes o quanto antes. Tão logo recebais a presente, providenciai a vossa volta. Se possível, trazei a Irmã Bárbara, pois, suponho que ficaria melhor aqui. Talvez seja mais fácil a viagem por água; levai-a, até ao porto, numa charrette, agasalhando-a e acomodando-a bem. Se ela não puder vir, não deixeis de fazê-lo na primeira diligência ou no primeiro barco que sair depois de receberdes esta. Irmã Margarida (3) fará o que puder, tanto com os doentes co-

---

(2) Possivelmente a mulher do "provedor" de que fala na carta 167 e no relato da viagem a Nantes, C. 171. (Nota da Tradutora).

(3) Bárbara Angiboust estava em Fontainebleau; chegara em agosto desse ano. Ver carta anterior.

C. 174 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Ana Hardemont residia na Casa Mãe. Luísa de Marillac enviou-a para fazer uma visita à Irmã Bárbara Angiboust que estava doente. Esta carta foi escrita por Irmã Hellot.

(2) Ver nota 1 da carta 172.

(3) Margarida saiu da Companhia das Filhas da Caridade, em julho de 1647 (Coste III, 212).

mo com as crianças, até podermos mandar uma outra Irmã, venha ou não, a Irmã Bárbara. O que não puder fazer, esperará um pouco.

De nossa parte, muitas recomendações à Irmã Bárbara e Irmã Margarida. O senhor Padre Vicente muito se alegra com sua melhora e celebrou uma Missa em ação de graças. Sou, no santo amor de Deus, querida Irmã...

C. 175 (L. 163)

*À Irmã Turgis, Filha da Caridade,  
Serva dos Pobres doentes  
Richelieu*

Hoje, 29 de outubro de (1646)

Querida Irmã,

Recebi vossas duas mui queridas cartas e, como resposta, começo louvando a Deus convosco por causa da alegria que Sua bondade vos proporcionou com a presença do senhor Padre Portail (1) durante tanto tempo, desde vossa chegada ai. Espero, querida Irmã, tenhais feito boas provisões e que durem bastante. Além disso, a assistência que recebeis de nossos bons Padres, vos manterá na mesma consolação. Estou persuadida de que a deseiais só para serdes ajudada a ser fiel a Deus, em tudo o que Ele vos pede.

Querida Irmã, rogo-vos não penseis na distância existente entre nós, mas, sim, no quanto estamos estreitamente unidas. Nada nos poderá separar pois, uma íntima união estabelecida pela santa caridade não nos permitirá nenhum afastamento.

Espero que vossa permanência aí seja muito salutar. Rogo-vos, querida Irmã, grande empenho na instrução das meninas e em manter, na vossa escola, perfeita ordem. Suponho que o senhor Padre Portail vos tenha deixado o regulamento para ela. recomendo-vos também que façais a leitura (2) para as jovens, nas tardes de domingo e festas, falando-lhes de devoção. Estou certa de que continuareis com as conferências que o senhor Padre Lambert (3) introduziu. Se

C. 175 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) O senhor Padre Portail ia continuando suas visitas (ver C. 177 n. 1).

(2) Conforme se deduz da carta 202, costumava-se chamar a explicação do Catecismo de "fazer leitura". (Nota da Tradutora).

(3) O senhor Padre Lambert esteve em Richelieu de 1638 a 1642. Depois voltou em 1645.

não o fizerdes. pedi informações a esses Senhores Padres.

Peço-vos me deis notícias de vossa Comunidade, de Irmã Ana (4) e as vossas pessoas. Quantos doentes tendes? Estão bem atendido? Recomendo-me, de todo coração, à Irmã Ana e lhe peço desculpar-me por não lhe escrever. Dela e vossa sou, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, humilde irmã e serva.

C. 176 (L. 160)

*À minha querida Irmã Elisabeth Martin,  
Filha da Caridade, Serva dos Pobres  
no Hospital de Nantes*

(outubro de 1646)

(Falta a primeira folha desta carta)

... devemos estimar muito a caridade e a dedicação desses bons senhores Padres para convosco. Que vos pedirá Deus em reconhecimento por tantas graças a vós concedidas? A fidelidade a seu serviço em todos os pontos de vosso regulamento, e, sobretudo, queridas Irmãs, o suporte cordial de umas para com as outras, a condescendência, a submissão e o bom entendimento. Ledes vosso regulamento e o de vossos ofícios? Rezais, de manhã e à noite, as orações com os doentes, o Benedicite e as Graças antes e depois das refeições? Usais lençóis nas camas dos doentes? Conservais-os limpos? Porém, e sobretudo, tendes grande zelo por sua salvação, minhas queridas Irmãs? É isso, particularmente, o que o bom Deus espera de vós. Pensai que respondereis pelos doentes não só durante o tempo que passam no hospital, mas, também, pelas falhas que cometam em suas confissões, se não lhes ensinardes o necessário sobre a maneira de bem fazê-las? Não pretendo, queridas Irmãs, atemorizá-las, mas, ao contrário, gostaria de auxiliar-vos a ter tanto amor a nosso bom Deus, que chegásseis a pensar, freqüentemente, nos meios para ajudar as almas e gloriificá-Lo.

Nós vos enviamos duas Irmãs (1); estão cheias do desejo de seguir os bons exemplos que lhes dareis, para trabalharem virtuosamente no serviço dos Pobres, por amor de Deus. Depois que cheguei, já escrevi à Irmã Elisabeth (2), à Ir-

---

(4) Ana: não se conhece seu sobrenome; esteve em Richelieu até 1648.

C. 176 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Henriqueta Gesseaume (ver C. 86.n. 1) e Maria Thilouse (ver C. 177.n. 3).

(2) Irmã Elisabeth Martin, a Irmã Servente (ver C. 27.n. 1).

mã Catarina Bagard (3) e, em seguida, enviei a carta do doente Irmão Melais.

Recomendai-me às orações dele e de todos os Padres. Exorto-vos a que, pelo amor de Deus, lhes presteis o serviço que lhes deveis, com grande respeito e mansidão.

Boa noite, minhas queridas Irmãs, rogai a Deus por nós. Sou em seu santo amor vossa obediente irmã e serva.

C. 177 (L. 161)

*À minha caríssima Irmã Elisabeth Martin  
Filha da Caridade (Nantes)*

(novembro de 1646)

Minha querida Irmã,

Aí tendes a nossa querida Irmã Henriqueta (1) que vai ajudar-vos. Peço-vos, Irmã, que apesar de ser idosa, o respeito e a deferência que lhe demonstreis, não vos impeçam de contribuir ao desejo que ela tem de aproveitar, devidamente, o pouco tempo que o senhor Padre Vicente lhe deu para trabalhar em sua perfeição. Vede-a, pois, como qualquer uma das Irmãs. Embora seja encarregada da farmácia ofício para o qual formará a Irmã Cláudia (2), fará tudo o que as demais fazem. O mesmo será com a Irmã Thilouse (3). Peço-vos grande empenho em levá-la a bem empregar o tempo. Prometeu-me fazer o que lhe determinades. Tenho para mim: precisa ser tratada com doçura e ser advertida de suas faltas, com grande caridade.

Apresentai minhas desculpas a todas as nossas Irmãs por não lhes escrever, a cada uma, em particular. Abraço a todas, de coração, e sou no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa mui obediente serva.

---

(3) Catarina Bagard (ver C. 84/n. 4).

C. 177 Rc. 3 Carta autógrafa. Endereço com letra de Irmã Hellot.

(1) Henriqueta Gesseume (ver C. 86 n. 1).

(2) Havia, em Nantes, duas Irmãs chamadas Cláudia: Cláudia Carré e Cláudia Brigida. Parece tratar-se da primeira, porque Luisa de Marillac, com frequência, costuma chamar a outra de Irmã Brigida.

(3) Maria Thilouse, de Tours, Irmã que cria problemas (ver Cartas 157 e 168). Teve várias colocações antes de ser enviada a Nantes. Saiu da Comunidade em fins de 1649.

*Ao senhor Padre Vicente*

Novembro de 1646

Senhor Padre,

Temos urgente necessidade de receber orientações de vossa caridade sobre uma falta bastante notável de uma de nossas Irmãs, chamada Marta (1). É filha de um hortelão que reside numa aldeia, nos caminhos de Issy. Esteve muito tempo na paróquia de São Lupo e parecia bastante simples e boa moça. Agora, porém, receio que seja astuta e reservada. Pouco após ter chegado nas paróquias, levada pela curiosidade e pelo desejo de tudo saber, por si mesma, se lançou à cirurgia. Sua mãe, mulher pobre, disse-nos haver-lhe comprado um grande estojo com instrumental. Depois de ter sido colocada em São Paulo, de novo aparece com um bisturi e afirma ser também presente de sua mãe. Às escondidas de sua Irmã Servente, atreveu-se a lancetar, sem que ninguém lhe tivesse ensinado, a não ser (*quem sabe?*) algum cirurgião quando esteve nas paróquias. Quando a Irmã Servente lhe pediu a lanceta, negou-se a entregá-la, dizendo que só a mim daria. A mim, declarou havê-la jogado fora, para não ter diante dos olhos o objeto que a fizera ofender a Deus. Deixei-a aqui até saber de vós, senhor padre, o que fazer ante faltas semelhantes. Parece-me que, faltas como essas devem servir de exemplo para o futuro e bem da Companhia. Também precisamos saber como agir, em tais casos, com justiça e caridade.

Fazei-me a bondade de pedir a nosso bom Deus que, por sua misericórdia, meu filho participe algum dia dos méritos da vida e morte de Jesus Crucificado, fonte de toda santidade. E eu também, miserável e infiel a Deus, embora indigna,

---

C. 178 Rc. 2 Carta autógrafa. Nas costas, está escrito: mês de novembro de 1646.

(1) Marta Danteuil nasceu em 1626, em Clamart. Entrou na Companhia das Filhas da Caridade a 1º de janeiro de 1642. Serviu os Pobres na paróquia de São Lupo, depois na de São Paulo, em Paris. Em 1650, foi enviada a Nantes. Em agosto de 1653, foi para Hennebont. A Conferência sobre suas virtudes, feita após sua morte ocorrida a 1º de novembro de 1675, explica o motivo de "uma viagem sua". O senhor Padre Vicente havia pedido à Irmã Servente de Nantes que enviasse uma de suas companheiras para Hennebont. Os Administradores, porém, se opuseram terminantemente a isso. Então, Marta, para que fossem cumpridas as ordens dos Superiores, decidiu ir para Hennebont sem nada dizer. Os Administradores do Hospital de Nantes e os de Hennebont puseram-se a disputar. Finalmente, ela ficou em Hennebont, onde permaneceu durante mais de doze anos.

seja sempre vossa filha muito agradecida e obediente serva.

P.S. - Esquecia-me de dizer-vos que não permiti à referida Irmã que se confessasse e comungasse hoje. Aguardo ordens de vossa caridade, antes de enviá-la a fazê-lo.

C. 179 (L. 162)

*À minha querida Irmã Elisabeth Martin,  
Filha da Caridade a serviço dos pobres doentes,  
no Hospital de São Renato (Nantes)*

Hoje, 18 de novembro de 1646

Querida Irmã,

Estamos sumamente preocupadas com a falta de vossas notícias, desde a ida de Irmã Henriqueta (1) e Irmã Maria (2). Nossas Irmãs de Angers disseram-nos terem elas passado por lá, porém, que seguiram há muito tempo. Assim, já devíamos ter tido notícias de sua chegada. Peço-vos mas envieis quanto antes, dizendo-me como estão de saúde todas as nossas Irmãs e, se a mulher do administrador (3) continua fazendo compra das provisões. Desejo saber, se, na *(festa de)* Todos os Santos terminou, para alguns dos senhores Padres *(o tempo)* de seu cargo e quem os substituiu. Dai-me igualmente notícias de todos os senhores e senhoras de Nantes e se há alguém descontente conosco. Também nada sabemos a respeito da carta de Melais, que enviamos. Dizei-nos como passam vosso doentes e recomendai-nos a todos eles. Nossa pobre Irmã Maturina, há tanto tempo doente, faleceu terça-feira, no hospital Sao Dionísio, onde todos choram sua perda. Não vos esqueçais do santo costume de oferecer uma Comunhão pelo eterno descanso de sua alma. Dizei-me se entrou água na vossa cozinha.

Irmã Joana Lepintre está doente com uma forte inflamação nos olhos e Irmã Francisca (4) foi hoje acometida de vômitos. Todas as Irmãs se recomendam a vossas orações e eu, queridas Irmãs, vos cumprimento e abraço a cada uma em particular, desejando-vos de todo coração, a santa paz de Jesus Cristo, em cujo

---

C. 179 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Henriqueta Gesseaume (ver C. 86 n. 1).

(2) Maria Thilouse (ver C. 177 n. 3).

(3) O provedor de que fala nas cartas 167 e 171.

(4) Provavelmente Francisca Noret que havia acompanhado Luísa na viagem a Nantes e, talvez se ressentia do cansaço dela.

amor, com todo o meu afeto sou, queridas Irmãs, vossa mui humilde irmã e serva.

C. 180 (L. 164)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 27 de novembro de 1646

Senhor Abade,

Estou certa de que o senhor Padre Vicente não deixará de atender ao desejo dos senhores Padres (1) em tudo o que lhe for possível. Conheceis bem a sua caridade! Quanto a mim, me veria muito embaraçada se tivesse de trabalhar neste assunto. Considero-o de grande importância. Tudo o que poderia dizer a quem tem sobre ele algum poder, seria, que é necessário realizá-lo com madura ponderação. É verdade que um dos senhores Padres que se encontra aqui, me fez a honra de falar-me sobre isso e, para vos ser sincera, parece-me que vai por um bom caminho. (*Manifestou-me*) não quererem eles buscar em tudo senão a vontade de Deus e, para reconhecerem-na, haviam começado por rezar e pedir orações nesta intenção. Foi tudo o que me disse e eu nada lhe respondi porque me parece não dever, de modo algum, intervir.

Quanto ao que se refere a vosso interesse nada vejo; porém, ainda que o percebesse, creio que, com a ajuda de Deus, não diria outra coisa.

Agradeço-vos, humildemente, o continuardes vossas bondades para conosco. Considero-as como outros tantos favores da Divina Providência. Nela tenho posto toda a nossa segurança. Contaram-me de Nantes, que o bom senhor Dom Morisse está sendo bem provado por haver decidido viver no hospital e receio que o respeito humano impeça sua perseverança. Nossas pobres Irmãs muito sairão perdendo com isso. Algumas já me escreveram sobre a grande satisfação (de o terem lá). Também nossa Irmã Madalena (2) falou-me de várias dificuldades de uma de nossas Irmãs que podriam resultar em mau exemplo para as outras e até contagiá-las. Além disso, parece ter desejo de retornar à sua terra natal, que fica mais ou menos próxima. Disse à Irmã Madalena que conversasse convosco sobre o assunto e vos transmitisse o parecer do senhor Padre Vicente que acha bom que ela se retire, contanto que observe as condições que expus à

---

C. 180 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Os Administradores do Hospital.

(2) Madalena Mongert (ver C. 42 n. 1).

referida Irmã. Ela vo-las comunicará. Talvez isso sirva de exemplo às outras. De todas as Irmãs procedentes de Angers, só saiu a Irmã Perrine, aquela que esteve convosco em vossa última vinda aqui. E, está fazendo todo o possível para ser readmitida. Até, segundo disse, estaria disposta a arregar-se aos pés da Rainha. Das três últimas vindas, saiu uma chamada Joana, Quis retirar-se por causa de suas enfermidades; não consegui dissuadí-la. Já esteve empregada em dois ou três lugares e nossas Irmãs cuidam dela. Outra (3) que viera com a primeira que saiu, faleceu, há pouco, no Hospital de São Dionísio. As demais vão muito bem, exceto a última que está pagando seu tributo ao clima de Paris, com sua febre; espero que não haja conseqüências. Ficaria muito contente se a senhorita Gonain (4) se conformasse com o que lhe dissestes e, desejo de todo coração que Deus abençoe os avisos que vossa caridade dá às jovens que desejam entregar-se a seu serviço, no meio de nós. Em seu santo Amor sou, senhor Abade, vossa mui obediente e humilde filha.

C. 181 (L. 130 quater )

*Ao senhor Padre Vicente*

(novembro de 1646)

Senhor Padre,

Não me ocorreu perguntar-vos se deveria comunicar isto (1) às Irmãs; não o fiz. Permitti-me dizer à vossa caridade que, a explicação feita em nosso regulamento de Filhas da Caridade leva-nos a desejar se continue dando-nos este título, omitido, talvez por inadvertência, no documento da aprovação do estabelecimento (2).

Esses termos de dependência tão absoluta do senhor Arcebispo (3) não po-

---

(3) Maturina (ver Carta anterior).

(4) Maria Gonain. Decidiu-se sua readmissão, no Conselho de 25 de outubro de 1646 (Coste XIII, 618). Parece que ficou em sua terra, servindo os Pobres doentes.

C. 181 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) O decreto de 20 de novembro de 1646, pelo qual João Francisco de Gondi, Arcebispo de Paris, erige em Confraria a Companhia das Filhas da Caridade.

(2) O Coadjutor que assina a Ata de Aprovação, em nome de seu tio, o Arcebispo de Paris, dá às Irmãs o título de "Servas dos Pobres da Caridade".

(3) Conste no referido documento que a Companhia "estará e continuará perpetuamente sob a autoridade e dependência do citado senhor Arcebispo de Paris e seus sucessores". O "governo e direção" da Companhia "são confiados ao senhor Padre Vicente, enquanto Deus conservar-lhe a vida. (Coste XIII, 557).

deriam prejudicar-nos, no futuro, dando liberdade de subtrair-nos da direção do Superior Geral da Missão? Não é necessário, senhor, que mediante este documento de aprovação, vossa caridade nos seja dado como Diretor perpétuo? Seria intenção do senhor Arcebispo que estes regulamentos que devemos receber, sejam os indicados em seguida, à petição? Requereria isto uma ata à parte, ou então, se deveria fazer outros, já que os menciona separadamente?

Em nome de Deus, senhor Padre, não permitais que nada se faça que deixe uma possibilidade, por pequena que seja, de separar a Companhia da direção que Deus lhe deu. Podeis ter a certeza de que, imediatamente, ela deixaria de ser o que é e os pobres doentes já não seriam socorridos. Assim, eu o creio, já não se cumpriria entre nós a vontade de Deus, pela qual tenho a felicidade de ser vossa obediente filha e serva muito agradecida.

C. 182 (L. 206)

### *Ao senhor Padre Vicente*

(aproximadamente 1646)

Senhor Padre,

Acaba de sair daqui a senhora Marquesa de Mortemart (1). Ela me pediu suplicar-vos, mui humildemente, que vos lembreis do preceptor para seu filho (2). Continua com o bom Padre de Roule, que começou a ministrar-lhe os primeiros rudimentos. Porém, porque duvida de sua capacidade, não lhe escondeu que está lá provisoriamente. Ele se chama Padre Lafon. A senhora Marquesa vos solicita, se possível, que vos informeis sobre ele, para que, se estiver em igualdade de condições com outros, possa ser levado em conta com eles, na hora da decisão.

Agradeço, humildemente, à vossa caridade o bem que me fizestes. Parece-me que, quando me deixo levar por minhas apreensões que me põem em estado de verdadeira aflição, necessito ser tratada com um pouco de dureza. Vereis pela carta de meu filho, vo-la envio, por um lado minha fraqueza e por outro, o motivo de meu sofrimento que me faz ter tanta necessidade de vossa caridosa ajuda e de ser sempre, senhor Padre, vossa filha muito agradecida e humilde serva.

---

C. 182 Rc. 2 *Carta autógrafa.*

*(1) A Marquesa de Mortemart, nascida Diana de Grandseigne, contraiu matrimônio com Gabriel de Rochechonart, marquês de Mortemart e irmão do Conde de Maure. Este último, como se sabe, é primo de Luísa de Marillac por haver-se casado com Ana de Attichy.*

*(2) Seu filho, nascido a 25 de agosto de 1636.*

C. 183 (L. 205)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sábado (aproximadamente 1646)

Senhor Padre,

A senhora de Mortemart (1) não vos tendo encontrado, encarregou-se de dizer-vos que a pessoa que desempenha, inteiramente, o cargo de preceptor de seu filho, vai procurar-vos, a fim de que vejais se tem capacidade para a função. Ela receia porém que ele vos diga ter ido apenas receber orientações vossas sobre a maneira de agir. Essa entretanto, não é sua intenção.

Nossa pobre Irmã Genoveva (2) continua muito mal. E eu sou sempre, senhor Padre, vossa muito humilde e agradecida filha e serva.

C. 184 (L. 435)

*À Irmã Bárbara Angiboust  
Fontainebleau*

(aproximadamente 1646)

Querida Irmã,

Muito bem! Eis-vos mais uma vez na Corte, às ordens de nossa boníssima e mui piedosa Rainha! Que seus santos exemplos vos sirvam de humilhações e a escolha que a Divina Providência fez de vós, vos encha de confusão. Cuidai, porém, queridas Irmãs, de que o "homem inimigo" não semeie a cizânia no meio desse bom grão. Conhecê-lo-eis se, durante a permanência aí na Corte, a convivência que tiverdes com as Damas alterar, por pouco que seja, a vossa devoção; se tiverdes menos cuidado na observância de vossas regras, se vos tornardes menos pacientes e humildes. Mas, a propósito da humildade, estais bem atentas para com aquela que o mundo usa para convosco, a fim de não vos infundir demasiada ousadia ao falardes com as Damas, tanto com as da Corte, como com as de seu séquito? E também como o senhor médico. Que o costume

---

C. 183 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Ver a Carta anterior.

(2) Genoveva Doinel (ver C. 304|n. 3).

C. 184 Ms. A. Irmã Chêtif, 1 n. 62. Cópia.

de tratar os doentes e aquilo que aprendestes com os médicos não vos tornem atrevidas, nem com ares de entendidas, para não prestardes atenção ao que (*os médicos*) prescrevem ou a não obedecerdes às ordens que possam vos dar. E, quando vos fizeram a honra de pedir vosso parecer, respondi com grande humildade, dizendo, simplesmente, que foi assim que vos ensinaram. Em verdade, queridas Irmãs, se agíssemos de outro modo, desconheceríamos, por completo, as graças de Deus. Que temos que não nos tenha sido dado? E que sabemos que não nos tenha sido ensinado?

1647

*Fundação das Filhas da Caridade em Montreuil-sur-Mer, Chatilly, Chars, Fréneville.*

Junho: *Visitas de Irmã Joana Lepintre e do senhor Padre Lambert, às Irmãs de Angers e Nantes.*

Julho: *Transferência das Crianças Abandonadas para Bicêtre.*

Setembro: *Conferência do senhor Padre Vicente sobre a perseverança na vocação.*

C. 185 (L. 168)

*À minha querida Irmã Turgis,  
Filha da Caridade, dos Pobres  
Richelieu*

Hoje, 4 de janeiro de 1647

Minha querida Irmã,

Que estareis dizendo do meu silêncio tão prolongado, quando vos havia prometido escrever-vos ao menos mensalmente? Porém, querida Irmã, tereis de desculpar-me, pois, não foi por esquecimento, nem por falta de amizade, mas, sim, por falta de tempo. Durante toda esta temporada (1), estive doente e até em perigo, segundo me disseram. Dele saí pela misericórdia de Deus. Por favor, rezai à Divina Bondade para que seja para sua glória e possa servi-lo doravante com maior fidelidade do que o tenho feito. Louvo a Deus, caríssimas Irmãs, por

---

C. 185 Rc. 3 Carta escrita por Irmã Hellot, e assinada por Luísa de Marillac.

(1) Luísa de Marillac ficou doente desde seu regresso de Nantes.

tudo o que Ele faz por vós e pelas graças que vos concede. É mister reconhecê-las e ser-lhes fiéis. No início deste ano, renovai a resolução de servi-lo com o mesmo fervor que tinheis quando compreendestes o que Ele queria de vós. E vós, Irmã Ana, vede bem as virtudes particulares que vos são pedidas. Eis as estampas que a santa Providência quis que vos coubessem por sorte. Tirai proveito das instruções que contêm.

Dizei ao senhor Padre Gauthier (2) que, ordinariamente, nossas irmãs tomam os remédios fornecidos pela Caridade. Porém, se houver algum impedimento a que assim se faça, deveis seguir os costumes do lugar. Por isso, fazei o que o senhor Padre Gauthier disser, depois, o que já vos disse o senhor Padre Portail (3).

Soubestes do falecimento de nossa pobre Irmã Maturina de Angers? Visitaram-nos, pela misericórdia de Deus, muitas doentes, porém, quase todas estão restabelecidas. Há ainda duas que estão em grande perigo; são as Irmãs Maturinas, ambas de Angers, e chegaram ao mesmo tempo. Uma estava doente do pulmão e a outra, do baço.

Pedi a Deus, Irmãs, que quer seja para viver ou para morrer, seu santo nome seja por nós glorificado. Em seu santo amor, com todo o meu coração, sou, queridas Irmãs, vossa humilde irmã e serva.

C. 186 (L. 207)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust,  
Filha da Caridade, serva dos pobres.  
Fontainebleau*

Hoje, 3 de março (1647)

Mui querida Irmã,

Vós me preocupais dizendo-me estar aflita e não me comunicando o motivo. Trata-se de vossa saúde? Se for isto, querida Irmã, amai a santa vontade de Deus e, em paz, esperai vossa melhora.

---

(2) O senhor Dionísio Gauthier, de Langres, entrou na Congregação da Missão, em 1639. Desde 1642, esteve em Richelieu, sendo, sucessivamente, Diretor do Seminário e Superior da Casa.

(3) O senhor Portail parou em Richelieu, em agosto de 1646.

(4) Irmã Maturina morreu no Hospital de São Dionísio.

C. 186 Rc. 3 Carta autógrafo.

Se vos afligis por verdes Deus ofendido por quem deveria cantar-lhe louvores e edificar o povo, aguardai a hora de sua perfeita vocação, porque Deus pode transformá-los em grandes santos. De vossa parte, fazei o possível para serdes fiel a Deus na vossa vocação e na observância de vossas regras. Se as enfermidades vos impedirem de vos levantar (*à hora*), de jejuar e (*fazer*) outras obras de penitência, persuadi-vos que eles não podem privar-vos de ter uma verdadeira humildade e de ser mui cordial, de ter tolerância e mansidão para com o próximo, mesmo para com aqueles que vos contrariam.

Não sei se vos equivocastes ao falar-me do número de vossas alunas; setenta são muitas!

Quando estiverdes um pouco mais forte, penso ser conveniente, irdes, de vez em quando, visitar os doentes e encarregar a Irmã Margarida (1) da escola. Ela me surpreende com seu menosprezo, pois, não me escreve. Dizei-lhe não ser bom escapular-se de seu Amo, isto é, desgostar a Deus; receio que não esteja se sentindo bem com Ele. Talvez, minha Irmã, não a advertistes, nos momentos em que seria necessário fazê-lo, dos grandes exemplos de desgraças daqueles que, pouco a pouco se foram relaxando. Se vos contasse o estado de todas de quem temos conhecimento, causar-vos-ia compaixão e ficareis estarrecidas. Rogai a Deus por todas elas e peçamos, uma para a outra, a santa perseverança.

Quando tiverdes (2) ocasião de fazê-lo, informai-me do número das meninas da escola. Contentemo-nos, porém com o que Deus sabe e evitemos, tanto quanto possível, o desejo de se divulgar o que Deus faz por nosso intermédio.

Mandei vossa carta ao Padre Vicente por um portador seguro. Não sei se recebestes as que vos escrevi, há uns quinze dias. Foi uma também para a Irmã Margarida; (*escrevi-lhe*) como o faria a uma filha; se a tivesse tido.

Suponho já terdes sabido que não foi a Irmã Francisca quem morreu, mas sim, a Irmã Maturina (3) e uma Irmã Perrine (4), as duas de Angers. Irmã Madalena (5) está muito doento, em Angers e, Irmã Elisabeth (6) também, em Nantes. Pedi a Deus por uma e outra e, por todas as nossas doentes que são muitas. A comunidade toda vos saúda, a ambas, e eu também que no amor de Jesus Crucificado, sou, queridas Irmãs, vossa mui humilde e afeitosíssima serva.

---

(1) Margarida (ver C. 174 n. 2).

(2) Luisa de Marillac escreveu "quando tivermos."

(3) Maturina, natural de Angers, faleceu em São Dionísio.

(4) Perrine Fleury entrou na Companhia em 1646.

(5) Madalena Mongert (ver C. 42n. 1).

(6) Elisabeth Martin (ver C. 27 n. 1).

*À minha querida Irmã Turgis. (1)*  
*Filha da Caridade, serva dos Pobres*  
*Richelieu*

Hoje, 10 de março de (1647)

Querida Irmã,

Deus seja bendito por todas as graças que Sua bondade concede à vossa pequena Comunidade do Mas, prestai atenção, querida Irmã, para que as doçuras provenientes dos aplausos do povo e a consolação (*advinda*) de vossas frequentes conferências e comunicação não se arraiguem em vosso espírito de tal maneira que chegueis a trocar a compensação dessas ações pela pureza de intenção que deveis ter no serviço de Deus. Isso vos prejudicaria quando a Divina Providência vos mandasse para outro lugar onde não encontrásseis essas satisfações. Não penseis, querida Irmã, que este conselho seja só para vós; digo o mesmo à querida Irmã Ana (2) e assim o daria a todas as nossas Irmãs.

Experimentais, querida Irmã, a fraqueza de espírito ante as pequenas dificuldades, como me revelastes em vossa última (*carta*). Não vos preocupeis; isso não é nada, pois, pela vontade estais fortemente unida a Deus.

Lembro-me, querida Irmã, de que me falastes de drogas para preparação de remédio. Se não tiverdes um depósito bem provido para os pobres e precisardes comprá-las aos poucos, não vos aconselho pegá-las na Caridade, porque me parece não estar rica de fundos. E, se tiverdes de adquiri-las em outro lugar, seria somente segundo a necessidade de cada moléstia. Uma vez que o senhor Padre Portail não vos orientou sobre o assunto, creio que deveríeis agir desta maneira.

Quero dar-vos notícia de vossa irmã viúva que se casou novamente, nestes dias de Carnaval, com um sapateiro, rapaz de uns 25 anos. Ela disse que o fez, para ajudá-la na direção de sua escola. A outra vai bem, graças a Deus.

Recomendamo-nos às vossas orações e sou, querida Irmã, vossa humilde irmã e serva.

P.S. - Todas as Irmãs vos saúdam. Temos muitas doentes. Nossas recomendações à Irmã Ana e minhas respeitadas saudações ao senhor Padre Gauthier (3) de quem sou mui humilde serva.

---

C. 187 Rc. 3 *Carta autógrafa.*

(1) *Irmã Turgis (ver C. 11 n. 1)*

(2) *Ana de Richelieu (ver C. 175 n. 4).*

(3) *Senhor Gauthier, Superior de Richelieu (ver C. 185 n. 2).*

*Ao Senhor Padre Vicente*

Hoje, 10 de março de [1647]

Senhor Padre,

A sobrecarga (*de trabalho*) que tendes com tantas pessoas importantes em vossa casa, impede-me de enviar-vos a carta do senhor des Jonchères (1), juntamente com outras que devo comunicar a vossa caridade, para pedir-vos vosso parecer.

Não creio que tenhais levado a mal o que meu filho disse, pois, segundo meu modo de pensar, não se afastou dos limites do respeito a que está obrigado. Porém, o que me parece impossível é que o negócio se faça sem o consentimento de vossa caridade. Prevejo que o atraso possa ser muito prejudicial a meu filho, por várias razões que agora não posso enumerar. Temos pois de estar dispostos a todos os acontecimentos que pressinto, por desagradáveis que sejam.

Comuniquei-vos o que me disseram a fim de impedir que continuassem invectivas e maledicência contra os costumes daqueles cuja doutrina se suspeita. Sabe-se que os deste partido haviam assegurado, no púlpito, que entraram para ele por espírito de união e caridade e sempre falavam nesses termos.

A senhora Condessa de Maure (2) pediu-me que tivesse o cuidado de devolver-lhe um livro que vos havia enviado: "Apologia de Jansenius" (3). Ela vos manda este outro, como vos prometeu, a fim de que o vejais.

Se eu soubesse que amanhã, a qualquer hora, poderia falar convosco, mui humildemente, vos pediria conceder-me o favor. É por causa de necessidades de nossa Companhia, além da de Nantes que é bastante grave. Nossa Irmã Madalena (4) está muito melhor, graças a Deus. Tudo vai bem em Angers. Sou a causa de muitas desordens em toda parte. Temo que vossa caridade esqueça minhas necessidades; elas me fazem desejar, mais que nunca, que vossa caridade creia que sou, pela vontade de Deus, vossa mui obediente e agradecida filha.

---

C. 188 Rc. 2 Carta autógrafa. Nas costas: 1647.

(1) O senhor des Jonchères, confessor das Irmãs, em Nantes.

(2) A Condessa de Maure, prima de Luisa de Marillac (ver C. 96 n. 4).

(3) Obra escrita em 1644, por Antônio Arnaud (1612-1694), chefe do Jansenismo, na França. Sua irmã, Madre Angélica, era a abadessa do convento de Port-Royal.

(4) Madalena Mongert (ver C. 42)n. 1).

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, dia de Páscoa [21 de abril de 1647]

Senhor Padre,

Julguei ser necessário que vossa caridade me fizesse o favor de ver esta carta do senhor d'Annemont (1), antes que nossas Irmãs sigam para Nantes. Gostaria de saber vossa opinião sobre duas coisas: se será necessário comunicar a probabilidade da mudança de Irmã Catarina (2) aos senhores des Jonchères (3) e d'Annemont (4) e também, à senhorita de la Casière e, se as coisas continuarem calmas, não seria conveniente chamar a Irmã Elisabeth (5) que, como o vereis, continua doente? Ou será preferível deixar que Irmã Joana (6) cuide dessa mudança, segundo ordens a ela dadas por vossa caridade? Outra coisa a me ver, muito necessária e de grande utilidade, é que, se vossa caridade julgar oportuno, nos façais o favor de escrever uma carta (7) para todas as Irmãs, manifestando-lhes algum descontentamento e, ao mesmo tempo, animando-as. Verdadeiramente, meu Honoratíssimo Pai, esta pobre Companhia tem muito que sofrer sob minha péssima direção! Por isso, me atrevo a pensar que Deus há de libertá-la logo dessa escravidão que constitui tantos obstáculos à perfeição de sua obra. Quanto a mim, tenho muitos motivos de recear morrer na minha insensibilidade, se vossa caridade não me ajudar.

Não poderíamos esperar o benefício de uma Conferência nestas festas, pa-

---

C. 189 Rc. 2 Carta autógrafa. No dorso: Hoje, dia de Páscoa, 1647.

(1) Antes da carta do senhor d'Annemont Luisa havia recebido outras do senhor des Jonchères, do senhor Fuset, Padre do Hospital e de três Irmãs: Cláudia Brígida, Margarida Noret e Elisabeth Martin. Todas estas cartas expunham dificuldades comunitárias, formação de grupinhos ou "clãs", um dos quais recebia o apoio do capelão do Hospital (Cf. *Annales* 1979, 466-483 e 1980, 634-655).

(2) Catarina Bagard muito unida ao capelão do Hospital.

(3) Senhor des Jonchères, confessor das Irmãs.

(4) Senhor d'Annemont, sacerdote de Nantes que havia aconselhado os Administradores a pedirem Filhas da Caridade para o Hospital.

(5) Elisabeth Martin, muito desconsertada, havia pedido a Cláudia Brígida que escrevesse a Mademoiselle para explicar-lhe a situação. Poucos dias depois, ela mesma escreveu também.

(6) Joana Lepintre ia a Nantes fazer a visita.

(7) O senhor Padre Vicente escreveu uma carta de sete páginas (ver Coste III, 174).

ra completar a que nos fizestes (8) sobre os deveres das Irmãs serventes para com as Irmãs Companheiras e das Irmãs companheiras para com as Irmãs serventes e também sobre a direção e paciência que as Irmãs serventes devem às Irmãs companheiras? Creio que tudo isso bem entendido e praticado impediria todas as pequenas desordens da Companhia, como também teríamos nossos pequenos Regulamentos para os Irmãos, de vez em quando, na Comunidade.

Uma senhora encarregou-se de informar-me se não haveria 50 “arpents” (9) de terra à venda perto da casa onde residem as Crianças Abandonadas, em La Chapelle. Propus-lhe vossa casa, perto dos Recoletos, na esperança de que se poderia encontrar lá o terreno desejado, incluindo a casa. Peço-vos, mui humildemente, senhor, se julgardes viável, fazer-me o favor de uma resposta por intermédio do Irmão Ducourneau (10), porque, passadas as festas, essa senhora deverá mandar um homem para ver o lugar. Vossa caridade faça-me o obséquio de se lembrar de conversar com a senhora Condessa de Maure (11) acerca de meu filho, porque, o outro assunto está se divulgando muito. Parece que só se ouve falar de semelhante caso. Deus meul quanto sofre meu orgulho com tais coisas! E, que tranquilidade seria para mim ficar livre delas! A santíssima vontade de Deus não o permitiu; seja bendita, para sempre, e também, por ter eu a honra de ser, senhor Padre, vossa mui obediente e agradecida filha e serva.

C. 190 (L. 166)

*À minha querida Irmã Turgis,  
Filha da Caridade,  
a serviço dos Pobres, em Richelieu*

(aproximadamente em abril de 1647)

Queridas Irmãs,

Há muito não tenho consolação de receber uma carta vossa e também, faz muito tempo que não vos escrevo, com grande pesar de meu coração que, por várias vezes me censurou por isso. Porém, não estando ainda restabelecida de

---

(8) Conferência de 2 de fevereiro de 1647 (Coste X, 229); a seguinte deu-se a 30 de maio.

(9) “Arpent”, antiga medida agrária francesa, equivalente a 30 ou 50 ares, conforme as regiões. (Nota da Tradutora)

(10) Irmã Ducourneau, secretário do Padre Vicente.

(11) Condessa de Maure, prima de Luisa de Marillac (ver Carta anterior).

C. 190 Rc. 3 Carta escrita por Irmã Hellot e assinada por Luisa de Marillac.

minha enfermidade deste inverno, tive recaída com outra mais perigosa ainda; só agora começo a melhorar. Não me perdoareis à vista de tudo isso, queridas Irmãs? Assim o espero da bondade de vossos corações. Por que a Irmã Ana (1) não me escreveu? Dar-me-ia tanta alegria! Por pior que seja sua letra, por favor, Irmã Turgis, fazei com que ela me escreva! Segue uma carta de Irmã Luísa Proust (2) para terdes a bondade de entregá-la em Parthenay. Suponho já terdes sabido da morte de nossa boa Irmã Michelle (3). Se virdes familiares seus, podeis dar-lhes a certeza de que teve uma morte digna de grande consolo para eles. Quando puder, escreverei a seu pai. Estamos sentindo muito a sua perda pois, ela era, realmente, uma boa Irmã! Nossa Irmã Joana Roux (4) está passando bem.

Não tendes por aí jovens que queiram ser das nossas? Precisamos muito delas, mas, não de ser muito boas. Pedi a Deus no-las enviar.

Temos tido tantas Irmãs doentes, que nossa enfermaria está sempre cheia.

Eis parte das notícias que queria dar-vos, enquanto espero as vossas. Cumprimento-vos, a ambas, e sou no amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa mui humilde irmã e serva.

P.S. - Nossa querida Irmã Michelle, uns dias antes de sua morte, desejou ter "os sinais" de que morreria como verdadeira Filha da Caridade. O senhor Padre Vicente lho concedeu; isso foi para ela causa de indizível consolação. Durante quinze dias, sua doença foi um pequeno martírio vivido com paciência admirável.

C. 191 (L. 174)

*(Às nossas queridas Irmãs, as Filhas da Caridade  
que servem os Pobres do Hospital de Nantes)*

Hoje, 8 de maio de (1647)

Minhas queridas Irmãs,

---

(1) *Irmã Ana, de Richelieu (ver C. 175 n. 4).*

(2) *Luísa Proust, de Parthenay. Tinha um irmão na congregação da Missão.*

(3) *Michelle, natural de Richelieu, foi apresentada à Companhia pelo Padre Portail, em 1646.*

(4) *Joana Roux, outra Irmã jovem, também procedente de Richelieu.*

C. 191 Rc. 3 *Carta autógrafa. À margem: ATENÇÃO A TODA ESTA CARTA. (Irmão Doucrouneau).*

Irmã Joana Lepintre (1) vai ver-vos da parte do senhor Padre Vicente e creio que sua caridade me teria enviado, se eu já tivesse recobrado as forças, após minha grave enfermidade. Sabeis a razão desta visita? Poder escutar de vossa própria boca as disposições em que vos encontrais e verificar de onde viriam os pequenos distúrbios surgidos em vossa comunidade e como pôde a cizânia (2) nela se introduzir, parecendo querer abafar o bom grão. Ah! queridas Irmãs, quantos motivos tenho para reear sejam meus maus exemplos os causadores dessa desgraçada influência em vossos espíritos! Se assim for, fazei-me a caridade de pedir a Deus pedão por mim e perdoai-me também vós. Agi melhor do que me vistes fazer, a fim de não mais contristar o bom Deus, dando a seu inimigo o que, em vós, lhe pertence. Não percais a recompensa que sua bondade promete aos que exercem as obras de misericórdia, estando em sua graça. Ele recusa seus maiores presentes àqueles a quem vê cheios de vontade própria.

Podeis, portanto, falar, com toda confiança, à nossa Irmã; em seu regresso ela nos transmitirá, fielmente, o que lhe comunicardes, porque, em última análise, queridas Irmãs, temos que ser de Deus, totalmente de Deus, e, para isso, precisamos nos desprender de nós mesmas. Crede-me: lancemos a sonda (3) para, sem nos poupar, descobrirmos nossos males. Então veremos que, apenas o amor próprio é nosso maior inimigo e razão de acharmos tanto o que censurar nos outros e de desejar satisfazer-nos em tudo.

Segue uma carta do senhor Padre Vicente (4). Deveis dar-lhe muito apreço, visto que Deus o fez encontrar o tempo necessário para vos escrever, apesar de ocupado com tantos assuntos importantes e sérios.

Preciso dizer-vos, simplesmente, queridas Irmãs, os pensamentos que me ocorreram ao ler esta apreciada carta. A suavidade do estilo, o reconhecimento das graças que Deus vos concede com tanta doçura, infundiram-me tal impacto que vos não posso explicar. Quantas vezes, através dele, Deus nos advertiu de nossas obrigações; quantas vezes, soube e quis esquecer nossas faltas e transgressões, sem cansar-se de estimular-nos e encorajar-nos, nem de ter para conosco cuidados paternais, assumindo para si todo o trabalho necessário, como se o merecêssemos! E, o que lhe demos em troca, terra miserável que somos?! Nada, senão aborrecimentos causados por nossas infidelidades a Deus, para quem ele quer conquistar-nos. Às vezes é um membro da Companhia que se separa dela ou comete faltas graves contra a vocação outras, é todo o corpo que se desagrega. Que estúpidas somos todas!

---

(1) Joana Lepintre havia sido enviada em visita à Comunidade de Nantes.

(2) As cartas chegadas de Nantes explicavam a desunião da Comunidade (ver C. 189).

(3) Isto é, examinemo-nos, sondemos nosso interior. (Nota da Tradutora)

(4) O senhor Padre Vicente lhes havia escrito (ver C. 189 e Coste II, 174).

Não parece que todas as advertências que Deus permitiu nos fossem feitas, não tiveram outro efeito que o de golpes dados no ar? E o pior: receio que (5) havendo elas sido pronunciadas diante de Deus e dos Anjos, não se tornem para nós em grande confusão no dia do Juízo.

Não tenho motivos para que meu coração fique tomado de temor e de justa apreensão? Não penseis que vos digo isto para amedrontar-vos, nem, que me dirijo unicamente a vós; digo-o a mim também e a todas que como eu, fizeram mau uso de nossa santa vocação. Peço-vos, a todas, por amor à morte de nossa amado Mestre, que vos renoveis em sua ressurreição e recebei a paz que tantas vezes nos deu, na pessoa de seus apóstolos. Atenção: Ele não no-la dá na ociosidade, mas no trabalho e na lembrança das chagas que por nós padeceu, ensinando-nos assim que não podemos ter paz com Deus, com o próximo e com nós mesmas, se Jesus Cristo não no-la der. Não a receberemos senão pelos méritos de suas chagas e sofrimentos, que nunca nos serão aplicados sem a mortificação de nós mesmas, a qual conseguiremos imitando-O no cumprimento da vontade de Deus.

Quão felizes sois em comparação com tantas outras pessoas de vossa condição! Não me refiro apenas a pobres jovens, mas também, a senhora de alta posição que desejariam tanto ser empregadas no serviço de Deus e dos Pobres, que têm grande desejo de realizar a vontade de Deus e serem ajudadas nisso. Entretanto, não conseguem essa consolação. E a vós, nada vos falta; entretanto parece não estardes contentes; em lugar de servir-vos dos meios que Deus vos oferece para vossa perfeição, os menosprezais.

Perdoai-me, queridas Irmãs, se a afeição que vos dedico me leva falar-vos deste modo. Quantas vezes cometo as faltas que suponho em vós. Porém, verdadeiramente, quero ser fiel a Deus e pedir-lhe sua graça para tal. Fazei assim: amais e lede com afeto vossos regulamentos e instruções, com desejo de pô-los em prática, trabalhando nesse sentido conscientemente, por amor de Deus e, sobretudo, servi-vos das advertências que Deus vos faz, talvez pela última vez, daquilo que vos pede.

Não penseis, queridas Irmãs, que tive intenção de ameaçar-vos com os castigos de Deus. Porém, temamos, vós e eu, sua indignação, se negligenciarmos o cumprimento de sua santa vontade, na qual e pela qual sou toda vossa, queridas Irmãs, e espero de sua bondade, sê-lo eternamente. Pedí a Deus fazer-me misericórdia e, em seu santo amor, queridas Irmãs, sou vossa mui humilde e pobre irmã e serva.

---

(5) Aqui Luisa de Marillac havia escrito: "estãs tão queridas advertências"; tais palavras foram riscadas com traços.

*Às nossas querida Irmãs,  
as Filhas da Caridade que servem os pobres doentes  
no Hospital de Nantes*

(julho de 1647)

Minhas queridas Irmãs,

É-me impossível escrever a cada uma como me propusera; mas, pensei também não ser necessário, porque tudo o que ela vos dirá (1) serão tantas coisas que resultariam em uma longa carta. Peço-vos, queridas Irmãs, recebeis nossa Irmã como o bom Deus vo-lo ordena e como o fareis a nosso Honoratíssimo Pai, visto ser ele quem vo-la envia. Dentro de poucos dias, tereis a visita do senhor Lambert (2) a quem direis tudo o que falastes e ele vos dará plena segurança.

Saiba Irmã Cláudia, que o chefe do povoado de onde é sua mãe, mandou que a visitassem no bairro de São Germano e a trouxessem para a aldeia, a fim de dar-lhe assistência. Quando partiu, estava melhor, graças a Deus. Espero que o clima (*nata*) lhe restitua a saúde. Todos os outros parentes de nossas Irmãs, pelo menos segundo o que sei, estão bem, graças a Deus.

Em nome de Deus, queridas Irmãs, sede muito submissas ao que o senhor Padre Lambert vos ordenar, na certeza de que essa é a vontade de Deus e do senhor Padre Vicente. Espero da bondade divina que todas as pequenas desavenças ocorridas, nos sirvam para aperfeiçoar-nos e dar a conhecer às Filhas da Caridade como devem ser humildes, submissas e afeiçoadas ao cumprimento exato de suas regras, sem o que tudo não passaria de um terço desenfiado. Coragem, queridas Irmãs! se vosso inimigo levou vantagem por algum tempo, façamos violência para derrubá-lo. A hora não me permite escrever-lhes mais. Boa noite, queridas Irmãs, pedi a Deus por nós, vo-lo suplico, por favor, e crede-me no amor de Jesus Crucificado, vossa humilde irmã e mui afeiçoada serva.

---

C. 192 Rc. 3 *Carta autógrafa. Endereçada por Irmã Hellot.*

(1) *Joana Lepintre (ver C. 75 n° 1) que estava sendo enviada a Nantes.*

(2) *O senhor Padre Lambert (ver C. 22 n° 1).*

(3) *Cláudia Carre (ver C. 561 n° 5).*

C. 193 (L. 101)

*Ao senhor Padre Vicente*

(junho de 1647) (1)

Senhor Padre,

Se vossa caridade fizesse o obséquio de propor ao dono da casa perto de São Lourenço, que se transferisse para a que cedeu ao fabricante de cerveja, no caso de as Damas aceitarem indenizá-lo, seria muito conveniente para as crianças pequeninas.

Não posso deixar de dizer-vos que hoje muito sofri por causa do temor da predestinação, com pensamentos que me vieram na oração. Isso perturbou tanto o meu espírito que fui impelida a fazer um ato de aceitação dos desígnios de Deus sobre mim e meu filho, para sempre sermos objetos de sua divina justiça.

Esqueci-me de pedir-vos licença para comungar durante toda a novena em que se celebra a Missa do Espírito Santo, a qual começou na sexta-feira. Servindo-me da permissão de comungar quando a saúde me permitir, comunguei durante todos os dias da novena. Porém, não me atrevo a continuar, sem licença especial vossa, que vos peço, pelo amor de Deus, com a graça de que tanto precisamos e sou, senhor Padre, vossa mui agradecida filha e humilde serva.

C. 194 (L. 83)

*À minha querida Irmã Madalena,  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
do Hospital São João  
Angers*

Hoje, 5 de junho de (1647)

Mui querida Irmã,

O senhor Padre Vicente encarregou-me de perguntar-vos se foram os senhores Pais dos Pobres (1) que vos mandaram escrever-lhe a respeito de algu-

---

C. 193 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Pode ser de 1647 ou 1651, em que as Damas procuram alojamento para as Crianças Abandonadas, no bairro de São Dionísio. Só pode ser de 1647, no que se refere a seu Filho. (Nota da Tradutora).

C. 194 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Isto é, os Administradores.

mas Irmãs e com que autorização as fizestes vir para cá, porque isso é grave. Peço-vos informar-me o quanto antes. Sua caridade, pensando no trabalho que tereis, sendo tão poucas, por esta vez, não aguardará o esclarecimento deste proceder e quer que outras duas Irmãs sigam para aí, na sexta-feira próxima (2). Temo muito as suspeitas e juízos temerários que essas pequenas discórdias sempre causam. Em nome de Deus, querida Irmã, rogo-vos tendes entre vós tolerância e codialidade e praticar a santa alegria.

Saudamos, de coração, as outras queridas Irmãs a quem pedimos se entreguem, de novo e inteiramente a Deus, para fazer sua santíssima vontade, sem acepção de pessoas e de lugares. Nesta santíssima vontade, sou, querida Irmã, vossa mui humilde irmã e serva.

C. 195 (L. 178 bis)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 12 de junho de (1647)

Senhor Abade,

Espero que a Divina Providência tenha permitido a chegada de nossas duas Irmãs (1) a tempo de fazerem (ver) às culpadas que o senhor Padre Vicente as chamava. Suplico à divina bondade tenha levado a bom termo este assunto (2). Muito me penaliza, senhor, o trabalho que nossas pobres Irmãs vos ocasionam, bem como a pouca satisfação que delas recebeis em troca de tanta solícitude vossa para que progridam na virtude. Se não me parecesse tão evidente ser Deus quem vos entregou este trabalho, ousaria pedir-vos excusas. Que teríamos feito se a Providência de Deus não tivesse permitido intervisseis tão oportunamente? Seu santo Nome seja para sempre bendito e o haver vos inspirado que

---

*(2) Ver a Carta seguinte.*

C. 195 Rc. 4 Carta autógrafa.

*(1) Provavelmente, chegada de Irmã Margarida Moreau (ver C. 317 n. 3) e Nicole.*

*(2) A leitura da Carta precedente e desta permite-nos deduzir que o senhor Abade de Vaux retardou a partida das duas Irmãs que, em parte por vontade própria, em parte por decisão pouco ponderada de Irmã Madalena Mongert - provavelmente causa da conduta das referidas Irmãs e talvez pressionada pelas outras - dispunham-se a regressar a Paris. Entretanto, à chegada das outras duas, enviadas pelos Superiores, foi possível transmitir a ordem do senhor Padre Vicente, com que o assunto não apareceria mais como uma desobediência consumada. (Nota da Tradutora).*

atrasásseis a partida das duas Irmãs (3), as quais desejo ver logo de volta. Conto com a bondade de Deus para dar a conhecer às outras a falta que cometeram, resistindo às vossas ordens, pelo que vos peço perdão. Elas precisam de uma boa humilhação! Não é de temer, senhor, que sejam desconfiadas e indiscretas a ponto de deixarem transparecer esses sentimentos àqueles de quem suspeitam e isso produzisse um mal maior? Porque, se bem que eu não acredite ser a Irmã Perrete (4) isenta das faltas de que a acusam, não obstante, custa-me crer que sua intenção tenha sido de abrir brecha, por pequena que seja, em sua reputação. É por demais desagradável existirem, na casa, pessoas a quem se deva temer.

Agradeço-vos, humildemente, senhor, por me terdes avisado o adiamento da partida das Irmãs. Estava muito preocupada, pois a Irmã Madalena nos comunicara que já haviam saído. Imaginava mesmo que sua severidade houvesse contribuído para esse retorno apressado. Para mim é grande tranquilidade e grande consolo saber que Deus porá, de novo, tudo em ordem por meio de vossa caridade, de quem sou, em seu santíssimo amor, senhor Abade, vossa mui obediente e humilde serva.

C. 196 (L. 308)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 15 de junho de (1647)

Senhor Abade,

Quarta-feira tive a honra de responder à carta que me fizestes a gentileza de enviar para comunicar-nos a vinda das duas Irmãs (1) que ainda não chegaram. Isso me preocupa um pouco. Espero, senhor, que as que (2) foram servirão de incentivo à pequena Comunidade, por seu espírito de doçura e mansidão de que tanto ela se ressentia.

Falei com as Damas da Caridade sobre a bolsa de estudos clericais, pen-

---

(3) A partida de Perrete, de Sedan e de Maria Marta Trumeau (ver C. 72 n. 4).

(4) Perrete de Sedan que chegara em julho de 1646 a Sedan. Como vemos, regressava a Paris, em junho de 1647. Deixou a Companhia em julho seguinte (ver [Coste III, 212).

C. 196 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) Perrete de Sedan (ver C. 195 n. 4) e Maria Marta Trumeau (ver C. 72 n. 4).

(2) Margarida Moreau (ver C. 317 n. 3) e Nicole.

sando ser este o melhor caminho para atender o parente da senhorita Gonain, desejoso de terminar seus estudos em Paris. Segue, senhor, o que sobre esse particular me disse a senhora de Traversay (3) que tem muita influência lá. Peçovos, humildemente, senhor, a fineza de dar ciência à senhorita, sua irmã, e, se estiverdes de acordo, que ele venha. Uma palavra vossa à referida senhora será de grande valia.

Espero que dentro poucos dias, o senhor Padre Lambert (4) estará em Angers. Pedi-lhe que, antes de viajar, procurasse saber do senhor Padre Vicente sobre a decisão a respeito da senhorita Gonain (5). Se Deus quiser, não deixarei de lembrá-lo disso na primeira ocasião. Ele agradeceu a Deus pela determinação que vossa caridade tomou de servir o público, dessa forma; isso lhe parece muito útil. Gostaria muito de também poder participar, (*porém*), o farei louvando a Deus por tudo o que sua bondade fará por vosso intermédio, de quem sou, em seu ssanto amor, mui obediente e humilde serva.

C. 197 (L. 179)

*Ao senhor Padre Portail  
Roma*

21 de junho de 1647

Senhor Padre

Há muito tempo desejava ter a honra de vos escrever, embora não me atrevesse a importunar-vos. Entretanto, o estado em que agora vos encontrais me faz vencer todos os meus temores, a fim de fazer-vos cientes da necessidade que vossas pobres Filhas da Caridade têm de vossa volta, a não ser que em vossa moléstia, confundais PARADIS (*paraíso*) com PARIS. E qué falamos então? Pois estou convicta de que a perfeição pedida por Deus a toda a Companhia requer vossa direção e vossas caridosas advertências. Vossa ausência tão prolongada tem-nos sido sobremoto penosa, se bem que eu, pessoalmente, tenho sentido consolo em pensar que estais à nascente da santa Igreja, junto a seu Chefe visível, o Santo Padre de todos os cristãos, aonde, tantas vezes desejei ir para receber, como filha, embora indigna, sua santa bênção. Porém, minha idade e minhas enfermidades, que aumentam cada dia, começam a fazer-me perder a esperança de favor tão desejado. E, como por outro lado, tenho o conhecimento da grande felicidade que, pela graça de Deus, tem sido para mim o viver e

(3) *Senhora de Travesay (ver C. 62 n. 2).*

(4) *O senhor Padre Lambert vai fazer visita em Nantes.*

(5) *Maria Gonain (ver C. 138 n. 2).*

C. 197 Rc. 2 Carta autógrafa.

querer morrer na fé de Jesus Cristo, pensei, senhor Padre, pedir-vos humildemente, por amor de Deus, obterdes para a hora de minha morte, essa graça que me poderá ser aplicada naquele momento.

Porém, senhor, queria ir ainda além e rogar-vos, se for viável, que consigais a mesma felicidade para todas aquelas a quem Deus conceda a graça de morrer na Companhia das Filhas da Caridade, pois me parece que foi o Espírito de Jesus Cristo quem inspirou escolher este gênero de vida às pessoas que Ele escolheu para honrar a vida humana que levou na terra.

Não vos parece, senhor Padre, ser isto uma grave advertência de que temos duplamente a ventura de ser filhas da santa Igreja? É, sendo assim, não teremos também um novo dever de viver e agir como filhas de tal Mãe? Isso requer uma perfeição muito grande. Voltai depressa, senhor Padre, para ajudar-nos a adquiri-la e, enquanto vos esperamos, continuai a prodigalizar-nos vossa caridosa solicitude, seja no altar, seja nas vossas orações e, no momento presente, em vossos sofrimentos.

Permiti-me, senhor, cumprimentar, respeitosamente, o senhor Padre Dehorgny (1) e o senhor Padre Alméras (2) a quem peço, igualmente, a mesma caridade que a vós.

Nossa Irmã Carcireux (3) está bem de saúde, graças a Deus. Nossas Irmãs Florência, Francisca de Montargis, Maturina, de Angers e Perrete Fleury, uma das três que vossa caridade nos enviou de Angers, faleceram, assim como várias outras não conhecidas vossas. Irmã Michelle, a grande, que mandastes também de Richelieu e outras mais saíram (*da Companhia*). Enfim, temos grande necessidade de Irmãs pois, por toda parte no-las pedem. Vede, senhor, se não nos é muito necessária a ajuda diante de Deus.

Recomendai-nos à vossa santa família e a mim em particular, que mais do que ninguém, tenho motivos para temer e duvidar de minha salvação, embora a espere da misericórdia de Deus, pelos méritos de seu Filho, em cujo amor sou, senhor, vossa mui obediente e humilde serva.

---

(1) Senhor Padre Dehorgny (ver C. 6 n. 1).

(2) Senhor Padre Renato Alméras (1613-1672). Entrou na Congregação da Missão em 1637. De 1641 a 1646, foi Diretor do Seminário, em Paris, e Assistente de São Lázaro. Foi enviado a Roma, em 1641; regressou a Paris em 1651, para assumir a direção do Colégio dos Bons Enfants. Depois de visitar as casas do oeste da França (1635) e as regiões devastadas de Picardia e Champagne (1654), regressou a São Lázaro, como Assistente. À morte do Padre Vicente, foi eleito Superior Geral da Congregação da Missão.

(3) Francisca Carcireux (ver C. 251 n.º 2).

*Ao senhor Padre Vicente  
Superior Geral dos Padres da Missão*

Hoje, 24 de junho de (1647)

Mui Honoratíssimo Pai,

Fiquei muito surpresa com vossa partida antes de nos dar as determinações necessárias para a viagem de nossas Irmãs a Montreuil (1). Se os lugares na diligência já não estivessem reservados, nós a adiaríamos; terão, entretanto de seguir quarta-feira. E, que farão elas sem a bênção e as instruções de vossa caridade, das quais têm tanta necessidade? Se nosso bom Deus não vos inspirar que nos envie as diretrizes para elas, nos veremos em apuros. Asseguro-vos, senhor, estar com o espírito tão angustiado que confesso seu eu a causa de nossas pobres Irmãs sofrerem esta contrariedade. Quanto à ida de nossas Irmãs para Nantes (2) não se efetuará, de modo algum, até que saibamos o que pensais de uma mensagem recebida, na qual nos é dito que Irmã Cat... Ba... (3), a que iniciou as revoltas no Hospital, não deve ser transferida. Ela acredita ser absolutamente necessário fazer vir para cá a Irmã Elisabeth (4) e mandar uma Irmã para a direção (5).

Creio já saberdes da chegada das Irmãs de Angers, que voltaram para cá (6). Porém, a acusada parece a mais inocente do mundo. Não me atrevi a escrever para seu pai, antes de saber de vossa caridade o que faremos com ela. Creio que ele não tardará muito a vir. Suplico ao bom Deus que, nessa ocasião, vossa caridade já esteja de volta e, com boa saúde. Dai-nos, senhor Padre, vossa santa bênção, a nossas Irmãs e a mim. Irmã Margarida Tourneton (7) foi-se embora no

---

C. 198 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: 24 de junho de 1647.

(1) Trata-se de envio de Irmã Ana Hardemont e Maria Lullen para Montreuil-sur-Mer, decisão tomada no Conselho de 19 de junho de 1647. (Coste XIII, 631); ver também as instruções dadas às Irmãs enviadas a Montreuil (Escrito 55); na ausência do senhor Padre Vicente, Luisa de Marillac realizou o Envio.

(2) O Envio de duas Irmãs a Nantes (Joana de Santo Albino e Jacqueline) e o de uma a Angers (Madalena Bécu); decisões tomadas no Conselho de 20 de junho (Coste XIII, 645).

(3) Catarina Bagard (ver C. 84 n. 4).

(4) Elisabeth Martin (ver C. 27 n. 1).

(5) Joana Lepintre que fora fazer a visita, ficou lá como Irmã Servente.

(6) Perrete de Sedan (ver C. 195 n. 4) e Maria Marta Trumeau (ver C. 72 n. 4).

(7) Margarida Tourneton (ver C. 160 n. 5).

domingo, sem dizer uma palavra e a Madre Priora escreveu-me que, indo neste manhã ao Hospital Geral, recebeu-a. Pedem-nos um vestido para devolver-nos o nosso. Nada lhe respondi e não o farei até vosso regresso. Só Deus sabe o estado de meu pobre espírito, por causa de todas essas desordens; parece que nosso bom Deus quer destruir-nos totalmente. Eu o mereço e, admira-me que sua justiça tarde tanto em executar-se. Contanto que sua misericórdia salve minha alma, isso me basta. Alcançai-me esta graça com vossa caridade, pois sou, senhor Padre, vossa muito obediente filha e humilde serva.

C. 199 (L. 213)

*Ao senhor Padre Vicente  
Superior Geral dos Padres da Missão*

Hoje, 26 de junho de (1647)

Senhor Padre,

Nossas pobres Irmãs (1) partiram esta manhã com grande tristeza por não terem recebido vossa bênção, porém, bem submissas aos desígnios da Divina Providência.

Permita Deus, em sua bondade, que vosso regresso seja em breve e, com saúde.

Toda a nossa pobre Companhia está mergulhada em grande dor, assombro e temor pela perda de nossa Irmã (2). Comenta-se em surdina, porque ninguém ousa falar sobre o fato. Aguardo vosso retorno para lhes fazerdes compreender a maneira como devem encarar esta transformação.

Parece-me, senhor Padre, que começo a fortificar-me um pouco, contanto que nada me sobrevenha. Tenho porém tanto cuidado comigo mesma, que parece ser minha mais séria ocupação o procurar meu bem-estar. Não faço o mesmo com os interesses de minha alma, embora, pela graça de Deus, tenha recobrado um pouco mais de serenidade do que quando tive a honra de escrever-vos, para vossa caridade ter idéia do estado desta que não tem outro consolo senão o da felicidade de ser, senhor, vossa mui obediente e agradecida filha e serva.

P.S. - Parece-me haver algo a censurar à liberdade de nossas Irmãs de Serqueux (3).

---

C. 199 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Ana Hardemont e Maria Lullen que partiram para Montreuil.

(2) Margarida Tourneton (ver C. 160|n. 5) que acabara de fugir da Companhia.

(3) O estabelecimento das Filhas da Caridade em Serqueux deu-se em 1645.

*À minha querida Irmã Turgis,  
Filha da Caridade, serva dos Pobres  
Richelieu*

Hoje, 27 de junho de (1647)

Minha querida (*Irmã*),

Mesmo supondo que o senhor Abade vos tenha entregue ou enviado uma carta que vos escrevi, há pouco tempo, não me furto à felicidade de escrever-vos novamente, assim que o bom Deus me oferece ocasião. E faço-o para regozijar-me convosco pelas graças que sua bondade vos outorga, às duas. Não podeis avaliar a alegria do Padre Vicente e a minha também, ao lermos vossa carta. Espero que idêntica alegria exista em vossos corações, queridas Irmãs. Mas, porque não me escreveis, Irmã Ana? Rogo-vos fazê-lo de próprio punho e letra e me comuniquéis todos o vossos segredos. Sabeis muito bem que a Irmã Turgis vos enviará com toda fidelidade, sem os ler, se não o quiserdes, embora esteja certa de que as duas formais um só coração e é esta a união a que deve pretender uma Filha da Caridade. Como sols felizes, queridas Irmãs, por terdes a direção (1) que tendes! Fazel dela boa provisão para quando a divina Providência vos chamar para outro lugar, sem ficardes pensando em quando será, vivendo na indiferença. Lembrai-vos, queridas Irmãs, de pedir a Deus por toda a Comunidade que, tão freqüentemente, disso precisa; quer para cada uma particular, quer para os serviços que Deus nos solicita.

Irmã Ana Hardemont (2) e Irmã Maria Lullen (3) de Le-Mans, foram ontem para Montreuil, para onde, há muito tempo, o senhor Conde de Lannoy (4) as pedia.

Asseguro-vos, queridas Irmãs, de que se não formos fortemente sustentadas pelo bom Deus, e pelas pessoas que se interessam por nós, teremos muito a temer de nossas infidelidades.

Todas as Irmãs estão com boa saúde, graças a Deus, e vos saúdam afeitosamente, como também eu que sou no amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs

---

C. 200 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) A direção espiritual que recebiam dos Padres da Missão, em Richelieu.

(2) Ana Hardemont (ver C. 120|n. 2).

(3) Maria Lullen, de família abastada de Le Mans, encontrava-se em Nantes, antes de ser enviada a Montreuil, em junho de 1647. Depois de sua morte, ocorrida em 1649 ou 1950, foi feita uma Conferência sobre suas virtudes. (Coste IX, 537).

(4) O senhor Padre Gauthier, Superior dos Padres da Missão de Richelieu.

mãs, vossa humilde irmã e serva.

P.S. - Peço-vos apresenteis nossos humildes cumprimentos ao senhor Padre Gauthier (5) e nos recomendeis às orações de toda sua Comunidade.

C. 201 (L. 182 bis)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, dia de São Pedro (1647)

Senhor Abade,

Eu já desconfiava que nossa boa Irmã Perrete (1) não era tão “criminosa” como quiseram fazer acreditar que fosse. Ela tem um caráter extremamente independente que manifesta não se preocupar demais com aquilo de que a acusam, pois não sente, em si, inclinação para o mal. Meu Deus, senhor Abade quanto este assunto me penaliza! Seria possível Deus repelir de tal forma o serviço que desejaríamos prestar-Lhe nesse Hospital, que chegasse a ser o único lugar abandonado por suas mãos, a ponto de permitir que as Irmãs cometessem lá, faltas tão graves? É incontestável, senhor: há má interpretação e alguns desses difamadores se empenham em desacreditar-nos perante os senhores Padres (2) e mesmo perante a cidade.

E, se já não querem nossos serviços, que no-lo digam em boa hora! porém isso de sofrer tais suspeitas e calúnias e de se dar ouvidos aos que quiseram convencer esses senhores de terem visto, à noite, três Irmãs fazendo pacotes e lançando-os pelas janelas isso, senhor, eu vos suplico, considerai se se pode tolerar! Dizem não querer acreditar na coisa, porém, de fato, crêem e talvez até, em mais do que essas línguas espalharam. Bem sei ser mais fácil deixar-se ir a suspeita do mal e a dar-lhe crédito, porém, neste caso, isso me parece de grave importância.

Vistes, senhor, como o brio ferido me faz perder o controle? Peço-vos perdão e vos suplico, pelo amor de Deus, procurardes um remédio a este mal, enquanto nos começos. A experiência da pobre Huitmille (3) deveria ter-nos feito compreender que, assim como não queria ela sair senão por indolência e pouco amor

---

C. 201 Rc. 4 Carta autógrafa. Endereço com a letra de Irmã Hellot.

(1) Perrete de Sedan (ver C. 195 n. 4).

(2) Os Pais dos Pobres, isto é, os Administradores.

(3) Catarina Huitmille que, em junho de 1646, deixou a Companhia das Filhas da Cari-

à vocação, o mesmo poderia ocorrer a uma outra. Talvez esta última não teria vontade de deixar a Companhia, se nossas Irmãs tivessem sido mais tolerantes com ela e a houvessem prevenido contra as más pessoas que pensam apenas em jogar por terra a reputação daqueles a quem, em verdade, não podem imputar mal algum. Não é que com isso queira eu dizer que nossa Irmã esteja isenta de toda culpabilidade, senhor, nem mesmo não ter sido a primeira causa da difamação. Porém, como já vos disse, foi por seu temperamento alegre e folgazão e, é certo, muito distante do mal que se lhe imputou. A prova disso é que não tem o menor meio de apresentar-se diante de seu pai; ao contrário, quer voltar com ele e assim, nós a perdemos.

Gostaria bem, senhor Abade, que se soubesse que nossas Irmãs não são, como se pensa, pessoas desconhecidas e recolhidas por aí. Posso assegurar-vos que não admitimos nenhuma, sem as devidas e comprovadas informações.

Dirijo-me a vós, como a verdadeiro Pai que Deus nos deu. O tempo urge e não posso permitir-me a honra de escrever ao senhor Padre Ratier que tanto lutou para tirar-nos desta péssima situação. Realmente, sinto-me envergonhada quando penso sermos para vós e para ele, semelhante carga, sem dar-vos, em troca, nenhuma consolação, a não ser que Deus vos faça perceber ser essa a Sua vontade. Assim Lhe suplico de todo coração e sou, em seu santo amor, senhor Abade, vossa mui humilde e obediente serva.

C. 202 (L. 183)

*À minha querida Irmã Ana-Elisabeth (Hardemont) (1)  
Filha da Caridade,  
Serva dos Pobres, da cidade de Montreuil-sur-Mer  
Hospital de Montreuil*

(junho de 1647)

Queridas Irmãs,

Louvo a Deus por vossa feliz chegada a Montreuil! (2) Acredito que o mal-estar de Irmã Maria (3) terá sido ocasionado pelos solavancos da diligência e

---

*dade. Sua saída rápida e imprevista impressionou às Irmãs e a todos que a rodeavam. (Assim consta numa carta do Padre Ratier à Luisa de Marillac).*

C. 202 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Ana Hardemont (ver C. 120|n. 2).

(2) As Irmãs saíram de Paris, no dia 26 de junho.

(3) Maria Lullen (ver C. 200|n. 2).

agora já esteja restabelecida e pronta para servir seus pobres. Aguardamos ansiosas essas notícias mais detalhadas que nos prometestes e pedimos a Deus serem segundo sua santíssima vontade. Peço-vos, Irmã Ana, não sejais preguiçosa para escrever. Respondei à Irmã Guilhermina (4). Mandai-nos notícias da família de Irmã Antoinette (5) que está em Nantes, a fim de podermos lhas transmitir. Ela vai bem, graças a Deus! Se não souberdes quem são seus familiares, podeis perguntar ao senhor Conde (6). Lembrai-vos sempre, queridas Irmãs, que foi a santíssima vontade de Deus que vos colocou nesse lugar e, para cumprir essa vontade é que trabalhareis como o faria o embaixador do Rei. Isto é, praticareis, com toda fidelidade, vossa regras e avisos de vossos superiores, com um coração manso e humilde, olhando sempre, antes de tudo, os interesses das pessoas com quem trabalhamos, sobrepondo-os aos nossos, inclusive aos da Companhia. Assim nos tem ensinado o nosso Honoratíssimo Pai, depois de tê-lo aprendido com o Filho de Deus, Jesus Crucificado, em cujo amor sou, minhas queridas Irmãs, vossa mui humilde e afetuossíssima serva.

C. 203 (L. 188)

### *Ao senhor Padre Vicente*

(julho de 1647)

Senhor Padre,

Finalmente a experiência nos fará ver que não me faltava razão, para temer a instalação em Bicêtre (1): estas Damas têm o propósito de pedir às Irmãs o impossível. Escolhem para alojá-las os menores quartos, onde depressa o ar ficará corrompido e deixam desocupados os mais espaçosos. Nossas pobres Irmãs porém, nada ousam dizer. Não querem que haja Missa na Casa e as Irmãs devem ir ouvi-la em Gentilly. Enquanto isso, que farão as crianças? Quem se encarregará dos trabalhos e serem feitos? A Irmã Genoveva (2) vai estar convosco. Ro-

---

(4) *Guilhermina Chesneau que esteve na paróquia de São Paulo, de Paris, com Ana Hardemont.*

(5) *Antoinette Larcher, natural de Montreuil-sur-Mer. Viajou para Nantes com Luisa de Marillac, em julho de 1646. Regressou a Paris em 1647. Deixando a Companhia, voltou para sua terra.*

(6) *O Conde de Lannoy (ver C. 71 n. 10).*

C. 203 Rc. 2 *Carta autógrafa. Dorso: julho de 1647.*

(1) *Bicêtre (ver C. 94 n. 4). Acabava de ser feita a transferência das Crianças Abandonadas para o referido "castelo".*

(2) *Genoveva Poisson (ver C. 97 n. 2).*

go-vos a bondade de atendê-la, pois vos explicará todo o sofrimento porque passam e as pretensões das Damas. Receio muito se torne necessário deixarmos o serviço dessas pobres criancinhas. Faça-se a vontade de Deus! pela qual sou, senhor Padre, vossa mui obediente e gratíssima filha e serva.

P.S. - Vossa caridade, por favor, se lembre de que nossas duas senhoras estarão prontas para se confessar, amanhã de manhã, se vos for possível.

C. 204 (L. 200 bis)

*(À Irmã Ana Hardemont,  
em Montreuil-sur-Mer)*

(1647)

Por amor de Deus, querida Irmã, tende grande afabilidade para com os pobres e com todos. Esforçai-vos por contentá-los tanto com palavras quanto com atitudes. Isso vos será fácil se alimentardes em vós grande estima por vosso próximo: os ricos porque estão acima de vós; os pobres, porque são vossos senhores.

Quanto aos animais que possuis, se é verdade que vos tomam o tempo que teríeis de dar aos doentes e às alunas, deveis desfazer-vos deles. Nada de tomar alguém para vos ajudar. Permiti-me dizer-vos querida Irmã, que precisamos pôr mãos à obra, sem pensar estardes aí apenas de passagem. Mesmo se tivéssemos de ficar num lugar apenas oito dias, deveríamos aí trabalhar como se fôssemos permanecer por toda a vida. É preciso haver boa harmonia entre vós; cada um deve ficar contente com o que faz a outra e não dizer: "Compete a mim fazer isso ou aquilo". Ao contrário, ponham-se as duas a fazer tudo.

Peço-vos, querida Irmã, não deixeis de ensinar tanto o Catecismo, como os bons costumes ou outros avisos úteis. Nada de dizer: "Vou dar Catecismo" ou "Vinde ao Catecismo". Não nos compete falar, nem ensinar deste modo; mas diremos: "Vamos fazer a leitura". E, com o livro na mão, podeis dar alguma explicação familiar, nunca porém, nada de elevado. Sabeis muito bem que uma pode equivocar-se e isso seria de grande responsabilidade se houver muitas alunas ou doentes ou presença de muitas jovens à leitura dos dias de festa...

C. 205 (L. 184)

*À minha querida Irmã Elisabeth Martin (1)*  
*Filha da Caridade*  
*Angers*

Hoje, 10 de julho de (1647)

Minha querida Irmã,

Fiquei grandemente admirada ao saber que estáveis em Angers. Deve ter havido um motivo muito grave para que vos antecipásseis à obediência. E, se não for assim, não me poderia imaginar que Irmã Elisabeth cometesse tamanha infidelidade. Por isso, querida Irmã, o senhor Padre Vicente encarregou-me de vos pedir que nos comuniquéis, com detalhes, a causa dessa viagem e vos ordena não arredar o pé de Angers até que nos tenhais informado tudo e recebido nossa resposta. Não deixeis de fazê-lo, caríssima Irmã, e de cumprimentar, mui humildemente, o senhor Abade (2) e os senhores Padres Ratier (3) e Fellet (4), se os virdes.

Recomendai-me a todas as nossas Irmãs e dizei-lhes para nos (*darem*) notícias o quanto antes. A todas saúdo, no amor de Jesus Crucificado e sou, querida Irmã, vossa humilde irmã e serva.

C. 206 (L. 186)

*À minha querida Irmã Turgis,*  
*Filha da Caridade ao serviço dos Pobres*  
*em Richelieu*

Paris, 10 de julho de (1647)

Minha querida Irmã,

Em tão pouco tempo, vos escrevi duas vezes e peço que me informeis se re-

---

C. 205 Rc. 3 *Carta autógrafa. Endereço com letra de Irmã Hellot. Outra pessoa riscou Angers e pôs Nantes.*

(1) *Elisabeth Martin, Irmã Servente de Nantes, foi a Angers. Que teria provocado tal decisão? Seu grande cansaço e as dificuldades? A chegada de Irmã Joana Lepintre?*

(2) *O Abade de Vaux (ver C. 16 n. 1).*

(3) *O Senhor Padre Ratier (ver C. 82 n. 2).*

(4) *O senhor Fellet, Padre de Angers.*

C. 206 Rc. 3 *Carta com letra de Irmã Hellot. Sem assinatura. Lacrada com o selo da Companhia.*

cebestes a que entreguei ao senhor Abade de Vaux e também me deis notícias de vossa pequena família.

Esta é para dizer-vos que o senhor Padre Vicente me encarregou de vos advertir que, caso recebais aviso do senhor Padre Lambert (1) ou de Irmã Joana Lepintre (2) para irdes a Nantes, não vos demoreis a pôr-vos a caminho tão logo recebais tal ordem. Pedi ao senhor Padre Gauthier (3) que vos empreste o dinheiro para a viagem e nós lho pagaremos aqui, quando soubermos quanto foi. E, uma vez em Nantes, por favor, fareis o que a obediência vos mandar.

Lembraí-vos sempre de nós em vossas orações e, de maneira especial rezai por quatro Irmãs que vieram de Saintonge (4) e algumas outras todas recém-vindas. Dentro de pouco tempo serão as donas da casa, pois, aqui há poucas antigas. Contanto que Deus seja o verdadeiro Dono de tudo, estaremos muito felizes. Em seu santo amor, sou, minha querida Irmã, vossa muí humilde e afeuosíssima serva.

P.S. - Dizei à Irmã Ana que não seremos boas amigas enquanto não me esquecer; mesmo assim, não deixo de cumprimentá-la.

C. 207 (L. 185)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre,  
Serva dos Pobres doentes  
Nantes*

(10 de julho de 1647)

Minha querida Irmã,

Ontem recebemos notícias de que a Irmã Elisabeth (1) tinha ido a Angers e o senhor Padre Vicente me mandou dizer-lhe que permanecesse lá, até receber ordens nossas. Por isso, querida Irmã, tereis apenas de resolver, e depressa, o

---

(1) O senhor Padre Lambert estava fazendo a visita em Nantes.

(2) Também estava em Nantes, a Irmã Joana Lepintre: veja-se a carta seguinte.

(3) Senhor Padre Gauthier, Superior dos Padres da Missão de Richelieu.

(4) Saintonge: antiga região da França, situada ao sudoeste. Sua capital era Saintes. (Nota do Padre Castañares a esta carta).

(5) Ana, de Richelieu (ver C. 175 n. 4).

C. 207 Rc. 3 Carta autógrafa. Endereço: letra de Irmã Hellot.

(1) Irmã Elisabeth Martin (ver C. 27 n. 1).

outro assunto (2), quando o senhor Padre Lambert chegar aí. Podeis propor-lhe como companhia para a outra (3), a Irmã Henriqueta (4) ou a Irmã Cláudia (5). No caso de não lhe parecer oportuno servir-se de uma ou de outra, perguntai-lhe (ao senhor Padre Lambert), por favor, se não seria conveniente chamar para isso, a Irmã Turgis em Nantes, rogando-lhe fazê-lo imediatamente. Dizei-lhe ser o senhor Padre Vicente quem me manda fazer-lhe semelhante proposta; porém, que por obséquio, ele não saia daí de Nantes enquanto essa Irmã (3) não tiver partido, pelo menos dois dias antes dele e que, de modo algum ela passe por Angers.

Meu Deus, querida Irmã, quanta necessidade tendes de sua graça para levar a cabo o que Deus vos confiou! Nada façais porém, sem o parecer do senhor Padre Lambert e do senhor des Jonchères (6). Nada faleis com ninguém, a não ser com eles e com a boa senhora de la Carisière (7) a fim de explicar-lhe que tanto o senhor Padre Lambert como vós, nada faríeis sem a ordem do senhor Padre Vicente, a quem de nenhum modo atreveríeis a desobedecer. É indiscutível: se ela contribuir para que os Administradores aceitem e aproveem a transferência que vos vedes obrigada a fazer, tende a certeza de que Deus concederá novas bênçãos a essa santa obra e a seus trabalhos.

Seguem umas pilulas que para ela envio, bem como a receita para fazê-las. Caso necessiteis de algumas, podeis pegá-las. Sabeis porém, que o melhor modo de usar remédios é servir-se deles poucas vezes. Falai com essa boa senhora sobre o bem que elas operaram: farão desaparecer a grande dependência a que, diariamente, a reduzem as suas enfermidades.

Assegurai a todas as nossas Irmãs, em geral e a cada uma em particular, a afeição que lhes tenho e dizei-lhes que todas essas desordens e murmurações me fazem esperar um grande bem, quando aprover à bondade de Deus fazê-las cessar. O comum do diabo é opor-se, sempre, às melhores ações. Recomendo a todas o serviço dos doentes, rogando-lhes terem por ele grande desvelo. Contaram-me que, há pouco, morreu aí uma moça sem assistência (8); isso ocorreu porque muitas Irmãs estavam pela cidade. Se for verdade, admira-me grandemente pois, elas não devem sair. Meu Deus! Irmãs, como temos motivos para

---

(2) Fazer sair a Irmã Catarina Bagard, uma das responsáveis pela formação de partidos ou grupinhos na Comunidade.

(3) Catarina Bagard (ver C. 84 n. 4).

(4) Henriqueta Gesseume (ver C. 86 n. 1).

(5) Cláudia Carré (ver C. 561 n. 5).

(6) Senhor des Jonchères, conselheiro das Irmãs (ver C. 161 n. 3).

(7) Uma senhora de Nantes.

(8) Uma carta de Irmã Margarida Noret à Mademoiselle, datada de 18 de março, comunica-lhe tal fato. (Ver Annales 1979, 477-478).

nos humilhar, vendo-nos objeto de falatórios e desprezo do moradores de Nantes, que nos haviam chamado para remediar as desordens da casa de Deus e nós a profanamos a tal ponto, na opinião dos homens. E tudo isso por apego a nosso amor próprio, à nossa própria satisfação. Gostaria de poder fazer penitência e vos asseguro de que todas as vezes que ouço alguém elogiando nossa Companhia, fico vermelha de vergonha, pensando nas confusões de Nantes. Suplico à bondade de Deus conceder-nos o remédio que à sua bondade parecer necessário para nós e sou em seu santíssimo amor, querida Irmã, vossa mui humilde serva e irmã afetuosíssima.

P.S. - Guardai reserva sobre o ter eu escrito à Irmã Elisabeth para não voltar imediatamente. Dizei a nossas Irmãs que o povo de Nantes está murmurando contra elas mais do que poderiam imaginar e, por coisas muito sérias. É o Maligno que faz esses jogos e não sairá vitorioso se se juntarem e se unirem junto à Cruz, como pintinhos sob as asas de sua Mãe, quando ameaçados pelo mocho.

Em meu nome, cumprimentai o senhor Padre Lambert.

C. 208 (L. 187)

*À minha querida Joana Lepintre,  
Filha da Caridade,  
a serviço dos Pobres doentes, em Nantes*

Hoje, 22 de julho de (1647)

Minha querida Irmã,

Deixastes-nos muito preocupadas com a falta de notícias vossas. Deus seja bendito por terdes chegado bem! Ainda estão comigo vossas cartas para o senhor Padre Vicente; isso deve poupar-vos o desgosto de ele não vos ter escrito. Sabeis o quanto é sobrecarregado de ocupações. Entretanto, não hesiteis em aumentar o número delas, escrevendo-lhe toda vez que necessitardes. Conheceis sua caridade!

Tinha eu certeza de que iríeis encontrar aí muitas dificuldades, porém, só pela metade vos lamento, pois, tendes o senhor Padre Lambert para tudo solucionar, cabendo-vos apenas procurá-lo e comunicar-lhe o que fordes observado. Parece-me que nada vos disseram a respeito da Irmã Henriqueta (1) a não ser que acompanharia a outra Irmã (2) que, possivelmente, não queira vir de ou-

---

C. 208 Rc. 3 Carta autógrafa. Endereçada por Irmã Hellot.

(1) Henriqueta Gesseume (ver C. 86 n. 1).

(2) Catarina Bagard (ver a carta anterior).

tro modo.

Tudo o que me contaes estarem as Irmãs fazendo é absolutamente oposto ao contrato assinado com os senhores Administradores, como por exemplo, irem fora ao mercado. As Irmãs deveriam comprar somente peixes e aves, e, isso se pode fazer em menos de uma hora. Quanto às verduras, frutas, ovos etc. tudo seria levado ao hospital, pelas vendedoras. A manteiga faz parte das provisões (da despensa) da casa, que os senhores Administradores haviam prometido mandar fazer. Também o seriam a lenha, vinho, vinagre, óleo e outras coisas de primeira necessidade. Conversai sobre o assunto, com o senhor Padre Lambert.

Como vossas cartas chegaram todas ao mesmo tempo, não podemos ter idéia do verdadeiro estado em que, atualmente, se encontra a Irmã que, segundo me dissestes, está procurando colocação. Quanto às saídas de Irmã Elisabeth (3) e suas comunicações em busca de alívio, conversai sobre isso com o senhor Padre Lambert. Espero que ele tudo solucione, assim como o terem as Irmãs de ir ao campo e em busca de ervas. Não há necessidade de prover assim a farmácia; basta terem os medicamentos comuns e indispensáveis; de outro modo, se gastaria, inutilmente, muito dinheiro. Quanto ao que o rapaz está fazendo, não creio ser conveniente falar-lhe diretamente. Levai, porém, ao conhecimento do senhor Padre Lambert o que sabeis a respeito. Ele então, por intermédio dos senhores Administradores, saberá pôr ordem na situação, pois, consta que estão dispostos a fazer tudo o que for preciso para a tranquilidade das Irmãs e bem do Hospital. A respeito de terem o moço como ajudante, creio haver-lhe dito, eu mesma, que as Irmãs lhe falariam com bondade e caridade o que teria de fazer e, era preciso viver em paz, suportando mutuamente os defeitos uns dos outros.

Vede bem, querida Irmã, eu não diria outra coisa a uma pessoa que não conheço! Falei-lhe, unicamente, que deveria se encarregar de prover de água o hospital e fazer os serviços mais humildes.

Não penseis pois, ser possível suprimir, por completo, as maledicências e calúnias, mas, sim, que deveis sofrê-las, pois Nosso Senhor viveu e morreu em tão grande paz, no meio de seus caluniadores.

Pelo próximo correio, dai-me notícias e dizei-me em que ficou vosso ameaço de fluxão (4). Rogo-vos, querida Irmã, cumprimentar, respeitosa-

---

(3) Elisabeth Martin, Irmã Servente até então.

(4) Fluxão: 1) afluxo de sangue ou outros líquidos em certos tecidos; 2) acumulação mórbida de humores em certos órgãos; 3) aumento de volume por retenção de sangue venoso; 4) congestão; 5) tensão intelectual, moral, nervosa.

Joana Lepintre apesar de ter sido "uma moça muito boa, judiciosa e meiga", no dizer de São Vicente, e, de ter trabalhando e sofrido durante muito tempo, tornou-se depois hipochondriaca, chegando a ser incapaz de fazer o que lhe era pedido e de outros julgamentos senão os próprios, os ditados por sua cabeça. Piorando, piorando, seus últimos

O Padre Lambert e a todos os outros senhores Padres a quem não posso hoje escrever, por falta de tempo. Também saúdo a senhorita de la Carisière. Enviar-lhe-ei, pelo próximo correio, a receita pedida e o modo de usá-la.

Todas as nossas Irmãs cumprimentam-vos cordialmente; o mesmo faço eu a todos daí. Desejo-lhes de coração, o amor e propósito de cumprir a santíssima vontade de Deus, na qual sou, minha querida Irmã, vossa mui humilde e afetuosíssima irmã e serva.

P.S. - O senhor Padre Lambert, se o julgar oportuno, concederá à Irmã Brigida (5) o que há tanto tempo deseja.

C. 209 (L. 189)

*À minha querida Irmã Joana,  
Filha da Caridade,  
Serva dos Pobres, no Hospital de Nantes*

Hoje, 30 de julho de (1647)

Minha querida Irmã,

Acho que o senhor Padre Lambert está demorando muito a chegar a Nantes (1). Peço ao bom Deus que sua caridade já esteja por aí, a fim de resolver com presteza, os nossos assuntos, embora sem nenhuma precipitação. Rogo-vos ler, com freqüência, seus avisos e, sobretudo, prestar atenção para que vosso espírito não se deixe levar a prevenções, acreditando apressadamente nas coisas que vos contarem, ou adiantando juízos sobre o que vos pareça ver ou servir. Se assim o fizerdes, espero da bondade de Deus que tudo correrá bem. Por favor, apresentai minhas escusas às Irmãs por não lhes escrever; fazei-o, principalmente, junto à Irmã Catarina (2) que me enviou uma carta. Dizei-lhe que sou sempre a mesma e a amizade que Deus me deu por ela, em nada diminuiu. Nos-

---

*dias se passaram tristemente no "Nome de Jesus", onde ficou internada por causa de alucinações (Cf. Coste I, 499).*

*Esta fluxão a que se refere Santa Luisa seriam sintomas de depressão? de hipertensão? de esgotamento nervoso? (Nota da Tradutora).*

*(5) Cláudia Brigida solicitava a graça de fazer os votos. O senhor Padre Lambert lha concedeu. (Ver sua carta ao senhor Padre Vicente e a Luisa de Marillac, de 26 de julho de 1647).*

C. 209 Rc. 3 Carta autógrafa.

*(1) Fazia vários dias que o senhor Padre Lambert estava em Nantes.*

*(2) Catarina Bagard (ver C. 84 n. 4).*

sas Irmãs de Montreuil (3) estão fazendo maravilhas, graças a Deus. O senhor Conde (4) está muito contente com isso. Elas me mandaram dizer que a mãe de Irmã Antoinette (5) vai bem de saúde e jamais teve maior alegria que a de saber sua filha na nossa Companhia. Se eu dissesse (*a esta senhora*) tudo o que nossa Irmã me encarrega de lhe falar, poderia até pensar serem coisas minhas. Mas, pelo que vejo, ela não é muito fiel à regra, pois escreveu sem que eu o soubesse e serviu-se de caminho que não o nosso. Dizei-lhe, minha Irmã, vo-lo peço: não me posso impedir de temer por ela. Recomendo-me a todas as Irmãs; dizei-lhes que espero me conceda Deus forças suficientes para lhes escrever e isso, quando soube que todas estão no estado em que sua bondade as quer. Cumprimentai também a todas os senhores Administradores, pedindo-lhes me desculpem, pois não tendo sabido nada de novo, temia tornar-me importuna.

Dei-me, sim, a liberdade de tomar algumas refeições nos Mosteiros das Filhas (*de*) Santa Maria, quando passei por algum. Porém, querida Irmã, é preciso ter-se cuidado para que tal coisa não se torne um costume. Minhas indisposições e dificuldade de locomover-me me obrigam, às vezes, a cometer faltas nas quais, querida Irmã, não deveis cair, nem tão pouco, nossas Irmãs. Por isso, será bom que, em vossas conversas e recreios, advirtais dessas coisas a todas as Irmãs. Quem me chamou a atenção foi o senhor Padre Vicente, quando sua caridade fez o envio de uma Irmã para Fontainebleau (6), e lhe falei sobre a liberdade que outras Irmãs haviam tomado, ao passar por Melun. E da fluxão (7), querida Irmã, como estais? Preocupamo-nos convosco e vos peço dar-nos notícias. Suponho terdes recebido outra carta minha em que também vo-las pedia.

Cumprimentai a senhorita de la Casière e a senhorita de Belestre (8), assegurando-as de minha afeição e desejo de servi-las. Conversei com o senhor Padre Vicente sobre os seus assuntos; porém, podeis falar-lhe dos muitíssimos negócios e ocupações que sua caridade tem e que tomou a resolução de não intervir em assuntos que não sejam da Igreja. Apresentai também meus respeitosos cumprimentos ao senhor Padre Lambert e aos senhores Capelães. Ao doentinho podeis dizer-lhe que já enviei sua carta; entretanto, ainda não recebi resposta. Se quiser escrever outra vez, poderá e, talvez, finalmente a termos. Recomendo-me a todas as boas senhoras do Hospital e, às suas orações. Seria para mim um grande consolo poder gozar, uma vez mais, da felicidade de vê-las.

---

(3) Ana Hardemont e Maria Lullen haviam seguido para Montreuil a 26 de junho.

(4) O Conde de Lannoy,, fundador de Montreuil (ver C. 71 n. 10).

(5) Antonieta Larcher (ver C. 202 n. 5).

(6) Bárbara Angiboust enviada a Fontainebleau, em agosto de 1646.

(7) Fluxão (ver Carta anterior).

(8) Senhoras de Nantes que ajudaram na fundação das Filhas da Caridade, na dita cidade.

Bem, querida Irmã, só me resta tempo para assegurar-vos que tudo aqui vai bem, graças a Deus e que sou, no amor de Jesus Crucificado, minha querida Irmã, vossa mui obediente irmã e afetuosíssima serva.

P.S. - Não tenho tempo de terminar a receita da senhorita de la Carisière. Fica para o próximo correio.

C. 210 (L. 192)

*Ao senhor Padre Vicente*

(22 de agosto de 1647)

Senhor Padre,

Se vossa caridade concordar, julgo ser conveniente continuar aqui (1) até conseguir professora capaz de ensinar às meninas a ler e costurar. Isso, supondo nada haver de urgente em casa, que me obrigue a voltar. Entretanto, preciso fazer, à vossa caridade, uma súplica: por amor de Deus, fazei-me o obséquio de ir ver nossas cinco Irmãs que deixei em retiro espiritual, sem ter podido ocupar-me melhor delas e deixando-as esperar que voltaria esta tarde ou amanhã de manhã. Há uma de Saint Germain-en-Laye, uma de Nanteuil, uma da aldeia de Issy e a que acredito deva se despedida de São Dionísio, pois, não me parece apta. As outras têm muita pressa de voltar e seria preciso que o fizessem, o mais tardar, no próximo sábado. A quinta (*Irmã*) é a que designei para professora de nossas crianças. Pensei, senhor, que seria muito necessário que nos cedêsseis, sem tardar, um Padre, por duas razões: uma para ensinar aos meninos e a outra, porque suponho, senhor, que o primeiro a tomar posse, permanecerá depois. Hoje, pela manhã, faleceu uma criança e tomei a liberdade de dizer ao Padre que virá para o enterro, se não lhe causar grande transtorno, em vez de vir de tarde, nos fizesse a caridade de fazê-lo pela manhã, e assim aproveitaria para celebrar a Missa.

Se julgardes necessário que as Irmãs vão à vossa casa para conversar convosco, tende a bondade de lhes dizer, antes que deixar de falar com elas. Seria grande prazer para toda a família se o fizésseis, lá em nossa casa.

Se vossa caridade for de opinião que nossas Irmãs falem com o senhor Procurador Geral para lhe lembrar as necessidades que já lhe expuseram, parece-

---

C. 210 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorsó: mês de agosto de 1647.

(1) Luisa de Marillac havia ido a Bicêtre, onde dava prosseguimento à instalação das Crianças Abandonadas.

me que, para isso, a mais indicada seria a Irmã Genoveva (2), pois as outras não saberiam fazê-lo tão bem. Deveria afirmar-lhe ser preciso fazer uma provisão completa de lenha.

As Damas não pensaram em dispor um lugar para a escola. Vimos um, no térreo, muito indicado para os meninos, pois, devemos separá-los das meninas. Basta, apenas, abrir uma porta e fechar algumas janelas. A sala das meninas seria no andar de cima. Gostaria de ter quadros de alfabeto para colocar nas paredes. Este é o método usado pelas Ursulinas de alguns lugares. Não me refiro à escrita, porque não me parece conveniente que as meninas aprendam a escrever. Na realidade, meu Honoratíssimo Pai, pode-se esperar muito bem desta obra, se aprouver ao bom Deus continuar concedendo-lhe suas bênçãos. Peço-vos a vossa, de todo coração, por seu santo Amor, para que nisto se cumpra em mim, sua santa vontade e sou, senhor, vossa muito obediente e gratíssima filha e serva.

P.S. - Esquecia-me de vos pedir licença para jejuar e abster-me de carne, amanhã, sexta-feira; penso estar em condições. Assim o farei se vossa caridade não me proibir.

C. 211 (L. 193)

(À Irmã Hellot) (1)  
Paris

(agosto de 1647)

Querida Irmã,

Louvo a Deus pelas graças que concede à nossa pequena família e rogo à sua bondade lhe conceder sua paz e santa bênção.

Peço-vos sejam, sem falta, enviadas a Liancourt, as nossas cartas.

Solicito ao senhor Padre Vicente ir falar com nossas Irmãs e, a vós, que todas elas estejam prontas para regressar a seus trabalhos, no sábado, com exceção de Irmã Carcireux (3) que ficará por algum tempo, na Casa.

Rogo-vos mandar comprar um|centode agulhas, 25 ou 30 dedais e um|cento de livrinhos como|aquele de Du Pons. As agulhas devem ser da mesma espé-

---

(2) Irmã Genoveva Poisson (ver C. 97 |n. 2).

C. 211 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Irmã Hellot, a secretária de Luisa de Marillac.

(2) As Filhas da Caridade estabeleceram-se em Liancourt em 1642 (ver C. 76 n. 3).

(3) Francisca Carcireux (ver C. 251 |n. 2).

cie. Enviei-me também alguns lençóis, uma meia dúzia próprios para se fazer fraldas. Se a Irmã Juliana (4) tiver linha, no-la enviará. Tudo isso é para se ensinar costura às meninas.

Fazei-me o favor de perguntar ao senhor Padre Vicente se tem cartões de alfabeto impressos e, em caso afirmativo, no-los mandar. Se as Irmãs de Nantes (5) chegarem antes de meu regresso, nenhuma virá aqui, sem antes me informar. Recebei-as, porém, em meu nome, com muito carinho.

Rogo-vos não deixeis de avisar ao senhor Vacherot quando chegar a lenha e, que ela não nos falte.

Seria preciso informar-vos com a senhora du Bois ou com a senhora La Ramée se, no bairro, há algum medidor de lenha. Vereis quanto falta para as Criancinhas, a fim de ser calculada a que teremos de trazer de outra parte. Não vos esqueçais dos feixes de lenha fina, porém, só comprareis os bons. Peço-vos também, querida Irmã, que haja alguém presente à medição de lenha em São Dionísio e, em seguida, no transportar.

Verificar, quando a Irmã Margarida de Vienne chegar, se a fatura que Irmã Francisca (6) encontrou, já está paga.

Com todo o coração, saúdo todas as minhas queridas Irmãs. Suplico-vos, por amor de nosso amado Mestre, Jesus Crucificado, que trabalheis em vossa perfeição, mediante a observância das regras, a cordialidade e respeito que te-reis umas para com as outras e a edificação que deveis dar através de vossas palavras e ações. Enfim, queridas Irmãs, se permanecerdes na presença de Deus, sua bondade não deixará de vos dizer o que deseja de vós, tanto na mortificação dos sentidos e paixões, como também na prática das virtudes que Ele deseja ver em vós, a fim de lhe serdes agradáveis. Receio faltar à palavra, com relação a meu regresso; mas, julguei necessário demorar-me um pouco mais, em vez de ter de voltar logo aqui. Sabeis, querida Irmã, que meu coração está aí convosco e que sou, em toda a extensão de meu afeto, vossa humilde irmã e serva.

P.S. - Esforçai-vos, querida Irmã, para que as crianças pequenas estejam amanhã bem cedo na feira. Como vai a Irmã Luísa? (7). Rogo-vos também, querida Irmã, responder à Irmã Joana (8). Não me lembro do que me perguntou, mas, sim, de que ela não deve se preocupar com a senhorita e nem falar com o gentil homem.

---

(4) Juliana Loret (ver C. 253 n. 1). Estava sendo feita a mudança das Crianças Abandonadas para Bicêtre.

(5) Catarina Bagard e Antoinette Larcher. Ambas deixaram a Companhia.

(6) Francisca Le Roseau (ver C. 284 n. 2).

(7) Luísa Cristina Rideau (ver C. 160 n. 7).

(8) Joana Lepintre que está em Nantes.

*À minha querida Irmã Joana Lepintre (1)  
Filha da Caridade,  
Serva dos Pobres doentes (Nantes)*

(agosto de 1647)

Querida Irmã,

Quanto trabalhastes! Deus seja bendito! eternamente bendito por isso e pelo acerto que sua bondade deu ao senhor Padre Lambert em toda esta tarefa! Gostaria que me pusésseis a par de todos os pormenores. Esperarei por eles, a fim de poder agradecer a todos esses bons senhores que vos deram tamanha ajuda e pedir-lhes que continuem vo-la concedendo. Porém, em nome de Deus, querida Irmã, tomai cuidado para que nenhuma de nossas Irmãs tenha motivo para pensar que suspeitais que ela tem algum apego ou outro defeito qualquer. Podereis adverti-las, jeitosamente, e a todas, em geral, do mal que particularmente temeis. Além disso, o exemplo das outras e o remédio que o próprio Deus aplicou ao caso, muito vos ajudarão.

Pois bem, minha cara Irmã, a divina Providência vos segura em Nantes, por algum tempo. Espero de sua bondade que tire muita glória disso.

Penso que a boa Irmã Catarina (2) ficou bem surpreendida e ainda que vos tenha demonstrado estar muito contente de voltar para cá, a verdade é que não esperava que as pessoas que lhe haviam manifestado tamanha boa vontade, pudessem consentir em sua saída. A ela, realmente, devemos grandes favores. Escreverei em particular a todas as nossas Irmãs, em diferentes correios, quando receber, de novo, mais notícias vossas.

Peço-vos, minha cara Irmã, que me informeis se é verdade que o pessoal critica por haver tantas Irmãs (3) ao serviço dos doentes, dizendo que antes três ou quatro criadas eram suficientes. Se, em consciência julgardes poderiam ser menos, avisai-nos. Nada mais me dissestes sobre vossa fluxão (4) o que me faz esperar ter sido apenas um ameaço. Cuidai bem de vossa saúde em meio a tanto trabalho e o desejo que tendes de vos consumir por Deus, assim como o exemplo que vos parece serdes obrigadas a dar a nossas Irmãs, não vos impeçam de

---

C. 212 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1) ficaria em Nantes, como Irmã Servente.

(2) Catarina Bagar (ver C. 84 n. 4).

(3) Depois das transferências ocorridas, ficaram no Hospital de Nantes oito Irmãs.

(4) Fluxão (ver C. 208 n. 4).

ter para convosco um cuidado razoável. E isso, precisamente, pelo mesmo amor de Deus, no qual sou, querida Irmã, vossa humilde e dedicada irmã e serva.

P.S. - Minhas respeitosas saudações a todos os senhores Administradores e Damas. Nesses últimos oito ou dez dias, já vos escrevi duas vezes. Em espírito e mui cordialmente, abraço (*todas as nossas Irmãs*), com mais carinho do que nunca, por causa do sofrimento por que passaram. Peço-vos dizer-lhes, querida Irmã, que contanto que sejam fiéis a Deus na prática de suas regras, espero que sua bondade lhes dará mais consolações do que tiveram de sofrimentos; é preciso entretanto, que o desejo que têm de fazer o bem, as leve a sempre pedir a Deus a graça necessária a esse fim.

C. 213 (L. 191)

*Ao senhor Padre Vicente*

[agosto de 1647]

Senhor Padre,

Ontem recusei transmitir-vos um recado da parte do senhor Leroy (1). Parece-me porém dever relatar-vos tudo o que ele me disse e o que lhe respondi, embora me seja muito difícil fazê-lo. O principal: afirma ele ser o diretor e administrador do Hospital das Crianças e, como tal, pretende ir lá quando bem lhe aprouver para doutrinar; colocará também lá, um Padre para se encarregar de toda a parte espiritual. Gostaria de que lhe arranjassem e apresentassem um sacerdote com obrigação de pô-lo a par de tudo. Disse também que estima este cargo mais que um Bispado ou Cardinalato. Se isso lhe for negado, irá queixar-se com o senhor Procurador Geral (2) e se demitiria do cargo de administrador que se lhe havia conferido.

Manifestei-lhe meu espanto por não ter ele falado disto há mais tempo e fiz-lhe ver que as Damas até agora sempre haviam cuidado, com o mesmo interesse, tanto do espiritual quanto do temporal como se pode ver pelo (*número*) dos

---

C. 213 *Re. 2 Carta autógrafa. Dorso: agosto de 1647.*

(1) *Senhor Leroy, Padre Administrador da Obra das Crianças Abandonadas.*

(2) *Procurador Geral: Magistrado de alta categoria, tendo por ofício defender ante os supremos tribunais os interesses e direitos dos particulares, dos povos e comunidades. Na época, era Blas de Meliand, irmão da senhora de Traversay, que ocupou o cargo, de 1641 a 1650. Apoiou São Vicente e Santa Luísa na Obra das Crianças Abandonadas. (Nota do Padre Castañares a esta carta e à 62).*

batizados, confissões por ocasião da Páscoa, bem como preparação para a pri-  
ocorrera terem de fazê-lo e que, aliás, a casa foi feita com certa pressa. Falou-  
me muitas coisas mais e eu também a ele, das quais agora não me lembro. Tão  
pouco deixou de alegar-me a resposta dada por Irmã Genoveva (4) à pergunta  
que lhe fizeram certos senhores. Expliquei-lhe o sentido que ela deu à sua res-  
posta.

meira Comunhão, a preocupação com a Santa Missa tanto para as crianças, co-  
mo para as amas de leite. (*Acrecente*) que achava que os senhores Cônegos do  
Cabido haviam confiado, inteiramente, a direção da Obra às Damas, exceto a  
das mil e duzentas libras das quais deviam prestar-lhes contas. Em mais de 50  
anos em que os senhores Cônegos do Cabido haviam tido a seu cargo a Obra,  
não fizeram outra administração que a da referida quantia. Em todo caso, (*disse-  
lhe*), eu estava falando sem ter ouvido as Damas sobre o assunto. Que as via pou-  
cas vezes e só lhes expunha coisas simples, comuns. Queixou-se ele de não ter  
sido avisado sobre Bicêtre (3). Disse-lhe que, provavelmente, às Damas não lhes  
acarreta terem de fazê-lo e que, aliás, a casa foi feita com certa pressa. Falou-me  
muitas coisas mais e eu também a ele, das quais agora não me lembro. Tão pou-  
co deixou de alegar-me a resposta dada por Irmã Genoveva (4) à pergunta que  
lhe fizeram certos senhores. Expliquei-lhe o sentido que ela deu à sua resposta.

Se alguma boa alma pudesse conseguir da Rainha este posto para o estabe-  
lecimento da (*Congregação da*) Missão, muitas contradições seriam evitadas e  
far-se-ia um bem imenso. Esquecia-me de dizer-vos que, ante minha recusa de  
vos falar, o senhor Leroy resolveu ir procurar as Damas e tudo lhes dizer.

Se aprouver à vossa caridade dar-se ao trabalho de ver a carta da senhora  
de Romilly (5), vo-la enviarei.

Abençoi-nos, por bondade, e crede-me, senhor vossa obediente serva e fi-  
lha muito agradecida.

P.S. - De repente, lembrei-me da grande necessidade (6) e lhe disse que te-  
mia, dentro em breve, as Damas se virem forçadas a entregar a Obra toda a  
quem pudesse sustentá-la. Ficamos, os dois, bons amigos porque lhe falei com  
imparcialidade.

Parece-me ser necessário pensar no vinho, o quanto antes.

---

(3) *Sobre a mudança das Crianças para o Castelo de Bicêtre.*

(4) *Genoveva de Poisson (ver C. 97 n. 4).*

(5) *Senhora de Romilly, em solteira Luisa Goulas, Dama da Caridade que se interessou de modo especial, pela Obra das Crianças Abandonadas.*

(6) *A grande necessidade e pobreza enfrentadas no Castelo de Bicêtre.*

(7) *Provavelmente, a venda do vinho de que fala a C. 229. Privilégio, que, para a ajuda da Obra das Crianças Abandonadas, o Parlamento de Paris havia concedido: vender vi-*

*À Irmã Hardemont  
Montreuil-sur-Mer (1)*

(1647)

Querida Irmã,

Sinto certa apreensão ao constatar tanto aplauso que recebeis de toda a população. Ou isto vos é dado para fortalecer-vos em vossas fraquezas ou vem do Maligno para fazer com que atribuais a vós mesmas parte exagerada no que Deus quer fazer em vós, conseguindo depois que o mundo, à mínima falta vossa ou à menor contrariedade recebida de vossa parte, vos censure tanto ou mais do que agora vos louva e anima. Se pensais que tudo vem de Deus, que obrigarão tendes, minhas Irmãs, de humilhar-vos! Se, ao contrário, julgais vir do Maligno, quanto temor vos deve dar! Rogai a Deus a graça de fazer bom uso de uma ou de outra coisa. Lembrai-vos, querida Irmã, do conselho que vos deu o Padre Vicente de ir bem devagar. Procurai ser sempre as menores e às últimas no Hospital e suportai caladas tudo o que puderdes, antes de levar algo ao conhecimento do senhor Conde (2). Muito me alegrou a determinação dos senhores Administradores de elegerem uma Superiora para o Hospital. Obedecei-lhe em tudo o que for possível e não penseis que, por humilhar-vos, sereis objeto de desprezo.

Cortei um pouco das drogas que me pedistes, porque nunca se deve cair em excessos. Lembrai-vos, querida Irmã, que é aos pobres que servis e é o dinheiro deles que gastais. É preciso pois poupar até um cêntimo, para terdes a consciência tranqüila. Tão grande quantidade de drogas poderia estragar-se e, aliás é preferível serem usados remédios bem comuns. Não vos aconselho preparar de uma vez todo o "catolicão" (3), porque é mais eficaz quando recém-manipulado.

---

*nho sem pagar impostos. Tal privilégio causou sérios aborrecimentos às Irmãs, por parte dos taberneiros de Paris. (Nota do Padre Castañares a esta carta).*

C. 214 Ms. A. Irmã Chétif 1, n. 63. Cópia.

(1) Carta copiada no caderno de Irmã Margarida Chétif.

(2) Conde de Lanoy (ver C. 71 n. 10).

(3) Purgante muito usado no século XVII. Segundo o dicionário: remédio universal. (Nota da Tradutora).

*Ao senhor Padre Vicente*

(beirando o ano de 1647)

Senhor Padre,

A senhora de Verthamont (1) não deixou de ir se encontrar com as Damas e, depois de lhes ter dado a conhecer, com maior clareza ainda, que o propósito desses senhores era de se tornarem donos absolutos de toda a Obra (2), disse que eles gostariam muito que se lhes desse oportunidade de declará-lo. Não obstante, acompanhou as Damas como fora combinado e os ditos senhores revelaram sua intenção, dizendo às Damas que lhes concederiam tudo o que quisessem e, teria apenas de entregar-lhes uma quitação, sem assinatura, do dinheiro que tinham em caixa. Eles se encarregavam de exigir recibo dos comerciantes e, parece-me, das amas de leite.

As Damas, por sua vez, lhe expuseram que não poderiam empreender ou continuar a Obra senão nas condições já existentes. Toda esta conversa foi diante do senhor Chanceler (3) o qual, após tudo, disse que anotaria por escrito a intenção dos senhores Magistrados e entregaria às Damas o relato. O bom senhor Leroy, quando as Damas foram conversar com ele e lhes expuseram todas essas propostas, lhes disse que se isso prejudicasse a Obra, ele se retiraria definitivamente. Se houver mais alguma coisa, as Damas vos dirão na entrevista que vossa caridade lhes concedeu para amanhã às três horas da tarde. Sou, senhor, vossa filha e serva.

P.S. - Suplico-vos, humildemente, o favor de dizer-me se achais bom que avisemos à senhora de Verthamont que vós e as Damas estareis aqui amanhã. Receio que ela se aborreça se não o fizermos, porque já perguntou às Damas quando seria possível uma reunião.

---

C. 215 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Senhora de Verthamont, em solteira Maria Boucher d'Orsay, Dama da Caridade, casada com um alto funcionário da Justiça.

(2) Obra das Crianças Abandonadas.

(3) Pedro Séguier (1588- 1672) foi nomeado Chanceler - 1º Ministro - em 1635.

*Ao senhor Padre Vicente*

(agosto de 1647)

Senhor Padre,

Uma boa Dama da Caridade, influenciada pela senhorita de Lamoignon (1) e guiada pela Divina Providência, enviou-nos cem escudos para as criancinhas pobres. Agradecei-lhe por nós, senhor. Permitti-me também lembrar-vos a nossa Irmã Joana Lepintre (2).

Peço-vos, se achardes conveniente, que deixeis comigo os três resumos enviados à Assembléia das Damas, por receio de que, em vossa ausência, se percam no meio de outros papéis.

Minha indisposição continua e cheguei a pensar que nosso bom Deus se serve destas freqüentes alternativas de melhoras e piores para tornar conhecida de vossa caridade a inconstância de minhas paixões das quais tanto dependo. Por mais resoluções que tome, não me deixam em liberdade para sujeitá-las à razão, de tal forma que, em certos dias fico um pouco tranqüila para, em seguida, perder o controle de mim mesma.

Suplico-vos, mui humildemente, que se tiverdes em algum de vossos livros, uma estampa parecida com as da Caridade (3) fazer-me o obséquio de me dar uma. Ao mesmo tempo, peço-vos perdão por me permitir esta liberdade. É que não consigo encontrar uma como desejo e suponho que ela muito me ajudará, como também, as orações de vossa caridade, de quem sou, meu Honoratissimo Pai, obediëntissima serva e indigna filha.

P.S. - Por caridade, dai-me a bênção do bom Deus e a vossa, na santa Missa.

---

C. 216 Rc. 2 Carta autógrafa, sem assinatura. No dorso: mês de outubro de 1647. (Irmão Ducourneau).

(1) *Senhorita de Lamoignon* (ver C. 137|n. 1).

(2) *Joana Lepintre que estava em Nantes* (ver C. 137|n. 1).

(3) *São Vicente e Santa Luísa propagavam a estampa do "Senhor da Caridade", pintada por um desconhecido. (Coste II, 10).*

*Às minhas queridas Irmãs Ana e Maria (1)  
Filhas da Caridade, servas dos Pobres*

Hoje, 30 de agosto de (1647)

Minhas queridas Irmãs,

Deus seja bendito pela saúde que sua bondade vos concede, na qual não posso acreditar completamente, enquanto não vir a letra de Irmã Maria Lullen pois, não posso compreender o motivo por que não me escreve, visto já lhe haver assegurado que entendo muito bem a sua letra.

Quanto ao que se refere às moças mais antigas do Hospital, não posso dizer-vos outra coisa a não ser o que vós mesmas respondentes ao senhor Conde (2); não podemos admitir nenhuma singularidade entre nós. Creio já lhe haver explicado bem, desde aqui, quando me deu a honra de me expor seus santos propósitos.

Meu Deus, querida Irmã, que motivo tão grave tivestes para que passásseis a noite fora de casa? Em nome de Deus, tende cuidado e, apresentai-me algum exemplo do que se passou para poder comunicá-lo ao senhor Padre Vicente e saber se isto pode ser feito.

Penso havermos recebido todas as vossas cartas, mas, receio não terem chegado as nossas, pois, vos havíamos comunicado que Irmã Antoinette (3) saíra de Nantes, a fim de o avisardes ao senhor Conde. Acho que agora ela está em Montreuil.

Peço-vos, querida Irmã Ana, que, com o maior respeito e delicadeza, comuniquéis a este Senhor que as Irmãs que se retiram de nosso meio não mais frequentam nossas casas a fim de que sua caridade esteja de acordo em que ela vá para o Hospital porque, *(do contrário)* receio muito que isto impeça que suas intenções sobre essa casa não cheguem a cumprir-se conforme ele deseja.

Penso que Irmã Hellot vos terá avisado que compramos toda a louça de barro que desejáveis, porém, ninguém quer encarregar-se de levá-la por menos de cem soldos de carroto. Não nos envieis mais manteiga, encontramos-la aqui, e muito boa, por seis soldos.

---

C. 217 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Ana Hardemont e Maria Lullen que se encontravam em Montreuil-sur-Mer.

(2) O Conde de Lannoy, fundador do estabelecimento de Montreuil.

(3) Irmã Antonieta Larcher (ver C. 205 n. 5).

Peço à divina bondade continue concedendo-vos suas graças e sou, no amor de Jesus Crucificado, minhas queridas Irmãs, vossa mui humilde serva e afetuosíssima irmã.

C. 218 (L. 201)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre,  
Filha da Caridade  
Nantes*

(agosto-setembro de 1647)

Minha querida Irmã,

Há dois dias, recebemos as cartas que nos mandastes por intermédio do senhor de Vacherot. Creio ser conveniente que procureis alguma pessoa de autoridade para falar, com energia, com o encarregado da distribuição do correio. Tenho certeza de que a paciência com que suportais todas as vossas pequenas repugnâncias atrairá de nosso bom Deus a bênção de que tendes necessidade para permanecer em paz; mas é preciso esperá-la com tranqüilidade.

Na semana passada escrevi ao senhor des Jonchères (1), à senhora de La Carisière, à Irmã Cláudia (2) e também a vós. Rogo-vos informar-me se recebestes todas estas cartas. Por várias vezes, vi o Padre Vicente desejoso de vos escrever. Se ainda não o fez, suponho que o fará na próxima semana. Não me lembro de ter nada em particular para dizer-vos, depois de minha última carta. Peço-vos falar com todas as Irmãs que as saúdo e lhes peço que, a cada manhã, se levantem com nova coragem para servir bem a Deus e os pobres. A Irmã Margarida Noret (3) dissei-lhe que sua família vai bem de saúde; sua Irmã Francisca (4) recebeu sua carta; à Irmã Joana (5) informai que o senhor seu irmão esta passando bem, graças a Deus. Que eu saiba, nenhum parente das outras Irmãs está doente. Mesmo quando Catarina Bagard (6) voltar para Nantes, não deveis

---

C. 218 Rc. 3 *Carta autógrafa; endereço com letra de Irmã Hellot.*

(1) *Senhor des Jonchères (ver C. 161 |n. 3).*

(2) *Cláudia Carré (ver C. 561 n. 5).*

(3) *Margarida Noret chegou ao Hospital de Nantes em julho de 1646. Em 1648, o senhor Padre Lambert indicou a conveniência de sua mudança.*

(4) *Francisca Noret (ver C. 76 n. 2), irmã de Margarida.*

(5) *Joana de Saint-Albin, viúva, que chegou a Nantes em junho de 1647. Regressou a Paris no fim do ano de 1650. Viu-se tentada de deixar a Companhia das Filhas da Caridade em 1655, porém, finalmente, permaneceu nela.*

(6) *Catarina Bagard (ver C. 84 n. 1).*

vos preocupar. Não creio que terá tamanho atrevimento de ir ao hospital e isso eu não poderia evitar, não mais estando conosco. Fiz o possível por ela, até lhe arranjei uma boa patroa, quando se decidiu, verdadeiramente, por deixar-nos.

Adoremos e amemos sempre os designios da Divina Providência, único e verdadeiro apoio das Filhas da Caridade; rogai a Deus por nós. Todas as nossas Irmãs vos saúdam e eu sou, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa mui humilde irmã e serva.

C. 219 (L. 197)

*À minha querida Irmã Jeanne Etienne  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Chantilly (1)*

Hoje, 7 de outubro de 1647

Minha querida Irmã,

Esperava escrever-vos quando vos enviasse uma Irmã. Até agora porém, a Providência não permitiu que encontrássemos uma própria para aí. Espero que até o fim da semana ela siga.

Se tiverdes alguma possibilidade de mandar-nos um cavalo ou carroça, amanhã ou depois, fazei o favor de dizer-me, porque é desagradável ter de tomar a diligência e não ir nela até Chantilly.

Bendito seja Deus que continua vos concedendo suas graças! Tende sempre a confiança de que sua bondade jamais vos abandonará e vosso desejo de perseverar será atendido.

Avisai-me se a senhora de São Simão (2) está em Chantilly e crede-me no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa mui humilde irmã e serva.

---

C. 219 Rc. 3 Carta autógrafo.

(1) As Filhas da Caridade estabeleceram-se em Chantilly, em 1647. Por dificuldades econômicas, foi necessário retirá-las, provisoriamente, em 1654. Parece que voltaram em 1655.

(2) Senhora de São Simão, em solteira, Luísa Crussol. Seu marido era "Capitão do Castelo", isto é, a pessoa responsável pelas casas e progresso do referido Castelo de Chantilly.

*À minha querida Irmã Ana Hardemont  
Filha da Caridade,  
em Montreuil*

Hoje, 11 de outubro de (1647)

Querida Irmã,

Estranha-me sobremaneira o me dizerdes não receber nossas cartas. Deime a honra de escrever ao senhor Conde (1) em resposta às notícias que teve a bondade de me mandar, falando-me da recepção que tivestes. Nessa ocasião também longamente vos escrevi e ambas as cartas foram endereçadas para essa cidade, para a casa do senhor Conde. A esperança de que a tereis recebido me excusa de repetir-vos o que então vos disse nelas.

Recebemos o papel pelo qual estáveis preocupada.

Irmã Maria (2), nunca nos dizeis uma palavra! Qual é vossa principal ocupação? Quando puderdes, falai-me de vossos trabalhos. Em meu nome, cumprimentai essas boas moças (3), vossas antecessoras, e, continuai tratando-as com respeito, paciência e condescendência.

Faleceu uma de nossas Irmãs de Saintonge. Todas as outras da Companhia vão bem, graças a Deus. Rezai por nós e crede-me no amor de seu Filho Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa mui humilde irmã e serva.

P.S. - Todas as Irmãs e eu saudamos a querida Irmã Maria. As Irmãs de Le Mans estão bem, graças a Deus, com exceção de Irmã Joana Pangoy (4).

---

C. 220 Rc. 3 Carta autógrafa, endereçada por Irmã Helloot.

(1) O Conde Lennoy que pedira as Filhas da Caridade para Montreuil-sur-Mer.

(2) Maria Lullen (ver C. 200 n. 3).

(3) Moças que eram encarregadas do Hospital, antes da chegada das Irmãs.

(4) Joana Pangoy, natural de Le Mans, entrou na Companhia em 1646; em 1650 encontramos-la em Liancourt.

*À minha querida Irmã Turgis (1)  
Filha da Caridade a serviço dos Pobres  
Chars*

(18 e outubro de 1647)

Minha querida Irmã,

Recebemos, creio eu, todas as cartas que nos escrevestes e ainda tivemos notícias vossas por uma longa carta vossa que a senhorita Viole (2) nos mostrou. Louvo a Deus porque sua bondade vos proporciona trabalhos. Escrevendo-vos no dia de São Lucas, peço-vos fazer de novo oração sobre o tema de sua festa. Parece-me, querida Irmã, que nela encontraremos todos os conselhos de que temos necessidade.

Se apenas no povoado tendes doentes, não devem estar muito distantes. Todas as Irmãs das aldeias costumam tê-los e até numerosos a uma légua ou mais de distância.

Enviamo-nos uma saia ("cota") para que a useis logo.

Penso que o melhor trigo, aqui, custará uns doze francos. Porém, quando amassamos pão, não o colocamos puro mas, metade trigo, metade centeio. Por toda parte, nesta estação, os ovos custam caro. Nossas galinhas, embora tantas, estão botando pouco. Aí no campo há outros desafogos que podem ajudar-vos a passar por esta carestia.

Suponho haverdes recebido uma extensa carta que vos escrevi, há oito dias. Quando conseguirmos um endereço seguro para enviar-vos a correspondência, não deixareis de receber as respostas de todas as vossas cartas.

Peço a Nosso Senhor vos dê Seu espírito e sou, em seu santo Amor, queridas Irmãs, vossa humilde irmã e serva dedicadíssima.

P.S. - À vossa assinatura, basta colocar Filha da Caridade e serva dos Pobres, sem acrescentar do Hospital de Chars (3).

---

C. 221 Rc. 3 *Letra de Irmã Hellot. Carta assinada por Luisa de Marillac.*

(1) *Irmã Turgis (ver C. 11, n. 1) foi enviada de Richelieu para Chars. Junto ao endereço desta carta, escrita por Irmã Hellot, há a seguinte anotação: "O mensageiro de Forges mora à rua Montorgueil, onde há o letrado Saint-Claude".*

(2) *A senhorita Viole, Dama da Caridade, ocupava-se da obra das Crianças Abandonadas. Elisabeth Turgis trabalhou com as Crianças de 1643 a 1644.*

(3) *Chars: As Filhas da Caridade estabeleceram-se nesta localidade em setembro de 1647, a pedido da senhora de Herse. O pároco, senhor Garson, foi substituído em 1648 pelo Padre Puvot de tendências jansenistas. Ante suas excessivas exigências, os Fundadores julgaram necessário retirar as Irmãs daí.*

*Ao senhor Padre Vicente  
Superior Geral da Congregação da Missão*

19 de outubro de (1647)

Senhor Padre,

Contrariou-me muito não ter sabido que iriam ver-vos, para assim poder informar-vos de que, pela graça de Deus, não fiquei pior do que quando vossa caridade me deixou e até continuo melhorando, de tal modo que pude ir à Missa, no dia de São Lucas.

As senhores de Herse (1), de Traversay (2), de Saint-Mandé (3) e Viole (4) reuniram-se de novo, ontem, aqui, sem eu saber o motivo, nem ser avisada do encontro, senão coisa de uma hora antes. Penso que quiseram comemorar a proteção que a Providência manifestou ter pelas pobres Crianças. Chegaram várias pequenas esmolos e a maior é a que receberão hoje: 5.000 libras, creio mesmo que serão 8.000 e é ao tesoureiro do Hospital Geral a quem entregarão o recibo.

Elas esperam pela Conferência que vossa (*caridade*) determinou antes de partir. Ficaram animadas à vista destes auxílios e estão resolvidas a prosseguir seu trabalho em Bicêtre (5). Por este motivo, a senhora de Traversay e a senhorita Viole estão pensando ir, na segunda-feira, passar o dia lá. Encarregaram-me de solicitar ao senhor Dronart (6) 500 libras de uma vez e 200 de outra, tudo isso por ordem da senhora Duquesa d'Aiguillon (7).

Espero que vosso retorno acabe por remediar as grandes necessidades da obra de Nosso senhor, por cujo Amor sou, senhor, vossa mui obediente filha e agradecida serva.

---

C. 222 Rc. 2 Carta autógrafa. No dorso: 19 de outubro de 1647.

(1) Senhora de Herse, em solteira Carlota de Ligny; ficou viúva em 1634. Como Senhora da Caridade, tomou parte ativa na Obra da Criança Abandonada e favoreceu o estabelecimento das Filhas da Caridade, em Chars. Faleceu em 1662.

(2) Senhora de Traversay (ver C. 62 n. 2).

(3) Senhora de Saint-Mandé, em solteira, Maria de Fortia, Dama da Caridade da Confraria das Crianças Abandonadas.

(4) Senhorita Viole (ver C. 100 n. 1).

(5) Bicêtre (ver C. 94 n. 4).

(6) Senhor Dronart, intendente ou administrador da Duquesa d'Aiguillon.

(7) Duquesa d'Aiguillon (ver C. 12 n. 1).

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust, (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
(Fontainebleau)*

(novembro de 1647)

Mui querida Irmã,

Muito obrigada por todos os vossos favores! Como o desejastes, já enviamos vosso presente ao senhor Padre Lambert, porém, não posso hoje dar-vos notícias do recebimento, porque, até agora, não estive com ele. Não vos orgulhais por todo o bem que sua caridade vos faz?

Peço, de todo coração, à minha querida Irmã Ana (2) que me perdoe por não lhe escrever ainda desta vez. Espero me terdes feito a caridade de falar-lhe da vontade que tenho de fazê-lo. Porém, como quero extravasar o coração com ela, prefiro aguardar tempo e também suas notícias bem detalhadas, sobretudo, da maneira como está instruindo as meninas. Rogo-vos, minha Irmã, que recebaís o maior número possível de pobres. Há algum tempo, falava-me o senhor Padre Vicente sobre nossas Irmãs dedicadas ao ensino, desejando que todas usassem o mesmo método. Tão logo o conheça com segurança, não deixarei de vo-lo comunicar. Ele me manifestou o quanto havia sentido não vos ter visto, antes de vossa partida (3), porém, acho que foi mais pela pena que supunha que tivestes. Penso que o senhor Padre Lambert lhe deu notícias vossas.

Peço-vos não vos esquecerdes de, na primeira ocasião (*mandar-me*) dessas penas tão boas.

Alegro-me muito por terdes recebido notícias de vossa família, antes de seguir. Irmã Cecília (4) está bem, graças a Deus. Rezai por nós; ainda temos uma de nossas Irmãs extremamente mal, em Saint Méen (5). Todas precisamos muito de pensar em nossa conversão! Peçamos ao bom Deus, a santa simplicidade; ela nos ajudará tanto nisso.

---

C. 223 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Bárbara Angiboust (ver C. 6 n. 1).

(2) Ana Scoliège (ver C. 240 n. 2).

(3) Bárbara Angiboust estivera na Casa mãe seja para um retiro espiritual, seja de volta de alguma visita às Crianças Abandonadas que estavam sendo criadas no campo, em casas de amas de leite.

(4) Cecília Angiboust, sua irmã (ver C. 36 n. 3).

(5) Joana, natural de Saint Méen.

Recomendai-me à Irmã Ana e recebei afetuosos cumprimentos de nossas Irmãs e, em especial, os meus, que sou, no amor de Jesus e de sua Santa Mãe, queridas Irmãs, vossa mui humilde irmã e serva afetuosíssima.

C. 224 (L. 200)

*À Irmã Turgis  
Filha da Caridade, ao serviço dos Pobres doentes  
Chars*

Paris, 28 de novembro de 1647

Mui querida Irmã,

Bendito seja Deus pela harmonia e paz reinantes entre vós! É assim que vive o cristão. Com maior razão a Filha da Caridade!

Não me dissestes o número de alunas que tendes aí e se assistir doentes fora do hospital e quantos são. Fizestes bem em informar à senhora Marquesa de O (1), porém, pensei vos ter avisado que, como com todas as outras, deveis enviar para cá, as cartas que elas escreverem.

Estais muito vaidosas com vossos tamancos, queridas Irmãs! Depois nos direis quem cuida melhor deles e para quem vão durar mais. Seguem uma calças (2) já cortadas. Tereis de fazê-las vós mesmas porque estamos tão assoberbadas de trabalho, que seria difícil encontrar alguém, aqui, com tempo disponível para outra coisa fora dos ofícios. Nossa Irmãzinha de Saint Méen, a Irmã Joana, faleceu e, depois dela, a grande perda da pobre Irmã Salomé (3). Também está mal a Irmã Michelle e várias outras da Casa e da cidade. Assim, mais do que nunca, precisamos de que Deus nos envie outras. Vede se conseguis despertar em alguma jovem daí, o desejo de seguir-nos. Irmã Joana (4), de Richelieu, é uma das doentes, porém, graças a Deus, sem gravidade. Pedi à Sua bondade prover a nossas necessidades e crede-me, em seu santíssimo Amor, queridas Irmãs, vossa mui humilde irmã e serva afetuosíssima.

---

C. 224 Rc. 3 Carta escrita por Irmã Hellot e assinada por Luisa de Marillac.

(1) Marquesa de O (1626-1650), em soiteira Luisa Maria Séguier, filha do Chancelier, Dama da Caridade, em Chars.

(2) Calças que descem até o joelho ou pouco abaixo. (Nota da Tradutora).

(3) Irmã Salomé (ver C. 152 n. 2).

(4) Joana Roux (ver C. 190 n. 5).

C. 225 (L. 227)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes*

Hoje, dia de Santo André (1647)

Minha querida Irmã,

Parece-me fazer muito tempo que não tenho notícias vossas e, estou preocupada por saber se recebestes as cartas que enviei para Irmã Henriqueta (2), Irmã Cláudia (3) e acho que também para vós. Rogo-vos mo façais saber, logo que puderdes. Mandei as cartas aos cuidados do senhor de Beaulieu (4).

Como o objetivo desta é apenas este, termino, pedindo-vos recomendar-me às vossas orações e de nossas Irmãs e cumprimentar, bem cordialmente, todas as boas Damas e senhores Padres, como também o senhor de Grenville e o senhor de Pinsonnière (4) dos quais sou mui humilde serva. Boa noite, queridas Irmãs, sou sempre no amor de Jesus Crucificado, vossa humilde irmã e serva.

P.S. - Depois de terminada esta carta, recebi a vossa última, que muito me consolou. De coração, saúdo as queridas Irmãs; abraçai-as com todo o meu coração. Recomendo às vossas orações, nossas falecidas Irmãs Salomé e Irmã Joana, de Saint Méen; também a Irmã Michelle, do mesmo lugar, que, nesta manhã, recebeu a Extrema-Unção (5).

C. 226 (L. 204)

*À minha querida Irmã Elisabeth Martin (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Richelieu*

(talvez novembro de 1647)

Minha querida Irmã,

Tendes, verdadeiramente, sobejos motivos de vos queixar de mim e vos

C. 225 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Joana Lepintre que está em Nantes (ver C. 75 n. 1).

(2) Henriqueta Gesseau (ver C. 86 n.5).

(3) Cláudia Carré (ver C. 561 n. 5).

(4) Os senhores de Beaulieu, de Grenville, de la Pinsonnière, Administradores do Hospital de Nantes.

(5) Unção dos Enfermos. (Nota da Tradutora).

C. 226 Rc. 3 Carta autógrafa.

peço, com humildade, perdão por não vos ter escrito amiúde. Acho, querida Irmã, que se estivésseis em outro lugar, teria sido mais cuidadosa, porém, devo confessar-vos que me sinto muito tranqüila quando sei que nossas Irmãs têm a felicidade de estar sob a direção de nossos venerados Padres (2). Peço-vos, querida Irmã, acatar esta direção e que a bondade deles não impeça o respeito e submissão que lhes deveis. Imagino o quanto vosso espírito encontrou paz vendo-se livre das preocupações e confusões das quais saístes! Não que eu pense nada terdes para fazer pois, se assim fosse, não vos julgaria contente. Mas, sim, por terdes tempo, depois dos serviços caritativos, para pensar em vossa perfeição, observando vossos pequenos regulamentos, tanto ou mais pelo que se refere aos atos interiores como aos exteriores, como a tolerância, a cordialidade e doçura, o controle das paixões, das quais a melancolia é das mais perigosas. Neste empreendimento, muito nos ajuda a conformidade com a vontade de Deus, recebendo como vindo de um designio de sua Providência, tudo o que nos acontece contrariamente a nossos sentimentos. Se andarmos na presença de Deus, ficaremos livres de muitas penas que nós mesmas procuramos pela busca e amor desordenado de nossas próprias satisfações. Apraz-me pensar que assumistes esta prática, pois, sei que quereis, realmente, amar a Deus e servi-lo, durante a vossa vida. Suplico à sua divina bondade conceder-vos esta graça.

Perdoai minha péssima memória se omiti resposta a algum ponto de vossas cartas. Creio, entretanto, nada haver deixado de fazer nas que vos escrevi. Com respeito, saudai o senhor Padre Gauthier (3) e recomendai-me às suas santas orações.

Tende certeza, querida Irmã, de que, mais do que nunca sou, no amor de Jesus Crucificado, queridíssima Irmã, vossa humilde irmã e afetuosíssima serva.

P.S. - Não sei se já vos comuniquéi a morte de nossa querida Irmã Salomé (4) e a de Irmã Margarida Tourneton (5) e várias outras, algumas de Angers.

Todas as Irmãs vos saúdam cordialmente e, com freqüência, podem notícias vossas.

---

(1) Elisabeth Martin depois de sua permanência repleta de dificuldades em Nantes, de onde a vimos quase fugir para Angers (ver C. 205 n. 1) foi colocada em Richelieu.

(2) Os Padres da Missão de Richelieu.

(3) O senhor Padre Gauthier, Superior dos Padres da Missão, em Richelieu.

(4) Salomé (ver C. 152 n. 2).

(5) Margarida Tourneton (ver C. 160 n. 5).

*Ao senhor Padre Vicente*

(aproximadamente 1647)

Lembrar-se de avisar às Damas sobre o cuidado de, em suas exortações, não falarem muito aos doentes graves, mesmo se não tiverem feito confissão geral. Aconselhá-los somente a se confessarem dos pecados que tivessem podido esquecer ou esconder nas confissões anteriores caso se lembrem de algum, com vontade de se confessar de todos os cometidos contra Deus e o próximo. Cabo possam, levá-los a rezar os atos de fé, esperança e caridade que são necessários à salvação. Empregar mais tempo em preparar os que estão se restabelecendo a tomarem a resolução de viver como bons cristãos, ensinando-lhes o que para isso farão.

É este, senhor Padre, o parecer da Madre chamada dos Sacramentos (1) apresentado à senhorita de Villenant. Porém, acabo de receber esta carta da senhorita de Lamoignon (2). Nela me informa que a senhorita de Saint Mandé prope nada se falar sobre tal assunto na Reunião Geral.

Senhor, vossa caridade faria o favor de lembrar-se de explicar que há tanto bem em se ajudar, depois da morte, uma obra já iniciada, quando empreendida por amor de Deus, por exemplo, a das Crianças Abandonadas, como (*o há*) enquanto, em vida, nela se trabalha. Assim, os que praticam o bem por testamento, têm o mesmo mérito - se o fazem em perfeita caridade - desse bem que realizaram durante sua vida, ou tiveram vontade de fazê-lo, caso o pudessem. Contanto que seja de verdade, não? Creio que isto poderá ser útil, mostrando-se o perigo de não tomar resolução.

Vossa caridade também me fará o obséquo de mandar-me o endereço da senhorita Presidenta de Sault (3), a fim de que possa enviar-lhe aviso da Reunião de amanhã. Não se esquecerá, não é?

As Damas estão se relaxando muito em estar presente à colação (4), embora algumas mereçam elogios por sua pontualidade.

Perdoai, senhor, à vossa menor filha e serva.

C. 227 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) A religiosa agostiniana do Hospital Geral encarregada de avisar ao capelão quando um doente pedia os sacramentos. (ver Coste III, 261).

(2) Senhorita de Lamoignon, émula de sua mãe nas obras de caridade.

(3) Senhora de Sault, Dama da Caridade do Hôtel Dieu (Hospital Geral).

(4) Espécie de merenda - doces, guloseimas - servida pelas Damas da Caridade, com a colaboração das Irmãs, aos doentes do Hospital Geral, (Nota da Tradutora).

*Ao senhor Padre Vicente*

[ novembro de 1647 ]

Senhor Padre,

Parece-me que Deus colocou minha alma em grande paz e simplicidade durante a oração - de minha parte, muito imperfeita - que fiz sobre a necessidade de a Companhia das Filhas da Caridade permanecer sempre e sucessivamente, sob a direção que a Divina Providência aprovou conceder-lhe, tanto no que concerne ao espiritual como ao temporal. Nesta oração acredito ter visto que seria melhor para a glória de Deus, que a Companhia chegasse a desaparecer completamente, do que ter outra direção, já que isso parece seria contrário à vontade de Deus. Minha afirmação baseia-se em que há motivos de crer que Deus inspira sua vontade, para o aperfeiçoamento das obras que Sua bondade quer levar a cabo, dando a conhecer seus desígnios, nos começos. E vós bem o sabeis, senhor, que nos da Companhia, foi determinado que os bens temporais da referida Companhia, caso chegasse ela a desaparecer por prevaricação, reverter-se-iam à Missão para serem empregados na instrução do pobre povo do campo.

Espero que, se vossa caridade escudou de Nosso Senhor o que me parece vos haver dito, na pessoa de São Pedro, que sobre ela queria edificar esta Companhia preservaria no serviço que lhe pede, para instrução dos pequenos e alívio dos doentes.

Quanto ao que se refere ao locutório (1) não vi em meu espírito nenhuma solução. Mas, no tocante à eleição das Damas, vejo cada vez mais necessária aquela de quem falei à vossa caridade.

Sou vossa obedientíssima filha e mui agradecida serva.

P.S. - Suplico-vos, humildemente, ver a possibilidade de fazer para nós, amanhã, a Conferência; favor dar-nos aviso.

---

C. 228 Rc. 2 *Carta autógrafa. No dorso: novembro de 1647: (Irmão Ducourneau).  
(1) Ver C. 154 de junho-julho de 1646.*

1648

*Estabelecimento das Filhas da Caridade em Valpuseaux.*

*Junho-Julho: Visita do Padre Lambert a Angers e Nantes.*

*27-28 de agosto: Em Paris, insurreição do povo, contra a Rainha.*

*Outubro: Morte de Elisabeth Turgis.*

*Ao senhor Padre Vicente  
Superior Geral da Missão*

Hoje, quarta-feira de manhã  
[15 de janeiro de 1648](1)

Senhor Padre,

Graças a Deus, chegamos a Bicêtre (2), com saúde, porém, para ficar pouco tempo. Peço, humildemente, à vossa caridade nos envieis amanhã, sem falta, o Irmão padeiro, com quem conversei, para que nos ensine e ajude a assar direito o pão e nos arranje uma pessoa entendida do ofício.

Seria também muito necessário já se começar a venda do vinho, em barris ou garrafões, pois agora é tempo de grande consumo nesta região, por causa dos soldados. Se se esperar mais, é de se temer que a venda não seja tão boa. Irmã Genoeva (3) disse que acha que as Damas preferem aguardar o vinho de qualidade inferior para misturá-lo. Porém, não acho que isso seria uma economia, pois, haveria necessidade de pagar um rapaz para fazê-lo e suprimiria assim todo o lucro, além do estorvo que representaria para as Irmãs, obrigadas à vigilância para não haver prejuízo, coisa difficilima de ser evitada.

Respeitosamente, solicito à vossa caridade lembrar-se de que nos prometestes uma Conferência para daqui a oito dias. Visitei, ontem, à irmã do senhor Vacherot (4), que está muito doente. Pediu-me que a recomendasse às vossas orações e que, se se achesse, vos pediria o favor de ir vê-la. Se piorar, peço-vos não o deixeis de fazer. Encarregarei a Irmã Juliana (5) de vos avisar, se vos parecer conveniente.

Penso que seria muito bom para as nossas Irmãs se vos désseis o trabalho de fazer uma visita às Irmãs da Casa (*Mãe*) para dizer à Irmã Hellot (6) quanto bem resultaria para a Companhia se as Irmãs se acostumassem a submeter-se

---

C. 229 Rc. 2 Carta autógrafa. No dorso: 17 de janeiro de 1648 (Irmão Ducourneau).

(1) O autógrafo tem nas costas a data de 17 de janeiro, anotado pelo Irmão Ducourneau. Castañares acrescenta na n. 1 a esta carta que, em 1648, o dia 17 de janeiro não caiu numa quarta, mas numa sexta-feira. (Nota da Tradutora).

(2) Bicêtre, residência das Crianças Abandonadas (ver C. 94 n. 4).

(3) Genoeva Poisson (ver C. 97 n. 2).

(4) O senhor Vacherot, médico da Comunidade.

(5) Juliana Loret (ver C. 253 n. 1).

(6) Elisabeth Hellot (ver C. 164 n. 1).

umas às outras e como, as que parecem ter alguma autoridade, devem dar o exemplo.

O trabalho de nossas pobres Irmãs daqui é quase incrível, não tanto pelo muito pesado que é, como pelas repugnâncias naturalmente sentidas por estas ocupações. Por isso, é muito justo auxiliá-las a se animarem e mostrar-lhes o que fazem e o que representa seu trabalho aos olhos de Deus, como também ajudá-las com orações. Mais que todas, tenho eu necessidade dessas orações, sendo a mais fraca de corpo e de ânimo, ainda que tenha a felicidade de ser, senhor, vossa mui humilde serva e filha agradecida.

C. 230 (L. 195)

*Às minhas queridas Irmãs Juliana Loret e Elisabeth Hellot  
(Paris)*

Hoje, quarta-feira (15 de janeiro de 1648) (1)

Minhas queridas Irmãs,

Não pude ir ver nossa querida doentinha antes de partir. Dai-me suas notícias. Falai com a Irmã Francisca (2) que lhe peço cuidar dela bem direitinho. Dizei-me também como está a senhorita Maria (3) e se o senhor Padre Vicente acha bom que as Irmãs vão passar a noite com ela.

Fazei o favor de instar, em São Lázaro, para que o padeiro não deixe de vir amanhã, porque, se eu não começar cedo, temo não conseguir voltar à casa quando previ.

Ao entardecer (4) peço-vos ir trabalhar nos quartos atapetados ou, pelo menos, que da rua, se veja a candeia acesa. Tende muito cuidado em fechar bem os ferrolhos das portas, tanto da escada como do quartinho, assim como das janelas.

Se tiverdes notícias de meu filho, fazei-me o favor de mas enviar.

À Irmã que vier amanhã cedo, peço que me traga meu relógio que ficou pendurado na cabeceira da cama; ponha-o num lugar que não seja visto. Fazei-me

---

C. 230 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Luisa de Marillac escreve de Bicêtre: ver a carta anterior com a mesma observação quanto à data.

(2) Francisca Le Roseau, a Irmã cozinheira da Casa Mãe.

(3) A irmã do senhor Vacherot.

(4) Naqueles tempos de guerra, os soldados circulavam pelos arredores de Paris.

também o favor de mandar-me tinta. Se tiverdes um pãozinho da padaria perto de São Nicolau, mandai-mo com verduras e chicórea.

Saúdo a todas as Irmãs, recomendando-lhes, com toda a minha alma, que trabalhem em sua perfeição. Oh! com que prazer desejaria vê-las todas aqui, com os sentimentos que Deus me dá por esta tão grande obra! Estou muito edificada com o amor com que nossas boas Irmãs cumprem o que Deus lhes pede, neste santo serviço (5).

Boa tarde, queridas Irmãs! Crede-me totalmente vossa no amor de Jesus Crucificado e de sua Santa Mãe, Sou vossa mui obediente irmã e humilde serva.

P.S. - Peço-vos dizer à senhora de Saint-Mandé (6) que me faça o favor de pedir à senhora de Romilly (7) para receber o trigo, dizendo-lhe que aqui todos já o têm e, que nos faça também o favor de comprar o centeio para ser misturado nele. Apresentai-lhe minhas excusas por não haver podido pegá-lo, pois, a diligência vem muito tarde. Creio que amanhã virão aqui uns homens para a forna-da (*de pão*) e gostaria muito que ela estivesse presente.

Fazei-me o favor de informar-me se os sacos foram devolvidos.

C. 231 (L. 203)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 23 de janeiro de [1648]

Senhor Padre,

Eis a carta da senhorita de Pollalion (1) com as referências de probidade do homem que se oferece para Bicêtre. Além disso, afirma que ele sabe fazer pão muito bem, trabalhar na horta, lavrar e carrear. Todos esses trabalhos são aqui necessários e, ficariam muito caros se devêssemos pagá-los por dia. Se achar-des oportuno, a senhorita falará da impossibilidade de abrir uma porta para ven-

---

(5) *O serviço das Crianças Abandonadas.*

(6) *Senhora de Saint-Mandé (ver C. 222 n. 3).*

(7) *Senhora de Romilly (ver C. 213 n. 3).*

C. 231 Rc. 2 *Carta autógrafo. No dorso: janeiro de 1648.*

(1) *A senhorita de Pollalion (1599-1657), em solteira Maria de Lumagne, casou-se aos 18 anos; ficou viúva muito pouco tempo depois. Dama da Caridade e também fundadora das Filhas da Providência. Nas costas da carta de recomendação escrita pela senhorita de Pollalion, Luisa de Marillac, que se encontrava em Bicêtre, escreveu: o homem que se oferece para trabalhar em Bicêtre, serviu na casa da senhora de Lumagne.*

der o vinho, no lugar em que a senhora Presidenta de Herse (2) indicou, porque seria preciso construir uma escada de pouco mais ou menos duas toesas (3).

Desde que se está em Bicêtre, já morreram 52 criancinhas e, ainda agora, ternos umas 15 ou 16 que estão bem ruinzinhas. Quando tudo estiver organizado, segundo o desejo dessas boas Damas, espero que não irão morrer tão depressa assim.

Talvez vos digam as Damas que falei da exigência de se ter aqui o Santíssimo Sacramento e, não somente por o ser indispensável, mas para que Nosso Senhor tome posse desta casa diante do pessoal que, de alguma forma, se interessa pela Obra. Isto me leva a tomar a liberdade de vos dizer o que pensei, isto é, que não somente as Damas deveriam ser avisadas do dia, mas também, anunciá-lo nos sermões das paróquias, para obrigar as pessoas a fazerem o bem a essa Obra. Porque, ao se ver este magnífico edifício, que acreditam ser propriedade das Crianças, e que todas as pessoas que dirigem a Obra são de posição elevada, a maioria pense possuímos grande riquezas. E tenho é de comprar fiados as provisões, além das outras necessidades que vós bem conheceis.

Lembre-se vossa caridade de arranjar-nos algumas jovens porque precisamos delas, com urgência, pois o trabalho da Casa e de outros lugares aumenta a cada dia.

Fazei-me, senhor, a honra de crer-me vossa mui humilde serva e gratíssima filha.

C. 232 (L. 169)

*(À Irmã Turgis) (1)*  
*Chars*

Hoje, 31 de janeiro de (1648)

Minha querida Irmã,

De todo coração, louvo a Deus por vossa melhora e pela harmonia da qual nunca duvidei, conhecendo, como conheço, vossa boa Irmã Marta. Há razão pa-

---

(2) *Senhora de Herse (ver C. 222 n. 1).*

(3) *Toesa: antiga medida francesa de seis pés, equivalente a 1,98 m. (Nota da Tradutora).*

C. 232 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) *Carta sem sobrescrito, porém Elisabeth Turgis esteve em Chars, de setembro de 1647 até abril-maio de 1648.*

ra vos humilhar por não terdes trabalho ou, pelo menos, por tê-lo tão pouco. Compensai-vos com muitas práticas de virtude e sobretudo com a exata observância de vossas regras, pois, já o sabeis, querida Irmã, Deus vos pedirá contas do tempo que para isso vos concede. Se me acreditardes, não dareis importância aos pequenos obstáculos que queiram opor-se a tal realização. Depressa passará o tempo de trabalhar, dada a idade que tendes e então, tereis arrependimento. Aliás, estando vós com uma Irmã nova, tendes obrigação de servir-lhe de exemplo. Saúdo, com afeto, a essa querida Irmã e lhe peço que à visita dos vossos achaques lhe seja um encorajamento para trabalhar na sua perfeição, enquanto é jovem.

Informando ao senhor Padre Vicente que escrevestes à senhora Marquesa (2), ele me encarregou, seriamente, de vos dizer que não deveis, (não somente vós, mas todas as outras Irmãs), escrever a quem quer que seja, sem nos mandar as cartas abertas. E, para vo-lo provar, querida Irmã, que esta maneira de agir já é um uso entre nós, envio-vos essa carta de Irmã Bárbara que assim o fez, o mesmo acontecendo com nossas Irmãs de Nantes ou de Angers, apesar de estarem bem distantes daqui. Atribuo esse vosso erro à falta de aviso sobre isso, quando fostes para Chars.

Não me dissestes se tendes trabalho na cidade. Lembrai-vos da prática que existe entre nós: devemos trabalhar para ganhar a vida.

Faz pouco tempo, mandamos Irmãs para as crianças de Melun. Se visseis como trabalham! Deus não vos livrou da obrigação de ganhar nosso pão, deixando-nos em comodidades e descanso, não. Mas quer que trabalhem muito à imitação de seu Filho.

Penso que nossas Irmãs vos enviaram o que pedistes, com exceção do forro, porque é difícil encontrá-lo por aqui. Podeis comprar alguma coisa que possa substituí-lo.

Suplico à bondade de Deus conceder-vos as graças de que necessitais para praticar as virtudes que quereis e sou, em vosso santo amor, querida Irmã, vossa mui obediente e afetuosíssima irmã e serva.

---

(2) A Marquesa de O (ver C. 224 n. 1).

*À minha querida Elisabeth Turgis  
Irmã da Caridade, serva dos Pobres doentes  
em Chars, via Pontoise*

Hoje, sexta-feira, 6 de março de (1648)

Mui querida Irmã,

Não conheço outro catecismo mais desenvolvido do que o do senhor Cardeal Belarmino (1). Pareceu-me porém, que o senhor Padre Lambert não julga conveniente explicarmos, por ele, a lição às meninas, nem mesmo às maiores, afirmando que é próprio apenas para os párocos. E, para vos dizer a verdade, querida Irmã, seria muito perigoso para a nossa Companhia quereremos falar como doutoras, não só por nosso interesse particular tão inclinado à vaidade, como ainda pelo receio de dizer coisas erradas. O pensamento do senhor Padre Vicente é que trabalhemos com grande simplicidade e, sabeis como devemos respeitá-lo e acatar suas ordens. Não obstante, falar-lhe-ei a respeito (2). Depois do jantar, enviarei vossa carta à senhora Marquesa de O.

Contaram-me que, a Irmã Marta está tão gorda que ficou irreconhecível! Meu Deus! quanto receio os lugares onde há excesso de comodidades para nossa condição! Vo-lo peço, minha Irmã, prestai atenção para que ela trabalhe tanto quanto puder e, em trabalhos pesados. Não há doente para atender nas aldeias circunvizinhas?

Quanto ao que se refere às jovens de que me falais, sabeis muito bem como devem ser as de que necessitamos. Se as julgardes capazes, seria conveniente viajar (*até cá*) para se apresentarem, antes de serem admitidas definitivamente.

---

C. 233 Rc. 3 Carta autógrafo.

(1) Hoje, São Roberto Belarmino (1642-1621), da Companhia de Jesus, Cardeal e Arcebispo de Capua e Doutor da Igreja; um dos maiores teólogos de seu tempo. (Nota do Padre Castañares a esta carta).

(2) Efetivamente, no Conselho de 29 de março seguinte, Mademoiselle pediu ao senhor Padre Vicente seu parecer. Assim respondeu ele: " Não há melhor Catecismo Mademoiselle, do que o de Belarmino. Se todas as Irmãs o soubessem e o ensinassem, não ensinariam senão o que deveriam, pois, estando lá para instruir, sabereis o que os curas devem saber... Seria bom que lhes fosse lido e vós mesma, Mademoiselle, lho explicásseis, a fim de que todas o aprendessem... Uma vez que é necessário que ensinem, devem saber e não podem aprender melhor e mais seguramente do que nesse livro. Alegro-me muito por termos falado sobre isso, porque essa leitura lhes será de muita utilidade. (Coste XIII, 664-665).

Adeus, querida Irmã, pedi a Nosso Senhor por mim, que me perdoe todas as minhas covardias e pusilanimidades que me impedem de ser segundo os seus designios. Saúdo nossa querida Irmã e sou, de ambas, no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa obediente e humilde serva.

C. 234 (L. 209)

*À minha querida Irmã Ana Hardemont (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres doentes, em Montreuil*

Hoje, 31 de março de (1648)

Minha querida Irmã,

Há pouco tempo, vos escrevi dizendo que désseis um giro por aqui e trouxésseis as moças que querem vir e a pequena, se o senhor Conde (2) o desejar. Perguntai-lhe qual é sua vontade acerca da Irmã que solicitastes e, se o julgar necessário, levá-la-eis.

Recomendai-nos à Irmã Maria (3) e às outras boas Irmãs (4). Por favor, servi-lhes, sempre, de bom exemplo, tanto pela tolerância como pela mansidão, modéstia e observância de todas as regras.

Peço a Deus vos conceda esta graça e sou, no amor de seu Filho Jesus Crucificado, querida Irmã.

C. 235 (L. 207 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, dia de Santa Mônica [1648]

Senhor Padre,

Creio que a senhorita Violle (1) vai apresentar um padeiro (2) para amassar

---

C. 234 Rc. 3 *Carta autógrafa.*

(1) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2).

(2) O Conde de Lannoy (ver C. 71 n. 10).

(3) Maria Lullen (ver C. 200 n. 3).

(4) As moças que trabalhavam no Hospital antes da chegada das Irmãs.

C. 235 *Arquivo das Filhas da Caridade de Montpellier. Carta autógrafa.*

o pão em Bicêtre. Se estiverdes de acordo, dizei-lhe que lá já existe um que trabalha muito bem e estamos contentes com sua conduta. Eu recearia bastante se introduzissem um outro que não fosse tão conveniente ao bem das crianças como ao de nossas Irmãs.

O senhor Cura de São Lourenço queixa-se sempre de que não recebe o que lhe é devido pelos batizados. As Damas querem que ele mova um processo contra o Cura de São Cristóvão, o que não lhe é possível por não possuir nenhuma cópia do contrato de fundação. Por outro lado, o próprio senhor Cura de São Cristóvão se queixa, por sua vez, de que não tira nada disso. Parece-me, senhor, que seria necessário que as Damas fizessem o favor de averiguar a causa da situação, pois lhes é fácil apresentar os papéis necessários ao senhor Cura de São Lourenço.

Desde ontem venho pensando em propor à vossa caridade, se vos parecer acertado, a fim de não se ter tantos choques com o vigário de Chars, enviar para lá a Irmã Joana Cristina (3), em lugar de Irmã Turgis. E, reservariamos a Irmã Jacquette para Chantilly, pois tenho a impressão de que será preciso retirar de Chars a que lá ficou e não desatendermos à advertência da pessoa desconhecida. Tanto uma como a outra, há muito tempo, solicitaram fazer os votos. Parece-me que adiá-los seria afligi-las demais. É de se esperar que os farão com proveito, porque as duas têm espírito bastante maduro e idade já avançada. Por favor, respondi-nos o mais depressa possível, a este respeito, porque o tempo urge para Chars e para mim, o retirar-me, senhor, ser vossas mui obediente serva e indigna filha.

C. 236 (L. 211)

*Ao senhor Padre Vicente*

13 de maio de 1648

Senhor Padre,

Urge-nos enviar duas Irmãs, uma para Crespière e outra para Maule, e são daquelas que, há tempo, pediram à vossa caridade entregar-se a Deus pelos votos. Há seis ou sete anos que estão na Companhia. Nunca manifestaram nenhum desgosto mas, ao contrário, sempre deram muito bom exemplo. Se vossa

---

(1) *Senhorita Violle (ver C. 100 n. 1).*

(2) *Ver cartas 229 e 230.*

(3) *Joana Cristina Prévost (ver C. 140 n. 2).*

C. 236 *Asilo de Dourdan. Carta autógrafa.*

caridade o permitir, amanhã de manhã, ouvirão a santa Missa e farão este santo ato. Não vão partir antes do meio dia. Tende a bondade de avisar-nos se o aprovais e se teremos a felicidade de ouvir vossa santa Missa, por este motivo. Tenho grande necessidade de que Deus me conceda a graça de vos falar pessoalmente e de que vossa caridade me tenha sempre, senhor, como vossa mui obediente filha e humilde serva.

P.S. - Uma das duas Irmãs chama-se Andréa (1), é de perto de Tours, e a outra é Catarina de Gesse (2), a que servia os Pobres em São Gervásio.

C. 237 (L. 303 ter)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre (1)  
Filha da Caridade  
Serva dos Pobres doentes do Hospital de Nantes*

Hoje, 17 de maio de (1648)

Querida Irmã,

Com estas linhas, quero apenas vos dizer que recebemos vossas cartas e as do senhor Beaulieu (2) às quais respondemos na quarta-feira última. Desculpai-me, por favor, se hoje não respondo a todos os pontos de vossas cartas. É que, como as mesmas coisas se repetem, parece-me já vo-las haver explicado satisfatoriamente, a não ser no que se refere às transferências das Irmãs, cujas indicações foram muitas. Asseguro-vos, querida Irmã, que gostaria bem de fazê-lo para vossa alegria, ou melhor, pelo benefício que vossa caridade espera de tal coisa, porém, em se tratando de lugares afastados, as dificuldades são muito grandes. Aliás, isso não seria conveniente: causaria desedificação. Espero porém, que quando o senhor Padre Lambert for visitá-las (3) muito ajudará as Irmãs a encontrarem sua paz e júbilo, no cumprimento da vontade de Deus, mortificando a sua própria. Conheço os sofrimentos e dificuldades de todas vós, mas,

---

(1) *Andréa Guilmine, natural de Saché, perto de Tours. Entrou na Companhia das Filhas da Caridade entre 1641 a 1642; destinada a Crespière. Morreu, certamente, antes de 1655.*

(2) *Catarina de Gesse (ver C. 128 n. 1).*

C. 237 Rc. 3 *Carta autógrafa.*

(1) *Joana Lepintre (ver C. 75 n. 1).*

(2) *Senhor de Beaulieu, administrador do Hospital de Nantes (ver C. 406 n. 4).*

(3) *O senhor Padre Lambert iria a Nantes, no mês de julho.*

sei também, queridas Irmãs, que é o jugo do senhor (*que se faz sentir*) e Ele mesmo tem a bondade de torná-lo leve e suave para aqueles que o carregam por seu amor. Desejo-vos, de todo coração, esta perfeição e, nesse mesmo amor, sou, querida Irmã, vossa mui obediente e muito afeiçoada irmã e serva.

C. 238 (L. 33 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

(pelo ano de 1648)

Senhor Padre,

Creio ser muito necessário retirarmos, hoje cedo, essa pobre senhorita (1). Parece que Deus quer salvá-la, afastando-a de tão lastimável perigo, contanto que não seja abandonada. Se a deixarmos em liberdade, perder-se-á inevitavelmente, por várias razões que apresentarei à vossa caridade, quando Deus nos conceder a graça de lhe poder falar... (2).

C. 239 (L. 178)

*Ao senhor Abade de Vaux  
(Paris)*

29 de maio de (1648)

Senhor,

De todo coração, rogo a Deus, que vosguie em vosso problema, em conformidade com seu divino beneplácito. Espero que Ele tire disso sua glória.

Segue uma carta de Irmã Cecília, segundo a qual, me parece, devemos aguardar notícias dos senhores Pais (1)

---

C. 238 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) O senhor Padre Vicente propõe enviar a senhorita em questão, ao Hospital da Piedade (ver Coste VIII, 527).

(2) Foi conservada apenas a primeira página desta carta; da segunda, restam a primeira ou às vezes, a segunda palavra de cada linha.

C. 239 Rc. 4 Carta autógrafa, endereçada por Irmã Hellot.

(1) Ver C. 245. Os Administradores pedem Irmãs a fim de entregar-lhes outros serviços.

Rogo vos, senhor, nos façais a caridade de prestar atenção ao aviso contido no bilhete incluso. Num destes dias, tivemos de despedir uma jovem, por esse mesmo motivo.

Uma indisposição obriga-me a terminar. Asseguro-vos que sou, realmente, no amor de Jesus Crucificado, senhor, vossa mui obediente e humilde filha e serva.

C. 240 (L 175)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Fontainebleau*

(pelo mês de maio ou junho de 1648)

Minha querida Irmã,

Ah! como vos enganastes, pensando que eu estava zangada convosco! Rogo-vos nunca admitais semelhante pensamento e creio que ele não mais esteja em vosso espirito! Isso foi apenas porque fiquei muito tempo sem vos escrever. Não por não tê-lo querido muito, mas, porque os trabalhos e minhas enfermidades não me deixaram tempo. Aliás, querida Irmã, em várias ocasiões tivestes coisas que valiam mais que minhas cartas! Na quaresma recebestes (*a visita*) do senhor Padre Thibault, e antes, havieis escrito ao senhor Padre Vicente; em seguida, ao senhor Padre Lambert. Ora, minha querida Irmã, todas essas respostas e consolações vos valeram mais que doze cartas minhas.

Quanto ao que se refere aos hábitos que nos pedistes, aguardaremos esclarecimentos pois, me parece que se a Irmã Ana necessita de um hábito, é melhor que venha aqui. Creio porém, que no momento, não vos faltam trabalhos e deveis pensar unicamente em entregar-vos à ceifa da messe, neste santo tempo de missão.

Rogo vos cumprimentar, com todo respeito, o senhor Padre Thibault (1), em meu nome e no de suas boas filhas que continuam trabalhando bastante, graças a Deus. Recomendai-me à Irmã Ana Scollège (2), dizendo-lhe que espero que renove inteiramente os bons propósitos que me manifestou em Nantes.

C. 240 Arquivo das Filhas da Caridade, cardeno azul claro. Carta autografa.

(1) O senhor Thibault (1618-1655) entrou na Congregação da Missão em 1637 e foi ordenado sacerdote em 1642. Sua primeira colocação foi em Saintes, de onde regressou a região da "Ilha de França". Ai pregou missões de 1646 a 1648. Transferido para Saint Méen, permaneceu até à morte.

(2) A. Scollège. Irmã jovem natural de Nantes. Entrou na Companhia no final de 1641.

Sem eles não a teria trazido. Isto é, (*que viva*) numa exata observância de todas as regras e continua mortificação do juízo e da vontade própria. Tenho a certeza, querida Irmã, que também estais nessas mesmas disposições; assim o desejo de coração. Preza à bondade de Deus conceder-me, a mim igualmente, essa graça, sendo em seu santo amor, minha Irmã, vossa mui obediente e humilde serva.

C. 241 (L. 432)

*(À Irmã Bárbara Angiboust - Fontainebleau)*

(pelo ano de 1648)

Segundo creio, querida Irmã, gozais de felicidade de ter aí, em Fontainebleau, nossa boa Rainha. Se sua Majestade quiser falar-vos, não ponhais nenhuma dificuldade, embora o respeito que deveis à sua pessoa vos inspire temor de vos aproximar dela. Sua virtude e sua caridade infundem até aos mais pequeninos, a confiança de expor-lhe suas necessidades; sobretudo não deixeis também de falar-lhe das dos pobres e com toda verdade.

Não é preciso, queridas Irmãs, recomendar-vos modéstia e prudência no meio dessa alta sociedade; sei que prezais muito estas virtudes. Porém, sim, vos peço, fazei por vossos pobres tudo o que vos for possível, especialmente em relação ao serviço espiritual que lhes deveis.

C. 242 (L. 249)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres, em Nantes*

Hoje, 6 de junho de (1648)

Minha querida Irmã,

Louvo a Deus, de todo coração, porque sua Providência vos deu, no momento por ela previsto, um Capelão tal como convém à sua glória, ao bem dos pobres

---

C. 241 Ms. A Irmã Chétif 1. n. 60. Cópia.

C. 242 Rc. 3 Carta autógrafa.

e ao vosso também: Mas, em nome de Deus, queridas Irmãs, vede-o desta maneira, tendo para com ele grande respeito, honra e obediência à sua direção. O senhor Padre Vicente vos autoriza a vos confessar com ele. Lembrai-vos, entretanto, que por melhor que ele seja e mesmo se fosse um santo que Deus tivesse ressuscitado, deveríeis evitar e muito, familiaridades com ele.

Ah! queridas Irmãs, bem sabeis o perigo que existe nisto e as desordens que tal atitude poderia causar nas comunidades e como é difícil corrigir o mal que entrasse por essa porta.

Em nome de Deus, não vos preocupeis, nem vos penalizeis por causa de vossas cartas. Elas nos são fielmente entregues e vejo que as nossas vos chegam. Quando se atrasarem um pouco, ao invés de vos inquietar, pensai que o mensageiro as esqueceu ou levou-as para mais longe e não vos pertubeis com isso. Tende absoluta certeza de que não vos falta nossa atenção, nem nosso afeto, mas, que às vezes, temos de dedicar tempo às outras e, aliás, nossos trabalhos aumentam dia a dia. Entregai tudo ao nosso bom Deus. Após a Páscoa, chegarão mais de quinze Irmãs.

Cumprimentai, com afeto, a Irmã Henriqueta (1) e a Irmã Cláudia (2) a quem peço não se matar em sua botica (3). Uma boa pessoa que vos quer bem, me escreveu falando de cada uma de vós, em particular. Isto me leva a dizer-vos que não deveis estranhar as mudanças que, às vezes, percebeis no ânimo das pessoas com quem tratais. E à Irmã Margarida (4), peço-lhe lembrar-se de que se não for fiel a Deus, terá de prestar-lhe contas na hora da morte. Ah! como é perigoso escutar a carne e o sangue! Que a Irmã Maria (5) se lembre das últimas palavras que lhe disse quando saía daqui.

De outra vez, direi uma palavra a todas. Peço a Deus conceder-vos suas mais caras bênçãos e sou, em seu santíssimo amor, querida Irmã, vossa mui obediente e mui humilde serva.

---

(1) *Henriqueta Gesseaume (ver C. 86 n. 1).*

(2) *Cláudia Carré (ver C. 561 n. 5).*

(3) *Farmácia.*

(4) *Margarida Noret que nesta ocasião tinha dificuldade de relacionamento com sua Irmã Servente.*

(5) *Maria Tholouse (ver C. 177 n. 3).*

*Ao senhor Padre Vicente*

(junho de 1648)

Senhor Padre,

O senhor Padre Lambert (1) vos falará sobre o gravíssimo estado de nossa querida Irmã Luísa, de São Tiago. Humildemente peço à vossa caridade lhe expliqueis em que consiste a Bênção que o Santíssimo Padre nos concedeu e a maneira em que no-la é aplicada, para que assim nossa pobre Irmã participe de tão grande benefício. Também humildemente vos rogo, me permitais ir vê-la e a senhora de Marillac (2), amanhã, se achar um jeito para isso. Aproveitaria para fazer as três estações da rua de São Dionísio, que são próximas uma da outra. E, se vossa caridade quisesse fazer o favor de atender-me no sábado, muito me alegraria, para no domingo, poder comungar na intenção do Jubileu. Suplico-vos, respeitosamente, terdes a bondade de informar-me se é necessário que eu escreva à Irmã Bárbara (3) a respeito da pequena que nos envia, tendo em vista o que ela me mandou dizer. E também, o que devo dizer-lhe sobre a mulher e as duas moças de quem nos fala em sua carta recebida ontem; vo-la estou enviando. Se o senhor Padre Lambert me fizer a caridade de vos relatar as queixas que recebeu contra mim, veríeis a necessidade que tenho de que me atendaís o pedido para sábado.

O senhor Esmoler da Senhorita (4) acaba de dizer-me, verbalmente, que viria até aqui para comunicar-vos a carta de Irmã Bárbara a qual também me mostraria. Nada lhe falara eu de vossa parte.

---

C. 243 Ms. St. Paul. Cópia.

(1) O senhor Padre Lambert, nesta ocasião, era superior do Colégio de Bons Enfants.

(2) A senhora de Marillac, a jovem, em solteira Joana Potier, esposa de Miguel de Marillac, neto do Guarda-selos.

(3) Bárbara Angiboust, que no momento está em Fontainebleau (ver C. 6 n. 1).

(4) Ana Maria Luísa de Orléans, (1627-1693), duquesa de Montpensier, chamada a "Grande Senhorita", era prima do rei Luis XIII.

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade,  
a serviço dos Pobres de Fontainebleau*

Hoje, 24 de junho de (1648)

Querida Irmã,

Tendes muita razão de vos queixardes de mim porque, na verdade, faz mesmo bastante tempo que não vos escrevo. Impediram-me de fazê-lo problemas que me aparecem inesperadamente, a morte de minha pobre Irmã Luísa, de São Tiago "de la Boucherie", a doença de várias outras e a saída de algumas. Tudo isso unido à esperança que eu tinha de poder mandar-vos, de um momento para outro, uma Irmã. Não conseguia encontrá-la, porque, embora haja bastante gente aqui, quando se trata de enviar alguma para qualquer lugar, não sabemos a quem escolher: as que são aptas para uma coisa, não o são para outra e, sobretudo, querida Irmã, o que fez com que não me apressasse, foi a certeza de que não tinheis necessidade de consolação, porquanto gozáveis da felicidade de ter aí a Missão (1). Eis, finalmente, a Irmã Joana Cristina! (2) O Padre Vicente achou bom vo-la enviar, porque ele pensa que daqui a pouco sereis chamadas para fazer visitas às Crianças e é necessário ficar em vosso lugar alguém que satisfaça. Colocai-a a par de tudo daí. Saiba, querida Irmã, que a vossa mocinha, por enquanto, não é, de modo algum própria para nós. Seria bom que lhe arranjassemos onde pudesse trabalhar, contanto que seja com pessoas de confiança, como na casa de um lavrador. Mesmo que, para começar, não fizesse outra coisa senão guardar vacas. Depois, à medida que fosse crescendo, se lhe poderia mandar fazer mais outras coisas. Após haver trabalhado três ou quatro anos, se Deus lhe der vontade de servi-lo conosco, poderemos admiti-la. Porém, será melhor que ela mesma o queira, quando tiver idade suficiente e não, quando não sabe ainda o que quer.

Espero que Deus abençoe a caridade que tendes para com essa moça e vos faça encontrar uma boa oportunidade para colocá-la; assim vo-lo suplico e sou, em seu santo amor, vossa humilde irmã e afeiçoadíssima serva.

P.S. - O senhor Padre Esmoler da senhorita (3) recebeu vossa carta, - não

---

C. 244 Carta escrita por Irmã Hellot. Assinatura e P.S. de Santa Luísa. Cópia.

(1) Missão que estava sendo pregada pelo senhor Padre Thibault (ver C. 240 n. 2).

(2) Joana Cristina Prévost (ver C. 140 n. 2).

(3) A "Grande Senhorita" (ver carta anterior).

sei por intermédio de quem - e a mostrou ao senhor Padre Vicente que julga oportuno não mais falardes, nem escrever sobre o assunto em questão.

Recomendo-vos, de modo especial, a Irmã Joana pois, não faz muito tempo esteve bastante doente. Dai-lhe os cuidados que requer, vo-lo peço. Já conheceis: é uma alma de paz!

C. 245 (L. 320)

*À minha querida Irmã Cecília (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
do Hospital Geral  
Angers*

(julho de 1648)

Querida Irmã,

É verdade que já faz vários dias - umas três semanas - que não tenho a alegria de vos escrever. Não porque não o desejasse, mas, por ter sido impedida por um certo mal-estar, um grande número de doentes e de pequenos afazeres que nos tomam muito tempo, mais do que o temos.

Peço-vos, querida Irmã, não vos sobrecarregueis de ocupações, pois, acredito, como vós, que as Irmãs daí não ficariam sem nada fazer, mesmo se fossem doze (2) e não deixariam de empregar seu tempo muito utilmente. Por isso, concordo que nos momentos em que possais fazê-lo, prepareis a decoada e, mesmo se não a fizésseis toda, aquelas que dentre vós se empregassem nisso, diminuiriam o número de mulheres que seria preciso contratar. Porém, comprometer-vos a preparar a barreira toda, mesmo se fôsseis em maior número, seria para vós trabalho excessivo. Informei-me de Irmã Maria Marta (3) qual seria o serviço de uma aplicadora de emplastro e me disse que supunha ser tanto que ocu-

---

C. 245 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) *Cecília Angiboust ver C. 36 n. 2) que acabava de ser nomeada Irmã servente da Comunidade de Angers. (Carta do senhor Padre Lambert, datada de 17 de julho de 1648 - Arquivos).*

(2) *Lemos nas anotações de Maturina Guérin, de julho de 1675, que as quatro Irmãs pedidas há longo tempo pelos Administradores do Hospital (ver C. 171 e final do relato da viagem a Nantes que acabou passando por Angers), foram enviadas somente no ano de 1648, para se responsabilizarem pelas mulheres e ajudar na barreira.*

(3) *Maria Marta Trumeau que saiu de Angers em junho de 1647, nesta ocasião está na Paróquia de São Paulo (ver C. 72 n. 4).*

paria uma Irmã. Eu não veria inconveniente em aceitá-lo, contanto que a Irmã não saísse das salas (4) e preparasse os emplastros em vossa repartição. Entretanto, se tiver de fazê-los em outro lugar e fosse obrigada a ir muitas vezes à casa do cirurgião, não seria oportuno. Podeis dizer isso, confidencialmente, ao bom senhor que vos fez a proposta.

Quanto às mudanças (5), suplico à bondade de Deus vos preserve e a todas as Irmãs, de desejá-lo formalmente. E se o diabo vos sugerisse semelhantes pensamentos, advirto-vos: não os escuteis, mas, rejeitai-os como verdadeiras tentações. Não posso dizer-vos que aquelas que passaram por essas situações tenham sido bem sucedidas. É preciso (*ser*) inteiramente de Deus, queridas Irmãs, mas, de maneira diferente. Quem somos nós para escolher livremente nossos caminhos? Deixemos Deus agir! Estou certa de que revelastes vosso interior ao senhor Padre Lambert e ele falará a respeito com o senhor Padre Vicente. Permaneci pois em paz até que a Divina Providência vos dê a conhecer o que ela quer de vós. Suplico a Nosso senhor conceder-vos esta graça e sou em seu santo amor, queridas Irmãs, vossa mui humilde e afeiçoada irmã e serva.

C. 246 (L. 82)

*À minha querida Irmã Elisabeth Martin (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Richelieu*

(pelo ano de 1648)

Mui querida Irmã,

Louvo a Deus, de todo coração, pela boa saúde que vos concede, particularmente à Irmã Ana (2) a quem suplico fazer bom uso dela e de todas as demais graças, por temor de ser acusada no dia do juízo. Sim, minhas Irmã, quanto temos de temê-lo. Creio que não pensamos bastante nele e, muitas vezes, recebemos de bom grado, as graças de Deus e, ao invés de nos humilharmos, ensoberbecemo-nos, sem nos apercebermos; servimo-nos dessas mesmas graças a

---

(4) Salas, isto é, enfermarias.

(5) O senhor Padre Lambert haveria de propor a mudança de Francisca Clara e de Andréa (carta citada em lugar anterior).

C. 246 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Elisabeth Martin (ver C. 26 n. 1).

(2) Ana, de Richelieu (ver C. 175 n. 4).

pretexto de caridade, como se nos pertencessem e fossem produzidas por nós. Deus nos guarde de tal miséria! E, para fazermos o possível de preservar-nos dela, humilhemo-nos, submetendo-nos às criaturas, mortificando nossos sentidos e paixões e aceitando a vontade divina em todos os seus designios sobre nós. Rogo-vos, queridas Irmãs, sede alegres!

Preocupa-me a doença de Irmã Elisabeth; peço-lhe dizer-me detalhadamente (o que sente). Parece-me ser necessário que se purgue amiúde porém, com pequena quantidade e tome todas as manhãs, em jejum, um bom copo de água cevada bem clara e fervida, adoçada com um pouco de mel ou açúcar e, o mesmo, à noite, bem distanciado da ceia.

Parece-me, Irmã Ana, que me perguntastes alguma coisa sobre o uso do vinho. Em nome de Deus, não vos acostumeis a ele porque, segundo vos conheço, tenho certeza que vos fará muito mal.

Estou apressada; boa noite, queridas Irmãs, rezai por mim e por toda a Companhia e crede-me no amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa humilde e muito afeiçoada serva.

C. 247 (L. 239)

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust (1)*

Sexta-feira (1648)

Querida Irmã,

Peço-vos mandar vestir o pequeno Francisco bem limpinho, desde a camisa até o gorrinho e dar-lhe o café bem cedo. Se o senhor seu pai enviar alguém para buscá-lo, perguntai a quem for pegá-lo, se deve mesmo ser levado. Ou então, sem nada indagar, fazei-me o favor de ir com ele, sem perdê-lo de vista, seja onde for que o forem levando, a não ser que o próprio senhor de Charny vos despache. E, nesse caso, virieis aqui mo dizer.

Recebi notícias do senhor Padre Vicente que deseja a todas maior perfeição de que já temos. À sua volta, eu vos falarei o resto.

Cumprimento as Irmãs, a todas elas. No amor do Coração de Jesus Crucificado, sou vossa humilde irmã e serva.

---

C. 247 Rc. 3 Carta Autógrafa.

(1) *Bárbara Angiboust tinha vindo de Fontainebleau para ir fazer visitas às Crianças Abandonadas. No momento, estava em Bicêtre.*

(2) *Genoveva Poisson (ver C. 97 n. 2).*

P.S. - Minha Irmã, dizei à Irmã Genoveva (2) que lhe recomendo muito as crianças pequeninas e que, amanhã, quando estiverem deitadas, me mande a Irmã Joana Batista (3).

C. 248 (L. 88)

*À minha querida Irmã Elisabeth Martin (1)*  
*Serva dos Pobres*  
*Richelieu*

Hoje, 3 de agosto de (1648)

Querida Irmã,

Conforme me escreveu o senhor Padre Gauthier (2), Nosso Senhor vos está fazendo participar, intensamente, de seus padecimentos, permitindo que estejais bastante mal. Suplico à Divina Bondade vos dê as consolações que concede às almas às quais quer santificar por este caminho. Duas coisas podem ajudar-nos muito nesse momento: uma é o amor que devemos ter, honrando os sofrimentos do Filho de Deus, e a outra, o pensamento freqüente de que esta vida é de curta duração e que os sofrimentos, bem aceitos, nos conduzem à eternidade feliz. Amemo-los, pois, querida Irmã, e façamos, de bom grado, muitos atos de aceitação, enquanto a vontade de Deus os quiser em nós. Persuadi-vos de que são um sinal do amor de Deus vos tem, visto que, por este meio vos faz, de certo modo, semelhante a seu Filho. Sofrei, pois, com o mesmo espírito que Ele; submetei-vos a tudo o que Deus quiser de vós; mas, empregai também todos os meios que vos forem proporcionados para recobardes a saúde.

Peço à Irmã Ana (3) que cuide muito de vós, o que estou certa, já o faz. Porém, desejo que o seja em espírito de perfeita caridade e como um dever. Sei, querida Irmã, o quanto ela vos estima e respeita e isso me dá tranqüilidade de que não deixará de fazer o que lhe solicitardes. Ao mesmo tempo porém, vos rogo que lhe peça, com toda confiança, os cuidados de que necessitardes. Se vos custa o estado de sujeição a que vos reduz a enfermidade, nisto também de-

---

(3) Joana Batista, a antiga (ver C. 75 n. 7).

C. 248 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Elisabeth Martin (ver C. 26 n. 1).

(2) O senhor Gauthier, Superior dos Padres da Missão, em Richelieu (ver C. 185 n. 2).

(3) Ana, de Richelieu (ver C. 175 n. 4).

veis, querida Irmã, ver e amar a vontade de Deus, a quem de todo coração, suplico vos conceda a perfeição de seu santo Amor, no qual sou, queridas Irmãs, vossa mui humilde serva e afeiçoada irmã, indigna Irmã da Caridade.

P.S. - De todo coração saúdo a Irmã Ana e vos peço fazer o mesmo, em meu nome, para com a senhora de Bachets. Se ela estiver em Richelieu,izei-lhe, por favor, que a senhora Marquesa de Mortemart (4) está preocupadíssima com o que tenha feito com as relíquias da Senhorita sua filha. Peço-lhe dar-nos notícias disso o quanto antes.

C. 249 (L. 319)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
no Hospital São Renato  
Nantes*

(agosto de 1648)

Minha querida Irmã,

Regozijo-me e louvo a Deus pela alegria que sua bondade vos proporcionou com a vista do senhor Padre Lambert (1). Suplico-Lhe que esta consolação não tenha apenas falado à vossa sensibilidade, mas tenha sido uma boa semente lançada na terra fértil de vossos corações. Que ela frutifique abundantemente, no futuro, na hora das provações, porque deveis ser fortes. Com efeito, desde que tendes o nome de Filhas da Caridade e sabeis que a verdadeira caridade tudo ama e tudo suporta - até as contradições e repugnâncias mais difíceis - espero que todas vós a praticareis desse modo. Todavia, não vos será possível exercê-la se antes, não fordes fiéis a todas as prescrições de vosso pequeno regulamento. Não é portanto razoável, queridas Irmãs, que tendo Deus nos dado a honra de chamar-nos a seu serviço, nós O sirvamos da maneira que Lhe agrade?

Cumprimentai, em meu nome, todas nossas queridas Irmãs; abraço-as bem afetuosamente, vendo-as como quem acaba de renovar-se no desejo de agir bem e de ser fiel a Deus. Sim, queridas Irmãs, este pensamento me é muito grato e me enche de grande consolação.

---

(4) Senhora de Mortemart (ver C. 182 n. 1).

C. 249 Rc. 3 Carta autógrafo.

(1) Em sua carta de 17 de julho 1648, dirigida à Mademoiselle, o senhor Padre Lambert indica a conveniência de se retirar de Nantes, a Irmã Margarida Noret.

O senhor Padre Lambert me avisou que seria conveniente retirarmos daí a Irmã Margarida Noret (2), razão por que vos peço, tão logo recebais esta, que a envieis, sem demora, a Angers, por algum caminho bem seguro. Nesta semana faremos sair daqui a Irmã para substituí-la. Encontrar-se-ão em Angers, porém, Irmã Margarida seguirá para cá com aquelas que (4) vierem de Angers. Antes porém, pedi ao senhor des Jonchères (5) para vos fazer o favor de dizer se deveis avisar a algum dos Administradores, e qual, ou então, se ele mesmo o fará. Terei a honra de escrever-lhe a este respeito.

Rogo-vos, querida Irmã, dizer à Irmã... (6) que o senhor irmão passou por aqui num desses dias. Está muito bem e pediu notícias dela. Disse que lhe havia escrito ou ia lhe escrever, mas, *(se o fez)* não foi por nosso intermédio, porque não me entregaram nenhuma carta. O Irmão e o sobrinho de Irmã Henriqueta (7), ambos em São Lázaro, passam muito bem, graças a Deus, Sua irmã com a outra filha estão em casa da senhorita de Pollalion (8) e vão bem, como ainda a Irmã Perrete (9) que continua em Forges. Quanto a vós, minha querida Irmã, vossos tios que residem perto de Notre Dame, estão bem, graças a Deus e vos cumprimentam; igualmente o faz a vossa outra tia que ainda se acha muito triste com a morte de vosso tio, ocorrida há uns três meses. Continua com seus trabalhos e seus filhos; custa-lhe levá-los à frente. Como sois feliz por ter o nosso bom Deus vos livrado de todo apego, para serdes mais perfeitamente dele! Suplico à sua bondade continue vos concedendo suas santas graças e sou, em seu santíssimo Amor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e afeiçoada serva e mui indigna Irmã da Caridade, serva dos Pobres.

---

(2) Margarida Noret (ver C. 218 n. 3).

(3) Maria Amou (ver C. 315 n. 1).

(4) Francisca Clara (ver C. 119 n.º 5) e Andréa (ver C. 144 n. 4).

(5) O senhor des Jonchères (ver C. 160 n. 3).

(6) Luisa de Marillac deixou aqui um espaço em branco. Referia-se à Irmã Joana de Santo Albino.

(7) Henriqueta Gesseaume (ver C. 86 n. 1).

(8) Senhorita de Pollalion (ver C. 231 n. 1).

(9) Perrete Chefdeville (ver C. 366 n. 1), sobrinha de Henriqueta que estava em Serqueaux.

*À minha querida Irmã Cecília Inês (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres  
Angers*

(agosto de 1648)

Minha querida Irmã,

Cumule-vos Nosso Senhor, constantemente, de suas santas bênçãos e a todas as nossas queridas Irmãs, a quem saúdo em seu santíssimo Amor. Há muito espero poder escrever-vos com tranqüilidade, porém, não tenho tido tempo mesmo! Quero falar-vos somente a respeito das jovens recebidas pelo senhor Padre Lambert (2). Se as julgardes aptas, se nelas nada virdes que seja contrário à nossa vocação, podeis mandá-las, depois que ele partir. Não precisamos porém de preguiçosas, nem de tagarelas, nem das que, sob pretexto de serem Filhas da Caridade, querem é conhecer Paris, sem nenhuma vontade de servir a Deus e de trabalhar na própria perfeição. É isso que nos leva a termos de despachá-las ou que elas partam por sua conta.

Dizei-me, por favor, se Maria Dillé (3) voltou. Esta pobre moça se esforçou muito; é uma penal Mandai-me também notícias do senhor Padre Ratier (4) e sobretudo do senhor Abade de Vaux (5). Saudai-os, a ambos, em meu nome, com toda humildade e respeito. Terei a honra de escrever-lhe tão logo o possa. Irmã Bárbara (6) está conosco, atualmente. Envia lembranças a todas as nossas queridas Irmãs.

Temos, pelo menos, dez doentes em casa.

Boa noite, querida Irmã, rezai pelo senhor Padre Vicente que esteve muito mal, mas graças a Deus já está melhor. Sou no amor de Nosso senhor, caríssimas Irmãs, vossa mui humilde e afeiçoada irmã e serva.

---

C. 250 Rc. 3 Carta autógrafo.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2).

(2) O senhor Padre Lambert fizera a visita em junho-julho de 1648.

(3) Irmã natural de Angers.

(4) O senhor Padre Ratier (ver C. 82 n. 2).

(5) Senhor Abade de Vaux (ver C. 16 n. 1).

(6) Bárbara Angiboust, irmã de Cecília, nesta ocasião, na Casa Mãe.

*Às minhas queridas Irmãs  
Irmã Carlota Royer (1)  
e Irmã Francisca Carcireux (2)  
Filhas da Caridade, servas dos Pobres  
Richelieu*

(agosto de 1648)

Querida Irmã,

Será verdade que andais chorando desde que saistes de Paris e se pudésseis falar com a malvada Irmã Luisa (3) que aí vos colocou, lhe dirieis o que merece? Na impossibilidade de fazê-lo pessoalmente, dissei-me tudo, pelo menos, por escrito e ficai certa de que lerei, com prazer, a vossa carta.

Irmã Juliana (4) não deixou de escrever a vosso pai, conforme pedistes. Ele e vossa mãe vão bem, graças a Deus. Ambos vos saúdam. Espero partir amanhã para Liancourt e lhes darei vossas notícias, sem restrições. Vou perguntar-lhes se querem escrever e mandar-vos uma carta cheia de "razões"! Ah! e além de tudo, Mademoiselle está zombando de mim!... Não é verdade que estais dizendo assim? Oh! parece-me que agora já tomastes juízo e não estais chorando mais. Ficai contente por nosso bom Deus estar cumprindo em vós, a sua santíssima vontade!

Digo o mesmo à minha querida Irmã Carcireux, a quem também posso dar notícias do senhor seu pai. Está bem, graças a Deus, porém, não vos escreveu desta vez. Em nome de Deus, queridas Irmãs, sede corajosas; trabalhai em vosso aperfeiçoamento, esquecendo-vos de vossa terra e de vossa parentela, para viverdes em paz nesta (outra) terra em que Ele vos colocou, pela santa obediência.

---

C. 251 Rc. 3 Carta autógrafa. Endereço com letra de Irmã Hellot.

(1) Carlota Royer, natural de Liancourt. Depois de haver servido os Pobres na Paróquia de São João, foi enviada a Richelieu, em 1648. Achava-se ainda lá, em 1660, por ocasião da morte de Luisa de Marillac. (Ver Coste VIII, 270).

(2) Francisca Carcireux, natural de Beauvais, parece ter entrado na Companhia das Filhas da Caridade pelo ano de 1640 ou 1641. Destinada a Paróquia de Saint-Germain-l'Auxerrois, depois ao serviço das Crianças Abandonadas em Bicêtre. Em 1648, foi para Richelieu e daí para Narbonne, em 1659. De 1672 a 1675, foi Assistente da Companhia. Duas Irmãs suas foram Filhas da Caridade e um irmão, Padre da Missão.

(3) Assim se chama a si mesma Luisa de Marillac.

(4) Juliana Loret que está na Casa Mãe (ver C. 253 n. 1).

Em meu nome, cumprimentai com muito respeito, o senhor Padre Gauthier (5) e sua Comunidade, suplicando-lhes pedir a Deus por nós. Eu também Lhe rogo que as faça segundo seu Coração e sou em seu santíssimo Amor, minha mui querida Irmã, vossa obediente irmã e serva.

C. 252 (L. 173 bis)

*À minha querida Irmã Hellot  
Filha da Caridade, Serva dos Pobres, defronte de São Lázaro*

(de Liancourt, agosto de 1648)

Mui querida Irmã,

Rogo-vos dizer-me o que se passou na Conferência (1), se ao senhor Padre Vicente esteve presente e se as Irmãs que lhe deveriam falar o fizeram. Penso que compreendestes bem que deveríeis perguntar-lhe se Irmã Carcireux (2) teria de envolver-se no caso de seu pai. Peço-vos, querida Irmã, (*ver*) se há alguém que possa incumbir-se disso, porque o pobre homem causa compaixão e seria necessário que quem fosse se encarregar do assunto lhe desse já uma resposta. Dai-me também notícias do estado da senhora vossa irmã e se Deus vos está concedendo forças para superar os sentimentos fracos e vãos da natureza. Oh! querida Irmã, como é bom fazermos tudo o que for possível pelos nossos, visto que Deus também assim o quer.

Se Champagne vos levar os móveis, se tiverdes condição, é preciso ficar com eles e dizer-lhe que, em breve, voltarei, se Deus quiser. Talvez queira dinheiro; não há perigo em lhe dar, porém precisa ficar ciente de que terá de fazer ainda os letreiros.

Rogo-vos, cara Irmã, que envieis uma palavra ao Padre Holden (3); não tenho tempo de escrever-lhe, pedindo-lhe que me consiga indulgências, pois, aqui, tenho para dar, apenas medalhas não indulgenciadas.

Dizei também ao Irmão Alexandre (4) que não deve tardar em purgar o senhor Padre Vicente, porque me parece estar necessitado e acho que o xarope de chicória, misturado com o de flores de pessegueiro, lhe faria muito bem. Sabeis como vos arranjar para transmitir-lhe esse recado.

---

(5) O senhor Padre Gauthier (*ver* C. 185 n. 2).

C. 252 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) A Conferência de 25 de agosto de 1648. (*Coste IX, 438*).

(2) Francisca Carcireux (*ver* C. 251 n. 2).

(3) O senhor Padre Holden, amigo da família de Marillac (*ver* C. 164 n. 2).

Dizei, por favor, à Irmã Julieta (5) que mande fazer uma visita, em meu nome à Irmã Vicência (6) e me dê notícias dela. Nossa viagem foi muito boa, graças a Deus, e chegamos a Liancourt hoje, terça-feira, pelo meio dia. Rogo-vos que vos lembreis de solicitar à senhora Presidenta de Nesmond (7) que envie a Chantilly o que lhe pediram e que a Irmã Luísa (8) mande uma saia | (cota) para a Irmã Turgis (9). Encontramos as duas bem de saúde, graças a Deus, como também as nossas Irmãs daqui (10). Cuidai bem da vossa, por favor, e se tiverdes necessidade de purgar-vos, não vos descuideis.

Penso ser conveniente à Irmã Joana, de Sedan, um pouco de exercício com sua perna. Dizei-me o que foi feito de Irmã Joana Fouré (11).

Se alguma de nossas Irmãs estiver com o senhor Padre Vicente, favor saudá-lo, reverentemente, em meu nome.

Boa noite a todas, queridas Irmãs, espero ver-vos em breve. Fazei-me o obséquio de dar-me notícias de meu filho e comunicar-lhe as minhas. Suplico à bondade de Deus conceder-vos a perfeição de seu santo Amor, no qual sou, minha querida Irmã, vossa mui humilde irmã e serva dedicada.

P.S. - Assegurai nossas Irmãs, a todas, de meu afeto e peço-lhes o receberem como se me dirigisse a cada uma em particular.

C. 253 (L. 220)

*À minha querida Irmã Julieta Loret (1)  
Filha da Caridade,  
Serva dos Pobres doentes, defronte de São Lázaro  
Bairro de São Dionísio*

(27 de agosto de 1648)

Minha querida Irmã,

Vossa carta proporcionou-me uma grande alegria. Vo-la agradeço de todo

---

(4) Irmão Alexandre Véronne (1611-1686), Irmão Coadjutor, admitido na Congregação da Missão em 1636, foi enfermeiro em São Lázaro, durante muitos anos.

(5) Juliána Loret (ver C. 253 | n. 1).

(6) Vicência Auchy (ver C. 43 n. 2).

(7) Luísa Cristina Rideau (ver C. 160 n. 7).

(9) Elisabeth Turgis acaba de chegar a Chantilly (ver C. 11 n. 1).

(10) As Irmãs de Liancourt.

(11) Joana Fouré, natural de Londun, em 1646 trabalhou como enfermeira na Casa das Crianças Abandonadas; em 1649, estava em Valpuseaux. Em 1651, foi para sua casa.

C. 253 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Juliána Loret, nascida a 7 de outubro de 1622, na paróquia de São Tiago "du Haut

coração. Louvo a Deus pela consolação que a Conferência (2) causou a todas as Irmãs e suplico à sua bondade vos conceda a graça de saberdes aproveitar dela.

Estou muito apreensiva com um boato que se espalhou pelo campo, de que houve tumultos e até alguns assassínos nas ruas de Paris (3). Em nome de Deus, minha querida Irmã, daí-me, quanto antes, notícias do senhor Padre Vicente, de meu filho e de nossas Irmãs e de tudo o que souberdes sobre esses rumores.

Rogo-vos dizer à Irmã Hellot (4) que me mande o regulamento de Chantilly (5) e as notas das despesas, tanto do Hospital como das da senhora de Liancourt (6). Gostaria também de saber notícias da Irmã Vicência (7); continua ainda com a febre terçã e os calafrios? Seria bom que, ao sair (*de uma crise*) de calafrios, lhe fosse administrado meio copo de água de cardo-santo. Se o médico concordar, tereis apenas de dizê-lo e, com facilidade, as Damas vos arranjarão (*algumas doses*). Quanto à mãe de Anita, muito me contraria o ter vindo, porém, desde que Deus assim o permitiu, penso que o senhor Padre Vicente aprovaria que as Irmãs do Hospital Geral procurassem colocá-la, o mais rápido possível. Fizestes bem em não deixá-la em nossa casa. Dizei, querida Irmã, à Irmã Hellot que tenha as cartas prontas, na portaria, para não perder a ocasião de entregá-las, assim que alguém passar.

Tende cuidado em conservar tudo bem fechado em casa e que haja bastante gente para guardá-la.

Peço à bondade de Deus vos conserve a todas e que aplaque sua ira contra o seu povo. Em seu santo amor, sou, querida Irmã, vossa muí humilde e dedicadíssima irmã e serva.

---

*Pas”, entrou na Companhia das Filhas da Caridade no dia 9 de junho de 1644. Luisa de Marillac depositava grande confiança nela. Em outubro de 1647, foi nomeada Diretora do Seminário e substituiu Luisa de Marillac em suas ausências. Em 1653, foi enviada a Chars, onde o pároco jansenista criou-lhe uma situação difícil. Em 1653, foi nomeada Irmã Servente de Fontenay-aux-Roses. Em agosto de 1655, regressou à Casa Mãe, sendo nomeada Assistente, cargo no qual permanecerá mesmo após a morte da Fundadora. Morreu no dia 8 de agosto de 1699.*

(2) Conferência de 25 de agosto de 1648 (Coste IX, 438).

(3) A 26 de agosto de 1648, a Rainha Ana d'Áustria mandou prender o senhor D. Pedro Broussel, membro do Parlamento. Era um homem muito popular e contrário a Mazari-no. O povo se sublevou para expressar seu protesto e levantou barricadas nas ruas. Para restabelecer a calma, a Rainha viu-se obrigada a liberar Broussel.

(4) Elisabeth Hellot (ver C. 164 n. 1).

(5) Viajando para Liancourt, Luisa de Marillac deteve-se em Chantilly.

(6) A senhora de Liancourt (ver C. 5 n. 2).

(7) Vicência Auchy (ver C. 43 n. 2).

(8) Ana Varon (ver C. 258 n. 3).

(9) Ver carta dirigida a Miguel Le Gras (C. 256).

*À minha querida Elisabeth Hellot  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes,  
defronte de São Lázaro, bairro de São Dionísio*

(28 de agosto de 1648)

Minha querida Irmã,

Em nome de Deus, dai-me noticias do senhor Padre Vicente, do senhor Holden (1), do senhor de Marillac (2) e do meu filho. Estou tão preocupada que, se o pudesse, voltaria hoje mesmo. Por favor, não me oculteis coisa alguma.

Escrevi, ontem, à Irmã Juliana (3). Mandai-me resposta de tudo, vo-lo peço. Coloquei em segurança, tanto quando puderdes, o pouco que possuímos; embora, o melhor que fareis é recorrer a Deus. Rogo-vos que, por algum tempo, haja sempre uma ou duas Irmãs diante do santíssimo Sacramento, para procurarem ajudar a tantas boas almas, a aplacar a ira de Deus sobre nós.

Se o senhor Padre Vicente estiver de acordo que meu filho se refugie em São Lázaro, eu lhe suplicaria, humildemente, conceder-lhe este favor. Não tenho tempo de eu mesma lhe escrever sobre o assunto; falai com ele, vo-lo peço. Crede-me no amor de Jesus Crucificado, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e afeiçoadíssima serva.

P.S. - Recomendai-me a todas as nossas queridas Irmãs. Não tenhais medo, mas, sim, uma grande submissão à justiça de Deus e à sua santa vontade.

---

C. 254 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Senhor Holden (ver C. 164 n. 2).

(2) Miguel de Marillac, o moço, Conselheiro no Parlamento, que acaba de ser preso, juntamente com Broussal (ver Carta anterior).

(3) Ver carta anterior.

C. 255 (L. 215)

*À minha querida Irmã Hellot  
Filha da Caridade, a serviço dos Pobres doentes  
no Bairro de São Dionísio, defronte de São Lázaro  
(Paris)*

(de Liancourt), 29 de agosto de 1648

Minha querida Irmã,

Não penseis que estou preocupada com vosso mútuo entendimento; saúdo a nossa querida Irmã Bárbara (1) e louvo a Deus por toda a tranqüilidade que as duas querem me fazer crer que existe. É um sofrimento muito grande estar separada dos amigos, quando a gente os supõe em perigo (2).

Penso que fareis muito bem enviando essa boa mulher para ficar com a senhora vossa irmã. Espero da bondade de Deus, que a livre depressa de sua enfermidade. Temos aqui muitos doentes e vo-los recomendo encarecidamente.

Rogo-vos escrever-me (*dizendo-me tudo*), o mais minuciosamente possível. Estou vos escrevendo num lugar e num momento que me obrigam a servir-me do vosso próprio envelope.

Não respondestes a todas as minhas perguntas.

Boa noite, querida Irmã, sou toda vossa. Recomendai-me à Irmã Juliana (3) e a todas as nossas Irmãs. Sabeis que sou, minha cara Irmã, no amor de Jesus Crucificado, vossa muito humilde e dedicadíssima serva.

C. 256 (L. 216)

*A seu filho Miguel Le Gras (1)*

(De Liancourt), hoje, 29 de agosto de (1648)

Meu querido filho,

---

C. 255 Rc. 3 Carta autógrafa. Lado interno do envelope que continha uma carta que foi enviada a Luisa de Marillac.

(1) Irmã Bárbara Angiboust (ver C. 6 n. 1).

(2) Ver as duas cartas anteriores.

(3) Juliana Loret (ver C. 253 n. 1).

C. 256 Rc. 3 Carta autógrafa. Ver carta anterior.

(1) Esta carta foi escrita nas costas da anterior, dirigida à Irmã Hellot.

Foi na casa do senhor Oficial (2) que te encontraste com a senhora Mousnier, que te fez tão excelentes oferecimentos? Fiquei perplexa quando ela me perguntou se teu caso estava resolvido. Não sabia se era aquele que ainda devias solucionar. Nunca pensei que ela tivesse semelhantes conhecimentos. É uma boa amiga, segundo me parece, e, não precisas temer valer-te dela; isso a obrigará a guardar segredo.

Alegro-me de que tenhas cumprido teus deveres para com o senhor de Marillac (3) e dou graças à bondade de Deus pela consolação que lhe deste, após a tribulação. Tenho de confessar-te: senti muita pena e tive um grande desgosto, por não me encontrar em Paris. É preciso louvar e bendizer a Deus por tudo e adorar os designios de sua divina Providência.

Voltarei tão logo me seja possível, eu te asseguro. Se for necessário que eu escreva ao Oficial (2), avisa-me, te peço.

Rogo a Deus te guarde, e sou sempre, querido filho, tua mãe afetuosíssima e melhor amiga.

C. 257 (L. 217)

*À Irmã Ana Hardemont  
Filha da Caridade,  
Serva dos Pobres doentes  
Montreuil*

Hoje, 29 de agosto de (1648)

Minha querida Irmã,

Tendes razão de sobra de vos queixardes por ter eu passado muito tempo sem vos escrever. Conheceis os impedimentos ordinários e esses, em vez de diminuir, vão aumentando.

Lamento que estejais tanto tempo à espera de um bom sacerdote; ficai certa de que faremos o possível para o conseguirdes.

Contraria-me o defeito encontrado em vosso fogão e, também, o não me terdes entendido direito. Nunca pensei em vos fazer queixas das Irmãs que nos

---

(2) Juiz eclesiástico ao qual o Bispo delegava o direito de administrar justiça em seu nome.

(3) Miguel de Marillac, primo de Miguel Le Gras.

C. 257 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2).

mandastes, porque, graças a Deus, todas têm boa vontade e seus pequenos defeitos procedem da falta de prática e isso não tem importância. Quis apenas lembrar-vos das necessidades delas e de como é preciso muito tempo para torná-las competentes. É bom que tragam seus vestidos e roupa branca para o primeiro ano.

Anita (2) é muito agradável; não devieis, porém, ter mandado sua mãe (para cá); já vo-lo havíamos dito. Receio que, futuramente, isso a prejudique e, além disso, não sei o que poderá fazer. Nossas Irmãs se encarregaram de alojá-la e farão o possível para lhe arranjar uma boa colocação. Peço-vos, querida Irmã, que me deis, com freqüência, notícias vossas e de vossas Irmãs a quem desejo sejam santas, a fim de poderem trabalhar utilmente na obra de Deus. Pois não basta ir e dar, mas, é necessário um coração purificado de todo interesse, sem jamais deixar de trabalhar na mortificação geral de todos os sentidos e paixões. Para isso, queridas Irmãs, temos de ter, continuamente, diante dos olhos, o nosso modelo que é a vida exemplar de Jesus Cristo, a cuja imitação somos chamadas não somente como cristãs, mas, também por termos sido escolhidas por Deus para servi-lo na pessoa de seus pobres. Sem isto, queridas Irmãs, as Filhas da Caridade seriam as pessoas mais dignas de compaixão de todos e, se chegarem a desconhecer as graças de Deus, sendo-lhe infiéis, penso que a justiça divina jamais as castigaria com suficiente rigor, na eternidade.

Peçamos a Deus, umas pelas outras, para que sua misericórdia derrame sobre nós suas bênçãos de graça e de luz e assim poderemos glorificá-lo eternamente.

Sou em seu santo Amor, queridas Irmãs, vossa obediente e humilde irmã e serva.

P.S. - Peço-vos cumprimentar, bem respeitosamente, a senhorita Monnille (3), nossa boa mãe, e a todas essas queridas Irmãs (4). Recomendo-vos, encarecidamente, que lhes tenhais respeito e afeição; de outro modo, cometeríeis uma grande falta. Isso não vos deve impedir de observardes, com fidelidade, o vosso regulamento e de nada fazerdes contra ele. É a vós, a todas as três (5), queridas Irmãs, que me dirijo e, de coração, vo-las abraço, com afeto.

---

(2) Ana Varon (ver C. 258 n. 1).

(3) Senhorita Monnille, Dama da Caridade de Montreuil-sur-Mer.

(4) As moças que trabalhavam no Hospital antes da chegada das Irmãs e lá continuavam.

(5) As outras duas Irmãs eram Maria Lullen e Maria Gallois. Esta última regressou a Paris, em 1649.

C. 258 (L. 260)

*À minha querida Irmã Juliana Loret  
(Paris)*

(setembro de 1648)

Minha querida Irmã,

Segue uma carta de Le Mans. Se puderdes, mostrai-a ao senhor Padre Vicente ou ao senhor Padre Lambert, a quem, reverentemente, cumprimentareis em meu nome. Apresentai minhas excusas à Irmã Bárbara (1) por não lhe escrever desta vez.

Apresentai nossas lembranças às Irmãs doentes e às nossas Irmãs de Bicêtre de quem não me destes notícia.

Procurai saber do senhor Padre Vicente se deveis dar o hábito às Irmãs de Angers, pois receio que se desanimem. Mandai-me os nomes e lugares onde se acham todas as crianças dessa região (2), para poder informar-me como se acham.

Crede-me no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Dizei-me, por favor, se a irmãzinha Ana (3) continua bem.

C. 259 (L. 219)

*À minha querida Irmã Juliana Loret  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes*

Hoje, 5 de setembro de (1648)

Querida Irmã,

Destes-me grande consolação com vossas tão caras notícias. Vossa primeira carta me alegrou duplamente pois, me dizia que toda a vossa família goza-

---

C. 258 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Bárbara Angiboust (ver C. 6 n. 1) que, no momento, estava na Casa Mãe.

(2) Luisa de Marillac está em Liancourt, de onde escreve.

(3) Ana Varon, jovenzinha de Montreuil-sur-Mer (ver Carta anterior à Irmã Ana Harde-  
mont) que chegou a ser Filha da Caridade.

C. 259 Rc. 3 Carta autógrafa.

va de boa saúde. Porém, no final, nosso bom Deus vos provou, dolorosamente, na pessoa de vossas criaturinhas (1). Como sois felizes, queridas Irmãs, porque de vosso braços partem, com presteza, tantas almas, para comparecerem diante de Deus e o louvarem eternamente!

Deixastes-me um tanto preocupada com a notícia da doença de Irmã Joana Batista (2). Se não esperasse voltar brevemente, eu vos pediria dar-me mais informações sobre ela; mas espero partir logo daqui (3). Rogo-vos, querida Irmã, lhe apresenteis minhas afetuosas lembranças, assim como a todas as nossas Irmãs, a cujas orações me recomendo de todo coração e também às vossas, de quem sou, humilde serva.

C. 260 (L. 381)

### *Às Irmãs do Hospital de Angers*

(setembro de 1648)

Queridas Irmãs,

Não fiquéis preocupadas conosco ouvindo as notícias (1) que correm acerca de Paris, porque, graças a Deus, tudo está bastante tranqüilo por aqui. Aliás, as servas de Deus nada devem temer, se Lhe forem fiéis. Não temos maior inimigo que nós mesmas e, se vemos os castigos de nosso grande Deus prestes a cair sobre nossas cabeças, entremos, cada uma, em nós mesmas e veremos que os temos merecido. Portanto, devemos submeter-nos a eles, fazendo o possível para aplacar a ira divina, por meio de uma verdadeira conversão. É isto que Deus espera de nós. Eis por que, queridas Irmãs, por seu amor vos suplico que entreis em vós mesmas e com seriedade para ver se pertenceis deveras a Deus. Reconhece-lo-eis, se renunciardes a vossa própria vontade e fugirdes de toda singularidade, tornando-vos inteiramente submissas a vossos Superiores. Se romperdes com qualquer apego, caso tenhais algum. Se não derdes entrada em vossos espíritos a nenhum desejo disto ou daquilo, mas, sim, se tiverdes o desejo de agradar a Deus em todas as vossas ações.

---

(1) *O grupo de Crianças Abandonadas que estava na Casa Mãe. (Nota do Padre Castañares a esta Carta).*

(2) *Joana Batista, a antiga; morreu em dezembro de 1648.*

(3) *De Liancourt, onde Luísa de Marillac se encontrava ao escrever esta carta.*

C. 260 Ms. A. Irmã Chétif 1 n. 2. Cópia.

(1) *Rumores de motim em Paris (ver C. 253).*

*À minha querida Irmã Cláudia Brígida 1*  
*Filha da Caridade, serva dos Pobres*  
*em Chantilly*

(princípios de outubro de 1648)

Minha querida Irmã,

Eu não pensava que nossa pobre Irmã Turgis (2) estivesse ainda em condições de ir à Missa! Alegro-me convosco pela esperança de que, conforme me comunicais, vos dêem permissão para isso (3), visto que o seu mal não é aquele que o médico havia imaginado.

Quanto aos sintomas que vão aparecendo na nossa querida doente, não deveis estranhar: todas ou quase todas as enfermidades deste ano acabam assim. Isso advém da grande quantidade de humores e é melhor que sejam expelidos do que ficarem no interior. Parece-me, querida Irmã, que é preciso purgá-lo com muita frequência, e mesmo, de dois em dois dias, com purgantes suaves e em pouca quantidade e, assim espero, que eliminando os humores, vá recobrando forças. Agradeço-vos o aviso que me destes, querida Irmã, e peço-vos recomendar-me à nossa querida enferma e à Irmã Maria (4). Suplico a Deus derrame suas bênçãos sobre vós e, se permite que fiquem isoladas (3), faça sentir que Ele não vos abandona.

Todas as nossa Irmãs vos saúdam e compartilham vossa pena e eu, mais do que todas, sendo no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa dedicadíssima irmã e muito humilde serva.

---

C. 261 Rc. 3 Carta escrita por Irmã Hellot e assinada por Luísa de Marillac.

(1) Cláudia Brígida (ver C. 65 n. 1).

(2) Elisabeth Turgis (ver C. 11 n. 1).

(3) O Padre Castañares, em nota a esta Carta, deduz que a enfermidade diagnosticada pelo médicos era a peste ou outra doença contagiosa. Por isso, as Irmãs que estavam com ela ficaram obrigadas a permanecer fechadas, a fim de não propagarem o contágio (Nota da Tradutora da edição espanhola).

(4) Maria Prevost, nascida a 29 de janeiro de 1622, entrou para a Companhia das Filhas da Caridade, a 21 de novembro de 1646. Saiu de Chantilly em 1649, para dedicar-se ao serviço das Crianças Abandonadas.

*Ao senhor Padre Portail (1)*

Hoje, 8 de outubro de (1648)

Senhor Padre,

A esperança de que regressaríeis em breve, muitas vezes refreou meu desejo de dar-me a honra de vos escrever. Porém, há uns meses, começando a perder essa esperança, já me havia resolvido a fazê-lo e, somente o temor de importunar-vos ou o pensamento de que não deveria fazê-lo levaram-me a diferir até este momento em que a Divina Providência permitiu que vossa caridade se antecipasse. Por isso, vos agradeço muito humildemente.

Não saberia expressar-vos a alegria de todas as Irmãs, após a tristeza que algumas experimentaram diante do boato de que hávies morrido. Deus seja bendito, senhor Padre, por vos ter conservado no meio de tantos perigos e digno-se esta mesma Bondade no-lo trazer de volta, em breve. Podereis encontrar, graças a Ele, muitas de vossa filhas e várias outras, novas, que, assim o espero, hão de receber ajuda de vossa caridade. Temos, atualmente, muitas doentes; (*algumas Irmãs*) das antigas: Irmã Turgis (2) está um pouquinho melhor, desde que recebeu a Extrema-Unção. Nossa Irmã Elisabeth Martin (3), que estava em Nantes, quando partistes, agora está com fraqueza pulmonar. E eu continuo com minha falta de forças e moleza. Agora porém, tenho motivos para acreditar que Deus vai se cansar de exercer tanta misericórdia no correr de meus anos e os fará terminar, exercendo sua justiça. Este pensamento aumenta ainda mais meu desejo de que retornéis e, de bom grado, vos diria: "Senhor Padre, se já cortastes o trabalho, apressai-vos em alinhavá-lo e deixai que outro o costure". Saiba que seu Deus me conceder a graça de ver vosso tão desejado regresso, não hei de considerar que viestes de Marselha, mas, de Roma de onde pedirei muitas notícias, como também de Loreto, caso tenheis ido até lá. Assim, começai a refrescar vossa memória, por favor.

As Irmãs sentirão grande alegria ao escutar a leitura de vossa querida carta que a elas escrevestes. Aproveitarei para lê-la na próxima Conferência, depois

---

C. 262 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) O senhor Padre Portail encontra-se em Roma. Escreveu a Luisa de Marillac no dia 17 de setembro de 1648, falando-lhe sobre seu regresso, porém, sem poder determinar a data, porque, antes, tem de passar por Marselha.

(2) Elisabeth Turgis morrerá uns dias depois.

(3) Elisabet Martin falecerá no fim do ano de 1648.

de haver obtido licença do senhor Padre Vicente.

Não me atreverei a entusiasamá-las com a proximidade de vosso retorno; queira Deus que tenhamos a dita de que ocorra antes do que supomos. Espero que vossa caridade continue sendo nosso Diretor e me façais a honra de crer-me sempre, no amor de Jesus Crucificado, senhor Padre, vossa mui obediente e humilde serva.

C. 263 (L. 230)

*Às minhas queridas Irmãs Maria e Brígida (1)*  
*Filhas da Caridade*  
*Chantilly*

(outubro de 1648)

Queridas Irmãs,

Quão dolorosamente nos surpreendeu a notícia da morte de nossa querida Irmã Turgis (2)! Não a esperávamos, nem de longe! Não duvido de que lhe tenhamos proporcionado quanta assistência e consolo que tivesse precisado e que, sentia, vivamente, como nós, a dor de sua perda. Porém, queridas Irmãs, temos motivos para queixar-nos de vós, por não terdes avisado que ela havia piorado. Não teríamos deixado de mandar visitá-la! Justamente quando recebemos a notícia de que estava melhor, o senhor Padre Vicente se dispunha a enviar alguém e, se não o fez, foi tão somente por causa da proposta que foi feita de trazê-la para cá. Estávamos esperando isso de um momento para outro. Pensávamos que o motivo da demora era aguardar que ela recobrasse um pouco de forças. De sorte que, não podeis imaginar, minhas pobres Irmãs, a surpresa que tivemos ao sabermos de sua morte. Entretanto, é preciso louvar e bendizer a Deus por tudo e rezar por ela! Rogo-vos que o exemplo de suas virtudes, especialmente de sua submissão e seu amor ao serviço dos pobres vos sirva (*de estímulo*), a fim de terdes para com Deus a fidelidade que lhe deveis.

Sede muito agradecidas pelos cuidados a ela prestados e a vós também. Procurai retribuí-los pelo serviço que prestareis aos pobres.

Peço-vos que cumprimenteis, em meu nome, a todas as Damas da Caridade e lhes façais presente nossa gratidão por todas as bondades que tiveram para

---

C. 263 Rc. 3 Carta escrita por Irmã Hellot e assinada por Luísa de Marillac.

(1) Maria Prévost (ver C. 261 n. 4), Cláudia Brígida (ver C. 65 n. 1).

(2) Elisabeth Turgis, cujo enterro se realizou no dia 28 de outubro.

convosco.

Todas as Irmãs vos saúdam e compartilham de vossa pena e, mais que ninguém, eu, que sou no Amor de Jesus Crucificado, queridas Irmãs, vossa muito humilde e afetuosíssima serva.

C. 264 (L. 225)

*Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sexta-feira [outubro de 1648]

Senhor Padre,

Não me lembro bem do assunto da carta que o senhor cura de Serqueux vos escreveu. Porém, ficou-me na memória a lembrança de que as religiosas de perto de Forges foram acusadas de alguma falta grave, razão pela qual, creio, estão querendo usurpar o mosteiro àquela que o possuía. O referido senhor cura julga-a completamente inocente daquilo de que a incriminam.

Isso é alcaçuz para fazer tisana; vo-lo enviei em pedacinhos para facilitar-vos o uso; mas, é necessário ser fresco e cortado só à medida do necessário porque, senão fica preto. Não ousaria gabar-me de o termos na horta porque, até agora vimos apenas sua flor e folhas.

Esquecia-me de dizer-vos que a priora de Montmartre, irmã de senhorita Channelain, está à morte, por doença dos pulmões, e se recomenda às vossas santas orações, suplicando-vos recomendá-la também às dos Padres de vossa Companhia, para que Deus se digne fazer-lhe misericórdia.

Eu vos devolvo esta carta receando que penseis que foi levada por aquele a quem é endereçada.

Peço a Deus não seja longa a vossa viagem e regresseis em perfeita saúde.

Nossas Irmãs estão nos pedindo um xarope e não o temos mais. Vou mandar perguntar ao irmão Alexandre (1) se nos pode dar um pouco.

Uma vez que vossa caridade mo permite, irei a São Dionísio (2) e talvez a Bicêtre (3), pois, neste ano, nada mais tenho de fazer em Liancourt. Aliás, acho que o senhor e senhora (4) vão passar um mês em La Roche-Guyon.

---

C. 264 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Irmão Alexandre Véronne, enfermeiro de São Lázaro (ver C. 252 n. 4).

(2) O estabelecimento das Filhas da Caridade em São Dionísio remonta a 1645 (ver C. 137 n. 3).

(3) Bicêtre (ver C. 94 n. 4).

(4) Os senhores de Liancourt tinham um palácio em La Roche-Guyon.

Se partirdes amanhã (5) não terei a honra de vos ver antes. Que será de minha pobre consciência durante esse tempo? e o estado a que ficou reduzida a minha alma por meus relaxamentos, preguiça e infidelidades é tal, que assustaria a Santa Catarina se ainda estivesse na terra, já que Ihe pareceria sem amor, sem este amor que eu deveria possuir em tão alto grau e no qual (*Deus*) por sua graça me fez ser, senhor Padre, vossa mui obediente serva e mui humilde filha.

C. 265 (L. 271)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes,  
no Hospital (de Nantes)*

14 de outubro de (1648)

Minha querida Irmã,

Há algum tempo escrevi à Irmã Maria (1) e gostaria de saber qual o efeito dessa carta. Não podemos enviar nenhuma Irmã sem companhia para a viagem; tenho pena de vós, pois sei que tendes trabalho para um número bem maior do que sois. Louvei a Deus, de todo meu coração, pela tranqüilidade que, segundo me dizeis, reina em vossa pequena Companhia. Espero que Deus vos continue concedendo esta graça, enquanto não vos preocupardes com coisa alguma do que possam vos dizer.

Quando o espírito de Deus habita nas almas, livra-as da fraqueza que as levaria a exclamar: "o que vão dizer"? ou "por que dizem isto ou aquilo". Aliás, bem o sabeis, minha querida Irmã, que nada pode tornar-nos mais semelhantes a Jesus Cristo do que as perseguições sofridas em paz.

Enviamo-vos uma carta de vosso primo que voltou da Itália; creio que a recebestes juntamente com a que escrevi à Irmã Maria (1). Na ocasião, não tive tempo de vos escrever. Rogo-vos cumprimentar a todas as queridas Irmãs e dei-zei à Irmã Henriqueta (2) que estou muito zangada com ela, por não me escrever; faremos as pazes somente quando receber sua primeira carta. Sua sobrinha, a

---

(5) O senhor Padre Vicente preparava-se para ir a Saint Germain-en-Laye e depois, a Freneville. (Coste III, 376).

C. 265 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Maria Thilouse (ver C. 177 n. 3).

(2) Henriqueta Gesseaume (ver C. 86 n. 1).

Irmã Perrete (3), veio fazer o retiro. Está operando maravilhas em Serqueux, com Irmã Joana Delacroix (4); também viu aqui seu irmão que está realizando um bem imenso. Quanto ao irmão de Irmã Henriqueta, está na casa próxima da de nossas Irmãs de Nanteuil, com o senhor Padre Gallais (5); ele, igualmente, realiza um grande bem. Dizei à Irmã Joana (6) que o senhor seu irmão goza de saúde. Falou-nos que iria deixar seu curato, mas, continua nele.

Tende cuidado, Irmã, com uma falta que cometeis e permitis, receio que, sob capa de bem: a de deixar as Irmãs conversarem demasiadamente com pessoas de fora, inclusive religiosos. Sei que isso tem boa aparência e seria para buscar alívio, desabafando-se de suas penas. Oh! porém não é assim! Asseguro-vos que em vez de se liberar de seus sofrimentos, acumulam-se outros mais e, às vezes, os meios que essas boas pessoas oferecem para se livrar deles e, sua própria ajuda, o que fazem, é perturbar mais e até chegam a abalar a vocação.

A volta de vossas duas últimas Irmãs (7) fez-me compreender que deveria vos avisar deste perigo; é preferível amar as penas quando as temos, levá-las aos pés do Crucifixo ou comunicá-las à Irmã Servente, do que ir descarregar-vos delas a tal preço. Rogo a Nosso Senhor ensinar-vos esta verdade e sou, em seu santíssimo amor, minhas queridas Irmãs, todas vós, vossa mui humilde e dedicada irmã e serva.

C. 266 (L. 231)

*À minha querida Irmã Cecillia Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres  
Angers*

(novembro de 1648)

Minha querida Irmã,

Causais-me grande alegria, dando-me sempre vossas notícias. Estou muito preocupada com a doença de Irmã Madalena (1), mas, tenho certeza de que fa-

---

(3) Perrete Chefdeville (ver C. 366 n. 1). Tinha um irmão Padre da Congregação da Missão.

(4) Joana Delacroix (ver C. 350 n. 5).

(5) O senhor Gallais, Padre da Missão (ver C. 117 n. 2).

(6) Joanna de Santo Albino (ver C. 218 n. 5).

(7) Cláudia Brigida e Margarida Noret que voltaram em julho de 1648.

C. 266 Rc. 3ª Carta escrita pela Irmã Hellot e assinada por Luisa de Marillac.

(1) Irmã Madalena Mongert (ver C. 42 n.1).

zeis por ela tudo quanto podeis. Ela tem um caráter um tanto grosseiro, talvez porque logo depois de haver estado aqui na Casa (*Mãe*), a enviamos ao serviço dos galerianos, pessoas com as quais, às vezes se tem de ser mais dura, embora a contragosto. Irmã Bárbara (2) esteve muito mal, atacada por várias doenças juntas, que ameaçavam levá-la muito depressa. Graças a Deus, porém, está fora de perigo. Já tomou dois purgantes e começou a comer carne. Não sei se vos comuniqueis a morte de minha pobre Irmã Turgis (3); nosso bom Deus chamou-a, depois de havê-la provado com longos padecimentos. Fazei o favor de dar-me notícias vossas e de todas as Irmãs. Peço-vos saudá-las, mui cordialmente, em meu nome, e crede-me no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Irmã Francisca Clara (4) roga-vos que cumprimenteis, respeitosa-mente, o senhor Abade, o senhor Padre Ratier e a todas as Irmãs, em seu nome.

C. 267 (L. 265)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 18 de novembro de (1648)

Senhor Abade,

Na esperança de que já estejais de volta da vossa viagem, tenho a honra de vos escrever para avisar-vos que a santa relíquia de São Maurício (1) está preparada, a fim de ser levada pela pessoa que escolhesteis para fazê-lo. Foram preenchidos todos os requisitos que nos indicastes, o que será motivo de devoção do povo, vendo-a tão autenticada.

A bondade do senhor Padre Ratier continua se exercendo com nossas Irmãs e, verdadeiramente, a sua direção transparece na conduta de Irmã Cecília (2). Depois de Deus, é a vós que devemos nossa gratidão por todo o bem que Nosso Senhor realizará por intermédio dela. Ela me comunicou a doença de Irmã Ma-

---

(2) Irmã Bárbara Angiboust, irmã de Irmã Cecília (ver C. 6 n. 1).

(3) Irmã Turgis (ver C. 11 n. 1).

(4) Francisca Clara (ver C. 119 n. 5) saiu de Angers, após a visita do senhor Padre Lambert, porém conservava boa recordação da casa e de suas antigas companheiras.

C. 267 Rc. 4 Carta autógrafa, sobrescritada por Irmã Hellot.

(1) São Maurício é o patrono da Catedral de Angers.

(2) Cecília Angiboust, Irmã Servente (ver C. 36 n. 2).

dalena (3) e das outras duas que já estão curadas. Porém, preocupa-me ainda mais, a falta de força moral de uma outra Irmã que, depois do Retiro, sente dificuldade em se confessar. Temo, senhor Abade, que as Irmãs cheguem a ter espírito demasiado terno para com seus sentimentos interiores e se habituem a tratar-se com benevolência. Rogo-vos, humildemente, senhor, o obséquio de prestar atenção nisso e procurar os meios para impedir semelhante defeito que é mais perigoso em nossa Companhia do que o seria entre as religiosas. Perdoai minha liberdade; talvez meu pensamento não seja justo porque, estou sempre sujeita a equivocar-me. Por isso, peço-vos, por amor de Deus, me ajudeis com vossas orações e me creais no amor de Jesus Crucificado, vossa mui obediente e humilde filha e serva.

C. 268 (L. 232)

*À senhorita de Lamoignon (1)*

Hoje, 15 de dezembro de [1648]

Minha querida Senhorita,

Peço-vos perdão por não haver escrito à senhora Seguin, como me havieis ordenado. Parece-me serem muitíssimas as vezes que expus as extremas necessidades tanto das pobres Crianças como das "famílias das amas", até ao ponto de tornar-me importuna para alguns, e entristecer os corações sensíveis e caridosos. Nada me resta a dizer-vos senão que me parece ver as Senhoras da Companhia mais mães desses pequenos, do que as suas próprias, mergulharem na dor das mães das Crianças Inocentes quando foram degoladas, sem que elas o pudessem impedir. Entretanto, é preciso esperar da bondade da Divina Providência, algum socorro e bem grande, como o fez para com os pobrezinhos expostos, pelo que Deus seja eternamente bendito. Penso, Senhorita, que dentro em breve, convocareis uma Reunião Geral. Não seria conveniente refletir-se de novo sobre a idéia já apresentada de que sejam feitas coletas, todos os sábados, em Notre Dame e, todos o primeiros domingos do mês, e, nas festas solenes, em todas as igrejas dos subúrbios da cidade? É possível que, estando reunidas, as Damas se ofereçam para encarregar-se disso, cada uma em seu bairro, ou interessassem outras pessoas conhecidas, se elas mesmas não puderem fazê-lo. As

---

(3) *Madalena Mongert (ver C. 42 n. 1).*

C. 268 Rc. 2 *Carta autógrafa.*

(1) *Senhorita de Lamoignon, Dama da Caridade da Confraria do Hospital Geral e das Crianças Abandonadas. (ver C. 137 n. 1).*

que se encarregassem, pediriam às suas amigas e vizinhas para as ajudarem e assim, não seria trabalho demais. Isso, suponho ter-se obtido a devida permissão; creio não lhes ser negada, visto que todos conhecem as necessidades. É possível que alguém alegue que será pequena a arrecadação, em cada lugar. É verdade, mas, tudo reunido representaria alguma coisa. É claro que os senhores da Secretaria encontram vantagem nisso, pois o fazem incessantemente.

Parece-me também, Senhorita, que deveis expor a grande necessidade de socorros para a manutenção da "colação" do Hospital Geral pois, agora, é mais necessária do que nunca. Os pobres doentes dizem que, às vezes, é o único alimento do dia inteiro. É certo que não ganham outra coisa gostosa, senão a da colação!

Não vos lembrais, Senhorita, de que no início desta obra as Damas encarregadas da instrução prestavam contas de todo o bem, tanto espiritual quanto material, que se fazia por meio das visitas motivadas pela distribuição da colação? Assim as demais tomavam conhecimento do fruto que suas visitas e esmolas produziam. Talvez se continue fazendo isso porém, o temor que tenho de que essa obra desapareça, me faz tomar a liberdade (*de tocar no assunto*). Vós perdoareis a quem no amor de Nosso Senhor é, cordialmente, vossa mui obediente e humilde serva.

C. 269 (L. 228)

*À minha querida Irmã Cecília Inês (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
do Hospital São João  
Angers*

16 de dezembro de (1648)

Minha querida Irmã,

A quase certeza de que o senhor Abade não se encontra em Angers, faz com que não lhe escreva e, ao contrário, vos peça, queridas Irmãs, que durante sua ausência e do senhor Padre Ratier, tenhais grande cuidado de vos lembrar das santas práticas que sua caridade vos ensinou e, de modo especial, deveis ser muito reconhecidas pelas graças que Deus vos concedeu, colocando-vos em estado de prestar-lhe tão grandes serviços. Lembrai-vos também que o meio de

---

C. 269 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Cecília Angiboust (ver C. 36 n. 2).

vos tonardes agradáveis a seus olhos é o de trabalhar para serdes virtuosas, por seu amor.

O Senhor Bécu (2) recomenda-se à Irmã Madalena (3) e pergunta se ela está bem; o mesmo faço eu. Ainda não tivemos notícias do dinheiro sobre o qual nos falou antes de partir. É tao pouca coisa que ela não deveria pensar nisso, nem em nada deste mundo, mas, somente na felicidade que tem, e em trabalhar, de modo que seja mais fiel a Deus do que as muitas jovens de sua terra. Quanto a vós, querida Irmã Cecília, por favor, não confieis tanto em vossas forças a ponto de acreditar que tendes Irmãs demais. Nosso bom Deus sabe encarregar-se de abater nosso orgulho. É verdade que eu havia perdido a noção de que sois nove (4). Se o senhor Abade e os Administradores são de parecer que retiremos uma, de bom grado o faremos. Saúdo-vos, a todas, cordialmente, e vos suplico que ameis muito a nosso Jesus e Lho demonstreis imitando-lhe as virtudes. Se o senhor Fellet (5) for designado para vos dirigir, saudai-o, respeitosa e, em meu nome ou então, aquele que o for. De todo coração sou, queridas Irmãs, no amor de Nosso Senhor, vossa mui obediente irmã e serva.

C. 270 (L. 232 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

[dezembro de 1648]

Senhor Padre,

Estamos em dificuldade de encontrar uma pessoa para ir à Reunião Geral que se realizará na residência da senhora Duquesa d'Aiguillon. Assim, não podemos dar-lhe outras instruções, a não ser entregar-lhe vossos papéis. E, como creio que o interesse de todos é semelhante ao nosso, pensei que, talvez, meu filho pudesse ir e fazer como os outros. A não ser que vossa caridade julgue conveniente que entreguemos nossos papéis a quem for representar a vossa Casa. Aguardaremos a ordem que vos aprouver dar-nos, enquanto rogamos a Deus conceder-vos saúde para sua maior glória sou, senhor Padre, vossa muito obediente e agradecida filha e serva.

---

(2) Os senhores Bécu: João e Bento, Padres da Missão; Humberto, Irmão Coadjutor.

(3) Madalena Bécu, irmã dos anteriores. Natural de Braches, departamento de Somme, chegou em Angers, em junho de 1647. Uma sua irmã a havia precedido na Companhia: morreu, prematuramente. (Coste III, 148).

(4) Madalena Mongert já havia falecido: não havia pois necessidade de alguém para cuidar dela.

(5) Senhor Fellet, sacerdote de Angers.

C. 270 Arquivo das Filhas da Caridade, caderno vermelho. Carta autógrafa.

*Recrudescimento dos distúrbios da Fronça, guerra civil que opunha os partidários de Mazarino, (o estrangeiro) e da Rainha, contra uma parte do povo e da aristocracia francesa.*

14 de janeiro: *Ingerência infrutuosa do senhor Padre Vicente junto a Mazarino. O senhor Padre Vicente afasta-se de Paris, indo para o oeste da França; visita as casas de Frénéville, Angers, Nantes, Richelieu.*

13 de junho: *Regresso do Padre Vicente a Paris.*

C. 271 (L. 235)

### *Às nossas queridas Irmãs Brígida e Maria*

Hoje, 1º dia do ano de 1649

Minha querida Irmã,

Faz muito tempo que o que nos pedistes está empacotado, com exceção da marmita, por ignorarmos o tamanho que vos convinha. Mandaremos comprá-la o quanto antes e vos mandaremos tudo na primeira oportunidade.

Fiquei admirada com o número de doentes que tendes. Peço-vos levardes a refeição pronta somente aos doentes do povoado onde residis; com os outros, fazei como vos foi ordenado.

Levastes muito tempo sem dar-me notícias. Não me esqueci de que estais aí emprestada. Tomai cuidado para nada fazerdes de novo, porém, sim, deixai grandes exemplos de virtude. O mesmo digo à Irmã Maria e peço, encarecidamente, às duas, que pensem na fidelidade devida a Deus e à Companhia à qual teve a bondade de vos chamar. A morte chega tão depressa, queridas Irmãs; temos de ter, sempre, diante dos olhos, a espera de nossa hora, para assim empregarmos bem o resto de nossa vida, de acordo com a santa vontade de Deus. Esta santa vontade chamou, há uns quinze dias, a Irmã Renata, de Angers (2) e a minha boa Irmã Joana Batista, a antiga (3). Agora, estão gravemente doentes a Irmã Antoinette (4) e a Irmã Joana Batista, a moça (5). Graças a Deus, está melho-

---

C. 271 Rc. 3 *Carta escrita por Irmã Hellot, com dois endereços.*

(1) *Cláudia Brígida e Maria Prévost.*

(2) *Renata que chegou de Angers com a Irmã Turgis, em 1640.*

(3) *Joana Batista, a antiga (ver C. 77 n. 7).*

(4) *Antoinette Libelle (ver C. 135 n. 5).*

rando. Também está doente a Irmã Joana Fouré (6), em Valpuiseaux. Enfim, queridas Irmãs, devemos rezar sempre por toda a Companhia, de sorte que nossas orações sirvam para ajudar a cada uma a bem morrer. Peço-vos fazê-lo por mim, em particular, pois tenho grande necessidade disso. E, no amor de Jesus nascido e crucificado por nós, sou, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 272 (L. 233)

*Às nossas queridas Irmãs Brigida e Maria  
Filhas da Caridade  
Chantilly*

(Janeiro de 1649)

Queridas Irmãs,

Envio-vos uma parte do que pedistes porque, com relação à marmita, não sabíamos se deveria ser de ferro ou de cobre, nem de que tamanho. Quando nos fornecedores essas informações, mandaremos comprá-la e também, uma espumadeira. Não há ruibarbo em Paris. Seguem porém, umas pilulas efficacíssimas nas diarréias, indicando-vos, ao mesmo tempo, o modo de usá-las. Igualmente vos enviamos óleo Violart, óleo de rosa e óleo soberano para substituírem o de milfurada, e, ainda uma travessa funda, um rolo de pastel e um guarda-comida, assim como dois pares de luvas para carregar a marmita. Suponho que saibais muito bem, queridas Irmãs, que não deveis usá-las na igreja, nem na cidade, mas, apenas na finalidade prevista. Tendes também conhecimento de que são utensílios dessa casa e, se uma ou outra fosse transferida antes de se estragarem, deveis deixá-las aí, para uso de quem vos substituir.

Dissemos às Irmãs de Liancourt para irem verificar se alguma roupa da falecida Irmã Turgis (2) lhes possa servir. Por isso, quando chegarem, não façais nenhuma dificuldade em lhes entregar o que lhes convier. Mas, por favor, ninguém deve tocar no seu cofrezinho. Penso que tivestes o cuidado de guardar seus

---

(5) Joana Batista, a moça, sem dúvida, deve ser recém-admitida. Depois de haver sido colocada na Paróquia de São João de "la Grève", vai para Montmirail. Em 1658, estando colocada no Santo Nome de Jesus, sai bruscamente da Companhia.

(6) Joana Fouré (ver C. 252 n. 11).

C. 272 Rc. 3 Carta escrita por Elisabeth Hellot e assinada por Luísa de Marillac.

(1) Cláudia Brigida e Maria Prévost.

(2) Elisabeth Turgis faleceu em outubro.

terços, livros de oração, papéis e outras coisas pessoais que, à morte de uma Irmã são recolhidos. Vós no-los enviareis juntamente com o cofre, na primeira oportunidade. Todas as Irmãs estão passando bem, graças a Deus, e vos cumprimentam. E eu peço ao bom Deus vos dê a perfeição de seu santo amor, no qual sou, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva dedicadíssima.

C. 273 (L. 237)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 5 de fevereiro de 1649

Senhor Abade,

Privei-me durante muito tempo da honra de vos escrever, primeiramente, pela incerteza de que estivésseis em Angers, depois, fui impedida pelas ocupações que, como o sabeis, me assediaram. Queira Deus chegue esta em vossas mãos, para servir de justo testemunho do cumprimento de meu dever.

Foi-nos dito que o senhor Padre Vicente (1) devia estar em Angers. Podereis certificar-vos disso através das Religiosas da Visitação. Solicito-vos, senhor Abade, o obséquio de vos informar, para que ele não saia daí, sem que nossas Irmãs tenham a alegria de vê-lo, embora eu saiba que sua caridade não deixará de procurá-las, a não ser que estivesse extremamente apressado.

Parece-me que na última carta que me escrevestes, vossa caridade me advertia de que nossas Irmãs não mais precisavam da nona Irmã que lhes havíamos enviado. Isso já faz tanto tempo que não me lembrava mais. Se for esta a verdade, senhor, suplico-vos o obséquio de escrever ao senhor des Jonchères para lhe perguntar se seria conveniente enviá-la para o Hospital Geral de Nantes, que está necessitando de uma Irmã, visto ter apenas sete. Há muito precisam de mais outra, mas, a dificuldade de mandar uma sozinha nos obrigou a ir diferindo. Se o senhor Padre Vicente estiver em Angers, tende a bondade de conversar com ele sobre este assunto. Seria necessário que aquela a ser enviada para lá, seja eficiente. Temos pensado em propor-vos a Irmã Nicole (2) ou Irmã

---

C. 273 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) O senhor Padre Vicente estava visitando as casas do oeste.

(2) Nicole, talvez Nicole Georget, chegou a Angers em junho de 1647. Em 1659,

Elisabeth (3) pois, bem sabeis a quanta gente devemos contentar em Nantes.

Continuamos depositária da santa relíquia (4) que preparamos de acordo com todos os requisitos que quisestes. Desejo, de todo coração, que a bondade de Deus nos proporcione os meios para fazê-la chegar em vossas mãos e ser colocada onde vossa caridade pretende e assim, ser venerada. Bem sabeis, senhor, a necessidade que temos de vossas orações e vo-las peço, por amor de Deus, em quem sou, vossa muito obediente e humilde serva.

C. 274 (L. 238)

*Ao senhor Abade de Vaux*

Hoje, 16 de março de (1649)

Senhor Abade,

Quanto demorou ficarem liberadas as estradas dos correios, para poder eu ter a honra de, com humildade, agradecer-vos os trabalhos que vossa caridade continua tendo com nossas pobres Irmãs! Causa-me grande surpresa estarem tão propensas a afligir-se. Por acaso será devido a que seu espírito não seja capaz de muito exercício, nem de conversar mutuamente sobre penas do espírito que, embora sejam bagatelas, não deixam de inquietá-las? Solicito-vos, bem humildemente, o favor de conversar sobre isso com o senhor Padre Vicente que não deixará de ir a Angers, se já não estiver por aí, pelo tempo em que estava em Le Mans. Temos aqui grande necessidade de que seu regresso não tarde muito. Assim o esperamos, mediante a graça de Deus, em cujo amor sou, senhor Abade, vossa mui obediente e humilde filha e serva.

---

*encontramo-la em Nanteuil.*

*(3) Elisabeth Brocard, chegou a Angers no fim do ano de 1648, junto com Cláudia Chantereau, Perrete e Bárbara, natural de Troyes. Em 1654, passou a ser Assistente de Irmã Cecília Angiboust. Logo surgiram dificuldades entre as duas. Elisabeth é então chamada a Paris, no mês de agosto de 1655. Em 1656, vai para La Fère.*

*(4) Relíquia de São Martinho (ver C. 265).*

C. 274 Rc. 4 Carta autógrafo.

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 31 d3 março de (1649)

Senhor Abade,

Sou-vos sumamente agradecida pelo trabalho que vossa caridade se deu, de comunicar-me as notícias que, cheias de preocupação, ansiosamente esperávamos. Continuaremos um tanto apreensivas até que as recebamos da própria pessoa, receiando que depois de chegar ai lhe tenha acontecido algum mal resultante do acidente permitido por Deus (1). Isso me leva a humildemente vos suplicar que continueis tendo para conosco, pelo amor de Deus, a mesma caridade. Aqui estamos na esperança de que chegue em paz, embora haja espíritos tão desleais que parecem querer, orgulhosamente, recusá-la. É preciso tudo esperar de Deus; quanto a mim, senhor, a desejo de todo o meu coração, para nós e para o mundo inteiro. E que as máximas do espírito de Jesus Cristo reinem soberanamente.

Em seu santo amor, sou, senhor Abade, vossa mui obediente e humilde filha e serva.

P.S. - Não escrevo hoje às nossas Irmãs, pois as creio suficientemente cheias de consolações. Agradeço-vos, profundamente, senhor, todos os cuidados que vossa caridade tem por elas.

---

C. 275 Rc. 4 Carta autógrafa.

*(1) Ao dirigir-se de Le Mans a Angers, o senhor Padre Vicente sofreu um acidente. Perto de Durtal, seu cavalo caiu num riozinho. O senhor Padre Vicente teria se afogado, sem o rápido auxílio que recebeu do Missionário que o acompanhava. Foi secar suas roupas, na cabana de um camponês.*

*Às minhas queridas Irmãs Genoveva 1  
e demais Filhas da Caridade  
que servem as Crianças Abandonadas no Castelo de Bicêtre*

Hoje, sexta-feira (pelo mês de março ou abril de 1649)

Minhas queridas Irmãs,

Demos a Deus a glória que estamos obrigadas a render-lhe no estado ao qual apraz a Sua bondade nos haver colocado. Peço-Lhe, de todo o meu coração, fazer-me conhecer como é bom confiar nele; e por isso, queridas Irmãs, olhai-o, sempre, como as crianças olham seus pais quando precisam de alguma coisa. Estou certa de que Ele vos concede, a todas, bastante coragem para antes morrer do que permitir seja Deus ofendido por vós e que vossa modéstia dá a conhecer pertencerdes ao Rei dos Reis a quem todas as potências estão submetidas. Fazei com que nossas Irmãs estejam sempre juntas e tenham muito cuidado com as meninas maiores, conservando-as sob vossa vigilância ou guardando-as na escola (2), ainda quando, assim, não possam prestar-vos nenhum serviço.

Coragem, queridas Irmãs! E quem teria mais necessidade dela do que vós que estais na aflição e no exercício da caridade? Ah! como Nosso Senhor se compraz vendo os sentimentos de amor que partem de vossos corações, a submissão à Sua santa vontade que aceita tudo o que essa vontade quer em vós e de vós! Não duvido de que todas e cada uma tenham pensado em fazer uma boa confissão, com todas as disposições necessárias, mas, sobretudo, com a de ser, doravante, Suas fiéis servas, renunciando mais do que nunca a vós mesmas.

Suplico à Santíssima Virgem seja vossa protetora e alcance de seu Filho a generosidade de que necessitais. Peço também a vossos santos Anjos que combinem com os dos Senhores que Deus vos tem enviado; ele os ajudem a viver de tal sorte que possam glorificar a Deus eternamente e a vós, queridas Irmãs, a continuar vossas santas ocupações. Nele, queridas Irmãs, sou vossa humilde irmã.

P.S. - Ainda que vos tenha falado em confissão, não penseis, queridas Irmãs, queira eu infundir em vós o temor de que ireis morrer. Não, de modo algum; é para que ela vos ajude a sempre estar na graça de Deus, de tal sorte que Ele as

---

C. 276 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) *Genoveva Poisson* (ver C. 97 n. 2).

(2) *Durante os distúrbios da Fronda, o exército acampava nos arredores de Bicêtre.*

possa olhar com benevolência.

Com toda a minha alma, desejaria estar convosco. Façamos tudo o que pudermos, para permanecer em paz.

C. 277 (L. 241)

*À Irmã Juliana Loret*

(abril de 1649)

Mui querida Irmã,

Gregório partiu para terminar sua viagem. Tirareis da mãe o que for possível, mandando alguém à sua casa e aos lugares onde é conhecida. É necessário, pelo menos, que ela chame a sua parteira ou o confessor para garantirem que não reincidirá na falta de abandonar o filho.

Peço à Irmã Francisca (1) tenha grande caridade com nossa pobre Irmã doente (2) com a qual, me parece estar sofrendo; nada seja poupado para conservá-la.

Agradeço a Deus por nos ter desembaraçado da casa.

Se a filha do senhor Saint-Médard aparecer por aí para saber o dia em que virá para nossa casa, pedi-lhe esperar que eu esteja de volta.

Fazei o favor de enviar-nos quatro estampas para nossas Irmãs de Maule e Crespière e de apresentar a todas as nossas Irmãs as saudações do senhor Padre Vicente que, graças a Deus, está bem. Entretanto, temos de pedir diariamente por sua conservação e para que seja do agrado de nosso bom Deus no-lo devolver o mais depressa possível. Suas cartas são de segunda-feira de Páscoa (3). Por obséquio, enviai esta carta à senhora de Bouillon (4) e, a mim, as do senhor Padre Vicente, assim que as receberdes.

Penso que será bom mandardes a Irmã Perrete (5) dar outra volta em Issy. Logo que eu regressar, as duas irão para ficar lá. Enviai-a à casa da senhora de Montdésir (6) para ter notícias suas a saber se o tempo de receber o dinheiro já

---

C. 277 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Francisca Le Roseau, a Irmã cozinheira (ver C. 284 n. 2).

(2) Laurence Dubois, irmã jovem (ver C. 475 n. 1).

(3) Segunda-feira, 4 de abril de 1649.

(4) Senhora de Bouillon (ver C. 56 n. 3).

(5) Perrete, a antiga (ver C. 411 n. 3).

(6) A senhora de Montdésir, Dama da Caridade, de Issy. As Filhas da Caridade saíram dessa aldeia, durante o ano de 1649.

venceu; que lhe pergunte também, se deixou determinado que lhe seja enviado. Não lhe faleis, entretanto, em deduzir o correspondente à alimentação das Irmãs, até que tenhamos combinado juntas, como isso deverá ser feito.

Cumprimentai, em meu nome, nossas Irmãs. Não pensava ficar aqui tanto tempo; mas, que todas saibam que, onde eu estiver, estou sempre unida a elas e a vós, de quem sou no amor de Jesus Crucificado, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 278 (L. 242)

*Ao senhor Padre Vicente  
Geral dos Padres da Missão*

Hoje, 6 de abril de 1649

Meu Honoratíssimo Pai,

Estamos muito preocupadas sem saber o lugar e a situação em que vos encontrais. Suplico à bondade de Deus que vossa saúde e os negócios de vossa Comunidade vos permitam regressar dentro em breve. Sois muito desejado em Paris pelas obras de caridade. De modo especial, a senhora Presidenta de Lamoignon (1) vos pede que retornéis o quanto antes. Deixo a outros o encargo de vos dar notícias sobre a paz, já que, de minha parte, não sei fazer outra coisa senão louvar a Deus, com o povo. O bom senhor Alain (2) faleceu e nossas Irmãs se dispõem a voltar, num desses dias, para Bicêtre (3), a fim de que o lugar fique ocupado e para começar a semear a terra. Queira Deus que possam permanecer lá o tempo que aprouver à Divina Providência. A senhora Presidenta Du Sault (4): cumprimenta-vos com todo respeito e desejaria, ardentemente, poder ver-vos aqui antes de voltar para a sua casa.

Se fordes por perto de Nantes, eu vos suplico, meu Honoratíssimo Pai, não vos esqueçais de nossas Irmãs, e vede se encontrais um meio de deixarem de solicitar tantas mudanças de Irmãs. E como vos havia dito, ao menos em duas

---

C. 278 Rc. 2 Carta autógrafa.

(1) Senhora de Lamoignon (ver C. 87, n. 1).

(2) João Alain, Padre da Missão, de 31 anos de idade.

(3) Durante o cerco de Paris, pelas tropas de Condé, as Irmãs e as Crianças se refugiaram na Casa (Mãe). (Coste III, 428).

(4) Dama da Caridade.

cartas anteriores, se vossa caridade vir ser necessário tirar de lá a Irmã Maria (5) de Tours, melhor seria que fosse devolvida para lá, do que fazê-la voltar a Paris. Já a experimentamos em vários lugares e, ao enviá-la para Nantes, lhe havia dito que essa seria a última tentativa. Ordenareis as coisas da maneira como vossa caridade julgar conveniente e segundo Nosso Senhor vo-las inspirar. Em nome de Deus, meu querido Pai, rezai por nós. Eu vos escrevi falando-vos de nossas necessidades, das minhas em particular, porém, receio muito que nossas cartas não hajam chegado em vossas mãos. Contanto que seja do agrado de Deus ter misericórdia para conosco e, nos restitua aquele que sua justiça nos tirou! Em seu santo amor, sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito obediente e agradecida filha e serva.

C. 279 (L. 243)

*Ao senhor Abade de Vaux  
Angers*

Hoje, 6 de abril de 1649

Senhor Abade,

Tenho a honra de escrever-vos, para solicitar-vos notícias do senhor Padre Vicente, caso a tenhais, porque estamos muito preocupadas. Nada sabemos dele desde 14 de março, quando estive em Le Mans. Tive conhecimento de que estive em Angers também, mas, desde então não ouvimos mais falar dele e estas últimas notícias não foram diretamente suas, nem de ninguém que tenha estado com ela. Fazei-me o favor de dizer-nos o que souberdes.

Aguardo notícias de nossas Irmãs para lhes escrever.

Peço a Deus vos conservar e sou, em seu santo amor, vossa muito obediente e humilde filha e serva.

---

(5) Maria Thilouse (ver C. 177n. 3). O senhor Padre Vicente estaria em Nantes, no final do mês de abril.

C. 280 (L. 244)

*À Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Nantes*

Hoje, 6 de abril de (1649)

Minhas queridas Irmãs,

Deus seja bendito e eternamente glorificado por toda as graças que sua bondade concede a suas criaturas e, em especial, pelas que outorgou à nossa pequena Companhia, tanto em geral como em seus membros, nestes tempos de aflição! Participai, queridas Irmãs, da alegria que resta de que todas as nossas Irmãs foram preservadas e puderam continuar no serviço dos Pobres doentes e também dos que não tinham pão, pois não podeis fazer uma idéia da quantidade de esmolas distribuídas em Paris. Creio ter sido isso que atraiu a misericórdia de Deus sobre nós, para dar-nos a paz. Agradecei-lhe por nós, como também o fazemos de nossa parte, a fortaleza e coragem que vos concedeu para suportar-des tudo o que contastes. Alegro-me em saber que nossas notícias vos causam prazer e aproveitais de tudo o que Deu vos fez conhecer sobre nós.

Soubemos que o senhor Padre Vicente esteve em Angers; queira Deus que se encontre aí onde estais e tenhais tempo de conversar com ele. Para isso, como para qualquer outra coisa, colocai-vos inteiramente à disposição da Divina Providência. Estou tão apressada que tenho apenas o tempo de me despedir e assegurar-vos que, no amor de Nosso Senhor, sou, queridas Irmãs, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Cumprimentai o senhor des Jonchères e todos os nossos amigos, em meu nome.

C. 281 (L. 245)

*À minha querida Irmã Juliana (1)*

(abril de 1649)

Querida Irmã,

Se assim dispôr a Divina Providência com relação à Irmã Jacqueline, tudo

---

C. 280 Rc. 3 Carta autógrafa.

C. 281 Rc. 3 Carta autógrafa.

bem! Nada porém é tão urgente no cumprimento da resolução tomada. Todavia, convém que seja firme e não se acredite tanto nas boas promessas das jovens que afirmam querer ficar na Companhia, mas, sim, em suas atitudes e ações contrárias que possam deixar transparecer nas várias e longas experiências feitas com elas. É preciso acreditar que Deus comunica aos Superiores o seu espírito para dirigir suas famílias. Não obstante, quando, nos primeiros dias da semana eu chegar, voltaremos a refletir sobre o assunto.

Deus seja bendito pela melhora da boa Irmã Maria!

Não me dissestes se mandastes levar as roupas das Irmãs de Issy (2) para São Lázaro, nem tão pouco me destes noticias das Irmãs das Crianças (*Abandonadas*). É verdade que o senhor Padre Berthe (3) no-las deu.

Uma inflamação no queixo me prende um pouco no quarto; espero que isso passe logo.

Suplico-vos que recomendeis o senhor Padre Vicente às orações de nossas Irmãs; assim no-lo pede em todas as cartas que sua caridade me concede a honra de escrever assegurando-me que, por sua parte, lembra-se de nós, no Santo Altar. Receio que ele tenha tido alguma indisposição em Saint Méen (4) e isso retarde sua viagem o que nos causaria grande pesar. Rogo-vos, Irmã, que seja recomeçada uma novena a Nosso Senhor, como peregrino aqui na terra e à Santíssima Virgem, nossa única e verdadeira Mãe. No amor de ambos, sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 282 (L. 261)

*Às minhas queridas Irmã Juliana e Irmã Hellot (1)  
Filhas da Caridade, servas dos pobres  
(Paris)*

(abril de 1649)

Minhas queridas Irmãs,

---

(1) *Juliana Loret que está na Casa Mãe. Luisa de Marillac escreveu-lhe da cidade de Paris.*

(2) *As Irmãs saíram de Issy.*

(3) *O senhor Berthe (1622-1697), de Donchère, na região das Andenas, entrou na Congregação da Missão em 1640. Em 1646, estava em Sedan. Em 1649, foi nomeado Superior do Colégio dos Bons Enfants. Foi para Rome em 1651, permanecendo lá até 1655. Em 1611, foi nomeado Assistente Geral.*

(4) *O senhor Padre Vicente estava em Saint-Méen, no dia 5 de abril de 1649.*

C. 282 Rc. 3 Carta autógrafo.

(1) *Juliana Loret e Elisabeth Hellot, da Casa Mãe. Luisa de Marillac está visitando as Ca-*

Julgo-vos um pouco preguiçosas pois, executais minhas incumbências, sem me escrever, nem dar-me notícias da Casa. Talvez seja por ignorardes que gosto de que penseis ser necessário fazê-lo, além de que me causaríeis imenso prazer. Não é, queridas Irmãs, que não tenha eu grande satisfação pela bênção derramada por Deus sobre vosso governo e não lhe agradeço, de todo coração, por isso. Porém, é bom que a virtude da submissão e dependência se faça patente. Parece-me que ela (2) se mantém na prática de todas as coisas e que cada uma cumpre seu dever e deixa que as demais cumpram o seu, segundo o costume ordinário e as necessidades dos tempos, cuja duração ignoramos. Não sabemos nem se será maior do que pensamos (o que não permita Deus), por causa dos pobres, tão necessitados de que chegue ao fim.

Quanto a mim, continuo bem, graças a Deus; porém, nunca senti tanto a guerra como desde que estou na cidade. Pensava poder regressar hoje, mas, esperava, ontem, um bom jantar não houve, porque Irmã Hellot foi pregar o jejum em casa da senhora de Mortemart (3) e pouco faltou para que Irmã Bárbara (4) desafiasse a duelo aquela que se sentiu muito ofendida por isso (5) e hoje, por não sei que outro motivo, me ocorreu o mesmo em casa da senhora de Marillac (6), mas, nem um nem outro impediram-me de ter uma excelente refeição!

Peço-vos procurar saber, amanhã, e me enviar as notícias do senhor Padre Lambert (7) que, por duas vezes sofreu uma sangria.

Louvo a Deus, por Irmã Laurence (8) ter melhorado. Dizei-lhe que estou sempre a seu lado e, com ela, ofereço seus padecimentos a Nosso Senhor, pelas necessidades públicas.

Solicito-vos, queridas Irmãs, que se alguma Irmã da cidade for se confessar, ainda que apenas uma, aviseis ao senhor Padre Lambert ou ao senhor Padre Du Chesne (9). Estou certa de que sua caridade nos fará o favor de ir até nossa Casa. Pensei que Irmã Francisca (10) viria aqui. Peço-lhe que o faça amanhã de manhã, pois receio algum imprevisto que me obrigue a sair. Pois, entre as pessoas com quem deveria me encontrar, vi apenas a senhora Presidenta de La-moignon, tão ocupadas todas estão!

---

*das Filhas da Caridade de Paris.*

(2) *Refere-se à Companhia das Filhas da Caridade.*

(3) *Senhora de Mortemart, parenta de Luísa de Marillac (ver C. 182 n. 1).*

(4) *Bárbara Bailly que, naquela circunstância, acompanhava Luísa de Marillac.*

(5) *Luísa em tom humorístico, zomba porque ninguém as convidou para o jantar.*

(6) *A senhora de Marillac, a moça (ver C. 243 n. 2).*

(7) *Senhor Padre Lambert (ver C. 22 n. 1).*

(8) *Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1).*

(9) *Senhor Padre Du Chesne (ver C. 166 n. 4).*

(10) *Francisca Le Roseau (ver C. 284 n. 2).*

Quão felizes vos considerava ontem, por estarem distantes do grande tumulto que tivemos aqui! Nunca me senti tão dependente e tão pouco dona de minha vontade, como o sou agora! Por tudo isso louvo a Deus, de todo meu coração, que não cessa de pensar na alegria que terá quando regressar para junto das queridas Irmãs.

A todas cumprimento com o coração cheio do desejo de sua perfeição e santidade e sou, no amor de Nosso Senhor, queridas Irmãs, vossa mui humilde irmã e serva.

P.S. - Rogo-vos: não deixeis, tantas vezes, os porcos saírem juntos e, sobretudo irem à horta, a fim de, em breve, podermos vê-la reverdecer. Penso que cuidastes bem da comida da vaca e dos outros animais; tende em conta, porém, que o excesso os prejudica mais que... (a frase ficou sem terminar).

c. 283 (L. 259)

*(À Irmã Juliana Loret) (1)*

(abril de 1649)

Querida Irmã,

Tendes razão de vos queixardes, por não vos haver escrito. Desejava fazê-lo, porém não me deram tempo, e, aliás, pensava regressar a qualquer momento com minhas queridas Irmãs, como o desejo com freqüência, mas, é preciso esperar que assim o disponha a vontade de Deus.

Parece-me, querida Irmã, que fareis vem em aguardar o meu retorno para colocar de novo a Irmã Luisa (2) em seus ofícios, visto que ainda não fizestes. Disseram-me que ela não está bem; recomendo-a a vossos cuidados.

Se virdes passar oferecendo trigo ou farinha em bom preço, podeis comprá-lo, porém, se estiver caro, vale a pena esperar mais. Não sei se a Irmã Francisca (3) se terá lembrado de dizer-vos que é preciso mandar a vaca, ainda que nos custe algum dinheiro, para não deixar passar o seu tempo (4).

Peço às Irmãs pomareiras que trabalhem bastante para conseguir um bonito pomar, aproveitando o bom tempo que Deus nos está dando. Recomendando-

---

C. 283 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Carta sem endereço. De Paris (ver cartas anteriores), Luisa deve dirigir-se à Irmã Juliana Loret, que está na Casa Mãe.

(2) Luisa Cristina Rideau (ver C. 160 n. 7).

(3) Francisca Fanchon (ver C. 653 n. 1).

(4) Isto é, o tempo do cio. (Nota da Tradutora).

lhes especialmente a chicória. Envio-vos umas poucas favas muito bonitas, para que conservemos a lembrança da guerra, deixando-nos qualidade tão boa. Peço-vos dizer à Irmã Francisca que é bom colocar a essência de canela ao sol, assim como as outras águas destiladas.

Suplico-vos, querida Irmã, que continueis rezando muito pela paz e que nossas Irmãs agradeçam a Deus por nos haver conservado o senhor Padre Vicente. Boa noite, queridas Irmãs, sou toda vossa no amor de Jesus Crucificado:

C. 284 (L. 258)

*Às nossas queridas Irmãs de Saint Germain de l'Auxerrois (1)  
para ser entregue à Irmã Juliana,  
Filha de Caridade, defronte de São Lázaro*

(abril de 1649)

Querida Irmã,

Peço-vos que, amanhã, me envieis notícias vossas, porque só regressarei no fim da semana. Estamos bem de saúde, graças a Deus. Dai-me notícias do senhor Norais e da nossa família.

Estou com tanta pressa que não me resta senão o tempo de assegurar-vos que sou, no amor de Nosso Senhor, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

P.S. - Recomendo-me, de todo coração, à Irmã Hellot e à Irmã Francisca Lerose (2) e a todas as nossas Irmãs, especialmente à Irmã Bárbara (3) e Irmã Genoveva (4).

---

C. 284 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) *Saint-Germain de l'Auxerrois, uma das Paróquias de Paris. Luisa estava fazendo visita às Irmãs da cidade e passou nesta casa.*

(2) *Luisa de Marillac escreveu Lerose, porém, trata-se de Francisca Le Roseau a Irmã encarregada da cozinha da Casa Mãe. Não sabia ler, nem escrever. Assinou a Ata de ereção da Companhia, em agosto de 1655, com uma cruzinha.*

(3) *Bárbara Angiboust (ver C. 6 n. 1).*

(4) *Genoveva Doinel (ver C. 304 n. 3).*

*À minha querida Irmã Bárbara Angiboust  
Filha da Caridade, serva dos Pobres  
em Liancourt*

Hoje, terça-feira (pelo mês de maio de 1649)

Querida Irmã,

Louvo a Deus, de todo coração, por vossa feliz viagem (1). Tendes motivos de agradecer a Deus que em tudo vos conduz! Peço-vos consolar bastante a Irmã Margarida, de Fisme (2) tanto nos seus sofrimentos como nas razões das queixas que me fez de Irmã Luísa (3) e Irmã Clemência (4). Que ela sobretudo considere que não somos perfeitas e Deus, às vezes, permite cometamos faltas para nos humilhar. Do contrário, a soberba, que é um pecado capital, nos levaria a condenar-nos.

Se Deus quiser, mandaremos a charrete o mais tardar, na quinta-feira. Fareis a viagem de volta em dois dias para não percorrer tão longo trajeto de uma só vez, dada a fraqueza de nossa querida Irmã, a quem saúdo de todo coração. Espero que sua vinda para cá lhe seja muito benéfica à saúde. Cumprimento também a querida Irmã Madalena e as outras Irmãs. Peço-vos dizer à Irmã Clemência que muito nos alegramos quando recebemos suas notícias mas, quanto à sua vinda, eu lhe solicito ter um pouco de paciência. Com isso, nada perderá, por terá aí ocasião de exercer muita caridade e mansidão complacente para com nossa pobre e querida enferma, a quem também faremos vir, querendo Deus, tão logo aprova a Nosso Senhor. Ainda que as despesas da viagem de charrete não corram por conta do hospital, é justo, entretanto, que as das outras o sejam, exceto as vossas. Sei que não deixareis de trazer convosco tudo o que for necessário para aliviar nossa enferma.

Ireis despedir-vos do senhor Cura, o mesmo que vos cumprimentou à chegada.

Apresentai minha afeição a todas as Irmãs e crede-me no amor de Jesus Crucificado, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

---

C. 285 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) Bárbara Angiboust, que está colocada em Fontainebleau, foi enviada a Liancourt para levar uma Irmã doente à Casa Mãe e para visitar e aliviar o sofrimento das outras.

(2) Margarida, natural de Fisme, morre em agosto deste mesmo ano.

(3) Luísa Proust (ver C. 330 n. 4).

(4) Clemência Ferré (ver C. 40 n. 1).

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Hospital São Renato  
Nantes*

Hoje, 5 de maio de (1649)

Minha querida Irmã,

Soube que tivestes a consolação de estar com o senhor Padre Vicente (1) pelo que louvo a Deus de todo coração e desejo que todas as Irmãs aproveitem bem essa graça! Creio porém, que, sendo necessária a mudança de Irmãs, a de algumas, me direis, o mais depressa possível, se poderíeis acabar de ensinar a uma Irmã que já sabia preparar remédios caseiros e outros (2), a manipular medicamentos, porque, nos seria difícil enviar-vos, pelo menos de imediato, uma que já esteja habilitada. Fazei-me o favor de nada falar sobre o que vos proponho. Dizei-me, vo-lo peço, se sois apenas sete Irmãs (3). E, em nome de Deus, administrai o bem dos pobres o melhor que puderdes. Sede atentas a que nossas Irmãs assim o façam também e com carinho. Penso que prestais conta de vossas receitas e despesas o mais exatamente possível.

Saudai a todos os nossos Senhores, as Damas e a todas as Irmãs, a quem abraço de todo coração e afeto, no amor de nosso bom Mestre Crucificado e Ressuscitado por nosso amor. Sou, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva dedicadíssima.

---

C. 286 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) O senhor Padre Vicente passou por Nantes, no final de abril.

(2) Luisa de Marillac pensa em transferir Henriqueta Gesseaume, encarregada da farmácia desde 1646. O senhor Padre Vicente reconhece que ela é a causa da maior parte das dificuldades que se dão na Comunidade e no Hospital. (Coste III, 432).

(3) Luisa não estava se lembrando, mas sabia que eram apenas sete, pois, escrevendo ao Abade de Vaux, no dia 5 de fevereiro daquele mesmo ano lhe dizia: "... enviá-la para o Hospital Geral de Nantes, visto ter apenas sete". (ver C. 273) (Nota do Padre Castañares a esta carta, e da Tradutora).

*Ao senhor Padre Portail  
Marselha*

Paris, 16 de maio de 1649

Senhor Padre,

Sei que vosso coração, transbordante de caridade, receberá os mais humildes agradecimentos de nossas Irmãs e os que vos apresento pelos santos conselhos e testemunho de benevolência que nos destes na carta coletiva às Irmãs e na particular, para mim. Ambas nos causaram grande alegria e consolo. Nós as lemos enquanto esperávamos a Conferência e Deus sabe, senhor Padre, que não foi sem lágrimas, embora suavizadas pela esperança de tê-lo em breve aqui. Há tanto tempo aguardamos esta felicidade! Em nome de Deus, senhor Padre, não contribuais, por vossa parte, para retardá-la mais, a fim de que, quando aprouver à Divina Providência fazer-nos misericórdia, possamos gozar deste contentamento. Imagino como vossa caridade se compadeceu de nós durante estes tempos de tão grande calamidade em Paris (1)! Agora vos suplico nos ajudeis a agradecer ao bom Deus as graças concedidas à Companhia inteira, tanto por havermos sido preservadas da fome, como pelos outros perigos enfrentados não apenas nas cidades, como nas aldeias. Contrainos tão grande dívida de gratidão que é impossível sermos suficientemente agradecidas, a não ser que nosso bom Deus queira acrescentar a todas essas graças a de que Lhe sejamos mais fiéis do que até aqui temos sido. É isso que me faz implorar o auxílio de vossa caridade e em que esperamos ver-nos poderosamente ajudadas, se a Divina Providência vos trazer para cá, onde encontrareis grandes mudanças.

Não sei se já soubestes do falecimento de nossas queridas Irmãs Turgis (2), Joana Batista, a antiga (3), Salomé (4), Renata (5), Maria Despinal (6), Elisabeth Martin (7) que estava em Nantes, e de nossa boa Irmã Madalena (8), por tanto tempo Irmã Servente em Angers, e várias outras que entraram na Companhia

---

*C. 287 Rc. 2 Carta autógrafa.*

*(1) Durante o cerco de Paris, pelas tropas de Condé.*

*(1) Elisabeth Turgis (ver C. 11 n. 1). Faleceu em outubro de 1648.*

*(3) Joana Batista, a antiga, faleceu em dezembro de 1648.*

*(4) Salomé faleceu em novembro de 1647.*

*(5) Renata, de Angers, morreu em dezembro de 1648.*

*(6) Maria Despinal, morta em maio de 1646.*

*(7) Elisabeth Martin faleceu em fins de 1648.*

*(8) Madalena Mongert também faleceu em fins de 1648.*

depois que vos ausentastes. Recomendo todas à vossa caridade, sobretudo as que ficaram e, dentre elas, algumas indecisas em sua vocação, em geral, todas nós pouco zelosas, pouco fervorosas e muito apegadas a nosso amor próprio. Isso me faz temer que em breve caiamos no relaxamento.

Que estareis pensando, senhor Padre? Que eu não receio penalizar-vos com estas notícias tão tristes! É a confiança que tenho na caridade que sei vos ter dado Deus por nossa salvação e, a perfeição que Sua bondade deseja ver em nós, *(que me leva a dizer-vos tudo isso)*. Peço-vos que rezeis para as conseguirmos e me façais a honra de crer-me no amor de Jesus Crucificado, senhor Padre, vossa muito obediente e humilde serva.

C. 288 (L. 433)

*(À Irmã Joana Lepintre) (1)*  
*Nantes*

Hoje, 22 de maio de (1649)

Minha querida Irmã,

Ontem, nós vos enviamos três Irmãs (2). Deveis mandar, o quanto antes, de acordo com a determinação do senhor Padre Vicente (3), a Irmã Henriqueta (4) e a Irmã Maria Thilouse (5), para Richelieu. Lá ficarão aguardando suas ordens, a fim de seguirem para outro lugar. Solicito-vos avisá-las somente na véspera de sua partida.

Pedi ao senhor des Jonchères e à senhorita de La Carisière o favor de predispor os senhores Administradores a aceitarem essa mudança e fazei o que ele vos disserem. Não mandamos dinheiro para a viagem das Irmãs, supondo não lhes seja negado. Asseguro-vos: Nantes nos está ficando muito carol! Entretanto, se eles se negarem a fornecer o dinheiro, rogo-vos tomá-lo emprestado, prometendo que aqui nós o reembolsaremos. A viagem não é longa (6), de modo

---

C. 288 *Arquivo das Filhas da Caridade. Caderno amarelo. Carta autógrafa.*

*(1) Carta sem endereço. O conteúdo permite-nos afirmar que é dirigida a Joana Lepintre, Irmã Servente em Nantes.*

*(2) Maria Noret, Renata Delacroix e Catarina Baucher.*

*(3) Em data de 28 de abril de 1649, em carta a Luisa de Marillac, o senhor Padre Vicente opina que a saída de Maria e Henriqueta é necessária (Coste III, 432).*

*(4) Henriqueta Gesseau (ver C. 86 n. 1).*

*(5) Maria Thilouse (ver C. 177 n. 3).*

*(6) De Nantes a Richelieu.*

que lhes dareis o estrito necessário. Se os senhores Pais dos Pobres (7) quiserem contribuir para as despesas das que seguiram para ai, recebereis o dom de sua generosidade e no-lo enviareis por nossas Irmãs. Essa jovem, que também viajou, é para ser devolvida a Saint-Méen. Solicitai à senhorita de La Casière que vos ajude a encontrar uma boa companhia para ela. Nossas Irmãs levaram o dinheiro para essa viagem.

Espero muito da Casa de Nantes, pois, um dos sinais da qualidade de uma obra é a perseguição. As três Irmãs que vos enviamos, estão cheias de boas disposições, têm grande amor à vocação e espero que muito vos ajudarão a cumprir a santíssima vontade de Deus. Peço-vos, querida Irmã, aviseis à Irmã Joana (8) e às outras, para não falarem sobre o passado. De nada lhes serviria senão para desalentá-las umas às outras. Deveis olhá-lo somente para louvar a Deus por haver preservado do naufrágio aquelas que permaneceram firmes e para reconhecer as ocasiões em que Ele permitiu que sofressem por seu Amor. Suplico-Lhe, de todo coração, que nesta festa (9), se apodere, absolutamente, de tudo o que somos. Pedi a Deus por toda a Companhia, pois, Sua bondade permite seja tantas vezes provada e por diferentes motivos: tudo isso deve servir-nos de proveito. Fazei uma novena, diante do Santíssimo Sacramento, pelo bom andamento de nossos negócios, e por várias pessoas que se recomendaram às nossas orações e a quem somos muito agradecidas.

Abraço, com todo afeto, as queridas Irmãs, e sou delas e vossa, querida Irmã, no santíssimo Amor, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 289 (L. 248)

*À minha querida Irmã Lepintre  
Filha da Caridade, serva dos Pobres doentes  
Nantes*

Hoje, 1º de junho de (1649)

Minha querida Irmã,

Li vossa carta e fiquei muito ciente do conselho que pedistes ao senhor Abade de Vaux, a respeito da incerteza em que vos acháveis. Sabeis muito bem que não podereis desobedecer às ordens de nosso Honoratíssimo Pai. Sede fir-

---

(7) Os administradores do Hospital.

(8) Joana de Santo Albino.

(9) Luísa de Marillac está escrevendo no domingo de Pentecostes, 22 de maio de 1649.

C. 289 Rc. 3 Carta autógrafa. Endereço com letra de Irmã Hellot.

me e constante neste propósito e não vos deixeis levar por nenhuma satisfação a que o espirito possa sentir em contrário.

Não me dissestes a quem entregastes vossos regulamentos, o que impossibilitou fossem mostrados ao senhr Bispo de Nantes que, noutra ocasião, já visitara a casa de nossas Irmãs, à qual teve objeções a fazer; não porém ao nosso modo de viver, nem à direção do estabelecimento que já conhecia. Dela havíamos dado inteiro conhecimento a seu Vigário Geral. Lastimo não haver escrito aos senhores Pais dos Pobres (1), antes da chegada de nossas Irmãs (2). Creio que já fizestes seguir a moça de Saint-Méen (3), porém, se ainda não, rogo-vos que ela não seja pesada a ninguém. Se não tiver dinheiro suficiente, pedireis emprestado e nós o devolveremos aqui ou em outro lugar.

Em meu nome, saudai todas as nossas Irmãs e dizei-lhes que lhes recomendo se lembrarem sempre dos ensinamentos do senhor Padre Vicente, sobretudo dos que se referem à tolerância e à cordialidade, para honrar a unidade da divindade na diversidade das Pessoas da Santíssima Trindade, em cujo amor, querida Irmã, sou vossa muito humilde e obediente serva.

C. 290 (L. 250)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Irmã Servente das Filhas da Caridade,  
Serva dos Pobres doentes do Hospital São Renato  
Nantes*

15 de junho de (1649)

Querida Irmã,

Compartilho, sinceramente, de vossa pena, porém como o senhor padre Vicente (1) apenas acaba e chegar e sevê às voltas com múltiplos negócios e complicações como o podeis imaginar, ainda não lhe foi possível pensar no vosso assunto. Tão logo o tempo e os trabalhos lhe permitam, verá o que deverá ser feito. Ficai certa disso e de que sou no amor de Nosso Senhor, minha querida Irmã,

---

(1) *Administradores do Hospital.*

(2) *Chegada de Maria Noret, Renata Delacroix e Catarina Baucher.*

(3) *Ver a Carta anterior.*

C. 290 Rc. 3 *Endereço, assinatura e pós-escrito de Luisa de Marillac, o resto escrito por Irmã Hellot.*

(1) *O senhor Padre Vicente havia chegado a Paris, no dia 13 de junho de 1649.*

vossa mui humilde e afetuossissima irmã e serva.

P.S. - Não pensava que teria oportunidade de acrescentar estas linhas: em nome de Deus, querida Irmã, esforçai-vos por permanecer em grande paz, no meio de vossas confusões e falta de sossego. Aguardai a ordem e (*a manifestação*) do designio da Divina Providência, com absoluta submissão. Chegará o dia em que tanto vós como nós bendiremos a Deus por essa perseguição. Oral poderão despedir-vos? Crede porém: nada acontecerá que não seja para nosso maior bem! Não sabeis que Deus tira sua glória dos desprezos?

Peço-vos cumprimentar, respeitosamente, e, em meu nome, o senhor de la Thomasière (2), a quem tive a honra de escrever na semana passada. Falando-lhe sobre as vossas perseguições, disse-lhe uma frase que não ficou explicada com bastante clareza, isto é, quando lhe expunha que aceitaríamos que fôsseis despedida, acrescentei que, como testemunho, ao sairdes, seria suficiente justificativa para vós, sacudir a poeira de vossos sapatos. Com isso, queria apenas dizer que nada levando do Hospital, só vos restaria fazer isso para assegurar que aqueles que vos acusaram de haver prejudicado a casa, o fizeram sem razão alguma. Suplico a Deus, de todo coração que lhes perdoe e lhes conceda suas santas bênçãos. Rogo-vos, não deixeis de comunicar isto a esse bom senhor. Uma saudação a todas as minhas Irmãs; cumprimentai o senhor de Annemont (3) pois está ai em Nantes.

C. 291 (L. 251)

(À Irmã Bárbara Angiboust) (1)  
São Dionísio

18 de junho de (1649)

Mui querida Irmã,

Louvo a Deus, de todo coração, por vos ter restituído a saúde e Lhe suplico vo-la aumentar, para sua glória. Rogo-vos sejais bem discreta ao revelar as faltas dos inferiores, por razões que depois vos direi, e velai para que nossas Irmãs sejam muito exatas nos gastos que fazem e em prestar contas deles. Não há ne-

---

(2) O senhor de la Thomasière, Administrador do Hospital.

(3) O senhor de Annemont, sacerdote (ver C. 189 n. 4).

C. 291 Rc. 3 Carta autógrafa.

(1) É fácil deduzir-se que a destinatária desta carta é Bárbara Angiboust, que, aliás, esteve no Hospital de São Dionísio de 1649 a 1651.

cessidade de se dar mais de três quartos de uma libra (2) de carne a cada doente e outro tanto para cada Irmã. Está havendo o costume de se fazer uma sopa especial para as Irmãs, porque não é razoável que tomem a dos doentes, a não ser que também elas estejam doentes. Peço-vos não deixeis de lavar os pés dos doentes ao serem admitidos, de pôr-lhes roupa limpa e tratá-los com grande doçura e caridade. É obrigação vossa cuidar para que tenham remédios e alimentos à hora certa e que as Irmãs observem, com pontualidade, o seu regulamento.

O senhor Padre Vicente contou-me maravilhas da Irmã Cecília (3) e da fidelidade de nossas Irmãs. Espero que o bom Deus vos conceda semelhante graça, quando estiverdes com saúde.

Sou no amor de seu Filho, minha querida Irmã, vossa muito obediente irmã e serva.

C. 292 (L. 176)

*Ao senhora Abade de Vaux*

(junho de 1649)

Senhor Abade,

Chega a tal ponto nossa dívida de gratidão para convosco que não posso expressar-vos o quanto a sinto profundamente. Louvo a Deus pela consolação que Sua bondade permitiu pudésseis proporcionar a nossas Irmãs de Nantes (1), das quais não posso agora falar, por estar com muita pressa. Tenho apenas o tempo de vos comunicar que mostrei vossa penúltima carta ao senhor Padre Vicente. Ele me encarregou de dizer-vos, senhor Abade, que se sente envergonhado de não ter ainda tido a honra de vos escrever. E, receando que suas ocupações não o deixem fazê-lo, pediu-me vos dissesse que, à vista das graças e bênçãos derramadas por Deus sobre vossos trabalhos, julga a propósito que trateis do assunto de Arcediagado, considerando também, que se Deus precisar de vós para outro lugar, saberá encontrar-vos. Bem sabeis, senhor, o que ele

---

(2) *Libra, antiga unidade de massa, no sistema inglês. (Nota da Tradutora).*

(3) *Cecília Angiboust, irmã de Bárbara, a quem o senhor Padre Vicente vira ao passar por Angers, no mês de abril.*

C. 292 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) *Acolhida feita às Irmãs que viajavam para Nantes.*

(2) *O senhor Abade desejava obter a posse de um benefício eclesiástico para seu sobrinho, o futuro Bispo de Saintes.*

pensa sobre isso. Quanto ao pequeno desgosto causado por vosso sobrinho, julga que, agindo boa e simplesmente, como costumais fazer, lhe dareis algum tempo para ver se aquele que desfruta do benefício quer tratar com ele, falando de vosso procedimento com os senhores parentes vossos. Depois de transcorrido esse tempo, parece que poderíeis agir com toda liberdade. O senhor Padre Vicente disse-me, aliás, que vos dá esta opinião com pesar, confessando-vos que teria muito contentamento em vos ver por estes nossos lados.

Quanto à mudança das Irmãs de Angers (3) aguardamos vosso parecer sobre este ponto, como há algum tempo, vo-lo pedi. Sinto grande acanhamento de não poder, ainda hoje, escrever ao senhor Padre Ratier (4); espero de sua bondade que me perdoe. Crede-me, senhor Abade, no amor de Jesus Crucificado, vossa muito obediente e humilde serva.

C. 293 (L. 481)

*Ao senhora Abade de Vaux  
Angers*

29 de junho de (1649)

Senhor Abade,

Louvo a Deus, de todo coração, por vossa indisposição ter sido apenas uma febre não muito alta e desejo que já tenha desaparecido totalmente. Espero que o ar do campo favoreça à recuperação da saúde que tinheis antes. Tenho de confessar-vos, senhor Abade: estava um pouco apreensiva.

Tive a honra de escrever aos senhores Padres Administradores para agradecer-lhes a bondade que tiveram em receber nossas Irmãs (1) e em ajudá-las nas necessidades. Não havia absolutamente pensado que devessem passar por Angers; não teria deixado de lhes escrever. Peço-vos, humildemente, dispor de nossas Irmãs como melhor vos parecer, mas, eu pensava que a Irmã Madalena (2) fosse uma das mais fortes. Se tiverdes de fazer alguma troca, poderíeis escolher a Irmã Joana de Loudon (3) ou a outra de cujo nome não me lembro agora;

---

(3) Ver a Carta seguinte.

(4) Senhor Padre Ratier (ver C. 82 n. 2).

C. 293 Rc. 4 Carta autógrafa.

(1) As três Irmãs que iam para Nantes (ver Cartas anteriores).

(2) Madalena Bécu (ver C. 268).

(3) O senhor Padre Vicente havia proposto que fosse enviada a Richelieu. (Coste III, 425).

parece-me ser a que o senhor Padre Ratier propôs sua transferência. Se julgardes a Irmã Cláudia (4) apta, determinai a coisa como achardes conveniente, porque, a respeito de Richelieu, nos será fácil chamar ou enviar aquelas que nos pareçam adequadas, caso seja necessário lançar mão delas para *(trabalhar na)* formação das outras; e não sei qual poderíamos ver para assistente de Irmã Cecilia (5) que já está muito fraca.

Agradeço-vos, bem humildemente, senhor Abade, o parecer que nos destes, referentes às Irmãs de Nantes. Creio que o do senhor Padre Vicente coincidirá com o vosso. Já escrevi ao senhor de La Thomasière (7) que seria ótimo se agíssemos dessa maneira.

Receio que nossa boa Irmã Joana (8) ao se referir aos votos, tenha dado a entender que não se trata de votos distintos dos que um devoto ou devota possa fazer no mundo: na realidade, não são assim, porque, ordinariamente, quando as pessoas do mundo os fazem, é em presença de seu confessor. Temos de honrar os desígnios de Deus e bendizê-lo em todo tempo. Creio que o senhor Padre Vicente escreverá, na próxima semana, para Nantes; disse-me que amanhã resolverá o que se há de fazer. Por favor, senhor Abade, informai-me se nesse primeiro artigo dos regulamentos de nossas Irmãs, há algo que indique ser uma Comunidade Regular e diferente da de Angers, porque nunca foi essa minha intenção. Ao contrário, estive duas ou três vezes com o senhor Vigário Geral para explicar-lhe que éramos apenas uma família secular e que, estando ligadas à Confraria da Caridade, tínhamos o senhor Padre Vicente, Geral dessas Confrarias, como nosso Diretor. Inteirado de nossos exercícios, desde o primeiro instante levou ao conhecimento do senhor Bispo de Nantes a forma particular de nossa instituição. Ele a aprovou tão completamente que a assinou junto com os senhores do Conselho Municipal.

Acho, senhor Abade, que a volta de Irmã Renata Priot terá arrefecido bastante as pretendentes que desejavam vir para nós. É preciso um grande coração e grande firmeza para perseverar, visto termos apenas a obediência para nos segurar e, freqüentemente, achamo-nos expostas ao perigo do desânimo, em muitas ocasiões! Não é para nós pequeno sofrimento o termos de experimentar tantos e tão diferentes espíritos e perdemos tanto tempo e nos empregados em servi-las, a fim de formá-las e depois, a fraqueza no-las arrebatou. Contanto que Deus seja glorificado, *(isso)* não nos importa! É o que me faz suplicar-vos, com humilde, e por amor de Deus, que nos ajudeis com vossos santos sa-

(4) Cláudia Chantereau (ver C. 481 n. 3).

(5) Cecilia Angiboust terá como assistente a Irmã Elisabeth Brocard.

(6) Ver C. 289.

(7) Senhor de la Thomasière, Administrador do Hospital de Nantes.

(8) Joana Lepintre (ver Carta 289).

crifícios e orações, a sermos fiéis à sua santíssima vontade e nela sou, senhor, vossa muito obediente e humilde filha e serva.

P.S. - Enviamo-vos a carta dessa boa penitente; tentaremos obter resposta para vo-la enviar. A completa conversão dos pecadores é bastante difícil; necessário é que o poder de Deus atue com força.

C. 294 (L. 252)

*À minha querida Irmã Ana Hardemont (1)  
Filha da Caridade, serva dos Pobres  
Montreuil*

Hoje, 23 de julho de (1649)

Minha querida Irmã,

Fiquei muito alegre com a volta de Maria Gallois (2) que nos trouxe notícias vossas e de Irmã Maria (3) e, louvo a Deus por serem boas! Suplico à Sua bondade vos conserve a saúde que vos concede, para Seu serviço, na pessoa dos pobres. Sinto muito não poder, no momento, dar-lhe uma Irmã.

Mostrei a vossa carta ao senhor Padre Vicente que é de opinião que tomeis uma (*ajudante* (?)) conforme propondes, em caso de grande aperto. Porém, se puderdes esperar dar uma chegada aqui, então veremos juntas o que será mais conveniente.

A senhora Princesa (4) faz-nos grande honra em se lembrar de nós; quando a encontrardes, apresentai-lhe, Irmã, meus humildes respeitos e serviços.

Rogo a Deus, de todo coração, conceder-lhe um parto bem feliz. Saudai também, em meu nome, a senhorita de Mounille (5); aprecio muito e agradeço todas as atenções que vos dispensa.

É verdade, querida Irmã, que a ausência do senhor Padre Vicente (6) nos foi extremamente penosa pelo temor dos perigos que lhe poderiam advir. Porém, tal foi a santíssima vontade de Deus. Seja seu santo Nome eternamente

---

C. 294 Rc. 3 Carta autógrafa. Endereço com a letra de Irmã Hellot.

(1) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 1).

(2) Maria Gallais (ver C. 257:n. 5).

(3) Maria Lullen (ver C. 200 n. 3).

(4) A princesa de Harcourt residia em Montreuil-sur-Mer.

(5) Dama da Caridade de Montreuil-sur-Mer.

(6) O senhor Padre Vicente esteve fora de Paris, de 14 de janeiro a 13 de junho de 1649.

bendito, como também por todas as graças que sua bondade concedeu, nestes tempos tão turbulentos, a toda a Companhia. Toda a nossa vida é por demais curta para testemunhar-Lhe nosso reconhecimento. Peço-vos, assim como à Irmã Maria, que nos ajudem a cumprir essa obrigação. Acabo de receber vossa carta, por intermédio do filho de vosso sapateiro, a quem atenderemos dentro do possível. Agradeço-vos nos haverdes enviado por Maria Gallois os dois livros; assim que ela chegou, demos à Irmã Hellot o que lhe enviastes. Graças a Deus, a pobre Maria chegou a bom porto! Sinto muito que não tenhais podido conservar seu filho no hospital, pois, o senhor Conde (7) o havia colocado lá. Se soubésseis como, atualmente, é difícil conseguir-se emprego para alguém, em Paris! É inacreditável! Bem se vê que a guerra, durante muito tempo, andou por aqui e o pessoal ficou empobrecido. Asseguro-vos que, no início da guerra, tivemos a impressão de que as paróquias teriam de devolver-nos as Irmãs. Entretanto a Divina Providência permitiu que houvesse mais esmolas para os pobres doentes e pobres envergonhados do que jamais alguém poderia ousar esperar. Parecia também que as Damas Oficiais (8) e outras punham mais empenho em procurar trigo para seus pobres do que para elas próprias. Por isso, temos muito que louvar a Deus!

Falei com o senhor Padre Vicente a respeito do que me dissetes sobre os Príncipes de Harcourt; assegurai-vos de que ele tem a mesma vontade de executar o desejo do falecido senhor Conde de Lannoy (7) e voltará a pensar, com interesse, no assunto. E eu, querida Irmã, vos peço acrediteis que não deixarei de apressá-lo, esperando que Deus seja nisso glorificado. Em seu Amor e de seu Filho Jesus Crucificado, sou, querida Irmã, vossa muito humilde e dedicadíssima irmã e serva.

P.S. - Todas as nossas Irmãs cumprimentam-vos, com afeto. Nosso querida Irmã foi para o bom Deus e, uma outra que não conheceis, está muito mal.

C. 295 (L. 252)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, sábado (agosto de 1649)

Senhor Padre,

---

(7) O senhor Conde de Lannoy (ver C. 71 n. 10).

(8) As Damas da Diretoria da Confraria da Caridade. (Nota da Tradutora).

C. 295 Original no Hospital de Evreux. Cf. C. III, 475. (Grande parte desta cidade foi destruída durante a guerra de 1639-45).

A proposta que a senhora Duquesa (1) fez de alimentar as crianças com leite de cabra, me levou a pensar em outra solução que, se desse certo, poderia proporcionar-lhes alimento por um escudo. Seria necessário, porém, fazer-se uma experiência antes de a propor e, quando vossa caridade julgasse conveniente, seria apresentada. Vo-lo direi como, verbalmente, pois seria muito longo explicar tudo por escrito.

Rogo-Vos humildemente, meu Pai, que vos lembreis do pedido que ontem vos fiz. Tende a bondade de dizer-me se vossa caridade concede à nossa Irmã Francisca, a jardineira (2), o que ontem vos solicitou. Também vos suplico oferecer no Santo Altar a renovação de algumas outras e dar-nos vossa santa bênção, meu Honoratíssimo Pai, a quem é vossa obediente e agradecida filha e serva.

C. 296 (L. 253)

*À minha querida Irmã Joana Lepintre  
Filha da Caridade,  
serva dos Pobres doentes no Hospital  
de Nantes*

Hoje, 18 de agosto de (1649)

Mui querida Irmã,

Louvo a Deus, de todo coração, por vos haver restituído a saúde. Quero dizer-vos, querida Irmã, que tive muita pena de vós nessa longa enfermidade, unida a vossos outros sofrimentos. Temos muita razão de esperar que Deus receba glória de todos esses conflitos. Isso deve ser motivo de grande consolo. O senhor Padre Vicente louva a Deus, de coração, por essas coisas e vod diz que, nessas desavenças surgidas é sempre preciso esperar a hora da Divina Providência. Se fordes mandadas embora (1), querida Irmã, é de justiça que vos pague a viagem e, se formos obrigados a vos retirar, o senhor Padre Vicente já pediu ao senhor des Jonchères que vos forneça o necessário. Deveis manter-nos a par de vossas notícias, antes de sairdes daí, porque nos pedem Irmãs para essa região. Rogo-vos, querida Irmã, que manifesteis a todas as queridas Irmãs,

---

(1) *A Duquesa d'Aiguillon (ver C. 12 n. 1).*

(2) *Francisca Fanchon (ver C. 653 n. 1).*

C. 296 Rc. 3 *Carta autógrafa.*

(1) *Voltaram a acontecer problemas em Nantes. Os administradores pensam em despedir as Irmãs (ver C. 290).*

que o senhor Padre Vicente louva sua generosidade, bem como a fidelidade à vocação. Ah! como é razoável, queridas Irmãs, não vos deixardes conduzir ao sabor do vento. Estive com o senhor de ... um dos Administradores do ano passado, que está cheio de benevolência para convosco. Se Deus permitir que permaneçais aí, faremos o que nos manifestou ser necessário. Ele me falou do tempero que pondez na sopa; penso que não encontrareis dificuldades em nela colocar um pouco de cravo, pois é costume do lugar, como também, Irmã, preparar um caldo nutritivo para os doentes mais graves que precisarem dele, visto que os senhores Administradores assim o desejam. Tereis o trabalho de fazer algum petisco para os convalescentes. Isso custa pouco e lhes recobrará as forças; às vezes, é preciso pouca coisa para contentar os mais difíceis.

Saudai em meu nome, o bom senhor Dom João (2) e recebi os cumprimentos de todas as nossas Irmãs. A querida Irmã Margarida (3), de Liancourt, foi sepultada no dia de São Roque. Peço às Irmãs oferecerem por ela a Santa Comunhão.

Nosso bom Rei (4) chega, hoje, a Paris, o que enche de alegria todos os corações. Rogai muito a Deus pela Igreja e pela França e crede-me em seu santo Amor, querida Irmã, vossa obediente e humilde irmã e serva.

P.S. - Apresentai, vo-lo peço, nossas humildes e respeitadas saudações ao senhor des Jonchères (5), ao senhor de Annemont (6), ao senhor de Truchandière e a todos os nossos bons amigos, sem esquecer as Damas da Caridade.

C. 297 (L. 255)

### *Ao senhor Padre Vicente*

Hoje, 30 de agosto de [1649]

Senhor e Honoratíssimo Pai,

Tinha eu razão para suspeitar ser necessário que viesse até aqui (1). Disso só vos prestarei contas quando tiver a honra de me encontrar convosco. O senhor Padre de La Hode, capelão de Chantilly, me procurou para avisar-me de várias coisas.

---

(2) Dom João Morisse (ver C. 180).

(3) Irmã Margarida de Fismes que estava em Liancourt.

(4) Luís XIV, na ocasião com onze anos. (Nota do Padre Castañares a esta carta).

(5) Senhor des Jonchères (ver C. 161 n. 3).

(6) Senhor de Annemont (ver C. 189 n. 4).

C. 297 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: 1649.

(1) Luisa de Marillac havia chegado a Liancourt no sábado, 28 de agosto.

Parece que toda aquela família se vê acoçada de todos os lados; não sei o que o bom Deus quer dizer-nos por meio disso. Suplico, humildemente, a vossa caridade, fazer o favor de dizer-me se hei de ir a Chantilly por esse motivo, como creio necessário.

Soube que a senhora de Romilly (2) foi informada de que a família do senhor Portier, que reside defronte de Saint Paul, é toda tal como o teríamos de desejar. Ele deve vos procurar, da parte deles. Rogo-vos, muito humildemente, meu caro Pai, não lhe falardes de bens, a não ser que ela toque nisso, porque, os que conversaram com meu filho neste assunto (3), afirmaram que os pais estavam satisfeitos com o dote e, é costume que se observa em ocasiões semelhantes, não se dizer claramente o que cada um tem, por causa do prejuízo que poderia resultar se o projeto não se realizar. As esperanças para o futuro são grandes, tanto a respeito dos bens, como de emprego. Não é que eu tenha intenção, nem vontade de enganar a ninguém, Deus me livrel Porém, parece-me que os gastos que foram feitos, no passado, e, serviram para capacitar um homem a desempenhar uma profissão, foram consideráveis; como também sua decisão de não dissipar o que possui, senão, de trabalhar para aumentar seus bens. Espero seja isso que ainda fará com mais interesse, quando estiver casado. Suplico, mui humildemente, a vossa caridade que recomende esse assunto ao bom Deus, assim como todas as necessidades da Companhia, para atrair sobre ela suas graças e bênçãos. Dai-me a vossa por Seu amor, no qual sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito obediente e filha agradecida.

C. 298 (L. 256)

*Ao senhor Padre Vicente  
a ser entregue à Irmã Juliana Loret*

[Agosto de 1649]

Mui querida Irmã,

Creio que tendes recebido, hoje, umas cartas minhas. Escrevi também ao senhor Padre Vicente, porém, ainda não recebera vossa deplorável carta. Não podemos dormir neste assunto de máxima gravidade. Pedi ao senhor Padre Vicente que vos conceda uma audiência porém, que lhe seja dito tratar-se de coisa urgente. Contai-lhe tudo, inclusive o modo de proceder do senhor Provost. É im-

---

(2) Senhora de Romilly (ver C. 213 n. 5).

(3) Trata-se de um projeto de casamento de Miguel Le Gras.

C. 298 Rc. 2 Carta autógrafa. Dorso: agosto de 1649.

possível negar-se que o diabo tenha projetos para a perda dessas almas. Tende, sobretudo, muito cuidado para que a Irmã Ana Maria não saia. Explicai ao senhor Padre Vicente o desgosto de sua tia e dizei-lhe que lhe suplico - com muita humildade - permitir que essa Irmã fique presa. Se tivéssemos algum quarto seguro, poderíamos fazê-lo em casa mesmo, porém, não vejo outra solução senão a de levá-la ao (*Mosteiro de*) Santa Maria, como se fosse fazer um Retiro. Por se tratar de uma sobrinha de uma de suas Religiosas, não nos negarão essa caridade. Se ela sair, pressintio graves inconvenientes. Ao contrário, se utilizarmos meios eficientes para impedi-lo, talvez desfaçam o curso deste costume e os espíritos fracos de nossa Companhia não o continuem. Se isso prosseguir, prevejo um total ruína. Bem a merecemos; eu em particular, por minhas misérias e infidelidades.

Procurai explicar direitinho tudo isso ao senhor Padre Vicente e, com ele, vede o perigo que existe em que as moças saindo de nossa Casa com tamanha liberdade, escandalizem a todo mundo e causem pesar aos espíritos mais retos.

Fazei depressa o que puderdes e pedi a Deus por mim que sou, em seu santo Amor, querida Irmã, vossa obediente irmã e serva.

P.S. - Causa-me estranheza o fato de essa Irmã ter podido fazer essas escapadelas, das quais me falastes. Em nome de Deus, querida Irmã, prestai muita atenção a tudo quanto ocorrer. Não sei se já lhe tirastes as chaves; é preciso fazê-lo, mas sem que suspeite ser por desconfiança.

C. 299 (L. 256 bis)

*Ao senhor Padre Vicente*

[agosto de 1649]

Senhor Padre,

Depois de haver escrito esta carta (1), pensei que seria melhor enviá-la à vossa caridade, dada a urgência da solução deste assunto. Por isso, envio-vos também a de Irmã Juliana que vos colocará a par dos acontecimentos. O Senhor Padre Lambert sabe do que se trata e, como todo o mal, não tem outra causa que o apego aos confessores. É muito necessário pensar no que se possa fazer para evitar problemas tão aborrecidos. Sinto muito proporcionar-vos este desgosto, causado por minha má direção. Sem dúvida, vossa caridade se lembrará do que

---

C. 299 Rc. 2 *Carta autógrafa. Dorso: agosto de 1649.*  
(1) *Carta anterior, nas costas da qual esta foi escrita.*